

Priscila Mari dos Santos

**LAZER E GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS:  
UM ESTUDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE HOMENS EM  
FLORIANÓPOLIS (SC)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Alcyane Marinho.

Florianópolis  
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Priscila Mari dos

Lazer e grupos de convivência para idosos : um estudo  
sobre a participação de homens em Florianópolis (SC) /  
Priscila Mari dos Santos ; orientadora, Alcyane Marinho -  
Florianópolis, SC, 2015.  
214 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em  
Educação Física.

Inclui referências

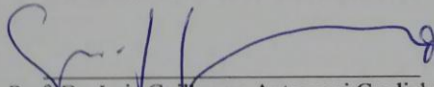
1. Educação Física. 2. Lazer. 3. Idosos. 4. Grupos de  
convivência. 5. Sociabilidade. I. Marinho, Alcyane. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em Educação Física. III. Título.

Priscila Mari dos Santos

**LAZER E GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS:  
um estudo sobre a participação de homens em Florianópolis (SC)**

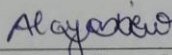
Essa dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Educação Física”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Florianópolis, 25 de fevereiro de 2015.

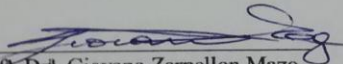


Prof. Dr. Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo  
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação Física da  
UFSC

**Banca examinadora:**



Prof. Dr. Alcyane Marinho  
Orientadora  
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)



Prof. Dr. Giovana Zarpellon Mazo  
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)



Prof. Dr. Tânia-Rosane Bertoldo Benedetti  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Prof. Dr. Cintia de la Rocha Freitas  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Dedico este trabalho aos meus pais (Volney Marzino dos Santos e Cristiana Mari Espíndola dos Santos), ao meu irmão (Felipe Roberto dos Santos) e ao meu noivo (Andrew Reinaldo Correia), pessoas que me apoiaram incondicionalmente nesta jornada e sem as quais, indubitavelmente, estes escritos não teriam sido concretizados.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por estar sempre ao meu lado, iluminando meu caminho e me dando forças para seguir em frente.

Meus mais profundos agradecimentos são para meus pais (Volney e Cristiana), que se fizeram sempre presentes, pacientes, atenciosos, amigos, constituindo minha base, minha estrutura, minha fortaleza, minha fonte de estímulo para continuar, os maiores acreditadores do meu potencial. Com seus conselhos, abraços, auxílios e orações estamos realizando este sonho. Estes agradecimentos são estendidos ao meu irmão (Felipe) por suportar com tanta ternura as loucuras de sua irmã obcecada por estudar e pelo carinho e relações afetuosas que mantemos desde a época que ele ainda estava se formando, quando eu chorava que queria um irmão. Tão desejado foste; tão estimado continuas sendo.

Também agradeço a todos os meus familiares, em especial àqueles que, desde que me entendo por gente, convivem diariamente comigo, torcendo para que eu alcance meus objetivos e sendo compreensivos mediante minha ausência, ainda que estejamos separados apenas por muros e portões: meus avós Glacia e Fúlvio; meus padrinhos Rosa e Luciano; meus tios Sandro e Eliziana; meus primos Douglas, Leonardo, Jéferson, Suéllen; minha afilhada Jhenifer.

Com todo o meu coração agradeço àquele que há nove anos me faz sentir completa, amada, que é meu melhor amigo, meu grande companheiro, que jamais deixou de me ajudar, meu verdadeiro amor, meu futuro marido, Andrew. Sem o incentivo dele esta caminhada não seria a mesma. Sem o sentimento dele este trabalho não estaria se concretizando. Obrigada, vida! Agradeço, ainda, a meus futuros sogros (Reinaldo e Sueli) e cunhado (Eduardo), pelo apoio e por me receberem com tanto apreço na minha segunda família.

Meus sinceros agradecimentos a todas as minhas amigas que, desde a escola, estão me acompanhando nessa trilha e mostrando que relações tão genuínas como as nossas é o que fazem a vida valer a pena, em especial: Melissa, Ane, Débora, Alline, Raysa, Ana Luiza.

Serei eternamente grata a minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Alcyane Marinho, que acreditou e investiu em mim; que me abriu portas, mostrou-me caminhos e me deu a oportunidade de experimentar o meio científico. Por sua incansável paciência, atenção, carinho e estima; por todos os ensinamentos que transcendem a vida acadêmica; por me mostrar que devemos persistir, persistir, persistir e nunca desistir de

nossos sonhos; por me ensinar o real significado de ser mestre; por tudo isso e mais um pouco que não cabem nessas páginas, eu lhe agradeço.

Também sou agradecida aos professores que compuseram minha banca examinadora (Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Giovana Zarpellon Mazo, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Tânia Rosane Bertoldo Benedetti e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cíntia de la Rocha Freitas), trazendo contribuições indispensáveis para este trabalho desde a qualificação, momento no qual o Prof. Dr. Giovanni De Lorenzi Pires, como membro suplente, também se fez presente, colaborando com o desenvolvimento deste estudo.

Sou especialmente grata à Miraíra Noal Manfroi, irmã que a vida acadêmica me deu; parceira de todas as horas; anjo que Deus colocou no meu caminho para que essa trajetória se tornasse ainda mais alegre, bela, florida; pessoa que se não existisse teria que ser inventada. Obrigada por todos os conselhos, abraços, risadas e experiências vividas. Sem você o mestrado não teria sido o mesmo.

A todos os meus colegas do Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física (LAPLAF) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), que, desde o final da minha graduação dividem momentos e aprendizados ímpares comigo; e a todos os colegas do Laboratório de Pedagogia do Esporte (LAPE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pela acolhida e pelo companheirismo nessa caminhada. Aos que já lançaram voos ou que continuam por aqui, de ambos os laboratórios, deixo meus agradecimentos e reconhecimento.

À Coordenação e aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFSC, sempre disponíveis para contribuir com a minha formação profissional. Também, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de mestrado concedida, permitindo que eu pudesse me dedicar integralmente aos estudos.

A Gerência de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Secretaria Municipal de Assistência Social de Florianópolis (SC) pela atenção e auxílio na etapa diagnóstica da pesquisa. A todos os coordenadores de Grupos de Convivência para Idosos (GCI) da cidade pela gentileza nas ligações telefônicas realizadas na mesma etapa. E, precipuamente, a todos os idosos integrantes dos cinco GCI participantes deste estudo, não apenas pelo aceite e contribuição à pesquisa, mas principalmente pela receptividade e cordialidade nas relações estabelecidas durante os meses de coleta de dados, tornando mais fácil e prazerosa essa fase do trabalho.

A todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram para que esta missão fosse completada, meu muitíssimo obrigada!

Ando devagar  
Porque já tive pressa  
E levo esse sorriso  
Porque já chorei demais  
Hoje me sinto mais forte  
Mais feliz, quem sabe  
Só levo a certeza  
De que muito pouco sei  
Ou nada sei  
Conhecer as manhas  
E as manhãs  
O sabor das massas  
E das maçãs  
É preciso amor  
Pra poder pulsar  
É preciso paz pra poder sorrir  
É preciso a chuva para florir  
Penso que cumprir a vida  
Seja simplesmente  
Compreender a marcha  
E ir tocando em frente  
[...]  
Todo mundo ama um dia  
Todo mundo chora  
Um dia a gente chega  
E no outro vai embora  
Cada um de nós compõe a sua história  
Cada ser em si  
Carrega o dom de ser capaz  
E ser feliz  
[...]

(Almir Sater em parceria com Renato Teixeira)

## RESUMO

O lazer vem sendo foco de pesquisas sob diferentes abordagens, em variadas áreas do conhecimento, haja vista os múltiplos aspectos de que é revestido e com que estabelece relações, podendo se apresentar como possibilidade de descanso e divertimento, mas também como elemento essencial para a formação humana, potencializador de transformações sociais. Como direito social e expressão da cidadania, o lazer deve integrar a vida cotidiana de todos os brasileiros, inclusive dos idosos. Contudo, nem sempre estes indivíduos encontram espaços para desfrutar do lazer. Os Grupos de Convivência para Idosos (GCI) têm se mostrado alternativas férteis para a vivência de manifestações culturais nesse âmbito, porém, geralmente esses grupos apresentam baixa participação masculina. Nessa direção, esta pesquisa teve como principal objetivo investigar se GCI em Florianópolis (SC) são possíveis espaços de lazer para homens idosos. Para embasá-la teoricamente, buscou-se respaldo, principalmente, em estudiosos do lazer, do envelhecimento e do gênero. Desenvolveu-se uma investigação descritiva exploratória com abordagem qualitativa dos dados. Participaram do estudo 41 pessoas de cinco GCI cadastrados na Prefeitura de Florianópolis (SC), sendo três indivíduos do sexo feminino (duas coordenadoras e uma secretária) e 38 do sexo masculino (sendo dois deles coordenadores e também integrantes de determinado grupo). A média de idade de todos os investigados foi de  $71 \pm 7,6$  anos. Os GCI foram selecionados conforme cada Região da cidade (Centro, Norte, Sul, Leste e Continente), mediante a constatação de maior proporção de homens em determinado GCI em comparação aos demais grupos localizados em uma mesma Região. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados dois roteiros de entrevistas semiestruturadas (um aplicado com coordenadores e outro com homens idosos) e uma matriz de observação sistemática (administrada em quatro encontros de cada grupo), acompanhada de um diário de campo. Os dados foram tratados por meio da técnica de análise de conteúdo categorial, na modalidade temática, recorrendo-se ao *software Qualitative Solutions Research NVivo*, versão 9.2, para a organização dos resultados. Os principais achados da pesquisa indicam que os participantes do estudo atribuem significados plurais ao lazer, refletindo um entendimento restrito do fenômeno à prática de atividades divertidas e/ou que possibilitem o descanso, em oposição às obrigações e às demais esferas da vida humana. Essa compreensão do lazer foi estendida à caracterização dos GCI, na visão



dos investigados. Em contrapartida, foi possível redimensionar o entendimento de lazer nesses grupos, pois, para além de esses espaços favorecem vivências culturais diversas ocupando o tempo "livre" dos participantes de forma prazerosa, eles permitem o exercício de diferentes formas de sociabilidade, a partir do qual surgem novas relações de amizade e, até mesmo, significações inovadoras para a vida dos homens idosos, aproximando-se do sentido de plenitude na terceira idade. Portanto, embora os GCI estudados tenham predominância de mulheres e determinadas características facilitadoras da participação feminina, foi possível afirmá-los como espaços de lazer que não se restringem às mulheres, visto que os homens também encontram possibilidades de atender interesses culturais do lazer nesses locais e de desfrutar de oportunidades de sociabilidade.

**Palavras-chave:** Lazer. Idosos. Grupos de convivência. Sociabilidade.

## ABSTRACT

Leisure has been the focus of studies given its multifaceted and multi-relational nature. Not only does it allow rest and entertainment, but also maximizes social transformation. As a social right, leisure must be part of the daily life of all citizens, including the elderly. However, these individuals do not always find a place for leisure. Community centers for the elderly (CCEs) have become good options for cultural exchange, but have low male attendance. Therefore, this study aimed to investigate whether CCEs in Florianópolis, SC, Brazil, are possible leisure centers for elderly males. The theoretical basis came mainly from experts in leisure, aging, and gender. This was an exploratory descriptive investigation with qualitative approach. A total of 41 individuals from 5 CCEs participated in the study, including three female participants and 38 male participants with mean age of  $71 \pm 7.6$  years. Two semi-structured interviews and a systematic observation form were used for data collection along with a field journal. The data were analyzed using categorical content analysis and a thematic model in the software Qualitative Solutions Research NVivo, version 9.2. Our main findings indicate that the participants attributed different meanings to leisure, i.e. fun activities and/or rest as opposed to responsibilities and other domains of life. This view of leisure extended to the characterization of the CCEs in the participants' opinions. However, we were able to adjust the definition of leisure in these groups, pointing out that they allow different types of social interaction leading to new friendships and experiences and fulfillment in old age. Therefore, despite the fact that the selected CCEs had a predominance of women, they proved to be open to men and also met their cultural and social needs in their own communities.

**Keywords:** Leisure. Elderly. Community centers. Sociability.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos
CMI	Conselho Municipal do Idoso
GCFV	Gerência de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
GCI	Grupos de Convivência para Idosos
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
MPAS	Ministério da Previdência e Assistência Social
ONU	Organização das Nações Unidas
PAI	Programa de Assistência aos Idosos
PMF	Prefeitura Municipal de Florianópolis (SC)
PNI	Política Nacional do Idoso
SESC	Serviço Social do Comércio
SEMAS	Secretaria Municipal de Assistência Social
TIC's	Tecnologias de Informação e Comunicação

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA .....	13
1.2 OBJETIVOS .....	16
1.2.1 Objetivo geral.....	16
1.2.2 Objetivos específicos .....	16
1.3 JUSTIFICATIVA .....	17
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	20
2.1 LAZER.....	20
2.1.1 Concepções e significados .....	20
2.1.2 Conteúdos culturais do lazer .....	26
2.1.3 Lazer e questões de gênero .....	33
2.2 GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS (GCI) .....	39
2.2.1 Trajetória das políticas sociais brasileiras em direção aos GCI... 39	
2.2.2 GCI em Florianópolis (SC): contextualização histórica e sociocultural.....	44
2.2.3 GCI como espaços de lazer.....	49
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	57
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	57
3.2 CONTEXTOS DA INVESTIGAÇÃO .....	57
3.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	62
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES .....	65
3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES.....	68
3.6 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES .....	70
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	73
4.1 O LAZER NA VISÃO DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO: significados variados, entendimento comum .....	73
4.2 ENTRE O CONHECER E O LAZER DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO: GCI como opções.....	82
4.3 CONTEÚDOS CULTURAIS DO LAZER: interesses humanos dentro e fora dos GCI.....	102
4.3.1 O conteúdo turístico.....	103
4.3.2 O conteúdo social.....	110
4.3.3 O conteúdo intelectual .....	119
4.3.4 O conteúdo manual .....	128
4.3.5 O conteúdo artístico .....	132
4.3.6 O conteúdo físico.....	140
4.4 HOMENS NA ÁREA: GCI como espaços de lazer e de sociabilidade .....	149
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	175

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	182
<b>APÊNDICES</b> .....	193
APÊNDICE A - Tabela 1 - Quantidade e proporção de homens e mulheres participantes de 103 GCI cadastrados na PMF .....	193
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista para aplicação com homens idosos .....	199
APÊNDICE C - Roteiro de entrevista para aplicação com coordenadores de GCI .....	200
APÊNDICE D - Matriz de observação sistemática dos GCI .....	201
APÊNDICE E - Declaração de Ciência e Concordância das Instituições Envolvidas .....	202
APÊNDICE F - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	203
APÊNDICE G - Termo de Consentimento para Fotografias, Vídeos e Gravações .....	205
APÊNDICE H - Matriz analítica do roteiro de entrevista para os homens idosos .....	206
APÊNDICE I - Matriz analítica do roteiro de entrevista para os coordenadores dos GCI .....	207
APÊNDICE J - Matriz analítica do instrumento para observações sistemáticas .....	208
<b>ANEXOS</b> .....	209
ANEXO A - Documento de aprovação do Comitê de Ética .....	209



# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

*Lazer*, eis um termo que frequentemente reaparecerá neste trabalho, indicando o principal objeto de estudo da presente investigação. Trata-se de um vocábulo compenetrado por múltiplos significados, mas que, aqui, será entendido como cultura, no sentido mais amplo da palavra, experimentada por meio de manifestações diversas em um tempo/espaço disponível ao indivíduo ou ao grupo social, privilegiado para a expressão do lúdico. Sob esse prisma, o lazer não pode ser compreendido isoladamente das demais esferas da vida humana, pois estabelece relações dialéticas com o trabalho, a educação, a economia, a política, entre tantas outras dimensões, evidenciando sua complexidade e o caráter interdisciplinar aplicado as suas análises - estas cada vez mais recorrentes no meio acadêmico-científico (GOMES, 2003, 2004, 2014; MARCELLINO, 1987).

É pertinente mencionar que o lazer é reconhecido constitucionalmente como direito social dos brasileiros (BRASIL, 1988), caracterizando o seu desfrute como exercício da cidadania, no qual há possibilidade de questionamento dos valores sociais vigentes e, conseqüentemente, de mudanças de ordem moral e cultural, contribuindo para o desenvolvimento humano, para além do descanso e do divertimento. Com efeito, é dever do Estado proporcionar às pessoas o acesso a atividades culturais nesse âmbito (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010).

Nas variadas alternativas de vivências no lazer são manifestados diferentes interesses humanos, tais como artísticos, manuais, físicos, intelectuais, sociais (DUMAZEDIER, 1980) e turísticos (CAMARGO, 1986). De acordo com Marcellino (1996), o ideal seria que houvesse equilíbrio nas atividades no lazer. Entretanto, as pessoas geralmente restringem suas vivências a um campo específico de interesses, não por opção, mas por não terem outras oportunidades, seja por falta de conhecimento, de incentivo ou de ação efetiva do poder público.

No caso dos idosos, essa limitação nas atividades se torna ainda mais evidente, especificamente porque o sexo e a faixa etária constituem importantes barreiras socioculturais ao lazer. Com o avançar da idade, as pessoas podem apresentar falta de disposição, dificuldades econômicas, de saúde e de locomoção, restringindo as práticas em questão (MARCELLINO, 1996). Os homens, particularmente, podem ser mais resistentes a participar de cursos, viagens e outras atividades em grupos

devido ao processo de adaptação à saída do mercado de trabalho (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004), o qual, por vezes, é bastante conturbado pelo sentimento de inutilidade (RODRIGUES; RAUTH, 2006) oriundo do imaginário social, predominante na contemporaneidade e supervalorizador do trabalho em detrimento das demais esferas da vida social (MAGNANI, 2000).

Para além da aposentadoria, aspectos demográficos podem influenciar na diminuição/limitação das atividades no lazer de homens idosos, especialmente naquelas que pressupõem a participação em grupos. A predominância de mulheres na sociedade brasileira também atinge o segmento populacional de idosos (IBGE, 2011, 2012, 2013), revelando que, embora a velhice não seja universalmente feminina, o envelhecimento possui um significativo componente de gênero (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004).

Convém explicar que o termo *gênero* vem sendo utilizado para designar as relações sociais entre os sexos (SCOTT, 1995), podendo ser compreendido como a construção social do feminino e do masculino. Essa visão, aqui corroborada, contempla possibilidades de explicar as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres observando aspectos sociais, históricos e culturais, e não apenas o sexo (biológico), o qual, por sua vez, estabelece as distinções anatômicas e fisiológicas entre homens e mulheres (GOELLNER, 2004).

As questões de gênero, nesse sentido, fazem-se presentes no contexto do lazer, sendo possível verificar, frequentemente, a participação diferenciada de homens e de mulheres idosos nas vivências desse âmbito, vistos os estereótipos arraigados na cultura que definem determinadas práticas como masculinas ou femininas (GOELLNER et al., 2009). Nesse cenário, os Grupos de Convivência para Idosos (GCI) - como espaços destinados ao convívio comunitário por meio de atividades propulsoras da integração social, as quais também acabam por atender a determinados interesses no lazer - têm se deparado com a baixa participação de homens, seja pela priorização de atividades que não atendem aos seus anseios, pela predominância de mulheres idosas e/ou pela falta de estímulo e participação da esfera pública nessas questões (BORINI, 2002; BROD, 2004; KIST, 2011; MAZO, 2003).

Torna-se relevante contextualizar que, nacionalmente, embora esses grupos tenham sido criados no final da década de 1970, por iniciativa do Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo (SP), com o intuito de preencher o tempo “livre” de pessoas aposentadas com atividades no lazer, eles só se disseminaram efetivamente pelo país a partir da promulgação da Política Nacional do Idoso (PNI) - Lei nº.



8.842, de quatro de janeiro de 1994. Esse documento legal propôs a meta de evitar a institucionalização do idoso, incentivando a abertura de espaços para a sua convivência na comunidade (BRASIL, 1994; MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2009).

Em Florianópolis (SC), quadro regional desta pesquisa, os GCI surgiram mediante parcerias entre a Prefeitura e os órgãos nacionais ligados à assistência social no final de 1970, mas foi também a partir da PNI e de outras mobilizações sociais que eles se expandiram pela cidade. Atualmente, esses grupos estão vinculados à Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS), tendo sido identificados, em 2014, 103 GCI ativos, cadastrados nessa Secretaria, envolvendo 4.275 participantes (3.976 do sexo feminino e 299 do sexo masculino), com quantidade absoluta maior de mulheres que a de homens em todos os grupos. Contudo, alguns GCI apresentam proporção de homens (em relação à quantidade total de integrantes) um pouco mais elevada quando comparada à proporção de homens de outros grupos localizados em uma mesma Região da cidade (SANTOS; MARINHO, 2014).

Dadas as possibilidades de exercício da sociabilidade e de acesso a diferentes vivências no lazer que alguns estudos realizados em GCI de Florianópolis (SC) elucidaram (ARAÚJO, 2004; LOPES, 2012; MAIER, 2009; ROLLIN, 1998), cabe questionar e aprofundar as questões envolvendo a participação de homens idosos nesses grupos, sobretudo, porque os estudos mencionados não direcionaram o olhar para esses indivíduos, assim como não abordaram diretamente o lazer e pouco se referiram às questões de gênero. Em área nacional, também são poucas as pesquisas que deram vez e voz aos homens idosos no contexto de sua participação em grupos/projetos voltados ao lazer (COUTINHO; ACOSTA, 2009; MELLO, VOTRE, 2013), bem como são escassas aquelas que relacionaram os temas lazer e gênero (BRITTO DA MOTTA, 1999; GOELLNER et al., 2010; GOELLNER, 2014).

É válido informar que, no campo de estudos da Educação Física, o termo *gênero* é frequentemente utilizado para definir o sexo dos investigados, não se tratando de trabalhos sobre gênero propriamente ditos. Por outro lado, em alguns casos, essa delimitação pode ter um caráter relacional, configurando-se como trabalhos que abordam questões de gênero (GOELLNER, 2004). Esta foi a perspectiva ora adotada, sendo o sexo masculino delimitado para a investigação, mas utilizando-se referenciais sobre gênero para a análise de determinados resultados, sem inibir à focalização do lazer desta pesquisa.

Sobre a configuração deste fenômeno social nos GCI, Marcellino (1996) alerta que, diante das concepções de lazer que embasam suas

propostas e das atividades majoritariamente oferecidas, esses grupos podem ocasionar a mera ocupação do tempo dos idosos e a segregação entre homens e mulheres. Resta, portanto, indagar como GCI em Florianópolis (SC) - em especial um grupo de cada Região da cidade (Centro, Norte, Sul, Leste e Continente) que apresente maior proporção de homens em comparação aos demais grupos de cada Região - estão se configurando como possíveis espaços de lazer.

Reconhecendo a impossibilidade de esgotar o assunto, posta a complexidade e a característica multifatorial dos temas deste trabalho, foram investigados aspectos referentes às atividades desenvolvidas nos cinco GCI eleitos para a pesquisa; às relações estabelecidas entre homens e mulheres nesses locais; à percepção sobre o lazer dos coordenadores e dos próprios homens integrantes desses grupos; os significados que os homens idosos atribuem a sua participação nesses espaços de convivência, dentre outros que nortearam o desenvolvimento da pesquisa e contribuíram para o alcance de seu objetivo principal, apresentado a seguir juntamente com seus objetivos específicos.

Deve-se antecipar que, após a exposição das finalidades desta investigação, foram descritos os motivos que impulsionaram sua realização, sendo os capítulos seguintes anunciados em uma estrutura ortodoxa, do ponto de vista acadêmico, mas por opção da pesquisadora, a partir da crença em, dessa forma, facilitar a compreensão do leitor. Mesmo sabendo que outras possibilidades organizativas podem ser mais inovadoras, sem limitar a clareza da escrita, foi escolhida a alternativa anterior reconhecendo que o aspecto singular deste trabalho reside nas próprias questões pesquisadas.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo geral

Analisar GCI como possíveis espaços de lazer para homens em Florianópolis (SC).

### 1.2.2 Objetivos específicos

Identificar os conteúdos culturais do lazer desenvolvidos nos GCI.

Observar as relações que os homens estabelecem com os demais integrantes dos GCI, especialmente durante as vivências no lazer.

Interpretar a concepção de lazer de coordenadores dos GCI.

Verificar a percepção dos coordenadores sobre os GCI como possíveis espaços de lazer para homens idosos.

Averiguar as formas de organização das atividades no lazer realizadas nos GCI.

Identificar os motivos de ingresso e de permanência dos homens idosos aos GCI.

Identificar os significados que os homens idosos atribuem a sua participação nos GCI.

Interpretar a concepção de lazer dos homens idosos participantes dos GCI.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

O primeiro argumento que pode ser utilizado para justificar a realização desta pesquisa está relacionado ao interesse pessoal da pesquisadora que a propôs. A partir da experiência prática com a orientação de exercícios físicos a grupos de idosos com as mais diversas características, ao longo de seu curso de graduação em Educação Física, houve uma identificação com esse público, despertando o interesse também pela busca de conhecimentos que pudessem melhor embasar sua atuação. Essa procura foi alavancada a partir do trabalho de conclusão de curso, o qual, incentivado pela mesma professora orientadora da presente pesquisa, investigou as associações entre a frequência de vivência de diferentes conteúdos culturais do lazer com a percepção de qualidade de vida de idosos participantes de um programa de extensão universitária em Florianópolis (SC) (SANTOS et al., 2014).

Ao ser instigada pela baixa participação de homens naquele contexto e ao perceber a importância de continuar direcionando atenção ao lazer de idosos, tendo em vista que eles constituem uma parcela da população cada vez mais expressiva, emergiram as primeiras ideias sobre a delimitação deste trabalho. A Educação Física, como área que abrange estudos sobre o envelhecimento humano e sobre o lazer - neste caso, especialmente no campo das investigações pedagógicas -, tem dedicado esforços para a compreensão dos aspectos físicos, funcionais e sociais envolvidos no processo de envelhecimento, assim como para as possibilidades de inserção efetiva dos idosos nas diferentes esferas da vida social, tal qual a do lazer. No entanto, parece haver necessidade de melhor inter-relacionar essas temáticas, focalizando os diferentes fatores envolvidos na participação dos idosos em atividades no lazer (DIAS, 2006), particularmente de homens idosos integrantes de GCI.

Existe uma infinidade de estudos nacionais realizados em GCI (BRAZ, 2008; FALEIROS, 2007; KRUG, 2012; LOPES, 2012; MAZO, 2003; MENDES, 2000; ROLLIN, 1998), mas são poucos aqueles que fazem considerações sobre o lazer nesse contexto, mesmo que indiretamente, e/ou que direcionam o olhar para os homens integrantes desses grupos (BORINI, 2002; BROD, 2004; KIST, 2011). Nas pesquisas realizadas em GCI de Florianópolis (SC) essa situação também se mostra presente, sendo comumente relacionada à baixa participação de homens nesses espaços, atribuída à tendência histórica de maior participação de mulheres nesses grupos e à predominância de atividades, supostamente, de maior interesse delas (ARAÚJO, 2004; MAIER, 2009), o que não exclui a presença dos homens, confirmada recentemente por Santos e Marinho (2014).

No tocante ao gênero, essa lacuna se torna ainda mais acentuada, pois, conforme, Goellner et al. (2010), a análise e a interpretação dos vieses da distribuição de homens e mulheres em atividades no lazer, por meio da abordagem de questões de gênero, é pouco investigada no Brasil. Além disso, no interstício do campo de estudos da Educação Física, especificamente nos trabalhos que discutem gênero, parece haver predominância de tratamentos direcionados às mulheres (DEVIDE et al., 2011).

Postos os seus objetivos, as possíveis contribuições da presente pesquisa para amenizar as lacunas científicas explanadas e para incentivar a realização de novos estudos referentes à interconexão dos temas lazer, envelhecimento e gênero, tornam-se, assim, argumentos que justificam sua pertinência acadêmica. Ademais, no que concerne à sua probabilidade de contribuição social, acredita-se que os homens idosos participantes dos GCI investigados em Florianópolis (SC) possam ser beneficiados, visto que os resultados obtidos podem servir como um diagnóstico sobre o lazer nesses espaços, o qual, quiçá, poderá ser utilizado pela Prefeitura da cidade para a implementação de políticas públicas e elaboração de novas estratégias que assegurem o direito social ao lazer desses indivíduos, com igualdade de oportunidades a homens e mulheres, sem desconsiderar suas particularidades em termos de características, desejos e necessidades.

Os coordenadores dos grupos pesquisados também poderão utilizar esse diagnóstico para refletir sobre suas condutas e práticas, identificando possibilidades de aperfeiçoá-las para que os participantes tenham acesso a vivências diversificadas nesses espaços. Espera-se que, a partir deste estudo, os homens tenham mais alternativas de escolha para atender aos seus interesses nas práticas desenvolvidas nos GCI,

sendo mais participativos e interagindo não apenas com uma quantidade significativa de mulheres da sua faixa etária, mas também com outros homens. Com essas expectativas e a partir das justificativas descritas (pessoais, acadêmicas e sociais), indicadoras da relevância desta pesquisa, este trabalho foi realizado em cinco GCI de Florianópolis (SC), um de cada Região da cidade (Norte, Sul, Leste, Continente, Centro) com maior proporção de homens em comparação aos demais grupos localizados em uma mesma Região.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 LAZER**

#### **2.1.1 Concepções e significados**

O lazer tem passado por mudanças fundamentais no mundo contemporâneo. Não é novidade afirmar que, de elemento de certa forma residual e interessante a poucos privilegiados, esse fenômeno adquiriu importância e peso novos nas sociedades ocidentais, tanto nos campos social, econômico e simbólico, quanto no âmbito da reflexão teórica sobre o assunto. Ao serem percebidas sua complexidade e inter-relação com diferentes fatores (históricos, políticos, familiares, econômicos, profissionais, etc.), o lazer tem suscitado o interesse de estudiosos de distintas áreas do conhecimento, ganhando cada vez mais espaço no meio acadêmico-científico (MAGNANI, 2000).

Como campo interdisciplinar de pesquisa, o lazer não é considerado propriedade de nenhuma disciplina específica, sendo preciso analisá-lo sob seus vários ângulos, especialmente a partir da colaboração de diferentes pontos de vista. Para tanto, é possível recorrer à história, às ciências sociais, à educação, à filosofia, às ciências biológicas, dentre outras áreas do conhecimento (MAGNANI, 2000).

Para abordar o lazer neste trabalho, buscou-se respaldo, principalmente, no pensamento do sociólogo francês Joffre Dumazedier (1979); do cientista social brasileiro Nelson Carvalho Marcellino (1983, 1987); e da educadora e profissional de Educação Física, também brasileira, Christianne Gomes (2003, 2004, 2014). Embora existam outros inúmeros autores que se propõem a discutir o assunto, foram eleitos os estudiosos supracitados não apenas por sua representatividade no país, mas também com o intuito de elaborar um quadro teórico que possibilitasse um esquema de leitura do lazer mais próximo das realidades investigadas nos GCI integrantes da presente pesquisa.

No Brasil, Gomes (2003, 2004) aponta que, apesar de serem identificadas algumas discussões iniciais sobre o lazer na primeira metade do século XX, as reflexões sobre o tema foram efetivamente impulsionadas a partir da década de 1970. Neste período, destacou-se a expressiva repercussão da produção teórica de Joffre Dumazedier, que, ainda hoje, é referência para várias instituições e estudiosos do tema, revelando, inequivocamente, as contribuições desse sociólogo à construção do campo de estudos do lazer.

As reflexões empreendidas por Dumazedier foram embasadas em dados empíricos que refletiam as circunstâncias sociais da época, marcada por mudanças na organização social do trabalho, decorrentes, sobretudo, da Revolução Industrial. Dessa forma, o autor entendeu o lazer como produto das sociedades industriais, partindo fundamentalmente da dicotomia trabalho/lazer (DUMAZEDIER, 1979).

A partir das pesquisas por ele desenvolvidas na França, nas décadas de 1950 e 1960, o autor destacou um sistema de características constituintes do lazer: a) *caráter liberatório*, ou seja, o lazer estaria isento de obrigações profissionais, familiares, sociais, espirituais e políticas, resultando de livre escolha; b) *caráter desinteressado*, significando que o lazer não estaria submetido a fim algum, como lucrativo, profissional, etc.; c) *caráter hedonístico*, marcando a busca de um estado de satisfação (prazer, felicidade, alegria ou fruição), representando a condição primária do lazer; e, d) *caráter pessoal*, referente às funções do lazer (descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade) que respondem às necessidades das pessoas, decorrentes das obrigações impostas pela sociedade (DUMAZEDIER, 1979).

Ao atribuir essas características ao lazer, Dumazedier (1979) o conceituou como um conjunto de ocupações às quais a pessoa pode se entregar por livre vontade para descansar, divertir-se ou para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após se desprender das obrigações profissionais, familiares e sociais. Desse modo, em sua visão, o lazer se definiria em função do tempo “livre” que cada um tem para si após ter cumprido todas as suas obrigações cotidianas, ocorrendo privilegiadamente no fim do dia de trabalho, nos finais de semana, nas férias e no fim da vida profissional, por meio da vivência de atividades práticas.

Embasando-se nas ideias de Dumazedier (1979), destacam-se teóricos brasileiros como Renato Requixa (1980)<sup>1</sup> e Luiz Octávio de Lima Camargo (1986)<sup>2</sup>, os quais contribuíram para a difusão da

---

<sup>1</sup> Requixa (1980) definiu o lazer como uma ocupação não obrigatória de livre escolha da pessoa, cujos valores possibilitam satisfação e desenvolvimento pessoal e social.

<sup>2</sup> Camargo (1986) defendeu o lazer como um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, realizadas em um tempo “livre”, conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico, interferindo no desenvolvimento do indivíduo.

concepção de lazer apresentada. Apesar de seu caráter pioneiro e impulsionador das discussões sobre o tema no Brasil, a compreensão de lazer proposta por Dumazedier foi sendo repensada por outros estudiosos com o passar dos anos, destacando-se uma tendência em abordar o fenômeno de forma mais crítica, isto é, não o considerando um simples conjunto de atividades para passar o tempo que contribuiria para a alienação das pessoas perante a ordem social dominante; mas sim, percebendo-o como esfera da vida humana capaz de questionar e transformar essa ordem.

Nelson Carvalho Marcellino foi um dos primeiros estudiosos brasileiros a avançar no entendimento do lazer, após discordar do que denominou “visão funcionalista do lazer”, a exemplo das ideias de Dumazedier (1979) e Requixa (1980). Marcellino (1983) entendeu tal visão como altamente conservadora em termos de valores, concebendo o ser humano como mero desempenhador de papéis, em função da manutenção do sistema vigente, instrumentalizando o lazer como fator de ajuda.

Em seu trabalho subsequente, o autor identificou quatro abordagens que caracterizam esse ponto de vista no pensamento dos teóricos mencionados e de outros, as quais não necessariamente se manifestam isoladamente. São elas: 1) a *romântica*, marcada pela ênfase nos valores da sociedade tradicional e pela nostalgia em relação ao passado; 2) a *moralista*, motivada pelo caráter ambíguo do lazer, com a função de desenvolver a ordem, a segurança e a tranquilidade social; 3) a *compensatória*, na qual o lazer contrabalançaria a insatisfação e a alienação do trabalho; e 4) a *utilitarista*, que reduz o lazer à função de recuperação da força produtiva ou a sua utilização como instrumento de desenvolvimento (MARCELLINO, 1987).

Discordando dessas abordagens, Marcellino (1983) apresentou seu posicionamento contrário à notória oposição do lazer ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana, especialmente do trabalho profissional; e à consideração do fenômeno como atenuador de tensões, recuperador da esfera laboral. Dessa maneira, entendeu-o como possibilidade de vivência de valores que contribuam para mudanças morais, culturais e sociais. Mais tarde, Marcellino (1987) incluiu em sua concepção a possibilidade do ócio no lazer, significando a oportunidade de encontro consigo próprio e com a realidade social.

Assim, diferentemente de Dumazedier (1979), Marcellino (1987) percebeu o ócio (desde que visto como opção) não como campo separado, mas sim, confundido ao lazer. Ainda, ao redimensioná-lo



como cultura, este autor superou o entendimento do fenômeno como mero conjunto de ocupações ou atividades.

Com base nesses pressupostos, Marcellino (1987) defendeu o lazer como cultura, em seu sentido mais amplo, praticada ou fruída em um tempo disponível, sendo o caráter desinteressado o traço definidor dessa vivência. Assim, há uma busca eminentemente pela satisfação pessoal, mas não visando à compensação de frustrações ou pressões do cotidiano. A disponibilidade de tempo para o lazer significa a possibilidade de optar pela realização de uma atividade prática ou contemplativa.

Apesar dos avanços, é possível observar que Marcellino (1983, 1987) endossou algumas das ideias de Dumazedier (1979), especialmente no que se refere ao caráter desinteressado e hedonístico do lazer. Além disso, o autor brasileiro também acredita que esse fenômeno tenha sido gerado a partir da Revolução Industrial, em resposta às reivindicações sociais pela distribuição do tempo liberado do trabalho, ainda que, embrionariamente, essa partilha fosse tomada apenas como forma de descanso, recuperadora da força produtiva.

Ademais, assim como Dumazedier (1979), Marcellino (1983, 1987) considerou as variáveis *tempo* e *atitude* para propor sua compreensão sobre o lazer, contudo, sem deixar de apontar ressalvas. Para ele, o *tempo* não pode ser excluído das discussões referentes ao lazer, tendo em vista a dinâmica histórica que o gerou, permitindo sua configuração na sociedade contemporânea. No entanto, em seu entendimento, talvez fosse mais apropriado falar em um tempo disponível ao invés de tempo “livre”, pois tempo algum é totalmente livre de coações ou normas de conduta nas relações sociais<sup>3</sup>. Enquanto para Dumazedier (1979) esse tempo se opõe ao trabalho, para Marcellino (1983, 1987) representa sua própria extensão. O aspecto *atitude* caracteriza o tipo de relação verificada entre a pessoa e a experiência<sup>4</sup> vivida, basicamente a satisfação proporcionada pela atividade prática ou contemplativa.

---

<sup>3</sup> Ao concordar com Marcellino (1983, 1987), o termo “livre”, quando utilizado para definir o tempo no qual o lazer ocorre, é sempre empregado entre aspas neste trabalho.

<sup>4</sup> O termo *experiência* será empregado neste trabalho a partir do significado atribuído por Bondía (2002, p. 21): “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.”, no qual há o entendimento de que a pessoa deve estar receptiva aos acontecimentos para que eles possam efetivamente ser

É importante mencionar que Marcellino (1987) também avançou em discussões sobre o lazer associando-o à educação. Ao investigar as relações existentes entre a escola, o lazer e o processo educativo, o autor identificou diferentes estudiosos que entendiam essas ligações essencialmente por meio da perspectiva funcionalista<sup>5</sup>. Apesar de muitos desses teóricos reconhecerem o duplo aspecto educativo do lazer (veículo e objeto da educação) e de terem servido como referência para o pensamento de Marcellino (1987) sobre o assunto - tal como Requixa (1980) -, variavam os enfoques dados na relação dos temas. À vista disso, indagando as abordagens funcionalistas, Marcellino (1987) acredita que só tem sentido abordar os aspectos educativos do lazer se esse fenômeno for considerado uma possibilidade de mudança para uma nova ordem moral, favorecedora de transformações sociais.

Tratando-se do lazer como um veículo privilegiado para a educação (educação pelo lazer), é necessário considerar suas potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social. Ao perceber o lazer como objeto da educação (educação para o lazer), é focalizada a indispensabilidade do aprendizado, estímulo e iniciação aos componentes culturais do lazer, satisfazendo as necessidades individuais e sociais, e procurando superar o conformismo a partir do espírito crítico e da criatividade (MARCELLINO, 1987).

No contexto das abordagens críticas do lazer - que o entendem como fenômeno em permanente modificação, inserido em uma lógica contraditória que se relaciona dialeticamente com a cultura e com as diversas esferas da vida social -, além do pensamento de Marcellino (1983, 1987), é possível sublinhar as proposições teóricas apresentadas por Gomes (2003, 2004). A autora também considerou a cultura como pressuposto principal para compreender o lazer, assim como a combinação das variáveis *tempo* e *atitude*.

Para Gomes (2003, 2004), o lazer pode ser concebido a partir de quatro elementos inter-relacionados: 1) o *tempo*, correspondendo ao usufruto do momento presente, não se limitando aos períodos institucionalizados para o lazer, como finais de semana, férias, etc.; 2) o *espaço-lugar*, o qual transcende o espaço físico, caracterizando-se pela

---

sentidos e a partir disso ser gerado um sentido ou um sem sentido, havendo, assim, abertura para transformações.

<sup>5</sup> Requixa (1980), por exemplo, ao abordar a educação como fator preponderante para o desenvolvimento humano, e o lazer como instrumento mais eficaz para tal finalidade, é exemplificado por Marcellino (1987) como um dos autores que destaca o sentido utilitarista na relação lazer/educação.

apropriação das pessoas no sentido de transformá-lo em pontos de encontro e de convívio social; 3) as *manifestações culturais*, que consistem nos conteúdos vivenciados como fruição da cultura, em suas possibilidades de diversão, descanso ou desenvolvimento, incluindo o ócio como alternativa notável no lazer; e, 4) as *ações* (ou *attitudes*), fundamentadas no lúdico. Em um trabalho mais recente, a autora reduziu esses elementos a três, unindo o aspecto *tempo* ao *espaço social*, e trocando o termo *ações* por *ludicidade*, a fim de enfatizar esta última como condição inerente ao ser humano, construída culturalmente e cercada por múltiplos fatores (GOMES, 2014).

Tendo essas características como ponto de partida, a autora supracitada acredita que o lazer se inscreve no seio das relações estabelecidas com as diversas dimensões da vida cultural (trabalho, economia, política, etc.), sendo um campo dotado de particularidades, mas que não pode ser entendido como fenômeno isolado, pois está em franco diálogo com o contexto. Logo, o lazer tanto pode contribuir para o mascaramento das contradições sociais, quanto para o questionamento e resistência à ordem social injusta e excludente (GOMES, 2003, 2004).

O lazer é, portanto, compreendido como uma dimensão da cultura, constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais, em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo. Dessa maneira, o lazer não se resume ao “não trabalho”, tampouco pode ser simplesmente confundido com o divertimento, pois ele abarca a possibilidade de entretenimento, mas não se resume a ela. Trabalho e lazer, apesar de possuírem características diferentes, integram a mesma dinâmica social, representando faces distintas de uma mesma moeda. É premente assinalar o dinamismo desses fenômenos, atentando para as inter-relações e contradições que eles apresentam (GOMES, 2003, 2004).

Também recentemente, a autora em questão enalteceu o lazer como uma necessidade humana, no sentido de fruir, ludicamente, as incontáveis práticas sociais constituídas culturalmente. Tal necessidade pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo valores e interesses das pessoas, grupos e instituições. Para isso, o lazer precisa ser tratado como fenômeno social, político e cultural, historicamente situado (GOMES, 2014).

Convém ressaltar que, desde a promulgação da Constituição Federal Brasileira de 1988, o lazer passou a ser reconhecido como um direito social (artigo sexto, capítulo II), sendo também abordado nas seções desse documento que tratam “Da educação, da cultura e do

desporto” e “Da família, da criança, do adolescente e do idoso” (BRASIL, 1988). Apesar deste reconhecimento legal não garantir o acesso ao lazer a todos os brasileiros, tendo em vista as significativas desigualdades verificadas no país, ele permite reivindicar, junto aos diferentes setores da sociedade, os recursos necessários para concretizá-lo na vida cotidiana da população. Em outras palavras, como manifestação cultural, o lazer não depende somente do tempo disponível e da atitude das pessoas, tornando-se necessário que, como direito constitucional, seja reconhecido pelo poder público a fim de que ele propicie ações que atendam aos anseios e necessidades das pessoas (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010).

As perspectivas ora apontadas para se conceber o lazer constituem a largada para novas reflexões envolvendo o tema. Marcellino (1987) salienta que as ideias de determinados estudiosos, muitas vezes, alimentam a prática de diferentes grupos e instituições que atendem a um número significativo de pessoas. Nesse sentido, acredita-se que a escolha (consciente ou não) por ou uma ou mais possibilidades de compreensão do lazer (nem sempre confluentes) repercute nas características de organização dos GCI investigados neste estudo.

Independentemente da configuração do lazer nesses espaços, adotam-se, no presente trabalho, as concepções que convergem com as ideias elucidadas por Marcellino (1987) e Gomes (2003, 2004, 2014). Para dar continuidade ao assunto, destacam-se, na sequência, as manifestações culturais, as quais, de acordo com Gomes (2003, 2004, 2014), compõem os conteúdos vivenciados como fruição da cultura no lazer.

### **2.1.2 Conteúdos culturais do lazer**

O termo *conteúdos culturais do lazer* é uma influência do pensamento de Dumazedier (1980) ao distinguir cinco áreas fundamentais de interesses verificados no lazer (físicos, práticos ou manuais, artísticos, intelectuais e sociais). Por *interesse*, o autor entende o conhecimento que está enraizado na sensibilidade, na cultura vivida. Dessa forma, os termos *conteúdos culturais do lazer* e *interesses culturais do lazer* são entendidos como sinônimos. A palavra *cultura*, por sua vez, é utilizada de forma ampla para representar as distintas possibilidades de manifestações no lazer, e não para limitá-las a um único conteúdo, como no caso dos artísticos (MARCELLINO, 2007).

De antemão, deve-se esclarecer que a distinção entre os vários interesses no lazer só pode ser estabelecida em termos de predominância

e representando escolhas subjetivas, pois constituem um todo interligado e não esferas estanques (MARCELLINO, 2007). Assim, uma pessoa pode estar ligada a mais de um interesse em uma mesma atividade no lazer (DUMAZEDIER, 1980).

O primeiro grupo de conteúdos culturais do lazer se refere aos interesses físicos, incluindo os esportes em geral, a dança, a caminhada, a pesca, a ginástica, os passeios, dentre outras atividades em que prevalece o movimento ou o exercício físico. Abarca tanto uma cultura de praticantes, quanto uma cultura de admiradores (DUMAZEDIER, 1980).

O elemento central de motivação para a busca dessas atividades é o prazer de se movimentar ou de assistir a movimentação corporal, compreendidas nas suas mais diversas possibilidades lúdicas: de atividades leves a extenuantes; realizadas em ambientes rústicos ou em espaços construídos; praticadas em condições de absoluta segurança ou ocasionando riscos controlados; vivenciadas individualmente ou em grupos (MELO, 2004b). Em cada um desses casos, são gerados, até mesmo, estilos de vida específicos. Pode ser observada a existência de uma série de procedimentos, posturas e produtos (roupas, músicas, alimentos) que identificam os praticantes e os diferenciam de outros públicos (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012).

Os interesses artísticos, por sua vez, constituem o segundo grupo de interesses culturais propostos por Dumazedier (1980), no qual a motivação central é a experiência estética ocasionada. O campo de domínio das atividades incluídas nesse grupo é constituído pelo imaginário (imagens, emoções, sentimentos). Abrange todas as manifestações artísticas, tais quais as artes plásticas, as festas populares, os espetáculos (cinema, teatro, música, etc.), a literatura e a ficção (MARCELLINO, 2007).

Embora a arte seja frequentemente vinculada a espaços como teatros, bibliotecas, cinemas, centros culturais, museus, etc., ela não se limita a esses locais, podendo também ser desenvolvida na cultura popular ou surgir em cada pessoa, principalmente quando a sensibilidade é fruto de um processo educacional de estimulação. Isso significa que esses interesses podem ser atendidos não somente na perspectiva de contemplação (de obras de arte, por exemplo), configurando a beleza do encantamento, mas também a partir da produção artística de cada pessoa, ou seja, do extrair prazer do ato de cantar, pintar, representar, escrever, etc. (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012).

Ao contrário do que ocorre no grupo de interesses físicos, em que pode ser observada uma tendência de maior participação das pessoas, o conteúdo artístico do lazer se configura como uma oportunidade historicamente restrita a uma pequena parcela da população. Na sociedade contemporânea, ainda predomina a ideia de que a arte, como forma de lazer, é para poucos, sendo entendida como elemento de distinção social. Contudo, a arte não é superior, é ordinária, sendo necessário desmontar as hierarquias construídas ao seu redor e encarar o desafio de possibilitar que este conteúdo chegue às pessoas em suas mais diversas manifestações (MELO, 2007).

O terceiro grupo é o dos interesses manuais, cuja motivação se encontra fundamentalmente na manipulação, quer para transformar objetos ou materiais, quer para lidar com a natureza. Destacam-se as atividades geralmente desenvolvidas no ambiente doméstico, tais como costura, marcenaria, bricolagem (consertos, reparos), culinária e jardinagem. Tendo em vista suas possibilidades utilitárias, podendo estar ligadas às necessidades econômicas ou às obrigações cotidianas dos praticantes, podem ser compreendidas como “semilazer” dependendo da atitude envolvida, ou seja, como possibilidades intermediárias entre o lazer e o trabalho (DUMAZEDIER, 1980).

Sob a forma de “semilazer” ou como lazer efetivo (quando se busca fundamentalmente o prazer), as atividades manuais integram os hábitos de muitas pessoas. Melo (2004b) ressalta que, por terem ligação direta com preocupações de natureza estética, muitas dessas atividades acabam se confundindo com as artísticas, porém, o grau de diferenciação está na originalidade de produção de alguns objetos (o que os situariam como artísticos) em detrimento à sua confecção em série (o que os caracterizariam como artesanato).

Ainda que não se possa negar que em qualquer outro grupo há uma mobilização ativa do ato de pensar, o quarto conjunto de interesses inclui o conteúdo intelectual, com ênfase central no raciocínio (DUMAZEDIER, 1980). Conforme explica Marcellino (2007), a procura por atividades intelectuais é caracterizada pelo contato com o real, com as informações objetivas e com as explicações racionais, mas sua atribuição como atividades no lazer considera o conhecimento vivido, experimentado. Como principais exemplos dessa categoria podem ser citadas as leituras e a participação em cursos. Melo (2004b) também apresenta os jogos (xadrez, dama, gamão, bridge) como opções de manifestação dos interesses intelectuais, haja vista a estimulação do intelecto envolvida.

Dumazedier (1980) aponta a dificuldade de distinguir os interesses intelectuais dos artísticos porque os meios de acesso às fontes de conhecimento são, muitas vezes, os mesmos, notadamente os meios de comunicação (televisão, rádio, cinema, teatro, livros, jornais, revistas). Nos dias atuais, Pires e Antunes (2007), lembram, ainda, dos aparatos tecnológicos digitais incluídos nesses meios. Isso implica admitir que é possível satisfazer tanto interesses intelectuais quanto artísticos, assistindo à televisão, lendo um livro ou consultando um site na internet. De qualquer forma, as fronteiras entre ambos são flexíveis, sendo que a determinação de um interesse ou outro é, quase sempre, arbitrária.

Ao serem compreendidas como lazer, as atividades intelectuais não devem ser confundidas com a necessidade de trabalho, especialmente no caso da busca por cursos ou palestras, pois têm interesses distintos dos profissionais. É o caso do médico que, apaixonado por cinema, procura cursos ligados a esse tema, ou do engenheiro que estuda história da música como *hobby*. É possível que um interesse no lazer gere futuramente uma nova orientação profissional, mas, assim como no caso dos interesses manuais, estaria se falando de uma migração das atividades do âmbito do lazer para o do trabalho (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012).

O último grupo proposto por Dumazedier (1980) é o de interesses sociais, que inclui as atividades de engajamento social, tais como as socioespirituais e as sociopolíticas, percebidas como importantes conquistas do ser humano, atreladas à satisfação das necessidades individuais ou sociais. Esses interesses podem tanto se manifestar na inter-relação com os demais conteúdos culturais do lazer, quanto podem se concretizar em grupos classificados conforme o tipo de sociabilidade desenvolvida: grupos organizados, como a frequência a associações diversas; grupos espontâneos, cuja organização não é estruturada previamente, podendo surgir ou desaparecer a qualquer momento; e relações interpessoais, afetivas ou amorosas.

A busca pelas atividades sociais ocorre fundamentalmente pelo relacionamento, pelo contato face a face. Além da frequência a associações, exemplos específicos são os bares e cafés, os bailes, dentre outras possibilidades que servem como pontos de encontro (MARCELLINO, 2007). Tais atividades, sobretudo aquelas que revelam o gosto por reuniões e associações voluntárias diversas (DUMAZEDIER, 1980), são percebidas como importantes ferramentas para a vivência de diferentes formas de sociabilidade, ou seja, de

interações sociais diversas com fins em si mesmas, em uma relação em que nada mais se deseja além de uma relação (SIMMEL, 2006).

Tendo em vista que a sociabilidade será bastante discutida neste trabalho, considera-se pertinente apresentar, neste momento, o entendimento dessa categoria, aqui adotado, referenciado em Simmel (2006). Esse autor entende a sociabilidade como uma categoria específica das relações sociais, a qual se difere da sociação (ou associação). A sociação é caracterizada pelas relações mútuas estabelecidas entre as pessoas, permitindo aproximá-las e formando um todo chamado sociedade. As incontáveis possibilidades de relações interpessoais se unem interruptamente, sejam essas relações momentâneas ou duradouras, conscientes ou inconscientes, inconsequentes ou consequentes. Tais formas de interação surgem sempre a partir de determinados impulsos ou da busca por certas finalidades, caracterizando os conteúdos da sociação. Esta se torna, portanto, a forma na qual as pessoas, em razão dos seus múltiplos interesses, desenvolvem-se conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se concretizam.

Quando os interesses que impulsionaram as pessoas a se relacionarem se tornam autônomos, ou seja, quando não há mais qualquer finalidade objetiva nas formas de se relacionar, mas sim apenas a satisfação proporcionada por se estar interligado ao outro, surge a sociabilidade, em suas configurações mais puras, como uma forma lúdica da sociação. Embora a sociabilidade se apóie nas personalidades, elas não podem ser entendidas tão individualmente, pois todas as significações pessoais que têm seu centro fora do círculo das interações não desempenham qualquer papel na sociabilidade. Assim, há também certas características de artificialidade e superficialidade na sociabilidade, como se todas as pessoas fossem iguais ao mesmo tempo em que cada uma é especialmente honrada (SIMMEL, 2006).

Posta a compreensão da sociabilidade, retomando a apresentação dos interesses culturais do lazer, aponta-se que, conforme sugestão do sociólogo brasileiro Luiz Octávio de Lima Camargo, há um sexto grupo de conteúdos culturais do lazer, caracterizado pelos interesses turísticos. De acordo com a proposta do autor, a quebra da rotina temporal/espacial e a busca pelo contato com novas paisagens, pessoas e costumes são as aspirações mais presentes nesse conjunto de interesses. Os passeios e as viagens mais longas constituem os principais exemplos de atividades turísticas (CAMARGO, 1986).

Ainda que as atividades turísticas se revelem como oportunidades privilegiadas para satisfazer todas as demais aspirações ligadas ao lazer



(físicas, manuais, artísticas, intelectuais e sociais), elas se configuram como práticas específicas no lazer ao serem entendidas como manifestações culturais. Posto isso, essas vivências podem se concretizar como alternativas de conhecimento, de percepção social e de enriquecimento da sensibilidade (MARCELLINO, 1996).

Melo (2004b) considera pertinente se atentar para essa opção no lazer, não apenas para conhecimento de outras localidades, mas também para o reconhecimento do próprio espaço onde vivem as pessoas, uma vez que alguns problemas identificados na contemporaneidade incluem o esvaziamento dos espaços públicos como lócus de vivência social e o desconhecimento das potencialidades locais, caracterizando um processo de distanciamento do cidadão de sua cidade. Conforme aponta Camargo (1986), para além das viagens mais longas para outras cidades, aquela onde a pessoa mora se constitui, em escala social, no principal espaço turístico.

A classificação que distingue essas seis áreas abrangidas pelos conteúdos do lazer é a mais aceita entre os estudiosos do tema, segundo Marcellino (2007). Na visão desse autor, é importante distinguir essas possibilidades de conteúdos porque as atividades no lazer devem procurar atender as pessoas em seu todo. É necessário, para isso, que elas conheçam as vivências que satisfaçam seus vários interesses, sejam estimuladas a participar e recebam um mínimo de orientação que lhes permita a escolha.

Ponderando as críticas que esse sistema de classificação recebeu e vem recebendo ao longo da história (especialmente no sentido de se configurar como uma tentativa de fragmentação do lazer, a despeito de sua complexidade como cultura; e das dificuldades de identificação das fronteiras entre os conteúdos), devem-se ter claros os seus limites. Como salienta Melo (2004b), a ação humana é complexa demais para ser enquadrada em limites rígidos de categorias. Mas, isso não significa que a classificação seja ineficaz.

Para esse autor, tal classificação pode, por exemplo, ser utilizada como um guia para a atuação do profissional de lazer, na tentativa de contemplar os diferentes interesses humanos, diversificando e potencializando o alcance dos objetivos das intervenções (MELO, 2004b). Pires e Antunes (2007) acrescentam, especificamente no que se refere à Educação Física, que, indubitavelmente, a sistematização do lazer, conforme os interesses culturais predominantes, contribuiu para a superação da concepção ativista/recreativa (interesses físicos) com que se confundia o lazer nessa área. Não é pretensão deste trabalho tomar partido das posições críticas ou, contrariamente, defender as proposições

de Dumazedier, mas, sim, considerar o sistema classificatório em questão, do ponto de vista didático, como um ponto de partida para a compreensão das vivências no lazer desenvolvidas nos GCI investigados.

Diante dos conteúdos expostos, torna-se visível que o lazer compreende a vivência de inúmeras práticas culturais, tais como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte, a pintura, a escultura, a literatura, a dança, o teatro, a música, o cinema, dentre várias outras possibilidades. Inclui, ainda, o ócio, pois ele pode constituir, no meio social contemporâneo, notáveis experiências no lazer (GOMES, 2003).

Essas experiências devem ser concebidas e vivenciadas como fenômenos socioculturais em estreita relação, capazes de mobilizar (re)descobertas de pessoas, lugares, culturas, naturezas e vivências lúdicas, em um contínuo processo de reflexão, conhecimento, partilha e transformação. Dessa maneira, o lazer assume um papel fundamental no exercício da cidadania, devendo integrar a vida cotidiana de todos, inclusive dos idosos (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010).

Com base nesses pressupostos, surge como desafio atual ampliar o acesso e o conhecimento dos idosos relativos às vivências no lazer (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010), uma vez que, como destaca Marcellino (1983), é frequente à restrição das atividades no lazer a um campo específico de interesses pela falta de contato com outros conteúdos. Além disso, existem diferentes barreiras que dificultam o acesso ao lazer, tais como o fator econômico, a classe social, o nível de instrução, o acesso ao espaço urbano, a violência, a faixa etária, o sexo e os preconceitos (MARCELLINO, 1983, 1996).

Especificamente sobre a faixa etária, no caso dos idosos, ainda há condições como a falta de disposição; as dificuldades de saúde e de locomoção; e o impacto da interrupção do trabalho profissional pela aposentadoria, implicando na restrição das vivências no lazer (MARCELLINO, 1983). Com relação ao sexo, será direcionada atenção especial na próxima seção, tendo em conta a baixa participação de homens em GCI (BORINI, 2002; KIST, 2011; LOPES, 2012; MAZO, 2003) - estes entendidos como espaços privilegiados para a vivência do lazer na terceira idade. Especialmente analisadas sob a perspectiva do gênero, a apresentação de algumas considerações disponíveis na literatura sobre o lazer de homens idosos pode contribuir para elucidar expectativas e dificuldades que eles encontram para participar de grupos voltados ao lazer.

### 2.1.3 Lazer e questões de gênero

O termo *gênero* vem se destacando cada vez mais nas pesquisas científicas brasileiras. São muitos os temas, as abordagens e as discussões verificadas na literatura nacional envolvendo esse vocábulo, inclusive, no campo de estudos que abrange a Educação Física, o esporte e o lazer. Ainda que possa ser observado a partir de diferentes olhares (marxista, estruturalista, feminista radical, pós-estruturalista, dentre outros), e que tenha adquirido, ao longo da história, significados e ênfases diferenciados, consoante os referenciais teóricos que lhe deram suporte, é consensual afirmar que o termo em questão se refere, precipuamente, à construção social do sexo (GOELLNER, 2004).

Isso implica em conceber o gênero como uma categoria analítica, evidenciando que masculino e feminino são construções sociais e históricas, e não meramente composições marcadas pelas diferenças anatômicas e fisiológicas ditadas pelo sexo (biológico) (GOELLNER, 2004). Um ensaio escrito pela historiadora norte-americana Joan Scott, em 1986, traduzido para o português e publicado em um periódico brasileiro em 1995, é considerado um marco para a proposta de utilização do gênero como ferramenta analítica, enfatizando suas conotações sociais em contraste com as conotações físicas do sexo (SCOTT, 1995).

Sob este prisma, as características que identificam as pessoas como masculinas ou femininas não são naturais nem uniformes, mas, sim, construídas de acordo com as normas da sociedade na qual se vive e se entrelaçam aspectos relativos à condição social, à geração, dentre outros. Esta perspectiva de entendimento confere aos gêneros uma dimensão plural, supondo que não há um único modo de ser masculino ou feminino (GOELLNER, 2014).

A concepção em questão se originou da teorização feminista pós-estruturalista, segundo a qual masculinidade e feminilidade se definem reciprocamente, sem que exista uma essência previamente determinada para uma ou outra identidade. Além disso, assume que a categoria *homem* e a categoria *mulher* não são universais, pois cada uma delas comporta diferentes nuances e possibilidades, existindo homens e mulheres de várias etnias, classes, religiões, gerações, etc. As identidades são produzidas na cultura, sendo que o gênero integra a identidade da pessoa, configurando-se, por conseguinte, também como uma categoria identitária (GOELLNER, 2014).

Ademais, nesta abordagem, o aspecto biológico do corpo não é negado na conformação de gênero, todavia, não lhe é conferida

centralidade, como nas questões referentes a lugares sociais ou hierarquias a serem exercidas por um ou outro sexo. A construção dos corpos masculinos ou femininos ocorre, sobretudo, a partir de inúmeras práticas sociais (GOELLNER, 2004).

Nessas práticas, estão incluídas as atividades no lazer. Ao partir do pressuposto de que todas as esferas da vida humana são generificadas (marcadas pela diferença de gênero) e generificadoras (produzem a diferença de gênero), a dimensão do lazer não está isenta das discussões envolvendo o tema *gênero* (GOELLNER, 2014). Nela também são produzidos práticas e discursos que marcam as pessoas a partir daquilo que a cultura define como masculino ou feminino, sendo que, na busca por protagonismos e representatividades, peculiarmente no contexto das atividades vivenciadas no lazer, são manifestadas diferenças de participação entre homens e mulheres (GOELLNER et al., 2009; GOELLNER et al., 2010).

Ao considerar o gênero como categoria analítica e identitária, transcendendo sua compreensão como simples desempenhador de papéis sexuais estabelecidos pela sociedade, Britto da Motta (1999) explica que a trajetória de vida de homens e de mulheres, como construção social e cultural, difere quanto a atitudes, práticas e representações, em variados grupos de idade que se constituem como gerações e se identificam como crianças, jovens, adultos ou idosos. Assim, a categoria *idade/geração* (para além de outras como classe, raça/etnia, etc.) também se expressa nas relações sociais, juntamente com a categoria *gênero*.

Na geração de idosos, torna-se evidente uma prescrição que foi tradicionalmente atribuída pela sociedade para a trajetória de vida desses homens e mulheres. Para elas, tal prescrição foi relacionada à domesticidade e à maior repressão social e sexual, associada ao desestímulo ou à dificuldade de acesso e de permanência no mercado de trabalho, à negação aparente de interesse e capacidade para a política e a uma apropriação social do corpo da mulher, expressa no controle familiar e na medicalização das funções reprodutivas (BRITTO DA MOTTA, 1999).

Houve socialmente uma expectativa obrigatória de feminilidade por parte das mulheres, significando obediência e conformismo. Esses pressupostos nortearam a vida da maioria daquelas que hoje são idosas, embora seja possível afirmar que, atualmente, esse padrão se encontra em franco desmonte. Para os homens de tal geração, por sua vez, a prescrição tradicional que vigorou (e, muitas vezes, ainda persiste) foi relacionada à afirmação de uma masculinidade como dominação da

mulher e dos filhos, obrigação de ser o único provedor da família, intensa e variada parceria sexual e expectativa de recebimento de serviços domésticos por parte das mulheres (BRITTO DA MOTTA, 1999).

Esses estereótipos, a partir dos quais modelos de masculinidade e feminilidade são criados, tendo como base o sexo biológico, por si só, não caracterizam as diferenças entre homens e mulheres. Especificamente no envelhecimento, Britto da Motta (1999) ressalta que o conceito de experiência é útil para pensar semelhanças e dessemelhanças de vivências no interior da categoria *gênero*. Abrindo parênteses para dialogar com Bondía (2002), autor no qual foi referenciada a compreensão aqui adotada para o termo *experiência*, claramente, se ela não é o que acontece, mas o que acontece às pessoas, o que as toca, dois indivíduos (quer sejam ou não do mesmo sexo), ainda que enfrentem um acontecimento comum, não têm a mesma experiência. Esta é singular e, de algum modo, impossível de repetição.

Sem a pretensão de ignorar que há manifestações (não experiências) comuns no processo de envelhecimento, importa considerar os aspectos individuais que fazem com que cada pessoa apresente particularidades ao longo de sua vida e condições distintas nos anos finais de sua existência. Tendo vivido, homens e mulheres, processos socializadores diversificados, por mais que na terceira idade tenham vivências similares, características da sua condição etária e tempo geracional, a circunstância de gênero enseja experiências e representações distintas (BRITTO DA MOTTA, 2006).

Em suma, ser homem idoso, por exemplo, em suas diversas práticas e representações, pode não significar o mesmo para um homem idoso que vive na pobreza e para outro que apresenta boas condições financeiras; para um homem idoso casado e para um homem viúvo; e assim por diante. Por outro lado, existem diferentes expectativas sociais convencionalmente estabelecidas para o homem e para a mulher, podendo ser mais bem entendidas na sua inter-relação com a categoria *geração*.

No contexto do lazer, em cada fase da vida, podem ser observadas distinções no seu acesso e usufruto entre homens e mulheres. Considerando, substancialmente, a divisão social do trabalho e do poder, é possível apontar que na infância e na vida adulta as meninas/mulheres geralmente têm menos oportunidades para o lazer do que os meninos/homens porque, não raras vezes, desempenham atividades domésticas relacionadas ao cuidado com a casa e com a família. Os meninos/homens frequentemente também têm poucas oportunidades

para o lazer, mas, neste caso, deve-se ao fato de, muitas vezes, terem que desempenhar atividades no mercado de trabalho informal, vulgo “bicos”, para auxiliar na renda familiar (GOELLNER et al., 2009).

Pesquisas como a realizada por Goellner et al. (2010) mostram a preferência de mulheres adultas em vivenciar o lazer prioritariamente no espaço doméstico, a partir de atividades envolvendo a própria família e que priorizam o descanso. No caso dos homens, há uma associação do lazer com atividades que proporcionam diversão, sendo realizadas predominantemente fora do ambiente do lar e após o trabalho.

Ao contrário, na geração de idosos, os papéis são invertidos, sendo comum estudos constatarem maior participação de idosas em atividades no lazer extradomésticas (GOELLNER et al., 2010), em particular, por meio da participação em GCI (BORINI, 2002; BRAZ, 2008; BRITTO DA MOTTA, 1999; KIST, 2011; LOPES, 2012; MAZO, 2003). Sobre esse assunto, Britto da Motta (2006) explica que os modos diferenciados de participação no trabalho, entre homens e mulheres, repercutem, inclusive, no usufruto do lazer durante a terceira idade. A partir da segunda metade do século XX, com as mudanças ditadas pelas crises econômicas e de continuidade no mercado de trabalho, novas formas de relações de gênero surgiram, beneficiando principalmente as mulheres, tendo em vista a abertura social realizada pelo movimento feminista e, quase ao mesmo tempo, a “descoberta” da terceira idade com suas propostas de consumo, de lazer e de convivência ativa.

Os programas destinados à vivência do lazer na terceira idade não mantiveram o atrativo da saída de casa para os homens (os quais sempre tiveram a liberdade de ir e vir) da mesma forma como ocorreu com as mulheres, sendo que as atividades oferecidas são prioritariamente voltadas aos interesses femininos, haja vista a demanda dessa clientela na população. Considera-se, nessa afirmação sobre a maior demanda de mulheres idosas, sobretudo, os dados demográficos acerca da predominância do sexo feminino no segmento dos idosos. Essas situações repercutiram na baixíssima frequência dos homens nos GCI (BRITTO DA MOTTA, 2006).

Ao refletir sobre gênero e envelhecimento, Debert (1994, 2013) aponta que há diferentes linhas de pensamento sobre o assunto, sendo que algumas enfatizam os homens experimentando uma ruptura mais violenta em relação ao trabalho, com o advento da aposentadoria, quando comparados às mulheres, vista sua valorização como provedores do sustento familiar. Por isso, vivenciariam a velhice menos tranquilamente do que elas, permanecendo mais no ambiente doméstico.

No entanto, a autora acredita que, nas discussões sobre o assunto, não se deveria tratar de dizer quem se adapta melhor à velhice, mas, sim, de destacar que existem formas diferenciadas de experimentar o processo de envelhecimento entre homens e mulheres - e, inclusive, entre os próprios homens e as próprias mulheres, conforme salienta Britto da Motta (1999) -, repercutindo nas desigualdades de apropriação dos espaços coletivos destinados à vivência do lazer na terceira idade, como no caso dos GCI.

Para além dos locais de usufruto do lazer e das funções estabelecidas às atividades vivenciadas, também podem ser percebidas diferenças nos tipos de práticas escolhidas por homens e mulheres, as quais se perpetuam pelas gerações. De acordo com Goellner et al. (2009), são recorrentes, na população em geral, algumas ideias que caracterizam determinadas atividades culturais como femininas ou masculinas, muitas vezes podendo não ser conscientes, mas tendendo a ser entendidas como naturais. Exemplificando: jogar futebol é mais masculino do que feminino, enquanto dançar é mais feminino do que masculino.

Na pesquisa de Goellner et al. (2010), os autores relataram ter conversado com um idoso que gostaria de frequentar atividades de alongamento e ginástica desenvolvidas em um projeto social de esporte e lazer na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Contudo, ele expôs que não participa dessas práticas por vergonha do que outros homens poderiam falar ao o verem fazendo atividades caracterizadas pela absoluta participação de mulheres. Em outra situação, na mesma pesquisa, durante uma aula de dança de salão com predominância de mulheres, um dos poucos homens presentes disse aos pesquisadores em questão que sofre preconceito dos amigos por participar dessa atividade, a qual, para eles, é “coisa de mulherzinha”. Frente a isso, é salientado no estudo o quanto a identidade de gênero pode ser atravessada pela identidade sexual, ou seja, o fato de um homem participar de uma atividade identificada na cultura como feminina dá margem a que sua orientação sexual seja colocada em suspeita.

No mesmo caminho, Mello e Votre (2013) investigaram dez homens idosos não participantes de atividades físicas, esportivas e no lazer oferecidas por um projeto social desenvolvido próximo a residência dos investigados, na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Cinco deles nunca participaram das atividades e cinco deixaram de frequentá-las por algum motivo. Os autores identificaram quatro fatores que interferem na (não)participação desses idosos no projeto: a figura do professor; as relações de gênero; o gosto por outras práticas; e as

diferenças etárias. No que concerne às relações de gênero, foi constatado que a causa principal de não participação e evasão por parte dos homens pesquisados se refere à expressiva quantidade de mulheres nas atividades do projeto. Eles possuem receio e vergonha de atuarem com as mulheres, assumindo uma postura de suposta proteção frente à sociedade, e, até mesmo, atitudes discriminatórias, por exemplo, referindo-se a elas como “um bando de velhas”. Além disso, as atividades mais frequentes (como a ginástica) são envolvidas por estereótipos, na visão desses homens, os quais as caracterizam como práticas femininas, e, conseqüentemente, não despertam seu interesse como aconteceria se a atividade fosse o futebol, esta, sim, rotulada como “coisa de homem”.

Ambas as pesquisas supracitadas fornecem indicativos importantes para a baixa presença de homens em espaços coletivos de lazer. Cabe ainda apontar outro exemplo notável que oferece indícios das vivências no lazer de homens idosos. Trata-se de um estudo realizado por Coutinho e Acosta (2009), em grupos de terceira idade da cidade de Santa Maria (RS). Ao verificarem, preliminarmente, a baixa participação de homens nesses grupos, os autores se interessaram em investigar as atividades no lazer de homens idosos residentes no município. Foi constatada uma divisão entre os espaços que homens e mulheres vivenciam o lazer. Eles frequentam grupos e clubes onde ocorrem, principalmente, jogos de carta, sinuca, bocha, conversas sobre a cidade e sobre pessoas, em ambientes sem muito barulho e muito organizados, enquanto elas participam dos grupos com bailes, aulas de dança, ginástica, em ambientes agitados. Os autores também observaram alguns dos possíveis motivos para a baixa participação de homens nesses últimos grupos: práticas que não são de seu interesse; consideram as aulas pouco estimulantes e repetitivas; e o pensamento de que, enquanto puderem fazer as atividades que gostam, tendo bom desempenho, não veem necessidade de realizar exercícios físicos, os quais são prioritariamente oferecidos nesses grupos.

Por serem poucos os estudos nacionais realizados exclusivamente com homens idosos ou que discutem questões de gênero no lazer, foram descritos os principais resultados das pesquisas encontradas a fim de dar luz aos diferentes fatores envolvidos na participação de idosos do sexo masculino em iniciativas voltadas ao lazer. Tornou-se perceptível que as vivências e preferências no lazer, nas diferentes gerações, são influenciadas pelos modos de viver de cada sexo, os quais são determinados pelo conjunto de discursos e práticas sociais que se acomodam nos corpos e os constituem como femininos ou masculinos



(GOELLNER, 2007). Não obstante, os diversos interesses humanos nem sempre são diferentes entre homens e mulheres, podendo ser identificados, por exemplo, homens que apreciam e participam de atividades culturalmente definidas como femininas, tal como a dança (GOELLNER et al., 2010). Sendo assim, parece haver a necessidade de estimular e oferecer condições iguais de acesso ao lazer a homens idosos e a mulheres idosas.

Sobre igualdade e diferença, convém frisar, por fim, que posicioná-los como conceitos opostos significa perder o ponto de suas interconexões, pois a igualdade não é ausência ou eliminação da diferença, mas, sim, o seu reconhecimento e a decisão de ignorá-la ou considerá-la (SCOTT, 2005). Nesse sentido, acredita-se que a busca pela igualdade (neste caso, de condições iguais de acesso e permanência de homens e mulheres idosos em atividades no lazer, especialmente em GCI), dependa do reconhecimento e da inclusão da diferença, considerando que existem distintos homens idosos e distintas mulheres idosas.

## 2.2 GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS (GCI)

### 2.2.1 Trajetória das políticas sociais brasileiras em direção aos GCI

Nas últimas décadas, os idosos passaram a ser foco central das discussões envolvendo políticas públicas e novas formas de lazer. A crescente preocupação da sociedade com o processo de envelhecimento se originou principalmente do fato de os idosos corresponderem a uma parcela da população cada vez mais representativa do ponto de vista numérico (DEBERT, 1999). Dados demográficos e estatísticos divulgados anualmente reforçam que a população idosa não para de aumentar, tanto em quantidade de pessoas que ultrapassam os 60 anos de idade, quanto na maior longevidade alcançada. Atualmente, no Brasil, há mais de 23,5 milhões de idosos, representando 12,6% da população. A expectativa de vida já ultrapassou os 74,5 anos, sendo que, em 2011, havia mais de três milhões de pessoas com 80 anos ou mais no país (IBGE, 2012, 2013).

Outros indicadores demográficos também contribuíram para que a velhice passasse a ser analisada como uma questão social, a exemplo das diferenças entre os sexos. A maior parte da população brasileira é composta por mulheres (55,7%), pois embora nasçam mais crianças do sexo masculino do que do sexo feminino, a mortalidade masculina é superior à feminina ao longo de toda a vida (IBGE, 2011, 2013). Por

consequente, quanto mais idosa for uma população, maior será sua proporção de mulheres, indicando que, apesar de a velhice não ser universalmente feminina, ela possui um importante componente de gênero (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004).

O envelhecimento representa uma experiência distinta entre homens e mulheres, marcada por suas diferentes trajetórias de vida. No Brasil, a maioria das idosas não teve um trabalho remunerado durante sua vida adulta. Depois, embora vivam mais que os homens, geralmente passam por um período maior de debilitação física antes da morte. Por outro lado, são elas quem, quase sempre, participam, mais que eles, de atividades extradomésticas, de organizações, fazem cursos, viagens e trabalho remunerado temporário. Ao contrário do que fizeram na sua vida adulta, assumem, progressivamente, o papel de chefes de família e de provedoras. Homens idosos, por sua vez, parecem encontrar mais dificuldades para se adaptar à saída do mercado de trabalho e, por estarem em menor quantidade, podem ser isolados socialmente (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004).

Esse cenário se traduziu em uma série de iniciativas por parte de agências governamentais e de organizações privadas visando ao atendimento das necessidades dos homens e das mulheres idosas. No Brasil, destacou-se a proliferação de programas voltados aos idosos, tais como as Universidades Abertas à Terceira Idade e os GCI (DEBERT, 1999). O SESC de São Paulo (SP) foi um dos pioneiros na criação desses programas, idealizando, a partir da década de 1960, ações destinadas a atender a demanda das pessoas que estavam deixando o trabalho produtivo. Em 1970, as ações do SESC foram sistematizadas em três subprogramas: Escolas Abertas da Terceira Idade, Programas para Pessoas de Idade Avançada e Aposentadas e Grupos de Convivência para a Terceira Idade. Estes últimos surgiram como possibilidades para preencher o tempo “livre” dos aposentados com atividades recreativas, influenciando sua disseminação em todo o país (MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2009).

Esses espaços de convivência para idosos foram se constituindo junto aos discursos e vetores de reprodução de uma nova imagem de velhice. A pretensão era romper com a visão do idoso associada à decrepitude, à indigência, à dependência e à doença, contribuindo com uma percepção de velhice autônoma, capaz e ativa. Na esteira das modificações sobre o olhar acerca dessa fase da vida, legitimaram-se direitos sociais que levaram à universalização da aposentadoria, ao conjunto de leis protetivas dos idosos, às conferências e aos planos de ação internacionais para o envelhecimento (DEBERT, 1999, 2013).

Autores como Braz (2008), Faleiros (2007), Mendes (2000) e Rollin (1998) apresentam fatos e considerações históricas pertinentes ao entendimento da trajetória das políticas sociais brasileiras em direção aos GCI. Conforme explicam as duas últimas autoras, a partir de diferentes ações de movimentação nacional, concretizadas por meio de divulgação em jornais, rádios e programas televisivos, envolvendo profissionais, instituições públicas e privadas, e pessoas interessadas, o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) (extinto atualmente) realizou estudos aspirando à elaboração de um programa que atendesse a clientela idosa previdenciária. Consequentemente, na década de 1970, por determinação do Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS) (hoje subdividido em Ministério da Previdência Social e Ministério da Assistência Social), foi implantado o Programa de Assistência aos Idosos (PAI), de abrangência nacional, cabendo ao INPS a sua coordenação e execução, pretendendo abranger os aspectos biopsicossociais do idoso.

A partir da criação do PAI, foram realizados vários seminários regionais para trabalhar a questão da realidade do idoso no Brasil. Além disso, o MPAS foi reorganizando sua estrutura de funcionamento, redirecionando a responsabilidade de coordenação do PAI a outros órgãos e publicando novas portarias para ampliar seus objetivos de assistência ao idoso, especialmente no sentido de propiciar a sua integração na família e na comunidade, observando a melhoria das suas condições de vida e a formação de uma atitude positiva frente à velhice. Desse modo, a assistência nacional ao idoso foi se concretizando por meio de tratamento social individualizado, formação e dinamização de grupos de convivência e mobilização comunitária, com utilização do trabalho voluntário para atuar com efeito multiplicador na integração do idoso no contexto família-entidade-comunidade (ROLLIN, 1998).

Na mesma direção, perante iniciativas mundiais de formação de uma consciência de atenção ao idoso - particularmente a partir da realização de eventos como o Congresso Mundial sobre Envelhecimento, coordenado pela ONU e realizado em Viena, em 1982, no qual foi aprovado o primeiro Plano de Ação Internacional sobre Envelhecimento -, o Brasil avançou na sua trajetória de atendimento ao idoso (BRAZ, 2008). Ao ser promulgada a Constituição Federal de 1988, foi estabelecido um pacto para a democratização da sociedade, na garantia de direitos e na implementação de uma organização política que superasse o centralismo e a fragmentação de políticas sociais. Os direitos dos idosos foram descritos nos capítulos da assistência, da família, do trabalho e da previdência (FALEIROS, 2007).

Na expectativa de proteger os direitos dos cidadãos brasileiros, incluindo os dos idosos, tendo como princípios o respeito e a dignidade, oportunizando-lhes um atendimento com qualidade e sem discriminação, em 1989, foi apresentado ao Congresso Nacional o Projeto n.º. 3.099/89, que propunha a implantação da Lei n.º. 8.742 (Lei Orgânica da Assistência Social), aprovado no dia sete de dezembro de 1993 (MENDES, 2000). Essa lei repercutiu em mudanças na concepção da assistência social brasileira, a qual passou a ter um caráter de política de seguridade social, além de ter inovado ao se referir a ações descentralizadas e participativas (ROLLIN, 1998).

Outras ocorrências mundiais notadamente influenciaram o desenvolvimento das políticas sociais para os idosos brasileiros. A adoção da Carta de Princípios para a Pessoa Idosa (participação, autorrealização, independência e dignidade), elaborada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1991, é um exemplo. No ano de 1994, na busca pela adequação a tais princípios, e mediante a mobilização de órgãos governamentais e da sociedade civil, o MPAS, por meio da antiga Secretaria de Assistência Social, regulamentou a PNI por meio da Lei n.º. 8.842 de quatro de janeiro de 1994 (BRAZ, 2008; MENDES, 2000). A PNI veio assegurar os direitos dos idosos, estabelecidos inicialmente na Constituição, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação na sociedade (BRASIL, 1994).

Após esse período, foi elaborado o segundo Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, no ano de 2002, em Madri, acompanhado de um amplo espectro de recomendações de caráter social, político e econômico que visavam à superação do desafio de melhorar a situação dos idosos. Dentre essas recomendações, sobressaem-se: a participação ativa dos idosos na sociedade e no desenvolvimento; o acesso dos idosos ao conhecimento, à educação e à capacitação; a erradicação da pobreza, do abandono, dos maus tratos e da violência contra a pessoa idosa (BRAZ, 2008).

Dentre outros países, o Brasil assumiu o compromisso de seguir tais recomendações, iniciando mais um movimento em prol dos direitos dos idosos, o qual resultou na promulgação da Lei n.º. 10.741 de um de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso). Em seu interno, os direitos das pessoas idosas foram estabelecidos explicitamente, incluindo os de acesso à saúde, à educação, ao esporte, ao lazer, etc. (BRASIL, 2003; BRAZ, 2008).

O Estatuto avançou na questão dos direitos sociais dos idosos ao declarar ser obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do

poder público, assegurar com prioridade a efetivação desses direitos e a convivência familiar e comunitária do idoso (BRASIL, 2003). Em 2005, os idosos também foram incluídos privilegiadamente no Pacto da Saúde (BRASIL, 2005) e, em 2006, foi definida a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa por meio da Portaria nº. 2.528 (BRASIL, 2006).

Com base nos documentos legais apresentados, mas, essencialmente, nos princípios e diretrizes da PNI - em particular no inciso primeiro do art. 10º., referente às competências dos órgãos e entidades públicos na área de promoção e assistência social, destacando-se a criação de alternativas de atendimento ao idoso, como centros de convivência (BRASIL, 1994) -, o Ministério da Assistência Social publicou a Política de Atenção ao Idoso. Esta política propôs diversas metas de assistência, incluindo evitar colocar o idoso no asilo (MAZO, 2003).

Nesse cenário, surgiu formalmente a estratégia do atendimento ao idoso por meio dos centros de convivência, entendidos como locais destinados a permanência diurna do idoso, onde são realizadas atividades físicas, laborativas, recreativas, culturais, associativas e de educação para cidadania (ROLLIN, 1998). Além desses centros, expandiram-se ainda mais pelo país os GCI (MAZO, 2003). Lopes (2012) define tais grupos como espaços de encontros que favorecem trocas de experiências e convívio harmonioso entre idosos. Geralmente têm como locais de realização salões comunitários de associações, salões de igrejas, clubes, dentre outros, sendo desenvolvidos em parcerias com órgãos governamentais ou não.

Os GCI se mostram, portanto, alternativas para proporcionar aos idosos um espaço no qual possam desenvolver suas relações sociais. Também, podem contribuir para evitar a institucionalização do idoso, representando um novo meio de participação, expressão e aprendizagem, pois a convivência é permeada pela troca de vivências em distintos níveis, como pessoal, de trabalho, de conhecimento e de construção da cidadania (ROLLIN, 1998).

Durante a velhice, o grupo familiar pode se dissociar e ocorre a aposentadoria. Diante disso, a possibilidade de participação em um grupo se torna uma opção interessante para a continuidade do processo de inserção social da pessoa idosa, e são poucos os espaços nos quais o idoso tem a oportunidade de participar (MENDES, 2000).

Frente a essas exposições, é conveniente ressaltar que a ideia de um envelhecimento ativo passa a marcar as políticas sociais voltadas para a população idosa, orientando as atividades dos programas destinados à terceira idade, tais quais os GCI. Esta perspectiva trata de

estimular um conjunto de práticas dirigidas a garantir a continuidade da participação do idoso na vida social com independência e dignidade. Mais do que o direito ao cuidado, o que ela prevê é o direito à igualdade de oportunidades e de tratamento (DEBERT, 2013).

Apesar dessa visão comum que perpassa pelas iniciativas nacionais voltadas ao atendimento da velhice como questão social, há especificidades nas características de algumas propostas. No caso dos GCI, seu processo de criação formal ocorreu vinculadamente a determinado órgão representativo da sociedade (Ministério da Assistência Social; Secretaria de Saúde, etc.) ou instituições diversas (universidades, associações de apoio a aposentados, dentre outras), conforme a Região brasileira.

Para mais, no Brasil, há grupos coordenados por profissionais de diferentes áreas do conhecimento, e outros gerenciados pelos próprios idosos integrantes, com ou sem apoio técnico de profissionais da área da saúde, educação e/ou assistência social (BORINI, 2002; BROD, 2004; KIST, 2011). Em virtude disso, faz-se necessário tecer considerações sobre os GCI em Florianópolis (SC), contexto regional de realização da presente pesquisa, visto que o preconizado nos documentos legais, nos princípios e interesses (políticos, sociais e econômicos) atrelados a esses espaços, nem sempre se concretizam.

## **2.2.2 GCI em Florianópolis (SC): contextualização histórica e sociocultural**

Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina (localizado na Região Sul do Brasil), tem a maior parte de seu território situado em uma área insular, mas conta também com uma área continental incorporada à cidade em 1927. A Secretaria Municipal de Saúde divide a cidade em cinco distritos sanitários regionais: Centro, Continente, Norte, Sul e Leste (PMF, 2014b). Sua população expressa significativamente traços da etnia portuguesa de base açoriana, exercendo forte influência em seus costumes, religiosidade, pesca, agricultura, artesanato e manifestações populares (CASCAES, 2002).

De acordo com dados do Censo de 2010, Florianópolis (SC) possuía uma população de 421.240 habitantes, sendo 218.193 (51,8%) do sexo feminino e 203.047 (48,2%) do sexo masculino, havendo, portanto, predominância de mulheres, da mesma forma com que é verificado na maioria das cidades brasileiras. Em 2014, possuía uma quantidade estimada de 461.524 habitantes, caracterizando-se como o segundo município mais populoso de Santa Catarina (IBGE, 2014a).

A capital catarinense apresenta alto Índice de Desenvolvimento Humano - 0,847 -, ocupando o terceiro lugar entre 5.565 municípios brasileiros (PNUD, 2013). Isso pode refletir a quantidade expressiva de pessoas com mais de 60 anos residentes nessa cidade (mais de 48.000), a qual representa 11,4% da sua população total. No segmento de idosos Florianopolitanos, a maioria também é do sexo feminino (IBGE, 2014b).

Conforme discorre Araújo (2004), o conhecimento prévio dessas características demográficas pode contribuir para a concretização de políticas e programas destinados à população idosa, bem como para o entendimento da organização daqueles existentes. Ao se reportar à situação de atendimento da população idosa em Florianópolis (SC), a autora destaca o surgimento, por meio de uma articulação dinâmica, de formas de nucleação dos idosos, as quais apresentam denominações próprias como: grupos de idosos, grupos de aposentados, clubes de idosos, etc. Para ela, é possível presumir que essas nucleações tenham como objetivo estimular o convívio, a sociabilidade, a participação social, o exercício da cidadania e a satisfação das necessidades dos idosos.

É nos chamados GCI que muitos idosos escolhem passar algum período do seu dia durante determinados dias da semana (ARAÚJO, 2004). Lopes (2012) aponta que, em um estudo epidemiológico realizado em Florianópolis (SC) no ano de 2009 (EpiFloripa2009), no qual foram investigados 1.705 idosos residentes em domicílios nas diferentes Regiões da cidade, foi constatado que 42,1% dos idosos pesquisados participavam de GCI.

Embasando-se em algumas pesquisas desenvolvidas nesses espaços (ARAÚJO, 2004; ROLLIN, 1998), é possível apresentar informações sobre o processo de criação desses grupos em Florianópolis (SC), contextualizando-os historicamente. Conforme explica Rollin (1998), após a criação do PAI pela equipe técnica do INPS, com o intuito de desenvolver trabalhos com idosos em âmbito nacional, foi realizado em Santa Catarina, no ano de 1975, o 1º. Seminário sobre a realidade do idoso nesse Estado.

Em 1977, a equipe do INPS atuante em Florianópolis (SC) elaborou um projeto específico para atendimento aos idosos por meio de GCI, indiretamente na própria comunidade, o qual foi encaminhado à direção nacional do INPS. O projeto foi aprovado para ser executado durante um ano, por meio do atendimento a cinco grupos localizados no bairro Ribeirão da Ilha, circunscrito na Região Sul de Florianópolis (SC). A escolha por essa localidade foi resultado de trabalhos

comunitários realizados anteriormente naquela Região, nos quais foi observado grande número de pessoas idosas. Esse projeto se configurou como uma experiência pioneira do INPS, nascida sob iniciativa de Santa Catarina, e como o primeiro convênio implantado entre a Prefeitura Municipal de Florianópolis (SC) e GCI. O segundo convênio nesse Estado foi firmado com a Entidade Feminina Içarense, uma instituição não governamental. O convênio também foi destinado ao atendimento de cinco GCI, porém, agora, no município de Içara (ROLLIN, 1998).

Em 1978, foi realizado um programa de capacitação de voluntários, técnicos e dirigentes de entidades para motivar lideranças do Estado em questão, envolvendo entidades governamentais e não governamentais, para atendimento aos idosos. Assim, o projeto que originou os dois primeiros convênios entre prefeituras municipais catarinenses e GCI foi sendo anualmente prorrogado e, em 1980, ficou estabelecido por tempo indeterminado, sendo que convênios similares foram se difundindo pelo país. Em Florianópolis (SC), no ano de 1984, outros bairros da cidade começaram a fundar seus GCI, tais como Barra da Lagoa, Pantanal, entre outros de distintas Regiões (ROLLIN, 1998).

Após reorganizações na estrutura de funcionamento do MPAS, da publicação de novas portarias para melhorar o atendimento aos idosos nacionalmente, da promulgação da Constituição Federal em 1988 e de algumas leis (como a PNI, em 1994, a qual também criou o Conselho Nacional do Idoso), foram sendo fundados Conselhos Estaduais e Municipais correspondentes em todo o país. Esses Conselhos ampliaram as possibilidades de participação dos idosos na elaboração de iniciativas destinadas ao seu atendimento, bem como na criação de novos GCI (ROLLIN, 1998).

Em Santa Catarina, o Conselho Estadual do Idoso foi instituído em 25 de setembro de 1990 por meio da Lei nº. 8.072, com redação modificada pela Lei nº. 8.320 de cinco de setembro de 1991. Trata-se de um órgão de deliberação coletiva, vinculado à Secretaria da Justiça e Administração. Dentre suas competências, destacam-se: a estimulação da mobilização e da organização das comunidades para equacionamento da questão do idoso; e a promoção da integração de instituições que atuem a favor da causa social do idoso (SANTA CATARINA, 1991).

Em Florianópolis (SC), por sua vez, Araújo (2004) expõe que as primeiras iniciativas para a criação do Conselho Municipal do Idoso (CMI) surgiram em 1991 com a formação de uma Comissão Interinstitucional que tinha como objetivo principal discutir assuntos sobre a emergente problemática do idoso, bem como promover ações de integração das instituições que desenvolviam trabalhos na área. Em



1992, estruturou-se a Comissão Municipal do Idoso por meio da realização de reuniões mensais com a participação de profissionais, coordenadores de grupos de idosos organizados, e demais instituições e órgãos representativos da sociedade.

Em um primeiro momento, essa Comissão se preocupou em desencadear ações ligadas às políticas sociais de atendimento ao idoso, tais como o treinamento para dirigentes de instituições asilares e a realização de encontros de dinamizadores de grupos de idosos. A partir de 1994, tornou-se aparente a inquietação da Comissão Municipal do Idoso no sentido de se transformar em CMI. Intensificaram-se os seminários, estudos, discussões e reflexões sobre a legislação e legalização para a sua criação. Durante esse processo, a participação do próprio idoso foi privilegiada, como agente transformador da sua história, capaz de contribuir com a criação de uma política que atendesse às suas necessidades (ARAÚJO, 2004).

Depois de amplas discussões, em 24 de setembro de setembro de 1998 foi homologada, pela Prefeitura, a Lei nº. 5.371, a qual, posteriormente, foi revogada e substituída pela Lei nº. 7.694 de 25 de agosto de 2008, dispendo sobre a PNI, criando o CMI e dando outras providências (ARAÚJO, 2004). Em conformidade com esta Lei, tal Política objetiva proteger, promover e defender os direitos sociais dos idosos, criando condições para sua autonomia, integração e participação na sociedade, regendo-se de acordo com os dispositivos da PNI e do Estatuto do Idoso. A criação do CMI foi fundamental para a expansão dos GCI em Florianópolis (SC), visto que em sua estrutura organizacional e de funcionamento, dentre os 20 membros que o compõem, dois devem ser representantes de GCI da cidade, sendo um da área insular e outro da área continental da cidade (FLORIANÓPOLIS, 2008).

Segundo informações contidas na página do CMI, no site da PMF, atualmente há 65 GCI cadastrados no Conselho (PMF, 2014b). Contudo, a orientação quanto à organização e o suporte para a manutenção dos grupos da cidade ocorrem por meio do Programa de Apoio aos GCI de Florianópolis (SC), o qual está vinculado à Gerência de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (GCFV) da SEMAS/PMF. Em 2001, havia 93 GCI cadastrados na SEMAS, estando distribuídos por 34 bairros das cinco Regiões da cidade (Centro, Norte, Leste, Sul, Continente), envolvendo 3733 participantes (3373 do sexo feminino e 360 do sexo masculino) (MAZO, 2003).

Recentemente, Santos e Marinho (2014) identificaram 108 GCI a partir de um levantamento realizado no banco de dados da SEMAS,

durante o mês de abril de 2014. Após contato telefônico com os coordenadores desses grupos, as autoras constataram 103 grupos ativos e cinco desativados, envolvendo 4.275 participantes, sendo 3.976 do sexo feminino e 299 do sexo masculino. De acordo com o estudo, a Região Central da cidade apresenta a maior quantidade de grupos ativos (31), seguida pela Região Continental (27), Sul (20), Norte (16) e Leste (9). Também no Centro, foi verificada a maior quantidade de homens distribuídos entre os grupos (80), seguido pela Região Sul (76), Continental (55), Leste (47) e Norte (41).

Frente a essas informações, parece haver uma tendência histórica de maior participação feminina nos GCI cadastrados na PMF. Segundo Araújo (2004), que realizou um estudo com coordenadores desses grupos, a predominância de idosas nesses espaços pode estar relacionada às questões de gênero, tendo em vista que os papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres ao longo da vida adulta - especialmente no sentido de o homem ser o chefe da família e provedor de seu sustento, enquanto a mulher é a cuidadora dos filhos e do lar - são invertidos na terceira idade, quando elas passam a ter mais tempo e interesse por buscar atividades extradomésticas, envolver-se em grupos e liderá-los. Nesta fase da vida, ainda de acordo com a autora, os homens, por outro lado, geralmente preferem passar mais tempo em casa, apresentando mais resistência para se envolver com organizações e lideranças.

Relacionando-se a essas questões, pesquisas realizadas em GCI de Florianópolis (SC) sublinham, frequentemente, a partir de observações e de relatos dos participantes, a predominância no oferecimento de atividades que nem sempre atendem aos interesses dos homens, tais como corte e costura, artesanato, dança e ginástica. Outros exemplos de atividades frequentes nesses grupos são: bingos, viagens, palestras e jogos de cartas e dominó (ARAÚJO, 2004; KRUG, 2012; LOPES, 2012; MAIER, 2009; ROLLIN, 1998).

Embora a GCFV/SEMAS/PMF apresente orientações quanto à organização e ofereça suporte aos grupos (PMF, 2014a), sugerindo a realização de palestras educativas e prática de atividades físicas, por exemplo; fornecendo mensalmente um kit lanche (contendo alimentos como café, açúcar, leite, sucos de caixinha, óleo, farinha de trigo, margarina, doce de leite e biscoitos doces e salgados) e, eventualmente, transporte para viagens e materiais para artesanato; os grupos têm autonomia para realizar as atividades de sua preferência, sendo gerenciados pelos próprios idosos.

Quase todos os GCI da cidade se reúnem uma vez na semana, principalmente no período vespertino. Geralmente, funcionam em

centros comunitários, salões paroquiais, clubes e associações. Possuem um coordenador ou presidente que, voluntariamente, e/ou com o apoio de outros idosos membros do grupo, direcionam e desenvolvem as atividades (LOPES, 2012).

Os critérios atuais para cadastramento dos grupos junto a PMF incluem: os integrantes devem residir no município de Florianópolis (SC); o grupo deve ser composto por 95% de pessoas com mais de 60 anos; ser um grupo formado por, no mínimo, 20 idosos; 90% dos participantes devem ser moradores da comunidade ou adjacências; as reuniões devem ocorrer em instalações físicas de caráter público ou comunitário, adequadas para a realização das atividades, semanal ou quinzenalmente; inscrever-se no CMI; estar sujeito aos princípios e objetivos da política de atendimento ao idoso; e organizar a documentação do grupo, como Estatuto do Grupo, Regimento Interno, Livro Caixa, Livro Ata, Lista de Frequência e outros (PMF, 2014a).

Diante das principais características dos GCI de Florianópolis (SC), as quais permitem situá-los social e culturalmente, ratifica-se que, mesmo havendo pesquisas realizadas nesses espaços, os homens participantes ainda são pouco investigados, de modo especial quando se remete ao aprofundamento de questões relativas ao lazer. Torna-se indispensável, conseqüentemente, reportar-se a alguns estudos que, direta ou indiretamente, apresentam constatações importantes sobre a configuração do lazer no contexto de GCI.

### **2.2.3 GCI como espaços de lazer**

Os GCI se apresentam como as possibilidades mais frequentes de atendimento aos idosos no âmbito do lazer (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010), podendo, na maioria das vezes, serem considerados propriamente como grupos de lazer (MARCELLINO, 1996). Isso ocorre porque, basicamente, as principais atividades desenvolvidas, para além de contribuírem com a integração social, com a convivência e com a participação comunitária, acabam atendendo a determinados interesses culturais do lazer, conforme elucidam os resultados de alguns estudos desenvolvidos nesses espaços, os quais serão apresentados a seguir.

Na pesquisa de Borini (2002) sobre as representações sociais acerca da participação em atividades no lazer de idosos frequentadores de um GCI do município de Valinhos (SP), as vivências oportunizadas pelo grupo foram vistas como um meio para que fosse possível a sociabilidade entre os idosos, preenchendo o “vazio” da terceira idade com atividades praticadas juntamente com outras pessoas. Além disso, a

participação nas atividades oferecidas contribuiu para que esses indivíduos se sentissem mais felizes e saudáveis, representando um efeito terapêutico para as doenças características da idade. As vivências disponibilizadas (atividades físicas diversas, passeios, bailes, teatros, coral, palestras, festas, bingos, dentre outras) são ministradas por diferentes profissionais, havendo uma coordenação técnica e administrativa por um assistente social, sendo que os idosos não costumam participar do processo de planejamento. Diante disso, a autora questiona o quanto o exercício da cidadania e a possibilidade de autonomia (objetivos de muitos programas da terceira idade) estão sendo efetivamente oportunizados aos idosos, sugerindo a realização de outros estudos, dispostos a identificar e discutir as finalidades desses grupos.

Brod (2004), por sua vez, ao investigar as políticas públicas de lazer voltadas a idosos de 37 municípios da Região do Vale do Taquari (RS), observou que os GCI e os bailes organizados por esses grupos constituem as principais atividades no lazer dos participantes. No espaço dos GCI, a autora aponta ser frequente a realização de atividades espirituais, manuais (como crochê, cerâmica, pintura em pano, culinária, etc.), palestras, teatro, atividades físicas e recreativas (como alongamento, ginástica, dança, caminhada e dinâmicas de grupo), coral, momento do lanche, jogos de mesa e eventos festivos. Na visão de Brod (2004), tais atividades são consideradas importantes para atender às necessidades individuais e coletivas dos idosos, porém, a autora reconhece que, enquanto para alguns as vivências podem se configurar como lazer, para outros, não. Os poucos homens que participam dos grupos, por exemplo, geralmente desenvolvem apenas atividades que apresentam mais afinidade, como confecções de cestas, chapéus de palha e peças com jornais. Alguns deles ainda consideram determinados GCI da Região como “coisa de mulher”, haja vista a presença exclusiva delas.

Também, a partir dos depoimentos dos idosos investigados por Brod (2004), foi constatado que eles percebem o lazer especialmente quando vivenciam os bailes, associando o fenômeno a um passatempo, uma distração, uma possibilidade de sair da rotina para se divertir. Ademais, a autora identificou que a maioria dos GCI é coordenada por assistentes sociais do sexo feminino (principalmente) e por equipes de trabalhos formadas por profissionais de diferentes áreas, funcionários da Prefeitura. Entretanto, também existem grupos nos quais os próprios idosos formam a diretoria, independentemente da Prefeitura. Nestes casos, há mais autonomia na organização das atividades no lazer,

contudo, a autora percebeu uma necessidade de estimular princípios de liderança entre os idosos, pois, conforme relatos das coordenadoras, são poucos os participantes que querem ou se sentem motivados para presidir esses GCI.

Ao pesquisar 14 idosos participantes de alguns GCI vinculados ao SESC, em Florianópolis (SC), embora não objetivasse discutir diretamente o lazer, Maier (2009) observou que eles se interessam pela participação nesses grupos em virtude das palestras, teatros, danças, oficinas, entre outras atividades oferecidas, ou seja, por suas possibilidades de vivenciar o lazer. Essas atividades são vistas pelos idosos como propulsoras do conhecimento, do exercício corporal e do bem-estar físico e mental, além de se constituírem em alternativas de descontração sem compromissos. Apesar de os investigados ressaltarem sua satisfação com as vivências oportunizadas nos grupos, sugeriram a inclusão de novas possibilidades, tais como aulas de canto, jogos em geral, leituras e palavras cruzadas, indicando que há outras atividades que lhes interessam para além daquelas corriqueiramente desenvolvidas nesses espaços. Considerando que as atividades são definidas pela instituição, a autora entende que o planejamento deveria ser efetuado coletivamente com os idosos para haver participação democrática nas escolhas, atendendo aos seus interesses e às suas necessidades.

Também em Florianópolis (SC), Araújo (2004), ao analisar a contribuição dos coordenadores (todas do sexo feminino) de 13 GCI como facilitadores da construção da cidadania dos idosos, identificou um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que a luta pela cidadania é vivida pela participação em grupos, o próprio coordenador idoso impõe, por traços de autoritarismo, um limite ao exercício da cidadania do outro, reproduzindo-se pela coordenação desde a fundação do grupo e por certo grau de imposição nas atividades a serem desenvolvidas. As principais vivências são: passeios e viagens, bingos e trabalhos manuais. Em alguns grupos também são realizadas palestras, visitas a asilos, ginástica, dança, celebração de datas festivo-comemorativas e participação em espaços públicos (conselhos municipais, seminários, congressos, etc.). Nesta última possibilidade, a autora considerou mais evidente a contribuição para a construção da cidadania, tendo em vista a abertura para a participação político-social, muitas vezes limitada dentro dos próprios grupos, o que, por sua vez, também implica no descontentamento apontado por alguns idosos com determinadas atividades.

Kist (2011), por fim, analisou 12 GCI de Porto Alegre (RS) para entender como a participação de homens e mulheres em grupos de

idosos pode contribuir para a garantia de seus direitos e de sua autonomia. Embora a autora tenha verificado que a participação nesses espaços coletivos possibilitou vários benefícios aos participantes, traduzidos na oportunidade de uma vida de relação, de amizade, de companheirismo, de solidariedade e de pertencimento, também identificou que as mulheres buscam esses espaços para vivenciar o lazer com maior motivação que os homens, destacando-se a busca por relacionamentos com outras pessoas da mesma idade e a atenuação da solidão. Os poucos homens participantes se envolvem com menos atividades, estabelecendo relações superficiais com os outros integrantes, em especial, por meio de jogos de cartas.

A autora também observou que o nível de participação e a procura por determinadas atividades oferecidas nos grupos estão relacionados ao grau de independência do idoso e à sua idade, pois as atividades mais dinâmicas geralmente são preferidas pelas pessoas mais jovens, enquanto aquelas que requerem um nível mais lento de movimento são procuradas por pessoas de idade mais avançada. Ela ainda considera que o trabalho realizado por diversos profissionais contribui para a participação dos idosos em processos sociais que viabilizam sua autonomia e seu reconhecimento como pessoas de direitos (KIST, 2011). Todavia, as diferenças entre homens e mulheres idosos, constatadas pela autora, em termos de interesse e motivação para participação nas atividades oferecidas, indicam a necessidade de reflexão sobre os objetivos dos GCI, suas possibilidades efetivas de participação social, exercício da autonomia e da cidadania, e de fruição do direito ao lazer em ambos os sexos.

A despeito da existência de poucos estudos que apresentam considerações sobre o lazer no contexto de GCI (em comparação à quantidade considerável daqueles que discutem outras questões nesses espaços), os trabalhos que expõem dados sobre o assunto, tais quais os supracitados, podem oferecer indicativos importantes para novas reflexões e aprofundamentos acerca do lazer na terceira idade, instigando investigações inovadoras. Ponderando as pesquisas exemplificadas, nota-se que a maioria aborda a temática do lazer indiretamente, tendo como foco outros aspectos característicos dos GCI. Quase sempre, a menção ao lazer é feita em uma perspectiva mais idealista do que concreta, revelando possibilidades de benefícios aos idosos a partir das atividades propostas, mas que, em determinadas situações, contradizem a realidade desses espaços.

Nessa direção, é possível perceber, também, uma tendência de compreensão funcionalista do lazer nos GCI analisados pelos estudos

mencionados, especialmente no sentido de reduzir o fenômeno à função de ocupação do tempo dos idosos, afastando-os das tensões cotidianas por meio da prática de atividades que proporcionam, essencialmente, distração e diversão, ou configurando-se como um remédio para problemas físicos e sociais. Não que as possibilidades de diversão ou entretenimento sejam inválidas no lazer. Ao contrário, são alternativas que geralmente caracterizam a escolha das pessoas (MARCELLINO, 1996).

No entanto, conforme discorrem Gomes, Pinheiro e Lacerda (2010), em busca de proporcionar satisfação, mas também novas formas de aprendizado, desenvolvimento pessoal e social, e a efetiva inserção social dos idosos, não basta simplesmente ocupar o tempo “livre” desses indivíduos com atividades divertidas. Torna-se necessária a inclusão de vivências no lazer condizentes com a realidade, as necessidades e os interesses dos idosos, colaborando para ressignificar construtivamente suas vidas (e não para encarar o lazer como solução de todos os males, que ele não é). Nesse sentido, parece ser fundamental a elaboração das atividades coletivamente com os idosos.

Ainda no que se refere aos resultados dos estudos exemplificados, é possível notar que as pessoas designadas a coordenarem esses grupos parecem ter um papel fundamental na (não)participação dos idosos, especialmente considerando os processos de escolha e de planejamento das atividades. Marcellino (1996) alerta que, dependendo da estrutura de organização e funcionamento dos grupos de idosos, há riscos de aumento da segregação ou da mera ocupação do tempo dessas pessoas com papéis artificiais.

Na discussão desses papéis, torna-se relevante retomar as discussões de Goellner et al. (2009), visto que os autores consideram que, no plano cultural, a participação em atividades no lazer perpassa por determinados estereótipos que rotulam certas vivências e espaços como femininos ou masculinos, a exemplo dos próprios GCI, muitas vezes percebidos como grupos de mulheres. Complementando essas discussões, Araújo (2004) discorre que as relações hierárquicas estabelecidas nos GCI podem limitar o exercício da cidadania e da autonomia dos idosos, mas, também, podem revelar certo comodismo por parte dos integrantes, expresso pelo pouco interesse em se envolver com as decisões e com as atividades de coordenação.

Portanto, parece que há muito a ser feito para que a terceira idade possa vivenciar o lazer, sendo que, para isso, os próprios idosos têm que ser estimulados a se organizarem e reivindicarem seus direitos (MARCELLINO, 1996). Para contribuir com mudanças nesse cenário,

possibilitando que o lazer seja percebido na dimensão cultural da qual faz parte e estabelece relações com as obrigações, necessidades e demais esferas da vida humana, salienta-se que existem diferentes propostas de intervenção pedagógica no lazer. Destaca-se, aqui, a animação cultural, entendida como processo de atuação tendo a cultura como preocupação central e as linguagens como principais ferramentas (MELO, 2004a; MELO; ALVES JÚNIOR, 2012).

Desde já, deve-se esclarecer que não é propósito deste estudo propor diretamente uma alternativa pedagógica considerada ideal para aplicação em GCI, até mesmo porque qualquer proposta, como tal, possui potencialidades e fragilidades. O intuito de apresentação dos pressupostos teóricos da animação cultural vislumbra oportunizar um embasamento estimulador de discussões sobre o lazer em diferentes contextos, incluindo os GCI, em especial no que se refere aos aspectos envolvendo os conteúdos culturais do lazer desenvolvidos e o processo de planejamento e organização das atividades.

Com base em Gomez (1997), Melo (2004a) e Melo e Alves Júnior (2012) apresentam um sistema classificatório da intervenção no lazer por meio da animação cultural, o qual se constitui a partir de três perspectivas: 1) *tecnológica*, na qual o animador cultural<sup>6</sup> é o único responsável pela elaboração das ações, sem solicitar a participação dos envolvidos, repercutindo em poucas chances de superação da ordem social; 2) *interpretativa*, em que as necessidades do grupo são interpretadas pelo animador e um conjunto de atividades é oferecido, mas as pessoas são convidadas para participar somente do processo de reflexão a partir das experiências vividas, portanto, contribui modestamente para a construção de um novo modelo de sociedade; e 3) *dialética*, que está baseada na ideia de construção de uma democracia

---

<sup>6</sup> Na denominação da proposta da *animação cultural*, a expressão é composta a partir da palavra latina *anima*, a qual significa *alma* na língua portuguesa. Nesse sentido, é possível concordar com Melo e Alves Júnior (2012) que a designação mais adequada para explicitar os desafios e a natureza do conhecimento e da intervenção do profissional de lazer que atuará sob esse prisma é *animador cultural*. Outros termos são utilizados na literatura, até mesmo com maior frequência, para nomear o profissional de lazer (tais como recreador, agente cultural, professor, etc.), mas nenhum deles parece definir com maior precisão o que é esperado ser seu principal compromisso político-pedagógico: educação para e pelo lazer, a partir de uma perspectiva absoluta de mediação. Alguns estudiosos preferem o termo *animador sociocultural*, mas, em geral, este é utilizado com sentido semelhante ao *animador cultural*, termo este eleito no presente estudo.



cultural, considerando fundamental gerar movimentos comunitários. Nesta abordagem, a programação não é imposta, nem há apenas um convite para as pessoas participarem da reflexão. Sua finalidade é gerar propostas conjuntamente com o público, embasando-se em estratégias de mediação para ampliar o grau de compreensão e de vivências culturais do grupo, tendo, assim, grande potencial para a transformação da sociedade.

Essa proposta de intervenção também inclui um processo fundamental de educação das sensibilidades - ou, de educação do sensível, proposição de Duarte Júnior (2000), que aparentemente se equivale a tal processo. Trata-se, fundamentalmente, de uma educação dos sentidos perante os diferentes estímulos que a realidade do mundo contemporâneo oferece aos seres humanos, atuando em um nível de simbolização estética que não pretende ser meramente normativa ou se limitar à arte e à beleza. O intuito é estimular a procura e a descoberta do novo por meio do desenvolvimento de outros olhares, da percepção de outras formas, expressões e de variados fatores consoantes à realidade da vida diária (DUARTE JÚNIOR, 2000; MELO, 2002a, 2004a; MELO; ALVES JÚNIOR, 2012).

É possível entender esse processo, também, pela designação de *educação estética*, não no sentido restrito da palavra *estética* como “percepção do belo”, mas no seu entendimento ampliado, etimológico, como a faculdade de sentir em comum, de experimentar, e também de se reconhecer, em um todo integrado, conforme abordado nos escritos de Maffesoli (1998, 2005, 2010). Logo, esse processo pretende contribuir para que as pessoas desenvolvam a capacidade de julgamento e crítica, transformando a existência cotidiana por meio do acréscimo do princípio de liberdade e escolha, a partir do enriquecimento das sensibilidades durante suas experiências (DUARTE JÚNIOR, 2000; MELO, 2002a, 2004a; MELO; ALVES JÚNIOR, 2012). Aproximando-se do pensamento de Bondía (2002) sobre outra forma de conceber a educação, poder-se-ia dizer que se trata de um processo mais existencial (sem ser existencialista) e mais estético (sem ser esteticista), concretizado a partir do par experiência/sentido.

Nesse percurso de educação das sensibilidades, incluído na proposta interventiva da animação cultural, os desafios impostos ao animador estão em difundir as manifestações da “cultura erudita” (ligada principalmente às classes dominantes, sendo observado o estabelecimento de padrões estéticos) possibilitando a todos a descoberta de novas linguagens; lidar criteriosamente com os elementos da “cultura de massas” (de fácil acesso, denotada de caráter comercial,

com qualidade discutível e menos elaborada do ponto de vista estético), no sentido de contestar sua forma de ação; e contribuir para a recuperação e expansão dos elementos da “cultura popular” (produção local, relacionada a uma determinada tradição, circunscrita a um pequeno espaço)<sup>7</sup> (MELO, 2004a; MELO; ALVES JÚNIOR, 2012).

A tentativa de superação desses desafios, na proposta pedagógica em questão, deve, portanto, basear-se em uma ideia radical de mediação, nunca de imposição. Se essa não é a única possibilidade de intervenção no âmbito do lazer, tem sido frequentemente abordada por estudiosos do assunto (MELO, 2004a; MELO; ALVES JÚNIOR, 2012), mostrando-se como uma alternativa fértil para as reflexões envolvendo GCI.

---

<sup>7</sup> É pertinente apontar que esses supostos “níveis culturais” não são entendidos de forma estática, mas, sim, como profundamente inter-relacionados e com fronteiras bem pouco precisas hodiernamente. Por isso, foram descritos entre aspas.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Esta investigação se caracteriza como descritiva exploratória, com abordagem qualitativa das informações. A pesquisa descritiva, segundo Gil (2008), tem como finalidade a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou ainda o estabelecimento de relações entre variáveis. A pesquisa exploratória, por sua vez, de acordo com o mesmo autor, é desenvolvida com o objetivo de proporcionar uma visão geral acerca de determinado contexto, desenvolvendo, esclarecendo ou modificando conceitos e ideias sobre ele.

Conforme apontam Marconi e Lakatos (2007), é comum a combinação das pesquisas descritiva e exploratória a fim de detalhar ao máximo determinado fenômeno. Para tanto, dá-se procedência ao caráter representativo sistemático, aplicando-se técnicas flexíveis de amostragem e descrição de informações acumuladas, geralmente, a partir de entrevistas e observações.

No que concerne à abordagem qualitativa, Minayo (2012a, 2013) explica que o universo da produção humana, o qual pode se resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade, é objeto da pesquisa qualitativa e dificilmente pode ser expresso por números e indicadores quantitativos. Ao se aprofundar nos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, a abordagem qualitativa se ajusta melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados. Gaskell (2013) enfatiza que a finalidade de uma abordagem qualitativa não é contar opiniões ou pessoas. Seu propósito é voltado para a exploração do espectro de opiniões e para as diferentes e semelhantes representações acerca de um assunto em estudo.

#### 3.2 CONTEXTOS DA INVESTIGAÇÃO

Constituíram os contextos desta investigação cinco GCI cadastrados na GCFV/SEMAS/PMF, sendo um grupo de cada Região de Florianópolis (SC): Centro, Continente, Sul, Norte e Leste. Foi adotado intencionalmente este critério de escolha dos GCI com o intuito de haver representação dos grupos em estudo em todas as Regiões da cidade. Os cinco GCI que integraram este estudo foram selecionados por apresentarem maior proporção de participantes do sexo masculino em comparação aos demais grupos localizados em uma mesma Região.

Em 2014, havia 103 GCI em funcionamento cadastrados na PMF (31 no Centro, 27 no Continente, 20 no Sul, 16 no Norte, e nove no Leste da cidade), envolvendo 4.275 participantes, sendo 3.796 do sexo feminino e 299 do sexo masculino. Em todos os grupos, há proporção significativamente menor de participantes do sexo masculino do que do sexo feminino (SANTOS; MARINHO, 2014). Na Tabela 1 (disponível no Apêndice A devido a sua extensão) é possível visualizar a quantidade total de participantes, bem como a quantidade e a proporção por sexo em cada grupo, obtidas por meio de um trabalho de levantamento realizado pela pesquisadora deste estudo durante o mês de abril de 2014. O nome de cada grupo foi substituído por um número com o intuito de resguardar a identidade desses espaços.

Portanto, conforme critério de seleção estabelecido (GCI com maior proporção de homens em cada Região de Florianópolis - SC), no Centro, foi selecionado o GCI 18, localizado no bairro José Mendes, com 11 homens (45,8%); na Região Norte, o GCI 36, do bairro Ratores, com oito homens (16,7%); na Região Sul, no bairro Tapera, o GCI 63, com nove homens (16,1%); no Continente, o GCI 94, do bairro Capoeiras, com 11 homens (40,7%); e, na Região Leste, dois grupos (dos bairros Barra da Lagoa e Córrego Grande) apresentaram proporções iguais de homens (17,9%) e mulheres (82,1%), sendo o GCI 71, da Barra da Lagoa, com sete homens (17,9%), selecionado por meio de um sorteio. A seguir, é possível observar, na Tabela 2, a quantidade total de participantes nesses cinco grupos, bem como as proporções com relação aos sexos.

**Tabela 2** - Quantidade e proporção de homens e mulheres participantes dos cinco GCI selecionados.

GCI	BAIRRO / REGIÃO	Participantes (f)	Homens		Mulheres	
			(f)	(%)	(f)	(%)
18	José Mendes / Centro	24	11	45,8	13	54,2
36	Ratores / Norte	48	8	16,7	40	83,3
63	Tapera / Sul	56	9	16,1	47	83,9
71	Barra da Lagoa / Leste	39	7	17,9	32	82,1
94	Capoeiras / Continente	27	11	40,7	16	59,3
	TOTAL	194	46	23,7	148	76,3

**Fonte:** autoria própria (2014). f: frequência; %: percentual.

Ainda no que se refere ao trabalho de levantamento que permitiu a seleção dos grupos a serem investigados nesta pesquisa, é relevante informar que há rotatividade na participação de idosos em GCI cadastrados na PMF, bem como alguns membros integram mais de um grupo. Estes integrantes não foram discriminados por não haver registros de frequência em todos os grupos, porém, nos cinco GCI eleitos para esta pesquisa não foram identificados idosos que frequentem mais do que um dos espaços investigados. Além disso, a quantidade total de GCI pode variar ao longo do ano, visto que o cadastro junto à Prefeitura pode ser realizado ou cancelado a qualquer momento. Diante disso, os cinco GCI que compuseram os contextos investigativos deste trabalho foram selecionados com base nas informações levantadas em abril de 2014.

Embora não se tenha a intenção de comparar os cinco grupos pesquisados, considera-se importante apresentar, neste momento, as principais características de cada um deles (obtidas por meio do trabalho de campo realizado pela pesquisadora, especialmente a partir das entrevistas realizadas no período de coleta de dados) para a melhor compreensão das realidades estudadas. Tais realidades, com suas peculiaridades, diferenças e semelhanças, possibilitaram a investigação mais ampla dos GCI em estudo como possíveis espaços de lazer para homens idosos, conforme será discutido no capítulo vindouro.

Os grupos pesquisados foram criados na década de 1990, tendo quase 20 anos de existência, com exceção do GCI 71 (Leste), o qual foi fundado em 2005. Os GCI 18 (Centro) e GCI 94 (Continente) são formados exclusivamente por casais e foram criados com auxílio de instituições privadas. O primeiro foi idealizado por iniciativa de uma fundação voltada ao atendimento de bancários aposentados, recebendo apoio financeiro e visitas periódicas de uma assistente social dessa fundação até os dias atuais. O segundo foi criado no SESC, mas há alguns anos se desvinculou dessa instituição, após uma divisão entre os membros do grupo. Todos os grupos recebem apoio da PMF, destacando-se o fornecimento mensal de um kit lanche.

Os encontros ocorrem semanalmente em quatro grupos (segundas-feiras no Grupo 18 - Centro; quintas nos GCI 36 - Norte e GCI 63 - Sul; e sextas no GCI 71 - Leste) e quinzenalmente (terças-feiras) no GCI 94 (Continente). Os locais das reuniões incluem: salões de igrejas (GCI 63 - Sul e GCI 71 - Leste); centro comunitário (GCI 94 - Continente); sede própria (GCI 36 - Norte); e associação de servidores bancários (GCI 18 - Centro). As atividades iniciam nos meses de

fevereiro ou março, estendendo-se até dezembro, sem interrupções ao longo do ano.

Os GCI 36 (Norte), GCI 63 (Sul) e GCI 71 (Leste) se reúnem exclusivamente no período vespertino, das 14h até aproximadamente 17h, tendo como principais atividades no lazer jogos de bingo e lanches coletivos. Nos dois últimos eventualmente são realizadas festas com danças e almoços, jogos de dominó e confecção de bordados. Particularmente no GCI 71 (Leste), também são produzidas redes de pesca.

O GCI 18 (Centro) também inicia seus encontros a partir das 14h, mas, neste caso, podem durar até 22h; e o GCI 94 (Continente) se reúne das 10h até aproximadamente 16h ou 17h. No primeiro grupo, destacam-se, como principais atividades no lazer, a realização de jogos de cartas e dominó; leituras de jornais, revistas e livros; atividades manuais como bordados e crochê; assistir programas televisivos; e lanche. No GCI 94, por sua vez, embora os jogos de bingo e de dominó e o lanche constituam as atividades predominantemente desenvolvidas durante a tarde, há a particularidade de o período matutino ser ocupado com uma reunião entre os membros (para discussão das viagens; informações sobre convites destinados ao grupo, recebidos pelo coordenador; conhecimento dos atuais recursos financeiros do grupo e dos registros dos encontros em ata; realização de um “momento literário”; canto do hino do grupo; orações) e de almoços realizados no próprio local de encontro, preparado por dois casais a cada reunião.

Nos cinco grupos, são realizadas atividades turísticas como passeios e viagens. Essas atividades são custeadas principalmente com mensalidades pagas pelos idosos. Ademais, com exceção do GCI 18 (Centro), os bingos e as rifas realizados servem também como meio de arrecadação de recursos para viabilizar os passeios. No GCI 94 (Continente), os integrantes pagam pelos almoços com a mesma finalidade. Aponta-se, ainda, que especificamente nos GCI 63 (Sul) e GCI 71 (Leste), os valores arrecadados com as atividades mencionadas também são destinados à compra de materiais para a realização de trabalhos manuais como bordados, crochê, tricô e tarrafas (estas últimas especificamente no GCI 71), os quais geralmente são efetuados em casa pelos integrantes do grupo ou durante alguns momentos dos encontros. Os trabalhos produzidos são disponibilizados como brindes dos bingos e das rifas.

A diretoria é formada pelos próprios integrantes dos grupos, não havendo profissionais de qualquer área conduzindo as atividades no lazer. Em todos, há ao menos um coordenador, um vice-coordenador,

um tesoureiro e um secretário. Nos GCI 18 (Centro) e GCI 94 (Continente), há renovação dos representantes a cada dois anos por meio de votação entre pessoas interessadas em integrar a direção. Nos demais grupos, embora haja eleições periódicas, os membros da diretoria se mantêm os mesmos por muitos anos. Todavia, o GCI 36 (Norte), após ter sido liderado por determinada idosa durante aproximadamente nove anos, teve sua diretoria renovada em 2014.

Excetuando-se o GCI 71 (Leste), há homens e mulheres desempenhando alguma função na direção dos grupos. Contudo, a maioria dos cargos é ocupada por mulheres nos GCI 36 (Norte) e GCI 63 (Sul), havendo representantes do sexo masculino apenas nas funções de vice-coordenador e de tesoureiro, respectivamente. Nos GCI 18 (Centro) e GCI 94 (Continente), os cargos são ocupados pela mesma quantidade de homens e mulheres, mas a coordenação é exercida por integrantes do sexo masculino.

Novos membros podem ingressar há qualquer momento nos GCI 18 (Centro), GCI 94 (Continente) e GCI 36 (Norte). No entanto, no primeiro, a preferência é por casais em que o homem e/ou a mulher tenha se aposentado como bancário e serão aceitos novos integrantes até atingir o limite de 30 participantes, uma vez que, atualmente, há 24 membros ao total (entre homens e mulheres), conforme pôde ser observado na Tabela 2, apresentada anteriormente. No segundo, a prioridade também é de casais e há um período de adaptação de três meses até que o casal seja efetivado como membro do grupo. Este grupo é formado por 27 integrantes (considerando ambos os sexos). No GCI 36 (Norte), há 48 sócios (denominação dada aos membros neste grupo). Nos GCI 71 (Leste) e GCI 63 (Sul), são abertas novas vagas no início de cada ano, mas, geralmente, há listas de espera, pois estes grupos não têm interesse em aumentar muito mais a quantidade de seus membros totais (tem 39 e 56 integrantes, respectivamente), pois dificultaria a realização dos passeios e viagens, especialmente a viabilização do transporte.

Mesmo que todos os grupos sejam destinados a idosos, há alguns participantes com menos de 60 anos de idade. No caso dos GCI 63 (Sul), GCI 71 (Leste) e GCI 36 (Norte), os integrantes com idades inferiores a essa desempenham basicamente a função de voluntários, auxiliando nas atividades do grupo. Entretanto, em algumas situações, também ocupam cargos na diretoria, como no caso da coordenadora do GCI 36, designada por ela mesma como uma coordenadora voluntária justamente por ter 54 anos. Nos GCI 18 (Centro) e GCI 94 (Continente), por sua vez, os participantes com menos de 60 anos de idade integram estes espaços na mesma condição dos membros com 60 anos ou mais.

### 3.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Com o propósito de ouvir a maior quantidade de homens nos cinco GCI selecionados, foram convidados a participar da pesquisa todos os idosos do sexo masculino que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: ter 60 anos ou mais de idade (permitindo caracterizá-los como idosos do ponto de vista legal, nos países em desenvolvimento, tal qual o Brasil, conforme a OMS); integrar um dos grupos há, pelo menos, um mês; e estar frequentando os encontros do grupo no período de coleta de dados. Foi estabelecido como critério de exclusão do estudo: idosos com deficiências intelectuais ou problemas de saúde que impossibilitassem a participação nas entrevistas. Atenderam aos critérios de inclusão 38 homens idosos, sendo que todos aceitaram participar voluntariamente da investigação. A Tabela 3, apresentada a seguir, retrata a quantidade de indivíduos do sexo masculino integrantes de cada GCI em estudo e a quantidade daqueles que participaram efetivamente desta pesquisa.

**Tabela 3** - Quantidades de indivíduos do sexo masculino integrantes dos cinco GCI em estudo e de indivíduos do sexo masculino participantes da pesquisa.

Homens/GCI	GCI 18 (Centro)	GCI 36 (Norte)	GCI 63 (Sul)	GCI 71 (Leste)	GCI 94 (Continente)	Total
Integrantes do GCI	11	8	9	7	11	46
Participantes da pesquisa	10	6	8	5	9	38

**Fonte:** autoria própria (2014).

No GCI 18 (Centro), o homem que não participou desta pesquisa não estava frequentando regularmente os encontros do grupo durante o período de coleta de dados. O mesmo ocorreu com os dois homens do GCI 71 (Leste) que não integraram este estudo. Por sua vez, no GCI 63 (Sul), um homem foi excluído desta pesquisa por apresentar deficiência intelectual limitadora de participação na entrevista. Da mesma forma, um homem do GCI (94) Continente foi desconsiderado para este estudo por apresentar dificuldades na fala e dependência de equipamento eletrônico para respirar, fatos que impossibilitariam com que ele fosse entrevistado. Neste mesmo grupo, outro homem não atendeu ao critério de inclusão referente à necessidade de ter, no mínimo, 60 anos de idade para participar da pesquisa. Tal critério também não foi atendido por um homem do GCI 36 (Norte). Neste último grupo, por fim, o outro homem



não integrante deste estudo estava frequentando aquele espaço há apenas duas semanas, não atendendo, assim, a um dos critérios de inclusão estabelecido.

Além dos homens integrantes dos grupos, também foram convidados a participar desta pesquisa o coordenador de cada GCI, independentemente do sexo e da idade, mas com tempo mínimo de um mês desempenhando atividades na direção. Nos GCI 18 (Centro) e GCI 94 (Continente), pelo fato de a coordenação ser exercida por um integrante do sexo masculino, estes idosos participaram da pesquisa tanto como coordenadores, quanto como homens integrantes do grupo, respondendo a duas entrevistas diferentes. Os demais homens que, porventura, também integrassem a diretoria do grupo, desempenhando a função de vice-coordenador ou de tesoureiro, por exemplo, participaram da investigação apenas por meio da entrevista destinada aos homens membros do grupo em geral.

No GCI 71 (Leste), devido à indisponibilidade da coordenadora e da vice-coordenadora, por motivo de doença e de viagem durante determinado período do trabalho de campo, respectivamente, outra integrante da diretoria, que desempenha a função de secretária, foi convidada para participar do estudo representando a coordenação. Nos GCI 36 (Norte) e GCI 63 (Sul), as coordenadoras aceitaram integrar esta pesquisa. Sendo assim, ao total, participaram do estudo 41 pessoas, sendo três do sexo feminino (duas coordenadoras e uma secretária) e 38 do sexo masculino (sendo dois deles coordenadores e também integrantes de determinado grupo).

Para maior compreensão das características dos investigados, retratando o seu perfil, antecipam-se, nesta seção, informações obtidas por meio das entrevistas realizadas, referentes à idade, ao estado civil, ao bairro onde mora, à escolaridade e à profissão. A média de idade de todos os participantes do estudo é de  $71 \pm 7,6$  anos, sendo que a pessoa mais nova tem 54 anos (coordenadora do GCI 36 - Norte, única participante da pesquisa com menos de 60 anos de idade) e a mais velha 90 anos (homem integrante do GCI 36 - Norte). A menor média absoluta de idade, considerando-se todos os participantes do estudo em cada grupo, foi encontrada no GCI 18 (Centro):  $67,5 \pm 4,2$  anos; enquanto a maior foi verificada no GCI 94 (Continente):  $75,3 \pm 7,3$  anos. Os investigados do GCI 63 (Sul) apresentaram média de idade de  $72,9 \pm 6,6$  anos; no GCI 36 (Norte), a média foi de  $70,9 \pm 12,5$  anos; e, no GCI 71 (Leste), os participantes apresentaram  $67,7 \pm 4,5$  anos como média de idade.

A maioria dos participantes da pesquisa é casada ou está em uma união estável: as três investigadas do sexo feminino investigadas e 32 homens idosos, dentre os 38 pesquisados. Um homem é divorciado (integrante do GCI 94 - Continente) e cinco são viúvos, sendo dois do GCI 63 (Sul) e um dos GCI 36 (Norte), GCI 71 (Leste) e GCI 94 (Continente).

A maior parte dos investigados reside em algum bairro que compõe a mesma Região do grupo que frequenta. Entretanto, no GCI 36 (Norte), há um homem que mora em um bairro da Região Continental de Florianópolis (SC) e, no GCI 71 (Leste), um que mora na Região Sul. Por outro lado, especialmente no GCI 18 (Centro), há somente dois homens que moram nesta Região. Os demais participantes da pesquisa, integrantes deste grupo, residem em cidades vizinhas que integram a Grande Florianópolis (SC), como Biguaçu e Palhoça (2); e em bairros da cidade nas Regiões Leste (2), Continental (2), Norte (1) e Sul (1).

Sobre a escolaridade, 18 participantes do estudo têm ensino fundamental incompleto, sendo que entre eles, 12 tiveram de um a quatro anos de estudo. Três indivíduos completaram o ensino fundamental e dez o ensino médio. Ainda, um cursou este último, mas não o finalizou. Oito investigados (todos do sexo masculino) têm ensino superior, sendo que três deles integram o GCI 94 (Continente) e cinco o GCI 18 (Centro). Há, ainda, um idoso não frequentou a escola.

Com exceção da secretária do GCI 71 (Leste), que atua profissionalmente como Agente de Saúde, todos os participantes do estudo são aposentados. A coordenadora do GCI 36 (Norte) se aposentou como auxiliar de serviços gerais, enquanto a coordenadora do GCI 63 (Sul) se dedicou (e ainda se dedica) ao lar. No caso dos homens investigados as ocupações laborais antes da aposentadoria se mostraram bastante diversificadas, porém, similares dentro de alguns grupos.

No GCI 18 (Centro), até mesmo pelos aspectos singulares de sua idealização e formação, todos os participantes foram bancários (excetuando-se um que foi Analista Judiciário, convidado pelo coordenador para integrar o grupo). Um homem também atuou profissionalmente como pescador antes de se tornar bancário; e outro, embora esteja aposentado, atua com serviços envolvendo corridas de “kart”.

No GCI 71 (Leste), todos os homens foram pescadores, sendo que dois ainda se ocupam da pesca para complementar a renda obtida pela aposentadoria. Um deles, conquanto tenha atuado como pescador a maior parte da vida, aposentou-se como funcionário público municipal,

quando atuava como servente de uma escola do bairro em que mora; e outro, também atuou como cozinheiro de restaurantes.

No GCI 63 (Sul), os homens idosos trabalharam como pedreiro (3), motorista abastecedor da aviação, motorista de automóveis, mecânico eletricitista, carpinteiro ou funcionário público. O idoso que foi motorista de automóveis trabalha eventualmente com a mesma atividade.

Por fim, nos GCI 94 (Continente) e GCI 36 (Norte), identificou-se maior variedade de profissões. No primeiro, encontraram-se funcionários públicos (2), mecânicos de automóveis (2), contador, farmacêutico e bioquímico, motorista, professor de primeira à quarta série e militar (integrante da banda da polícia). Dois desses homens também atuaram por curtos períodos de tempo como jogadores de futebol. No segundo grupo, detectaram-se bombeiro, policial militar, pedreiro, pescador e padeiro, representante de firma e um idoso que afirmou ter tido várias profissões, como servente, operador de máquina, jardineiro e padeiro, sendo que este homem, mesmo aposentado, ainda trabalha, agora com serviços gerais.

Por fim, é pertinente mencionar que os investigados também foram questionados sobre seu rendimento mensal aproximado. Contudo, os dados obtidos não foram apresentados, pois muitos solicitaram que essas informações fossem mantidas em sigilo ou, até mesmo, recusaram-se a falar a respeito.

### 3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES

Os dados desta pesquisa foram obtidos por meio da combinação de entrevistas e observações, valorizando os idosos em sua individualidade, a partir de suas falas singulares, mas também em sua coletividade, manifestada nas reuniões dessas pessoas como grupos. De acordo com Minayo (2012b), as entrevistas podem ser consideradas uma técnica privilegiada de comunicação verbal e de coleta de informações, sendo entendidas como uma conversa a dois, realizada por iniciativa do pesquisador. No presente estudo, optou-se pela modalidade de entrevista semiestruturada, a qual, segundo a autora, consiste na combinação de perguntas abertas e fechadas em que o entrevistado tem a possibilidade de falar sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada.

O roteiro para a aplicação de entrevistas semiestruturadas deve se apoiar nas variáveis e indicadores considerados essenciais e suficientes para a construção de dados empíricos, podendo ser organizado em tópicos temáticos ou por meio de perguntas básicas. Esses tópicos ou

perguntas devem, na medida do possível, ser memorizados pelo entrevistador durante a coleta de dados. Servindo como orientação e guia para o andamento da interlocução, o roteiro deve ser construído de tal forma que permita flexibilidade nas entrevistas e inclusão de novos temas abordados pelo interlocutor (MINAYO, 2013).

Para esta pesquisa foram elaborados dois roteiros de entrevista semiestruturada, pautando-se nas orientações descritas por Minayo (2013). O primeiro, destinado aos homens idosos integrantes dos grupos, foi constituído por questões básicas que permitiram explorar os seguintes temas centrais desta investigação: motivos de participação (ingresso e permanência) no GCI; significados atribuídos à participação no GCI e satisfação pessoal nesses espaços; concepções de lazer desses homens (Apêndice B). O segundo roteiro, elaborado especificamente para os coordenadores dos grupos, apresenta indagações que possibilitaram a investigação dos seguintes temas: concepções de lazer desses diretores; organização das atividades no lazer realizadas nos GCI; e percepção desses indivíduos sobre o GCI que lideram como possível espaço de lazer para homens idosos (Apêndice C). Ambos os roteiros também foram constituídos por algumas perguntas para caracterização dos participantes do estudo (data de nascimento, estado civil, escolaridade, profissão, ocupação atual, renda mensal aproximada e bairro onde mora), cujos dados obtidos foram apresentados na seção anterior deste trabalho. Para o registro das entrevistas foi utilizado um aplicativo gravador de áudio instalado no celular da pesquisadora.

Considera-se válido salientar que os roteiros de entrevista foram previamente testados com três homens idosos e com dois coordenadores de GCI que não integraram o universo deste estudo, mas que apresentavam características semelhantes a dos participantes da pesquisa. Conforme explica Minayo (2013), esse procedimento contribui para deixar mais claro e preciso os aspectos a serem explorados por meio da entrevista durante o trabalho de campo. Porém, mesmo com esses cuidados iniciais, a autora sugere modificar o roteiro durante o processo interativo de acordo com as necessidades percebidas em abordar temas não previstos, mas que se apresentam como relevantes para os interlocutores, posto que se trata de entrevistas semiestruturadas. Nesse sentido, em algumas situações de coleta das informações desta pesquisa, foram incluídas perguntas complementares, bem como foi alterada a sequência dos questionamentos.

A técnica de observação, empregada como instrumento de coleta de dados, por sua vez, consiste, de acordo com Lakatos e Marconi (2007), em ver, ouvir e examinar os fatos e fenômenos que se deseja

estudar. Tem como objetivo o registro e o acúmulo de informações, desempenhando um papel importante no contexto da descoberta e obrigando o investigador a ter um contato mais direto com a realidade a ser pesquisada.

Neste estudo, o instrumento utilizado se caracteriza como uma observação sistemática, não participante e realizada no contexto real de presença do fenômeno. Isso significa que as situações observadas atenderam à propósitos preestabelecidos, sem que a pesquisadora, a qual, neste caso, atuou individualmente, participasse efetivamente do contexto que estava analisando (LAKATOS; MARCONI, 2007).

Conforme expõe Gil (2008), na observação sistemática o instrumento de registro pode assumir diferentes níveis de estruturação, conferindo desde a total liberdade do pesquisador para proceder às anotações, até a simples assinalação de comportamentos observados, prévia e minuciosamente definidos em uma estrutura fechada. Optou-se, aqui, por uma matriz intermediária, organizada em um quadro com linhas e colunas representando alguns temas da investigação, mas conferindo liberdade à pesquisadora nas anotações das observações e também para registros complementares externos a esse sistema de grade, realizados em um diário de campo.

Tal matriz, que pode ser visualizada no Apêndice D, explorou fundamentalmente os seguintes temas: relações que os homens idosos estabelecem com os demais integrantes dos GCI, especialmente durante as atividades no lazer; conteúdos culturais desenvolvidos nos GCI; e organização das atividades no lazer realizadas. O diário de campo, por sua vez, utilizado neste estudo como instrumento de coleta de dados auxiliar da matriz de observação sistemática, pode ser definido, conforme Gil (2008), como o documento escrito na ocasião dos acontecimentos com a finalidade de contribuir para a compreensão do problema em estudo, obtendo informações complementares àquelas levantadas por meio de outros instrumentos. Sem estrutura de organização previamente estabelecida, foram registrados nesse diário fatos específicos, observados nas reuniões dos GCI, considerados pertinentes pela pesquisadora, tendo em vista os objetivos pretendidos neste trabalho.

Embora cada instrumento de coleta de dados seja projetado para propósitos específicos, Minayo et al. (2005) ressaltam que as fontes de informação de uma pesquisa podem e devem ser articuladas, combinadas e/ou utilizadas complementarmente. Os autores sugerem a aplicação da técnica de triangulação de informações para aumentar o conhecimento do assunto e atender aos objetivos que se deseja alcançar.

Nessa perspectiva, ao considerar a complexidade do fenômeno investigado neste trabalho, em suas múltiplas inter-relações, sempre que julgado necessário, foi utilizada a estratégia de triangulação das fontes de informação da pesquisa (entrevistas com os coordenadores, entrevistas com os homens idosos e observações sistemáticas/registros no diário de campo) com o propósito de complementar, aprofundar e relacionar informações.

### 3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES

Em um primeiro momento, contatou-se o representante legal dos GCI cadastrados na GCFV/SEMAS/PMF para apresentar o interesse de realização da presente pesquisa e obter a assinatura do representante em questão na Declaração de Ciência e Concordância das Instituições Envolvidas (Apêndice E). Em posse desse documento, foi iniciada a submissão do projeto à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEPSH) da Universidade do Estado de Santa Catarina. A coleta de dados foi iniciada após o parecer positivo desse CEPSH (nº. 701.064 de 26/06/2014) (Anexo A).

No momento de contato com o representante dos GCI cadastrados na PMF, também foi obtido um banco de dados contendo o nome e a localização desses grupos, assim como o nome e o contato de seus coordenadores. Estes foram contatados via telefone durante o mês de abril de 2014 para o levantamento da quantidade de homens e de mulheres idosos participantes de cada um deles. Com essas informações foram calculadas as proporções entre os sexos com relação ao número total de participantes, em cada GCI. Após esse trabalho diagnóstico, foram selecionados os cinco GCI (um de cada Região da cidade) que apresentaram maior proporção de homens em comparação aos demais grupos de uma mesma Região.

No final do mês de junho de 2014, os coordenadores dos cinco grupos selecionados foram novamente contatados via telefone para a apresentação da intenção de realização da presente pesquisa nesses espaços. De acordo com sua disponibilidade, foram agendados dias e horários de encontro com cada um deles para que fossem oferecidas mais informações sobre o estudo e iniciada a coleta de dados mediante sua anuência e dos demais integrantes do grupo.

O trabalho de campo compreendeu os meses de julho, agosto e setembro de 2014. Inicialmente, em todos os grupos, foi aplicada a técnica de observação sistemática durante quatro dias de reunião dos participantes, por todo o período de encontro de cada um deles. Nos

GCI 18 (Centro), GCI 63 (Sul) e GCI 71 (Leste), as observações foram realizadas em quatro semanas consecutivas. No GCI 94 (Continente), as observações foram realizadas quinzenalmente devido ao grupo se reunir a cada 15 dias. Por sua vez, no GCI 36 (Norte), a técnica de observação foi aplicada após o término das coletas no GCI 63 (Sul), visto que ambos os grupos se reúnem nas quintas-feiras à tarde.

No primeiro dia de observação, em cada um dos grupos, a pesquisadora se apresentou diante dos participantes, expondo brevemente o motivo de sua presença e dos propósitos gerais da pesquisa. Essa apresentação foi importante para facilitar o contato com o grupo e evitar constrangimentos que poderiam surgir em decorrência de uma observação externa, pois conforme alerta Gil (2008), a presença do pesquisador pode provocar alterações no comportamento dos observados, reduzindo a espontaneidade dos mesmos. Desse modo, com o intuito de evitar ou amenizar essas alterações, produzindo resultados mais confiáveis, estratégias de aproximação do pesquisador aos participantes que criem certa empatia e relação de confiança, tal qual a ora traçada, são consideradas importantes no trabalho de campo.

Durante todo o período de encontro de cada grupo eram feitas anotações na matriz de observação e no diário de campo. Ao final do dia, esses registros eram digitados e organizados pela pesquisadora. Embora tenham sido realizadas em um curto espaço de tempo, em virtude do período disponível para a concretização desta pesquisa, em nível de mestrado, as quatro reuniões observadas em cada um dos cinco GCI estudados trouxeram informações relevantes (muitas vezes não verificadas nas entrevistas) para o alcance dos objetivos do estudo, não sendo possível minimizar a importância da técnica em questão na coleta de dados desta pesquisa, mesmo que limitada quanto ao tempo. As entrevistas foram efetuadas após o período de observação, mediante assinatura, por cada participante, de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice F) e de um Termo de Consentimento para Fotografias, Vídeos e Gravações (Apêndice G), ambos em duas vias, sendo uma para eles mesmos e outra para a pesquisadora.

De acordo com critérios já mencionados, o coordenador ou representante de cada grupo foram primeiramente entrevistados por meio do roteiro de perguntas elaborado especialmente para eles. Depois, os homens idosos foram entrevistados por meio do outro roteiro de perguntas deste estudo. Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, nos mesmos dias e locais de encontro de cada grupo, porém, em um espaço reservado.

Os depoimentos dos participantes, registrados por meio do gravador de áudio, foram transcritos na íntegra pela pesquisadora do estudo. Para garantir o anonimato, cada entrevistado recebeu um nome fictício, assim como os nomes por eles mencionados em seus discursos. Após uma semana da primeira transcrição, todas as gravações foram novamente transcritas pela pesquisadora, sendo corrigidas e complementadas quando necessário, a fim de garantir a fidelidade do texto transcrito à fala dos participantes.

Na sequência, as transcrições foram editadas seguindo as orientações de Duarte (2004). Para a autora, quando não se pretende fazer análise de discurso, as entrevistas podem e devem ser editadas, corrigindo-se frases excessivamente coloquiais, interjeições, repetições, falas incompletas, vícios de linguagem, cacoetes, erros gramaticais, etc. Além disso, devem ser retiradas respostas obtidas por meio de perguntas capciosas, ambíguas, tendenciosas ou que tenham levado o informante a confirmar ou negar afirmações feitas pelo entrevistador. No entanto, é importante manter uma versão original e uma versão editada de todas as transcrições (DUARTE, 2004). Nesta pesquisa, além da versão original das transcrições, os áudios das gravações foram preservados, estando disponíveis para verificações.

Convém informar que, com base em Gaskell (2013), as transcrições das entrevistas incluíram apenas as palavras faladas e não as características paralinguísticas (aspectos não verbais que acompanham a comunicação verbal), tais como a entonação da voz e o ritmo da fala. Contudo, à medida que se leu reiteradamente as transcrições, foram inseridos colchetes no texto, quando se considerou necessário explicar o que, ou a quem, o participante estava se referindo, facilitando o entendimento.

Como etapa final, as entrevistas transcritas foram entregues aos participantes para que eles pudessem alterá-las, caso julgassem necessário, a fim de validar o conteúdo das mesmas. Após esse procedimento, foi conduzida a análise propriamente dita das informações obtidas.

### 3.6 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

As informações coletadas foram analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo categorial, na modalidade temática, seguindo as instruções de Bardin (2009). Essa técnica é entendida pela autora citada como um conjunto de estratégias de análise das comunicações, realizada por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do



conteúdo das mensagens, os quais permitem a obtenção de indicadores que possibilitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens.

No conjunto dessas técnicas, segundo Bardin (2009), a análise categorial é a mais antiga e a mais utilizada. É empregada por meio de operações de desmembramento do texto em unidades e, seguidamente, em categorias conforme reagrupamentos analógicos aos critérios previamente definidos. As categorias são classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) em razão das características comuns desses elementos. As unidades de registros (unidades de significação correspondentes ao segmento do conteúdo a ser codificado) podem ser estabelecidas por critério semântico, ou seja, por temas. Neste caso, trata-se de uma investigação na modalidade temática de análise categorial de conteúdo, consistindo em identificar os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, pode significar algo para um objetivo em questão.

A aplicação desta técnica foi organizada em três etapas principais (BARDIN, 2009):

1) Pré-análise: consistiu na transcrição das entrevistas, digitação das informações registradas na matriz de observação sistemática e no diário de campo. Após a organização dos dados, foi realizada uma leitura compreensiva do material obtido. Neste momento, foi possível identificar algumas respostas e registros mais frequentes; bem como vislumbrar divergências e convergências. Os pressupostos inicialmente estabelecidos para balizar as análises, conforme esquema de dimensões e indicadores, determinados a partir da matriz analítica dos instrumentos de coleta de dados (Apêndice H, Apêndice I, Apêndice J) e dos referenciais teóricos utilizados para a sua elaboração, foram retomados para a organização dos dados.

2) Exploração do material: nesta etapa, foi realizada a análise propriamente dita, sendo codificadas unidades de registro (temas) nas categorias de análise inicialmente estabelecidas (conforme dimensões das matrizes dos instrumentos), identificado-se os núcleos de sentido contidos nos textos. A partir dos dados empíricos, oriundos das entrevistas e das observações, foram criadas novas categorias de análise, emergindo quatro categorias principais, as quais serão apresentadas e discutidas no capítulo subsequente, justamente subdividido em quatro seções.

3) Tratamento dos dados obtidos e interpretação: descreveu-se os resultados encontrados para, em seguida, realizar sua inferência e interpretação, atingindo os objetivos propostos e, até mesmo,

desvelando outras informações. Na síntese interpretativa dos resultados, recorreu-se, sobretudo, aos referenciais teóricos apresentados no capítulo antecedente. Porém, quando necessário, também foram utilizados outros autores para complementar determinadas reflexões ou conduzir discussões sobre aspectos específicos.

Para a concretização das três etapas de análise descritas foram utilizados os recursos do *software Qualitative Solutions Research NVivo*, versão 9.2. Esse programa computacional pode ser entendido como uma ferramenta auxiliar para estudos qualitativos, permitindo o armazenamento de informações e a codificação de dados (QSR INTERNATIONAL, 2014).

Na análise de conteúdo, o uso do computador pode aumentar a rapidez e facilitar a manipulação de dados complexos, assim como a reprodução e a troca dos documentos entre investigadores e banco de dados. Pode, também, haver acréscimo de rigor na organização (uma vez que o computador recusa ambiguidades) e maior destaque para a criatividade e para a reflexão, tendo em vista que determinadas tarefas se tornam menos laboriosas e longas (BARDIN, 2009).

Deve-se mencionar, por fim, que os resultados obtidos neste estudo, após terem sido organizados e analisados, foram compilados em um relatório de pesquisa. Uma versão sucinta desse relatório foi entregue aos coordenadores dos cinco GCI investigados e ao representante legal dos grupos cadastrados na PMF, especificamente a GCFV/SEMAS.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 O LAZER NA VISÃO DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO: significados variados, entendimento comum

Ratificar que muitos pesquisadores têm se debruçado em responder o que é lazer pode ser considerado clichê acadêmico. Contudo, nunca é demais repetir que a incorporação do termo *lazer* ao vocabulário da população em geral é relativamente recente e tem sido marcada por diferenças expressivas quanto aos seus significados. Nem sempre o cenário intelectual atual (especialmente aquele que procura uma perspectiva de entendimento mais crítica) se aproxima da realidade de ocorrência desse fenômeno em seus diferentes contextos (MAGNANI, 2000; MARCELLINO, 2007).

Cada grupo social lida e representa de maneira diversa o lazer. Tal diversidade se concretiza em diferentes condições sociais (classes), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero, dentre outras. O entendimento de lazer deve ser visto como parte de um processo amplo de constituição de pessoas e grupos, considerando as diferenças e especificidades que marcam a vida de cada um (GOMES; PINTO, 2009). Neste processo, incluem-se também as sensibilidades, que se constituem em um complexo tecido de percepções e que não devem ser desprezadas em nome de um suposto conhecimento verdadeiro (DUARTE JÚNIOR, 2000). Nessa direção, torna-se premente dar vez e voz às pessoas diretamente envolvidas com o lazer, como prática social efetivada em GCI.

Nesta pesquisa, os participantes do estudo, ou seja, tanto os homens idosos quanto os coordenadores dos grupos investigados (incluindo, também, as duas coordenadoras e a secretária) atribuíram significados plurais ao lazer, relacionando-o à diversão, ao descanso, ao prazer, à satisfação, à alegria, à descontração, ao distanciamento das tensões do dia a dia e ao tempo fora das obrigações. Esses resultados corroboram com outros estudos desenvolvidos com idosos (do sexo feminino, principalmente) integrantes de GCI, nos quais, embora nem sempre tenha havido a pretensão de abordagem direta do lazer, foram encontrados relatos dos participantes demonstrando seu entendimento sobre o fenômeno a partir de significados variados, mas similares aos exemplificados (BROD, 2004; MAIER, 2009). Isso indica uma suposta visão comum sobre o lazer entre os idosos e reitera que esse termo não é unívoco.

Em que se pese a falta de uniformidade encontrada nos depoimentos dos participantes deste estudo, deve-se apontar a identificação de uma convergência para um entendimento de lazer que reforça uma visão predominante no senso comum. Conforme aponta Marcellino (1983, 1987), o que se verifica com mais frequência no meio popular é a restrição do lazer à vivência de determinadas atividades; a atribuição do divertimento e do descanso como principais juízos de valor; a contraposição ao trabalho; e as suas possibilidades de evasão dos problemas cotidianos.

O autor supracitado lembra que não se pode ignorar que o termo *lazer* é carregado de preconceitos, motivados por um caráter supérfluo de suas atividades que se contrapõem à situação socioeconômica, e pela sua utilização como instrumento ideológico, contribuindo para o mascaramento de diferenças sociais. Ainda, em um contexto mais abrangente que caracteriza a sociedade de consumo, é bastante comum utilizar a palavra *lazer* para caracterizar a prática de atividades específicas, implicando, muitas vezes, na redução do fenômeno a visões parciais, restritas ao conteúdo de determinadas práticas (MARCELLINO, 1996).

No entanto, não é possível declarar que essas visões não contenham verdades ou validades práticas porque são tidas como próprias do senso comum. Na vida cotidiana, a verdade é relativa, dependente da situação (MAFFESOLI, 2010). Deve-se ressaltar que as palavras, conforme Bondía (2002, p. 21): “produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação”, ou seja, são dotadas de significados imediatos, indicando a relação das pessoas com a realidade por elas experimentadas. Assim, o lazer, geralmente, reflete a objetivação das situações vivenciadas ou desejadas (MARCELLINO, 1983), sendo que a visão do senso comum tem uma validade em si, como uma maneira de ser e de pensar suficiente a si própria (MAFFESOLI, 1998).

Neste trabalho, ainda que alguns investigados tenham apresentado dificuldades para elaborar suas ideias sobre o assunto, emitindo respostas vagas ou, até mesmo, afirmando não saber do que se trata, quase sempre se remeteram a exemplos de atividades que praticam nos GCI ou que gostam de vivenciar no seu tempo “livre” para caracterizar o lazer. Alguns exemplos podem ser observados:

*Eu não sei muito bem essa história não. Uma tarde como hoje é um lazer, não é?! É bom porque eu estou brincando com todo mundo. Sair*

*por aí é bom... Quer ver legal é uma excursão de ônibus. [...] (Douglas, GCI 63 - Sul).*

*É passear; ter um esporte; fazer uma ginástica; sair de casa como a gente tem esses grupos e conversar com as pessoas. O idoso também gosta muito desse lazer, ter um baile para dançar [...]. E tem bastantes coisas para lazer. Fazer caminhada é um lazer, que é uma boa coisa [...] (Zuleide, secretária GCI 71 - Leste).*

*Lazer é tudo: sair, passear, descansar (Sandro, GCI 94 - Continente).*

Os depoimentos exemplificados também permitem notar que o entendimento de lazer, para além de se associar preponderantemente aos conteúdos de determinadas atividades, restringe-se aos valores ligados ao divertimento e ao descanso, não tendo sido identificados explicitamente aspectos relacionados ao desenvolvimento pessoal ou social. Indubitavelmente, o entretenimento e o relaxamento são possibilidades abertas no lazer (MARCELLINO, 1996), mas o desenvolvimento pessoal e social que o lazer enseja parece se configurar prioritariamente como alternativa para a vivência de valores que tanto podem implicar na reprodução da estrutura social vigente, quanto podem surgir como denúncia ou anúncio para a vivência de valores distintos dos dominantes (MARCELLINO, 2007).

Ao considerar apenas o descanso e a diversão no lazer, atrelados à sua relação exclusiva com as experiências vivenciadas, Marcellino (1996) alerta que podem surgir visões negativas sobre essa esfera da vida humana ou a atribuição de pouca profundidade a ela, tal como a considerando um passatempo e/ou mera atenuadora de tensões cotidianas. Essa “visão funcionalista do lazer”, destacando-se, aqui, principalmente, a abordagem compensatória (MARCELLINO, 1987), ficou evidente no discurso de alguns participantes deste estudo, quando entenderam o lazer como possibilidade de fuga da realidade, distanciamento do estresse, distração:

*Lazer é tudo aquilo que me dá alegria, que não me estressa. Isso é lazer (Silveira, coordenador GCI 18 - Centro).*

*Lazer é aquilo que eu passo me divertindo, praticando esportes, é aqui com eles brincando de dominó... Tudo isso eu considero um lazer. E distraíndo, deixando a minha cabecinha bem normal, bem boa, nada me perturbando* (Osvaldo, GCI 94 - Continente).

Para Marcellino (1996), as possibilidades de utilização do lazer como fuga, fonte de alienação e simples consumo propõem o fenômeno como um ideal de felicidade e finalidade de existência, como se ele fosse um *oásis* de tranquilidade no qual todos os problemas pessoais e sociais pudessem ser resolvidos, ou, ao menos, compensados pelas atividades no lazer. Esses aspectos desconsideram as mútuas influências que o lazer recebe e exerce nas demais esferas da vida social, nas quais também ocorrem insatisfações, pressões e tensões. É possível concordar com Melo e Alves Júnior (2012) que os momentos de lazer também podem ter um caráter de repouso ou de recuperação das forças, não sendo, por si só, intuítos negativos, mas, sim, o uso que deles faz o sistema, interessando majoritariamente aqueles que detêm o poder.

No discurso dos entrevistados, especialmente no caso dos homens idosos, o entendimento do lazer isoladamente e, de alguma forma, como “válvula de escape”, refletiu na percepção do fenômeno como sendo contraposto ao trabalho. Entendidos como dimensões separadas, em que o trabalho ocupou (e ainda ocupa) papel central em suas vidas, em muitos casos, a busca pelo lazer, após a aposentadoria, caracterizou-se por vivências relacionadas às funções desempenhadas na esfera laboral, sendo possível observar, até mesmo, uma migração das atividades profissionais para as atividades no lazer. Essas possibilidades podem representar a falta de conhecimento (ou de alternativas) para outras vivências, mas, sobretudo, neste estudo, aparenta a continuidade da carreira ou a manutenção de relacionamentos sociais estabelecidos na vida produtiva, vinculada à necessidade de ocupação da superdosagem de tempo “livre” agora existente.

Nessa direção, os homens participantes da pesquisa também se preocuparam em deixar claro que não é porque estão aposentados, que todo o seu tempo pode ser dedicado ao lazer, pois além de haver a necessidade de continuar trabalhando devido às dificuldades econômicas, continuam existindo obrigações familiares, religiosas e outras de distintos níveis; bem como dificuldades de saúde e de locomoção que nem sempre os possibilitam fazer o que gostam, reiterando a existência de um “todo inibidor” para o lazer. Trata-se do

conjunto de barreiras socioculturais, inter e intraclases, que provocam desigualdades quantitativas e qualitativas nas vivências neste âmbito (MARCELLINO, 1983, 1996). Nas palavras de alguns homens idosos:

*Eu me aposentei e o meu tempo parece que não ficou livre. Eu não paro. Em casa, principalmente, estou sempre em atividade fazendo as coisas. Ir ao banco e voltar... [...]. Vai faltar tempo porque o meu tempo é todo cheio. É buscar a neta no colégio, quando está chovendo ir de carro, levá-la, buscá-la. É uma rotina cheia (Sandro, GCI 94 - Continente).*

*Tempo "livre" a gente nunca tem porque a gente está em casa sempre está trabalhando. Eu, de um lado para o outro, sempre estou mexendo com alguma coisa. [...]. De lazer é mais na pesca. Até hoje ainda pesco. Mas, só trabalho aqui dentro da lagoa. Mar grosso eu já trabalhei muitos anos, mas agora me aposentei [...] (Heraldo, GCI 71 - Leste).*

Com base em Marcellino (1996), não é difícil entender esses aspectos que envolvem a compreensão de lazer de muitas pessoas, uma vez que, de modo geral, elas são valorizadas durante toda a sua vida pela atividade profissional desempenhada. Embora Magnani (2000) lembre que há um recente movimento de mudança nos pesos relativos da relação trabalho/lazer, no sentido de este último estar começando a receber maior valorização, deixando para trás o papel acessório e instrumental de mera reposição das energias gastas nas atividades laborais, o trabalho ainda continua balizando as atividades cotidianas.

Não se pretende, com essas discussões, depreciar o trabalho ou supervalorizar o lazer. Acredita-se que ambos têm importância na vida das pessoas, porém, compartilhando as ideias de Magnani (2000), o intuito é evidenciar que os valores associados ao trabalho são os que geralmente dão sentido e estruturam as demais esferas da vida, tendo em vista que a sociedade contemporânea foi estruturada a partir da centralização da dimensão produtiva. Afinal, quem nunca ouviu falar que o trabalho enobrece o homem? Conforme complementa Melo (2002b, p. 5): “somos educados no decorrer de nossa vida para valorizar o mundo do trabalho (que seria ‘sério’) e não para o mundo do não trabalho, do lazer (já que esse seria ‘brincadeira’ ou ‘não sério’).” Não

por acaso, é possível identificar no imaginário da população certa hierarquização das necessidades, na qual o trabalho (entendido como fundamental à sobrevivência) é uma das dimensões que ocupa espaço de predominante importância, ficando o lazer relegado a um segundo plano, quando as necessidades julgadas principais estiverem atendidas (MARCELLINO; BARBOSA; MARIANO, 2006).

Frente a isso, quando falta esse elemento social tão valioso, como em situações de desemprego, incapacidade ou circunstância imprevista, a pessoa fica desorientada, perturbada sobre como reorganizará sua vida (MAGNANI, 2000). Neste caso, abrem-se parênteses para dialogar com Magnani (2000), incluindo nessa exemplificação a situação da aposentadoria. Conforme explicam Rodrigues e Rauth (2006), como instituição social, a aposentadoria apresenta alguns aspectos contraditórios: se, por um lado, alguns a vivem como uma recompensa pelo seu trabalho, representando um tempo de liberdade, de desengajamento profissional, de possibilidade de realizações e de não ter mais patrão ou horários obrigatórios, considerando ideias que marcaram suas vidas sobre o alcance da felicidade e do bem-estar ocorrer em épocas vindouras, por obra do esforço do trabalho humano; por outro, há pessoas que a consideram como um tempo de inutilidade, de desvalorização social, de nostalgia, tendo em vista as ideias prevalecentes da necessidade de se manter sempre em movimento. Neste caso, aqueles que “viveram para trabalhar” muitas vezes até mesmo buscam outra atividade produtiva, seja por real necessidade econômica ou pelo desejo de preenchimento do “vazio” deixado pelo trabalho.

Como substituir esse valor fundamental do trabalho que estrutura a vida das pessoas e que assume ainda maior magnitude na vida dos homens idosos, posto o papel social atribuído historicamente a eles como provedores do sustento familiar e representantes da esfera laboral? Veja-se o que, sobre este assunto, discorre Britto da Motta (1999): donos do poder político e, mais generalizadamente, do poder familiar/patriarcal, por um lado, os homens se tornaram “escravos” das obrigações concernentes ao desempenho desse poder e dos seus direitos. Quase sempre livres das tarefas domésticas, significando a dispensa de uma pesada carga de atribuições na juventude e na vida adulta, acabam encontrando dificuldades para usufruir da possibilidade de exercer atividades cotidianas desse tipo na terceira idade, após a aposentadoria, seja como distração e preenchimento do tempo, seja até mesmo como possibilidade de exercício de criatividade e de autonomia. No presente estudo, os relatos de muitos homens idosos evidenciaram que eles ficam



a mercê da ajuda solicitada por suas esposas ou companheiras (quando ainda se fazem presentes) para os serviços domésticos, expressando a busca constante por dar um sentido de utilidade ao tempo “livre” que passa a marcar suas vidas em decorrência da perda da identidade de trabalhador.

Essas questões também se relacionam com o fato de os participantes deste estudo terem percebido apenas possibilidades de atividades práticas específicas para a vivência do lazer, deixando de lado experiências mais introspectivas como a contemplação. O ócio, conforme explica Gomes (2014), ainda hoje é alvo de preconceitos por afrontar a lógica produtivista que impera desde o advento da Revolução Industrial, que o classificou como perda de tempo. Assim, o indivíduo moderno “se relaciona com o acontecimento do ponto de vista da ação. Tudo é pretexto para sua atividade. Sempre está a se perguntar sobre o que pode fazer. Sempre está desejando fazer algo, produzir algo, regular algo.” (BONDÍA, 2002, p. 24). Nesse sentido, os investigados destacaram a ocupação constante do seu tempo por meio de atividades:

*Lazer eu acho que, hoje, é o seguinte: devido a gente ter se aposentado, ter trabalhado muito, então a gente tem que se divertir. Tem que ter uma atividade, algo para a gente sair da rotina caseira (Carlos, GCI 18 - Centro).*

*É brincar, se divertir, conversar. Isso é lazer. Isso é prazer de viver. Não é ficar lá em um canto amuado, pensando coisa ruim [...] (Fabiano, GCI 63 - Sul).*

Marcellino (1996) lembra que, embora não se possa negar que o tempo disponível das pessoas é quase sempre preenchido com atividades, o conteúdo da ação não se constitui em uma condição suficiente para a compreensão do lazer, ao menos não deveria entre aqueles que adotam uma postura mais crítica, entendendo as possibilidades educacionais, culturais e de transformações sociais do lazer. Para o autor, é essencial considerar o fenômeno contemplando o *tempo* e a *atitude* como aspectos correlacionados.

Tais aspectos caracterizaram os depoimentos de muitos indivíduos entrevistados. Em alguns casos, abordados conjuntamente, aproximaram-se dos pressupostos teóricos defendidos pelo autor supracitado, no sentido de entender o lazer a partir de uma

disponibilidade de tempo para vivências culturais que proporcionem, fundamentalmente, a satisfação pessoal.

*O lazer eu acho que está muito relacionado com aquilo que você gosta, com o tempo disponível para você fazer aquilo que gosta [...]. Lazer é uma coisa que dá satisfação, que você gosta de fazer (Geraldo, GCI 18 - Centro).*

*Lazer, para mim, é uma parada que se faz no tempo para proporcionar vida com mais alegria, mais entusiasmo, mais prazer. É um tempo disponível para se divertir (Eduardo, coordenador GCI 94 - Continente).*

Em outros casos, tratados de forma isolada, a variável *atitude* foi privilegiada, corroborando com o fato de a maioria dos discursos sobre a compreensão de lazer ter sido marcada pela ligação com as atividades vivenciadas, pelo seu caráter desinteressado em não buscar outra possibilidade que não seja a satisfação pessoal.

*Lazer é ter alegria, viver em união com as pessoas, ter amor, muitas risadas e muitas brincadeiras. Participar junto com os grupos, onde tem recepção de pessoas. Para mim, lazer é isso (Juliana, coordenadora GCI 36 - Norte).*

*Lazer, eu acho que é aquilo que você participa e que te traz uma satisfação pessoal, que você se sente bem (Reinaldo, GCI 18 - Centro).*

De acordo com Marcellino (1996), o lazer encarado apenas como atitude fica na dependência exclusiva da relação que a pessoa estabelece com suas vivências. Deste modo, qualquer atividade poderia ser considerada lazer, até mesmo o trabalho, desde que atendesse a determinadas características, como a escolha individual e níveis elevados de prazer e satisfação. Essa questão surgiu principalmente em dois depoimentos:

*Até mesmo eu trabalhando para mim também é um lazer. Por exemplo, hoje, eu sou síndico, mas eu brinco de síndico. Eu gosto. Eu sou um que não fica parado por muito tempo. Eu estou aqui,*

*estou lá, estou olhando, estou vendo, estou fazendo... Então, quando eu estava na atividade profissional, laboral, eu trabalhava com vontade. Não tinha problema. Tinha que fazer o serviço, tinha que trabalhar e trabalhava. Não reclamava de serviço. Então, no meu entendimento, trabalho e lazer dependem de como você vê, do teu espírito (Ricardo, GCI 18 - Centro).*

*Hoje eu estou com 70 anos. Toda a vida trabalhei na pesca: no Rio Grande, no Rio de Janeiro, embarcado aqui [na Barra da Lagoa/Florianópolis]. Então, é um lazer, que eu digo pra ti que eu tinha, que eu gostava, era isso. Hoje, eu não posso mais trabalhar embarcado. A idade não permite mais isso e graças a Deus sou aposentado. Então, trabalho aqui por perto com o meu cunhado, na pesca ainda. Não que a gente precise mais disso. Se não fiquei rico quando era novo, pior agora, mas é aquele lazer que nós estamos conversando. Porque eu vou lá, me distraio, digo uma bobagem, trago um peixe bom para comer (Leonardo, GCI 71 - Leste).*

Marcellino (1996) reafirma que, no mundo contemporâneo, o qual valoriza, sobretudo, a produtividade, o componente da obrigação é marcante. A maioria da população não pode ser considerada privilegiada em termos de escolha e satisfação profissional, e mesmo para os poucos favorecidos sempre existirão componentes de obrigação em suas outras atividades (familiares, religiosas, etc.). Desconsiderar essa característica, concebendo o lazer apenas como atitude, pode, segundo o autor, implicar em equívocos, no sentido de não reconhecer a completude do fenômeno.

Pelo exposto, deve-se salientar que, apesar de os participantes desta pesquisa não terem percebido o lazer criticamente, como direito social, elemento de transformação ou possibilidade de desenvolvimento pessoal e social, isso não significa que não o vivenciem nos espaços dos GCI ou fora deles. Magnani (1984), por exemplo, somente pôde constatar a ressonância social do lazer na cidade de São Paulo (SP) (mais propriamente na periferia) baseando sua pesquisa na observação. Nessa direção, conforme alerta Gomes (2014), é imprescindível ter clareza sobre as diferenças existentes entre os conceitos que são produzidos com o intuito de caracterizar determinada prática social e a

sua realidade concreta de ocorrência, pois esta é muito mais complexa que as teorizações sobre ela.

Portanto, embora a opinião das pessoas contribua para revelar, direta ou indiretamente, aspectos envolvendo o lazer, outros fatores constatados diretamente na participação popular podem surgir como complementos à caracterização do fenômeno (MARCELLINO, 2007). Neste estudo, as observações das conformações sociais que configuram os cenários dos GCI investigados conduziram o olhar da pesquisadora a outros aspectos envolvidos no cotidiano dos encontros, trazendo perspectivas diferenciadas no que concerne aos próprios discursos dos participantes do estudo e à afirmação dos GCI como espaços de lazer, conforme será discutido nas seções que estão por vir.

#### 4.2 ENTRE O CONHECER E O LAZER DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO: GCI como opções

A partir das concepções de lazer dos participantes deste estudo, foi possível notar que os GCI se configuram como espaços de concretização dessa prática social. Por vezes, ao tentarem definir o que é lazer, os GCI foram mencionados como opções de desfrute dessa esfera da vida. À vista disso, especialmente no caso dos homens idosos entrevistados, para além das atividades exemplificadas para caracterizar o lazer e a ocupação do seu tempo “livre”, as vivências oportunizadas pelos grupos também foram apontadas como possibilidades no lazer. Muitas vezes, são elas que motivam a procura por esses espaços, seja por falta de outras opções, para reorganizar a apropriação do seu tempo após a aposentadoria e/ou para ter mais relações sociais, indicando, novamente, compreensões parciais do lazer, por ora configurando os espaços dos GCI. Alguns depoimentos ilustram estas constatações:

*Aqui é o meu lazer. É o único lazer que eu tenho. A não ser pescar, mas aí é individual, é sozinho. Para ter mais contato com mais pessoas é o grupo. É o meu lazer (Alberto, GCI 18 - Centro).*

*Para mim, lazer é isso aqui. Eu sou aposentado. Em casa não tenho nada para fazer. É só uma televisãozinha, um radinho... Esse negócio de futebol, eu não gosto de bater bola. Então, a gente vem aqui passar um tempo (Arnaldo, GCI 36 - Norte).*

*É um lazer que a gente tem. Toda sexta-feira que a gente vem é um divertimento para a pessoa. Às vezes, fazemos um passeio, como já tivemos em Aparecida, em Gravatá, umas duas vezes. Então, é muito bom isso aí, é o lazer que a gente tem (Heraldo, GCI 71 - Leste).*

*Nós tínhamos que arrumar alguma coisa para fazer porque aposentado ficar só dentro casa não dá. E já que surgiu um convite nós viemos. Além dos passeios que a gente faz e das atividades que tem aqui, não deixa de ser, no cômputo geral, um momento de lazer (João, GCI 94 - Continente).*

Os coordenadores também foram unânimes em perceber os grupos que lideram como espaços de lazer direcionados à população idosa. Da mesma forma com que pode ser verificada no discurso dos homens idosos uma perspectiva funcionalista do lazer no contexto desses espaços, emergiram dos depoimentos dos coordenadores aspectos que caracterizam as práticas desenvolvidas nesses locais como forma de ocupação do tempo de forma alegre e prazerosa.

*[...] Eu acho que aqui é um grande lazer para elas. Porque elas não vão a lugar nenhum e estando aqui elas estão participando, estão conversando, estão brincando, então, para mim, é um lazer (Neide, coordenadora GCI 63 - Sul).*

*[...] Aqui a gente passa uma tarde com brincadeira, com o bingo, a gente dá risada, às vezes conta piada... Para mim, se torna uma tarde de lazer. Até mesmo o bingo que a gente organizou aqui no domingo, muitas pessoas que não saem para outros locais vieram porque não tem para aonde ir. [...] Então, eu acho que considero esse espaço como um momento de lazer (Juliana, coordenadora GCI 36 - Norte).*

No caso do GCI 18 (Centro) também ficou evidente no depoimento do coordenador o reconhecimento de uma característica de livre escolha dos participantes que perpassa pelo desligamento das obrigações cotidianas, aproximando-se do aspecto liberatório do lazer defendido por Dumazedier (1979). Em contrapartida, no discurso do

coordenador do GCI 94 (Continente), ao integrar a rotina dos idosos, o grupo passa a ser visto como um compromisso:

*Esse grupo significa o lazer. Ninguém tem obrigação de vir aqui. [...] Eu não tenho obrigação de estar aqui hoje ou na próxima segunda-feira. Mas, eu gosto. Eu me desligo de todos os demais, eu não vou dizer problemas porque eu não tenho grandes problemas, mas das minhas outras atividades. Eu deixo tudo em casa (Silveira, coordenador GCI 18 - Centro).*

*É um compromisso que todos temos. A gente para duas vezes ao mês para passar esse dia aqui. Então, eu considero um lazer (Eduardo, coordenador GCI 94 - Continente).*

Em ambos os casos, depoimentos de alguns homens idosos integrantes destes grupos corroboram com a visão dos coordenadores.

*Eu gosto de vir para o grupo. Eu não venho para o grupo contrariado. [...] Isso aqui tem que ser um desprendimento, tem que ser um lazer (Ricardo, GCI 18 - Centro).*

*É como se a gente estudasse, estivesse na escola. Tem aula para ir, então vai. Não vai fazer nada, mas vai. É bom isso aí [referindo-se ao grupo], é tranquilo (Leandro, GCI 94 - Continente).*

Deve-se considerar que, nas perspectivas críticas de entendimento do lazer, o caráter liberatório não é percebido de forma totalitária, pois há uma série de condicionantes sociais que influenciam as escolhas das pessoas, como a própria falta de outras opções, apontada pelas coordenadoras dos GCI 36 (Norte) e GCI 63 (Sul) por meio de seus depoimentos, apresentados na página anterior. Além disso, Marcellino (1983), ao lembrar que tempo algum pode ser considerado totalmente livre de coações ou normas de conduta social, sugerindo que o lazer não se opõe, mas se relaciona às obrigações, indica que as escolhas de vivências nesse âmbito são atravessadas por diferentes fatores. O autor, inclusive, utiliza a expressão “livre” entre aspas não apenas para se

referir ao tempo no qual o lazer ocorre, mas também para se reportar à característica de escolha do lazer (MARCELLINO, 1996).

É interessante apresentar, ainda, o depoimento da secretária do GCI 71 (Leste), no qual o lazer no contexto do grupo foi percebido de uma forma que contribui para melhorar as condições de vida dos idosos, estimulando uma atitude mais positiva e ativa frente à velhice. Embora continue sendo possível identificar uma visão funcionalista do lazer, e que também tenha sido observado nos encontros deste grupo que as atividades por ela exemplificadas, muitas vezes, têm como pano de fundo fins utilitaristas (como arrecadação de recursos para viabilizar outras práticas), agora se tornam mais evidentes aspectos que, de alguma forma, indicam maior valorização do lazer:

*[...] a gente tem esse nosso grupo e todas as sextas-feiras nós fazemos um bingozinho pra eles. Por quê?! Para ajudar na memória deles, porque os idosos facilmente se esquecem das coisas, eles ficam muito parados. [...] Então, a gente está sempre incentivando eles a fazerem as coisas: trabalhos, tarrafa, rede [...]. Isso tudo seria o lazer para eles, porque eles gostam disso. [...] Eles gostam de conversar, fazer amigos. [...] E, às vezes, a gente sai para fazer um passeio com eles, seria um lazer. [...] Tem pessoas dessas aqui que falam que se não vierem ao grupo na sexta-feira ficam doentes. [...] Aqui o pessoal não fica pensando besteira, nem nada. Se todo mundo participasse dos grupos eu acho que muitas pessoas não tinham depressão porque sempre tinha essa atividade. Tem depressão quem não faz muita atividade, fica parado dentro de casa só vendo coisa na televisão (Zuleide, secretária GCI 71 - Leste).*

Esse caráter mais assistencialista reforça as características de estruturação histórica e cultural dos GCI em Florianópolis (SC). Partindo de iniciativas envolvendo principalmente órgãos vinculados à assistência social, esses espaços passaram a se configurar como uma alternativa pertinente para a continuidade da vida com mais qualidade após a aposentadoria (MENDES, 2000; ROLLIN, 1998). Mesmo diante da diversidade de atividades desenvolvidas e das diferenças socioeconômicas e de recursos disponíveis nas variadas iniciativas

voltadas aos idosos, Debert (2013) ratifica que todas, de alguma forma, reiteram a ideia de que esses indivíduos necessitam de uma assistência especializada e que devem reencontrar seu lugar na sociedade, recuperando sua autoestima. A criação de ambientes adequados para estimular uma postura pessoal positiva voltada para a saúde é vista como necessária para tornar as escolhas mais fáceis.

Nesta direção, muitas vezes as atividades desenvolvidas nos GCI são percebidas (pelos próprios idosos participantes, pelos coordenadores e pela sociedade) como propiciadoras de benefícios aos idosos, especialmente para o seu bem-estar físico e mental, para além do social (BORINI, 2002; KIST, 2011; MAIER, 2009). Contudo, tendo-se como pressuposto que o lazer não pode ser considerado simplesmente um assimilador de tensões, resolvendo todos os problemas como em um “passe de mágica”, significando um fator de ajuda que tem apenas efeitos positivos sobre a vida das pessoas, devem-se considerar suas contradições e conflitos, haja vista sua complexidade e inter-relação com as demais dimensões sociais (MARCELLINO, 1996). Neste contexto de discussão incluem-se os espaços dos GCI por se configurarem como opções no lazer dos idosos, conforme outros estudos realizados nesses espaços (BORINI, 2002; BROD, 2004; KIST, 2011), e também de acordo com os discursos dos participantes da presente pesquisa.

Os benefícios aos idosos podem ocorrer (e efetivamente ocorrem, conforme verificado em muitos depoimentos dos homens idosos) e não se questiona os aspectos positivos da assistência prestada a esses indivíduos, mas é suficientemente conhecido que nem sempre essas ressonâncias alcançam todos os participantes, a julgar pela característica dos GCI em ofertar atividades que, por vezes, contradizem os interesses dos participantes, em especial, dos homens (BROD, 2004; KIST, 2011). Ademais, é possível identificar nesses espaços um discurso dominante que, atrelado à ideia de um envelhecimento ativo, entende que os idosos são os únicos responsáveis pelo controle do seu processo de envelhecer, o que Debert (1999) denominou *reprivatização do envelhecimento*.

Nesta concepção, se alguém não é ativo, não está envolvido em programas, se vive a velhice no isolamento e na doença, se não tem boas condições de saúde e boa aparência é porque não teve o comportamento adequado ao longo da vida, recusando a adoção de formas de consumo e estilos de vida mais favoráveis. Esse discurso é falacioso na medida em que desconsidera o caráter multifacetado do conceito de saúde e os desníveis nas condições de escolha decorrentes das desigualdades sociais (DEBERT, 1999).



No contexto das possibilidades acessíveis aos idosos no lazer, resta saber se eles estão conseguindo distinguir e escolher aquelas que melhor atendem aos seus interesses e as suas necessidades. As entrevistas mostraram que parece haver interesse mútuo de coordenadores e homens idosos em ampliar as possibilidades de vivências nos grupos, sugerindo que, embora alguns participantes estejam satisfeitos com determinadas práticas, há outros interesses em voga transcendendo as atividades habitualmente realizadas nesses espaços. Parece que esses interesses não vêm sendo implementados por aspectos envolvendo, principalmente, o comodismo e a falta de estímulo a determinados participantes, assim como certas características de apropriação dos GCI por parte dos coordenadores, os quais nem sempre possibilitam a participação coletiva dos demais integrantes nas decisões e escolhas das atividades no lazer.

Nesse caminho, convém destacar as características de organização das atividades nos GCI pesquisados. A forma de estruturação dos encontros explícita, quase sempre, uma estrutura rígida, na qual se destacam horários fixos, atrelados a aspectos envolvendo a disponibilidade dos espaços, e repetição das atividades no lazer desenvolvidas. As práticas são organizadas com o intuito de preencher a maior parte do tempo das reuniões, em uma aparente tentativa de aproveitá-lo ao máximo, fugindo da ociosidade, esta, vista pela maioria dos homens idosos com certa repulsa, pela necessidade que percebem de se manterem em atividade constantemente.

Nos GCI em que os participantes se reúnem em locais públicos, como salões de igreja (63 - Sul e 71 - Leste) ou centro comunitário (94 - Continente), as atividades ocorrem conforme a disponibilidade do local, havendo um horário estabelecido para o início e uma faixa de horário aproximada para o término dos encontros. Em conversas informais com diretores do GCI 71 (Leste), foi relatado que, quando há algum evento na igreja, os participantes têm que ceder o espaço de suas reuniões, não havendo, assim, atividades no dia em questão. Na mesma direção, no GCI 94 (Continente), os idosos só podem ocupar o espaço do centro comunitário quando outras atividades, destinadas a grupos mais jovens da comunidade (como aulas de dança), são finalizadas, próximo às 10h.

Marcellino (1996, p. 25) considera que “[...] democratizar o lazer implica em democratizar o espaço.”. No caso dos equipamentos específicos para o lazer como os centros comunitários, o autor aponta que muitas cidades não dispõem de uma quantidade suficiente deles para o atendimento da população, por diferentes fatores, tal qual o crescimento acelerado das cidades e aumento da população urbana que

nem sempre é acompanhado pelo desenvolvimento da infraestrutura. Por outro lado, aquelas que contam com um número razoável desses equipamentos, muitas vezes não têm sua utilização otimizada, seja pela falta de conhecimento da população ou pelas dificuldades de acesso ditadas por sua centralização nas cidades.

Essas questões também podem ser aplicadas à cidade de Florianópolis (SC), no entanto, ainda que os idosos tenham que limitar o tempo de suas atividades ou suspender seus encontros eventualmente, pela disputa com outros interessados, ao menos estão conseguindo se apropriar de algum equipamento público da cidade, usufruindo daquilo que também lhes é de direito como cidadãos. Se o espaço para o lazer é privilégio de poucos, deve-se considerar que o esforço para a sua democratização não perpassa apenas pela criação de novos equipamentos, mas também pela conservação e revitalização daqueles existentes e pelo incentivo a sua utilização (MARCELLINO, 1996).

De outro lado, pondera-se que não é somente o equipamento público, em si, que pode dificultar a ocupação e o aproveitamento do espaço para o lazer. No GCI 36 (Norte), há horários fixos tanto para o início quanto para a finalização das atividades, mas neste caso, como o grupo dispõe de sede própria para as reuniões, essa situação se deve ao fato de a maioria dos idosos depender do transporte coletivo urbano para acesso ao local e de não haver frota suficiente ao longo da tarde. Essa condição revela que outros fatores envolvidos no espaço urbano influenciam o acesso aos equipamentos de lazer. Marcellino (1996) explica que, na maioria das cidades, as populações dos bairros periféricos podem ter ainda mais agravantes no acesso ao lazer, pois nessas localidades geralmente não existem equipamentos disponíveis (ou estão em número insuficiente) e as condições de transporte (mesmo para o deslocamento dentro do próprio bairro) podem ser muito desgastantes.

No GCI supracitado, os participantes entrevistados revelaram a luta da comunidade para construir, por meios e recursos próprios, a sede para as suas reuniões, indicando a ausência de apoio do poder público nesse aspecto, conforme pode ser observado no relato exemplificado a seguir. Além disso, apontaram a falta de outros espaços para que possam vivenciar o lazer na localidade, conforme evidenciado no depoimento da coordenadora, apresentado nesta mesma seção, na página 83.

*Para falar bem a verdade uma das pessoas que fundou esse grupo fui eu. Eu e meu primo colocamos muito barro aqui com caminhão. Meu*

*cunhado, que hoje é falecido, colocava o barro, e eu e meu primo, todas as pessoas mais antigas daqui, fizemos isso aqui, socamos, fizemos direitinho [...]* (Nildo, GCI 36 - Norte).

Se as duas principais circunstâncias que caracterizam o lazer são as de tempo e a de atitude, elas pressupõem a existência de um espaço para a concretização do fenômeno (MARCELLINO; BARBOSA; MARIANO, 2006). Atualmente, a batalha no GCI 36 (Norte) é pela arrecadação de recursos financeiros (a partir de contribuição dos integrantes, de eventos festivos organizados com essa finalidade e de doações da comunidade) para a reforma desse equipamento que apresenta desgastes em sua infraestrutura, ocasionados substancialmente pelo tempo. Essa mobilização dos participantes deste grupo, iniciada após a mudança da coordenação e por incentivo da atual dirigente, está contribuindo para que eles vislumbrem possibilidades de atividades no lazer que poderão passar a vivenciar no local, atendendo a outros interesses pessoais. Além disso, retrata a participação coletiva e democrática nesse processo de revitalização, o qual poderá, quiçá, fortalecer os laços entre os membros do grupo, haja vista o trabalho coletivo para o alcance de um objetivo comum.

*[...] eles vão fazer um clubezinho de dança, de vez em quando, aos domingos, para a gente estar se divertindo. [...] agora não dá por causa do salão que abateu. Eles vão reformar e, depois de reformar o salão, vai voltar a ser como era. Nos domingos a tarde teria um bailezinho para a terceira idade* (Otávio, GCI 36 - Norte).

Stucchi (1997) acredita que os equipamentos estão contidos nos espaços das relações entre as pessoas e também têm a função de aproximá-las. Desse modo, podem surgir novas emoções e mais motivação para a participação nas atividades, proporcionando o aprimoramento das interações pessoais e sociais no cotidiano. O lugar pode expressar um significado mítico, expõe Maffesoli (2010), podendo tornar-se um laço, representando uma estrutura antropológica indicativa de que a agregação social em torno de um espaço pode ser um elemento básico para diferentes formas de sociabilidade.

Em outra direção, no GCI 18 (Centro), pôde ser observada maior flexibilidade com relação ao tempo das reuniões, não havendo horário estabelecido para o término das atividades no lazer. Neste caso, os

participantes se encontram em um salão de festas da associação de aposentados bancários que integram, mantida pela iniciativa privada, tendo todo o período vespertino e noturno deste espaço disponível para suas atividades. Além disso, a própria centralização na cidade facilita o acesso da maior parte dos membros do grupo, os quais, também, embora nem sempre residam em bairros próximos, dispõem de veículo próprio.

Assim, retomando os aspectos envolvendo a estrutura constante e repetida das atividades no lazer, destaca-se que, no GCI 94 (Continente), há a particularidade de momentos sem atividades previamente estabelecidas: após a reunião de abertura do encontro até iniciar o almoço; e depois do término do almoço até o começo do bingo. Contudo, o coordenador do grupo afirmou ser questionado pelos demais integrantes em virtude desse tempo “ocioso”<sup>8</sup>, apontando seu interesse por mais atividades, assim como expuseram outros homens idosos, conforme será mais bem discutido na próxima seção, dedicada especialmente à abordagem dos conteúdos culturais das atividades desenvolvidas nesses espaços.

A rotina típica de atividades que caracteriza a organização dos encontros semanais, em todos os GCI, é gerenciada principalmente pelos coordenadores, havendo maior ou menor participação dos demais membros da diretoria, conforme cada grupo. Nos dois grupos formados exclusivamente por casais (GCI 18 - Centro e GCI 94 - Continente), os(as) companheiros(as) daqueles(as) que desempenham funções na diretoria geralmente não ocupam cargos nesse sistema de organização. Contrariamente, nos demais grupos pesquisados é comum esposas/maridos e familiares dirigirem estes espaços, até mesmo de forma absoluta, ou seja, sem a participação de pessoas que não estejam no círculo familiar das coordenadoras.

Essa estrutura conservadora verificada na diretoria dos grupos, muitas vezes, reproduz atitudes e comportamentos (não) esperados para cada indivíduo, fundamentados nas relações de poder, nucleares, hierárquicas, estabelecidas socialmente no âmbito da família (BRITTO DA MOTTA, 1999). No GCI 71 (Leste), por exemplo, onde a coordenadora é viúva e duas de suas filhas ocupam cargos na direção,

---

<sup>8</sup> “ocioso” entre aspas porque embora não haja uma atividade pré-determinada a ser desenvolvida pelos participantes do GCI 94 (Continente) nestes momentos, espontaneamente alguns se reúnem em pequenos grupos para conversar, cantar, jogar dominó, entre outras possibilidades que culminam no atendimento de diferentes interesses culturais e no exercício de variadas formas de sociabilidade.

juntamente com uma sobrinha que desempenha a função de tesoureira, foi possível observar que a autoridade da família está centrada na coordenadora, estendendo-se ao contexto do GCI em questão. Quando ela fala, todos (participantes e diretores) imediatamente se calam e a ouvem atentamente, evidenciando as relações de poder estabelecidas neste contexto.

Já no GCI 36 (Norte), no qual a coordenadora é casada, seu marido desempenha o papel de vice-coordenador, sendo que foi observado que ele só é requisitado pelos participantes para agir como líder na ausência de sua esposa, indicando uma mudança de valores que, até algumas décadas atrás, não parecia ser possível. Conforme explica Britto da Motta (1999), os papéis de gênero estabelecidos nas relações familiares, que colocavam o homem como único chefe e provedor, em uma visão patriarcal, foram influenciados pelas mudanças econômicas e sociais, ocorridas a partir da segunda metade do século XX, repercutindo na maior procura da mulher por espaços externos ao ambiente doméstico, nos quais pudesse vivenciar o lazer, mas também exercer lideranças. Apesar de ainda serem verificadas muitas famílias de idosos em que o homem continua tendo posição central, com as dificuldades deles em se adaptar à aposentadoria, e também nos casos de falecimento de seus companheiros, muitas idosas assumem progressivamente a chefia de seus lares. Esse papel de chefe, segundo Araújo (2004), em algumas situações, é ampliado aos GCI, podendo representar um processo de perpetuação de autoridade nesses espaços e indicar que as relações de parentesco na terceira idade, continuam, de alguma forma, sendo baseadas em hierarquias.

Além dessas questões referentes à representação da estrutura familiar na administração dos grupos e, conseqüentemente, na organização das atividades, em alguns espaços existem outros recursos humanos desempenhando determinadas tarefas. Nos GCI 36 (Norte), GCI 63 (Sul) e GCI 71 (Leste), há mulheres com idade inferior a 60 anos que participam como voluntárias, auxiliando principalmente na limpeza dos espaços e no preparo dos lanches. Nos GCI 18 (Centro) e GCI 94 (Continente), os lanches são preparados pelos próprios idosos e a limpeza do local das reuniões é feita por profissionais específicos contratados para tal. Fragmentos das entrevistas realizadas com os representantes ilustram os aspectos discutidos envolvendo a configuração do lazer nos grupos a partir da organização dos encontros e das atividades de forma geral:

*As atividades rotineiras já estão definidas: encontro todas as tardes de segundas-feiras na sede da associação. [...] Viagens, por acarretarem desembolsos e dependerem da disponibilidade de acomodações, são programadas com maior antecedência. [...] Faço uma porção de coisas: contabilidade, imposto de renda, tudo isso sou eu quem faço, praticamente desde o início. [...] Enquanto der a gente vai tocando (Silveira, coordenador GCI 18 - Centro).*

*[...] Sempre foi assim. Elas trazem as prendas e elas compram as cartelas para brincar à tarde. Todo mundo colabora, da maneira que puder, mas colabora. [...] Agora nós só estamos com o bingo [...] A maior parte do lanche eu faço. [...] O café a Prefeitura dá o Kit [...]. A parte da limpeza sou eu também que faço com a minha enteada. Mas, quando há os eventos eu tenho as equipes que me ajudam. Uma faz uma coisa, outra faz outra. Sempre dispostas a me ajudar [referindo-se principalmente às integrantes da diretoria] (Juliana, coordenadora GCI 36 - Norte).*

*A gente joga bingo. Trabalhamos em casa. Muitas levam trabalhos para costurar, para colocar bordado. Às vezes fizemos dança. Vamos passear, também. É assim (Neide, coordenadora GCI 63 - Sul).*

*[...] tem a presidente, que é a organizadora do grupo. A gente os manda fazerem crochê, bordarem, manda alguém fazer tarrafa. Sempre cada um tem a sua atividade para fazer. [...] Os homens sempre jogam mais dominó. No final, sempre eles têm o lanche deles porque a Prefeitura agora está dando o lanche. Muito tempo não deu, mas agora voltou a dar [...]. E aí agradece a Deus pela tarde que a gente teve, reza... Depois todo mundo se abraça e vai cada um para as suas casas (Zuleide, secretária GCI 71 - Leste).*

*As atividades eram pra ser organizadas juntamente com o tesoureiro, com a secretária e com a vice-coordenadora, mas eles não se interessam muito. Então, eu organizo sozinho. [...] Fico a semana inteira me atualizando, lendo jornal, para trazer essas informações ao grupo. [...] (Eduardo, coordenador GCI 94 - Continente).*

A figura do coordenador e dos membros da diretoria parece ser determinante na organização das atividades, uma vez que são eles quem geralmente as dirigem, respeitando um sistema hierárquico estabelecido nos grupos (coordenador(a), vice-coordenador(a), tesoureiro(a) e secretário(a)). A reincidência das vivências a cada encontro, as quais nem sempre agradam a todos, pode denotar que, nesses espaços, há certas atividades com características alienantes e conservadoras, impostas ao longo do tempo sem serem modificadas (não por falta de interesse dos homens idosos), indo de encontro à característica de livre escolha do lazer. É possível citar como principal exemplo de atividade com tais características os bingos verificados em quatro GCI (a exceção do GCI 18 - Centro). Esse jogo não é apreciado por alguns homens idosos entrevistados, contudo, contraditoriamente, eles acabam participando dessa atividade por não haver outras opções e por ser necessário contribuir com a arrecadação de recursos que os bingos possibilitam ao grupo. Além disso, por ser a principal atividade dos encontros destes GCI, foram observadas situações nas quais os coordenadores solicitaram que os homens idosos suspendessem outra prática no lazer que estavam vivenciando (como jogos de dominó), visto o horário determinado para o bingo começar.

Importa reiterar que, em alguns casos, a liderança do grupo é exercida pela mesma pessoa desde a sua fundação (GCI 71 - Leste) ou há mais de 10 anos (GCI 63 - Sul), ainda que haja eleições periódicas. Em outros, é comum determinados idosos se alternarem na coordenação, evidenciando uma repetição de pessoas nessa função (GCI 18 - Centro e GCI 94 - Continente). Conforme relatos de alguns participantes, essa situação ocorre principalmente por não haver outros candidatos interessados em participar da diretoria, surgindo, conseqüentemente, certo grau de apropriação sobre o grupo por parte dos líderes. Nem sempre esse aspecto é percebido por eles, mas quando o é, não significa que os satisfaçam:

*[...] Desde o início, eu sou um dos que participa ativamente no grupo, na coordenação, nos controles. [...] Poderiam algumas pessoas serem mais participativas, mas eu sei que elas não querem se envolver na coordenação, mas a gente vai levando. [...]* (Silveira, coordenador GCI 18 - Centro).

*Já desempenhei [a função de coordenador], além deste, em dois outros períodos. Neste, estou há um ano. Nosso Estatuto prevê um período de coordenação de dois anos. Mas, estou pensando... [...] Depois de muito tempo na coordenação a pessoa passa a se sentir dona do grupo e eu não quero isso. [...]* (Eduardo, coordenador GCI 94 - Continente).

Durante o período de observação sistemática no GCI 36 (Norte), conversas informais com os participantes indicaram que até poucos meses atrás havia, neste espaço, uma situação de coordenação “perene” exercida por meio de certos traços de autoritarismo. Uma participante ingressa recentemente no grupo foi incentivada pelos demais idosos para disputar a liderança na eleição ocorrida no final de abril de 2014, tendo em vista o descontentamento dos integrantes e a falta de outros interessados. A escolha da maioria pela nova coordenadora implicou não apenas na renovação da diretoria, como também no (re)ingresso de idosos, especialmente dos homens, e na percepção de maiores possibilidades de mudanças:

*Eu fiquei aqui mais ou menos um ano e pouco e depois eu saí porque estava meio ruim o negócio. Eu tinha saído com aquela mulher aí [referindo-se a antiga coordenadora] [...] Depois eu voltei [...]. Mudou tudo. [...] Depois que eles arrumaram agora está bom. Eu venho, tomo um cafezinho, faço uma coisa ou outra [...] Mas, eu não jogo, não gosto de jogar* (Odair, GCI 36 - Norte).

*Como mudou a diretoria, aí veio participar o seu Márcio que é o vice-presidente, a esposa dela que é a presidente. Como nós conhecemos muito ela*



*nós entramos na sociedade [...] (Otávio, GCI 36 - Norte).*

*Eu comecei a participar quando ela começou [referindo-se a atual coordenadora]. Faz uns três meses. E eu não ando em grupo nenhum, só neste aqui. [...] Quando era da outra senhora que trabalhava aqui eu vinha, mas eu nunca entrei porque ela não ia pra frente. [...] Tudo agora está bom. [...] eles vão arrumar isso tudo, quem sabe eles façam uns bailes, umas domingueiras para ajudar, vamos ver, se ela topa. [...] (Antúniel, GCI 36 - Norte).*

*Eu estou participando aqui, como sócia, há um ano. E como coordenadora eu estou desde maio porque a eleição foi dia 24 de abril. Então, a partir do dia 24 de abril [de 2014] eu assumi como coordenadora. [...] Quando eu comecei aqui no grupo tinha apenas mulheres [...] (Juliana, coordenadora GCI 36 - Norte).*

Notadamente, a perpetuação das lideranças pode estar implicando na estrutura fixa e recorrente de atividades observadas na maioria dos encontros dos grupos. As decisões por determinados aspectos envolvendo as vivências muitas vezes são centradas nos coordenadores, não havendo participação dos demais integrantes no processo de escolha, seja por não tomarem a iniciativa de manifestarem suas opiniões quando consultados, seja por já ter havido certa “imposição” por parte dos diretores.

Por exemplo: quando alguns homens idosos entrevistados verbalizam que aquilo que a coordenação fizer está bom, verifica-se certo grau de passividade acompanhado de uma supervalorização de quem lidera o grupo. Por outro lado, quando, no discurso dos coordenadores, emergem falas indicando que os integrantes do grupo devem fazer determinada atividade, é revelado certo grau de impedimento à participação democrática desses integrantes. Além de criar entraves para a inclusão de possibilidades inovadoras, essa situação pode repercutir na insatisfação com determinadas vivências rotineiras nos encontros. Trechos de algumas entrevistas realizadas com os homens idosos elucidam essas questões:

*Para mim, o que elas fizerem está tudo bem feito [referindo-se às integrantes da diretoria, todas do sexo feminino]. Porque a gente está acompanhando. Quem trabalha dentro de um conjunto desse é quem sabe. Não é igual a gente. A gente é diferente. Elas é que estão por dentro dos assuntos. Como agora vai ter jantar, tudo bem, mas são elas que coordenam. Mas, para mim, está tudo bem (Heraldo, GCI 71 - Leste).*

*Isso aqui nunca teve nada. É assim: só chegar aqui e jogar bingo. Uma vez tem uma brincadeira, tem um bailinho. Ela também fazia algumas vezes [referindo-se a antiga coordenadora]. Aí eu vinha. Mas, não tinha mais nada não. Eu não jogo bingo, não gosto de jogar (Odair, GCI 36 - Norte).*

*[...] É o que eu disse para um rapaz aí, uma vez que nos encencamos: “o negócio é o seguinte, eu estou pagando para fazer o que eu não gosto! Vocês não fazem outra coisa diferente do bingo”. Por exemplo: chega uma quinta-feira, faz isso aí [referindo-se ao baile que estava ocorrendo naquele dia], é uma coisa que eu mais adoro. É mais por isso que eu venho, por causa do passeio, da viagem, e quando tem baile. [...] Eu não sou contra ninguém jogar. Mas, se dentro desse mês nós vamos fazer dois, três bingos, vamos tirar um para fazer uma reunião, porque nós não temos, eles não fazem. Uma reunião para a gente saber das coisas. A diretoria que nós temos também tem que saber o que os outros idosos estão sentindo, querendo, precisando. [...] (Alisson, GCI 63 - Sul).*

*Eu era muito contra, de início, da comida. Acho até que nunca falei ali. [...] Mas, eu acompanho também (Wilson, GCI 94 - Continente).*

Nesses espaços que deveriam se constituir em possibilidades de representações democráticas, a tomada de decisões centralizada em pessoas que ocupam cargos e funções gerando relações de poder e obediência podem prejudicar a participação, a exposição de ideias e a

autonomia do outro (ARAÚJO, 2004). Ao analisar a influência de coordenadoras de 13 GCI de Florianópolis (SC) sobre o processo de construção da cidadania dos idosos, Araújo (2004) constatou que esses grupos se configuram como possibilidades de representação democrática da cidadania especialmente pelo reconhecimento dos idosos como sujeitos políticos, detentores de direitos que devem ser respeitados; e particularmente por meio de uma atividade possibilitada pelo grupo de participação em espaços públicos. Paradoxalmente, a autora verificou que as coordenadoras idosas impõem um limite ao exercício da cidadania do outro por meio de certo grau de autoritarismo nas demais atividades realizadas e pelo longo período de “chefia” do grupo, podendo implicar em grande resistência a mudanças nas vivências oportunizadas.

No presente estudo, também foram presenciadas situações nas quais alguns aspectos das atividades desenvolvidas foram estabelecidos pela diretoria sem que os idosos fossem convidados para debatê-los, como por exemplo, na determinação do preço das cartelas de um bingo que seria realizado em um final de semana em determinado grupo; e no prêmio a ser trazido por cada um para um bingo maior, que seria aberto à comunidade visando à arrecadação de recursos financeiros, em outro GCI. Entretanto, também foram observados conflitos entre os próprios diretores no gerenciamento de algumas atividades: quando a coordenadora de um grupo disse não saber sobre cartelas de um bingo maior que estavam sendo entregues aos participantes por outros membros da diretoria; ou quando uma tesoureira percebeu que uma integrante do grupo estava marcando sua cartela do jogo de bingo a pedido de outras diretoras, sem que ela tivesse sido consultada.

Ao contrário, ainda, foram percebidas situações nas quais todos os diretores e integrantes do grupo foram convidados a expor sua opinião, sendo que as decisões foram tomadas em conformidade com a maioria, tal qual uma votação pela permissão ou não de levar pessoas externas ao grupo como acompanhantes para as viagens; e outra votação em um grupo distinto do primeiro por qual evento seria promovido pelo grupo (bingo, baile ou almoço) para angariar dinheiro a fim de viabilizar um passeio previsto para o final do ano. Neste último caso, durante a discussão do coletivo, três homens idosos jogavam dominó e não interromperam sua atividade para opinar. Após a decisão pelo bingo ter sido tomada, um deles disse à secretária do grupo que preferia um baile, e ela lhe respondeu dizendo que já havia sido feita a votação e que ele deveria ter opinado naquele momento.

Torna-se claro que nem sempre alguns homens idosos dão à devida importância a sua participação nas decisões do grupo. Além disso, aqueles que afirmaram, durante as entrevistas, não gostar de determinadas atividades, não foram observados tomando qualquer iniciativa de procurar a coordenação para discuti-las. Por outro lado, em alguns momentos, apesar de ter sido verificado certo grau de imposição nas atividades por parte diretoria, diferentemente das coordenadoras investigadas por Araújo (2004), os líderes dos GCI entrevistados na presente pesquisa demonstraram tanto interesse por inovações quanto os homens participantes, exemplificando atividades que eles gostariam que fossem inseridas no grupo se houvesse recursos e interesse efetivo do coletivo. Ou seja, aqui não parece haver uma postura inexorável por parte dos diretores, indicando uma possibilidade fértil para que os homens idosos possam integrar ainda mais esses GCI, a partir do momento que passarem a participar mais das escolhas das atividades.

Para Melo e Alves Júnior (2012), liderar significa conduzir grupos para o desenvolvimento de sua criatividade, estimulando a participação crítica e ativa dos envolvidos. Nesse exercício, os autores sugerem a constante realização, construtivamente, de processos avaliativos (individuais e coletivos), objetivando a superação qualitativa das vivências. As atividades no lazer devem ser elaboradas com o público, não para ele. Em uma perspectiva de mediação, essa atuação vai exigir um líder democrático, não autoritário. Apesar de esses autores terem abordado tais aspectos sobre a liderança se direcionando aos profissionais de lazer, animadores culturais, acredita-se que esses pressupostos possam ser estendidos às reflexões sobre possíveis mudanças na postura dos coordenadores dos GCI.

Também, é possível concordar com a opinião de Araújo (2004) de que o planejamento coletivo dos encontros nos GCI se concretizaria como uma oportunidade para que se tornassem mais evidentes as necessidades individuais e grupais. Nessa possibilidade de participação democrática poderiam ser abertas alternativas para o exercício do pensar, do conhecer, do se manifestar e se expressar verbalmente, tanto na consonância com aqueles que pensam, sabem, gostam, falam e acreditam igualmente, quanto no confronto com aqueles que divergem nesses aspectos. No desenvolvimento das atividades planejadas poderiam surgir conflitos, dificuldades, irresponsabilidades, mas também harmonia, afetividade, responsabilidades e ajuda, demonstrando o quanto o grupo está coeso ou não.

Parece, portanto, ser necessário mais diálogo entre coordenadores, diretores e homens idosos integrantes dos GCI

investigados, bem como o estímulo para a ação com o intuito de que seja iniciado um movimento efetivo voltado à mudança, atendendo aos interesses e às necessidades de todos os envolvidos. Considera-se que a proposta da animação cultural (especialmente em sua perspectiva dialética), como intervenção pedagógica que pode ser direcionada aos momentos de lazer, por estar centrada em um trabalho de mediação que, opondo-se a ideia de imposição, contribui para a construção de uma democracia cultural (MELO, 2004a; MELO; ALVES JÚNIOR, 2012), apresenta-se como possibilidade fértil para reflexões referentes ao reconhecimento dos participantes de cada grupo como parte ativa do processo de planejamento, execução e avaliação das atividades.

Nessa proposta, não há uma imposição vertical por parte de líderes, tampouco o mero oferecimento de novas opções horizontalmente, ou seja, sem a participação dos integrantes dos grupos no processo de planejamento. Trata-se de uma postura diagonal, na qual o(s) animador(es) (que pode(m) ser profissional(ais) de Educação Física ou de outra(s) área(s) do conhecimento), tenta(m) estimular a reflexão construída e problematizada, assim como organizar uma ação comunitária (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012).

É bem possível que essa proposta encontre resistências por parte do público, compreensíveis em uma ordem social que estimula o contentamento fácil e uma postura pouco reflexiva. Além disso, há, na animação cultural, um paradoxo: o processo de educação pretendido perpassa por uma “deseducação”, ou seja, ao buscar romper com a unilateralidade no processo de comunicação, inevitavelmente é instaurado certo incômodo, desestabilização. Contudo, é preciso esclarecer que essa alternativa de intervenção pedagógica se constitui a favor, e não necessariamente contra algo (MELO, 2007). O compromisso do animador cultural nada mais é que incomodar os padrões estabelecidos ao apresentar novos olhares, representações e novas formas de obtenção de prazer (MELO, 2002b).

Transferindo as ideias da animação cultural, como processo de intervenção no lazer, para o contexto dos GCI pesquisados, a partir das reflexões empreendidas, acredita-se que o intuito não seria confrontar as individualidades, nem retirar a liderança e gestão dos grupos por parte dos próprios idosos. O propósito seria incentivá-los a exercer seus papéis de coordenadores com práticas verdadeiramente democráticas e contribuir para que todos os participantes percebessem que a construção de uma coletividade perpassa por negociações, concessões, mediações.

Um programa de animação cultural não é constituído por aquilo que o animador deseja, nem somente pelo o que os participantes

querem. Ele é nutrido das reelaborações constantes que surgem do estímulo que o animador encaminha aos (e com os) participantes e do estímulo que estes últimos oferecem ao animador, sem nenhuma pretensão de enquadramento. Deste modo, abrem-se espaços para a não conformidade e para o desenvolvimento da criatividade. O diálogo é sempre necessário, mas deve permitir o nascimento de novas significações (MELO, 2002a; MELO; ALVES JÚNIOR, 2012).

Além dessas possibilidades, a reflexão acerca da proposta da animação cultural evidencia uma possível ferramenta para repensar a dinâmica de organização das vivências e da configuração do lazer nos GCI, tendo em vista que, tal proposta, considera o duplo aspecto educativo do lazer, referenciado, neste trabalho, em Marcellino (1996). De acordo com Melo e Alves Júnior (2012), a falta de um processo contínuo de educação implica na restrição das vivências nos momentos de lazer.

Em outros GCI da cidade de Florianópolis (SC), conforme estudos realizados nesses espaços, em anos anteriores ao presente, eram desenvolvidas palestras informativas e motivacionais, com temáticas diversas (ARAÚJO, 2004; LOPES, 2012; MAIER, 2009), as quais, acredita-se que poderiam, de alguma forma, contribuir com o processo de educação para e pelo lazer nesses contextos. Nos GCI pesquisados no presente estudo, por outro lado, não foi identificado nenhum processo educativo para/pelo lazer em desenvolvimento ou pretendido, tanto por iniciativa dos participantes dos grupos quanto pelos órgãos municipais responsáveis por esses espaços (considerando as observações e os depoimentos dos entrevistados).

Dessa forma, a estratégia da animação cultural, associada ao duplo aspecto educativo do lazer, mostra-se potencial para ser refletida, levando em conta as mudanças pretendidas pelos participantes. Mais do que incentivos aos coordenadores e aos integrantes dos GCI e, também, mais do que apenas vontade por parte deles, a possibilidade de modificações na estrutura de organização e planejamento das atividades nesses espaços requer, fundamentalmente, um processo de educação relacionado ao lazer.

No GCI 18 (Centro), a organização é um pouco diferenciada. Apesar de quase sempre os participantes desenvolverem as mesmas atividades, não há momentos específicos para iniciá-las ou finalizá-las, nem um ministrante ou pessoas que desempenhem tarefas específicas em cada uma delas. Cada atividade é realizada por iniciativa de determinados integrantes do grupo quando manifestam interesse por desenvolvê-la. Sempre que há necessidade de alguma decisão, o

coordenador solicita a atenção de todos os membros, expõe a situação e todos opinam até que uma escolha seja feita, como no caso de uma reunião presenciada pela pesquisadora, na qual todos decidiram que o lanche seria realizado em uma pizzaria, uma vez que os responsáveis por trazê-lo naquele dia faltaram ao encontro. Conforme o depoimento de alguns homens integrantes deste grupo:

*[...] A gente é quem decide o que fazer, o que não fazer, se joga, não joga, o que joga (Paulo, GCI 18 - Centro).*

*[...] Você deve ter notado que não existe um autoritarismo. Então, nós estamos aqui por vontade. Em um ciclo, eu sou um coordenador deste grupo também. Primeiro foi o Ricardo [referindo-se a ele mesmo], depois foi o Silveira, depois o Alberto, aí teve mais duas vezes mulher no comando do grupo, depois volta para o Silveira, volta para o Ricardo e assim vai. [...]* (Ricardo, GCI 18 - Centro).

*Aqui não tem esse negócio, acabou esse negócio de dizer “porque eu fui inspetor, que eu fui gerente, que eu fui isso...” Para mim, agora é todo mundo igual. Todo mundo é aposentado da Fundação. [...]* (Michel, GCI 18 - Centro).

Nestas constatações, não se deve desconsiderar a característica particular de formação deste grupo, a qual ocorreu mediante iniciativa de assistentes sociais preocupadas com a ocupação do tempo de homens bancários aposentados. Excetuando-se um homem que não trabalhou em bancos, todos os participantes deste GCI, necessariamente, tiveram uma rotina laboral marcada por uma estrutura rígida de horários, compromissos e obrigações, a qual, conforme o depoimento de alguns deles, impossibilitava o desfrute do lazer, o atendimento de interesses culturais diversos e, até mesmo, a convivência com seus familiares. Dos depoimentos destes idosos emergiram, quase sempre, uma necessidade de distanciamento das relações hierárquicas e das obrigações características da sua vida produtiva, que, agora, pode ser atendida no contexto do GCI que integram.

De qualquer forma, embora possa ser percebido que haja mais diálogo e participação democrática nos processos decisórios no GCI 18

(Centro), não se descarta a possibilidade de reflexão acerca da animação cultural. Especialmente em sua perspectiva de educação para o lazer, os participantes poderiam perceber e experimentar novas alternativas de vivências que também pudessem lhes satisfazer, ampliando, assim, suas práticas culturais.

A partir da expansão do acesso às linguagens, também são vislumbradas contribuições para estimular outros modos de ver, perceber, compreender e sentir, em um processo de sensibilização, educação da sensibilidade (MELO, 2004a, 2007; MELO; ALVES JÚNIOR, 2012), educação do sensível ou educação estética, como se prefira denominar (DUARTE JÚNIOR, 2000). Baseando-se nos autores referenciados neste parágrafo, trata-se de, a partir do estímulo ao desenvolvimento dos sentidos, pensar em uma iniciativa de “alfabetização” cultural em várias vias, potencializando, inclusive, conhecimentos e saberes mais abrangentes.

Conforme ressaltam Gomes, Pinheiro e Lacerda (2010), o lazer é um fenômeno sociocultural complexo, permeado de ambiguidades e contradições. Manifesta-se em diferentes contextos, de acordo com os sentidos/significados que são (re)produzidos por meio de relações dialéticas das pessoas nas suas interações com o mundo. É nesse contexto de inter-relações pessoais proporcionadas pelos GCI que os interesses culturais do lazer estão ou não sendo atendidos, conforme será discutido na sequência.

#### 4.3 CONTEÚDOS CULTURAIS DO LAZER: interesses humanos dentro e fora dos GCI

Os seis conteúdos culturais do lazer - físicos, manuais, artísticos, intelectuais, sociais (DUMAZEDIER, 1980) e turísticos - (CAMARGO, 1986) foram observados dentre as atividades desenvolvidas nos cinco GCI investigados, alguns com maior predominância que outros, conforme será apresentado a seguir em subseções destinadas a cada conteúdo, ordenadas mediante tal predomínio. Nos momentos de lazer fora do grupo, esses conteúdos também foram verificados a partir das entrevistas realizadas com os homens idosos, contudo, apresentaram-se mais restritivamente conforme cada indivíduo e grupo que integra.

Marcellino (2007) explica que o ideal seria que cada pessoa vivenciasse atividades no lazer abrangendo os vários grupos de interesse. Assim, procuraria exercitar o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o intercâmbio cultural e a quebra da rotina, do modo que desejasse. Nessa direção, foi possível observar que



os GCI pesquisados contribuem para atender esses interesses, em maior ou menor escala conforme cada grupo, muitas vezes diversificando as vivências no lazer rotineiras dos homens idosos.

Gomes e Pinto (2009) ressaltam que cada atividade cultural está inscrita em uma trama de relações sociais, políticas, econômicas, dentre outras que muito revelam sobre determinado contexto e sobre as pessoas que nele vivem. É possível concordar com as autoras que as manifestações culturais do lazer não podem ser entendidas isoladamente. Nesse sentido, deve-se esclarecer que, na presente pesquisa, a análise dos conteúdos das vivências não desconsiderou que em uma mesma atividade no lazer podem estar envolvidos diferentes interesses humanos. Todavia, os conteúdos foram estabelecidos em termos de predominância, sendo discutidas inter-relações estabelecidas com outros, quando identificadas.

#### **4.3.1 O conteúdo turístico**

Esse conteúdo foi bastante expressivo nos cinco GCI. Embora atividades turísticas não tenham sido presenciadas pela pesquisadora durante o período de coleta de dados, as práticas corriqueiras dos grupos, as conversas informais com os participantes e as entrevistas realizadas com os homens idosos e com os coordenadores permitem apontar que os interesses turísticos não somente são atendidos a partir das viagens e dos passeios, como também se constituem em elemento de motivação para a participação no grupo. Tendo em vista que esses idosos tiveram uma trajetória de vida marcada pela supremacia do trabalho produtivo, o qual ocupava a maior parte do seu tempo, agora encontram nos GCI oportunidades privilegiadas para vivenciar determinadas atividades, tais quais as turísticas, que nem sempre lhes foram possíveis ou estiveram acessíveis.

Da mesma forma com que foi verificado em outros estudos realizados em GCI da cidade de Florianópolis (SC) (ARAÚJO, 2004; BRAZ, 2008; LOPES, 2012; MAIER, 2009), as atividades turísticas são frequentes nesses espaços e se tornam tão atrativas aos idosos que influenciam, até mesmo, a dinâmica dos encontros semanais/quinzenais. Com exceção do GCI 18 (Centro), as principais atividades desenvolvidas nos grupos (a exemplo dos bingos, das rifas, dos almoços) quase sempre são destinadas à arrecadação de recursos financeiros para a realização de passeios e viagens, embora não se deva desconsiderar que tais atividades também acabam atendendo a outros interesses culturais dos idosos. Além disso, os participantes contribuem

com mensalidades a fim de, principalmente, viabilizar as viagens. Alguns relataram que, em anos anteriores, a Prefeitura os auxiliava nessas atividades disponibilizando o transporte, mas a suspensão desse apoio (por motivos desconhecidos dos idosos), fez com que a concretização dessas vivências dependesse ainda mais da mobilização e dos meios deles próprios.

Nos discursos dos homens idosos entrevistados, houve unanimidade em considerar as atividades turísticas como práticas que lhes geram muito prazer e satisfação. Inclusive, ao serem questionados sobre o que gostariam que tivesse nos grupos que participam, muitos citaram mais passeios e viagens. Do mesmo modo, ao serem indagados sobre os motivos de ingresso e permanência no grupo, as atividades turísticas apareceram como um dos estímulos.

*O que eu mais gosto é a convivência com as pessoas e a oportunidade de viajar com um grupo de pessoas conhecidas [...]. Viagem com pessoas conhecidas realmente se diverte mais. [...]* (Paulo, GCI 18 - Centro).

*[...] Uma ajuda de custo para nós passearmos mais faria muito bem. Aí não dependeria só do bingo. Mas, assim como está, está bom* (Douglas, GCI 63 - Sul).

*[...] Nós passeamos muito principalmente dentro de Santa Catarina. Então, sair com todos é muito gostoso [...]* (Patrício, GCI 94 - Continente).

De acordo com Trigo (2010), a relação dos seres humanos com as viagens é bastante antiga (data dos tempos do nomadismo e das primeiras viagens épicas ou de peregrinação em busca de conhecimento), sendo reveladora de seus sentimentos mais profundos. Essa atividade povoa o imaginário das civilizações, sendo que seus supostos perigos ou suas esperadas maravilhas encantam as pessoas.

Nos GCI estudados, durante as reuniões, no processo de espera pela chegada do dia de passear/viajar, os idosos se mostraram ansiosos. Frequentemente, as conversas giravam em torno das próximas atividades turísticas, sendo que os esforços para conseguir dinheiro para o transporte, as refeições, a hospedagem, etc., tornavam-se ainda mais valiosos.

Trata-se do imaginário, da primeira dimensão do turismo como atividade no lazer<sup>9</sup>. Antecedendo a viagem, este é o domínio do sonho, do curtir a atividade por antecipação. A segunda dimensão, que caracteriza a ação, o real, a vivência da viagem propriamente dita, não foi presenciada pela pesquisadora, mas os relatos dos participantes do estudo revelaram seu contentamento com a ruptura da rotina cotidiana, a descoberta do novo e com as relações sociais estabelecidas nesses períodos. Também, ao se reportarem aos momentos vividos durante essas atividades, demonstraram que elas não terminam quando acabam, sendo prolongadas em seus pensamentos, os quais são compartilhados em conversas informais até mesmo com pessoas, a *priori*, não muito próximas, tal qual a pesquisadora.

Embora se saiba que nem todas as pessoas gostam de viajar, entre os homens idosos entrevistados, o apreço pelas atividades turísticas foi unânime. No entanto, foram poucos aqueles que exemplificaram essas vivências em seus momentos de lazer externos ao grupo, a saber, alguns homens do GCI 18 (Centro) e do GCI 36 (Norte):

*[...] Nós passeamos muito. Tem um senhor que faz excursões todo mês para tudo quanto é lugar. [...] Vamos ao passeio, almoçamos fora e depois vamos a um baile. [...] Vai sempre eu e ela [referindo-se a sua esposa]. E esse senhor também vai junto conosco [referindo-se a Odair, outro integrante do grupo]. Aonde eu vou ele vai. Nós moramos perto. [...] (Otávio, GCI 36 - Norte).*

*[...] Eu já estou aposentado há 24 anos. E esse tempo todo é só viajando, é passeando, então não paro em casa (Osnildo, GCI 18 - Centro).*

Tendo em conta que, frequentemente, os assuntos envolvendo o turismo são abordados por seus aspectos econômicos, sendo que as condições financeiras são vistas como principais limitantes para a vivência de atividades turísticas (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010), considera-se importante mencionar que os rendimentos da

---

<sup>9</sup> Baseando-se em trabalhos do sociólogo Paulo Salles Oliveira, Marcellino (1996) apresentou três dimensões envolvidas nas atividades turísticas (imaginação, ação e recordação), aqui observadas e descritas na interpretação dos dados da pesquisa envolvendo o conteúdo turístico.

maioria dos homens do GCI 18 (Centro) são expressivamente maiores que os da maior parte dos homens do GCI 36 (Norte). Apesar de não terem sido apresentados, neste estudo, dados especificando a renda dos participantes, pelo fato de muitos terem solicitado sigilo ou preferido não informar, é possível fazer este apontamento com base nos depoimentos daqueles que não se opuseram em falar sobre o assunto. Isso significa que, tanto homens idosos com melhores condições financeiras quanto aqueles com rendimentos menores estão vivenciando o conteúdo turístico em seus momentos de lazer, ainda que sejam poucos quando comparados à quantidade total de homens participantes do estudo.

É indiscutível que o fator econômico representa uma das principais barreiras socioculturais de acesso ao lazer, podendo influenciar em maior ou menor escala a vivência de determinadas atividades (MARCELLINO, 1983). Contudo, conforme alertam Gomes, Pinheiro e Lacerda (2010), é preciso relativizar a ideia de que para vivenciar o lazer, por meio de seus diferentes conteúdos, é necessário dispor de muito dinheiro. O lazer precisa ter sentido para as pessoas que o usufruem, sendo necessário reconhecer, legitimar, incentivar e valorizar as iniciativas dos próprios indivíduos e da comunidade, assim como reconhecer o turismo como fenômeno sociocultural atrelado ao lazer.

Sob essa ótica, as atividades turísticas tanto podem oportunizar a descoberta do novo e o enriquecimento das sensibilidades de forma crítica e criativa, quanto podem se constituir em simples ocasião de consumo conformista, representando meramente a fuga de problemas ou a reposição de energias. Como direito social, importa que as vivências turísticas também integrem a vida cotidiana dos idosos no lazer (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010; MARCELLINO, 1996). Nesse sentido, os GCI estão se apresentando como possibilidades férteis para o atendimento dos interesses turísticos dos participantes.

Marcellino (1996) é partidário da opinião de que as cidades podem ser consideradas como equipamentos apropriados para a vivência do lazer, em especial, de suas possibilidades contemplativas, as quais não foram citadas diretamente como alternativas entre as vivências dos homens idosos ora investigados. Mesmo que não se trate de uma relação exclusiva, o autor acredita que a gratificação pela contemplação dos espaços urbanos (a qual pode ocorrer durante as viagens) constitui-se, ou deveria constituir-se, em um estímulo à sensibilidade.

Todavia, Duarte Júnior (2000) mostra o quanto esse exercício de interpenetração entre os seres humanos e as cidades vem se tornando

cada vez mais difícil, na medida em que os espaços urbanos vieram progressivamente se transformando em um cenário inóspito e ameaçador, notadamente por seus congestionamentos, sua deterioração material e variegada poluição, além de toda a violência que se espalha por seus interstícios. Ações corriqueiras como caminhar, comer, tocar, cheirar, dentre tantas outras comuns às pessoas, vêm se deteriorando pelas necessidades hodiernas de agilidade, praticidade, racionalidade e de ocupação constante, calcadas nos princípios do utilitarismo, do pragmatismo e do funcionalismo dos dias atuais. Por tudo isso, o autor destaca que o desenvolvimento e o refinamento dos sentimentos e das percepções acerca da realidade vivida se constituem em uma tarefa tanto mais urgente quanto mais o mundo contemporâneo parece mergulhar em uma crise sem precedentes na história da humanidade.

A velocidade com que se apresentam os acontecimentos e a obsessão pela novidade, que caracterizam o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre os acontecimentos (BONDÍA, 2002). Contrapondo-se a essa lógica, perceptível também nas atividades turísticas, Trigo (2010) e Panosso Netto (2010) comentam sobre a existência de um movimento internacional denominado “*slow travel*” que buscou fundamentos no “*slow food*” para enfatizar a necessidade de desaceleração das práticas humanas a fim de vivenciar mais e melhor cada destino, seja a partir da permanência no lugar durante mais tempo ou por meio do conhecimento mais aprofundado de tudo aquilo que está próximo. Os autores também apontam a existência atual do turismo de experiência, ou seja, um tipo de turismo que pretende marcar os turistas de maneira profunda e positiva, tendo em vista que, hoje, muitos deles esperam mais que uma mera pausa ou descanso. Os turistas desejam, efetivamente, experimentar as viagens.

Apesar de os autores supracitados utilizarem referenciais teóricos diferentes do que foi aqui adotado para compreender o termo *experiência* (BONDÍA, 2002), é possível identificar aspectos comuns na sua abordagem para se referir ao turismo de experiência. Segundo Panosso Netto (2010), a forma de turismo em voga não se trata simplesmente de uma estratégia de marketing e segmentação de mercado, pois a experiência em questão não é qualquer tipo de experiência - não é somente algo que acontece, como diria Bondía (2002). As descobertas, as frustrações, as emoções e as sensações proporcionadas pelas atividades turísticas podem propiciar uma experiência, mas, por si só, não a caracteriza. Nas palavras de Bondía (2002, p. 24):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Nem toda viagem pode ser considerada uma experiência, tomando-a no sentido proposto por Bondía (2002). Porém, sua vivência mais intensa, especialmente a partir da exploração dos variados estímulos sensoriais envolvidos nessa atividade, pode constituir-se em um ponto de partida para a experiência. Conforme Trigo (2010), as viagens não são apenas deslocamentos geográficos, culturais ou sociais, mas também uma jornada interior. Uma viagem especial exige pessoas e condições especiais. Isso não implica somente poder econômico, mas, fundamentalmente, atitudes e posturas sociais, culturais e políticas.

Parece, então, haver uma emergência em se repensar as vivências turísticas, no sentido de valorizá-las como atividades socioculturais privilegiadas no lazer, nas quais é possível (e há de se) observar e explorar as múltiplas relações humanas na situação vivida nas viagens e nos passeios (por exemplo: tato, visão, olfato, audição e paladar, ainda que esses sentidos possam estar comprometidos pela idade avançada ou por outros motivos), bem como extrapolar a ideia de simplesmente expor o turista ao novo. O estímulo a inquietudes construtivas pode despertar a descoberta não apenas de novos lugares, mas também de diferentes sabores, sons, cheiros, paisagens, sensações, saberes e ideias (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010).

Essas possibilidades se aproximam daquilo que Duarte Júnior (2000, p. 14) chamou de *saber sensível*: “[...] inelutável, primitivo, fundador de todos os demais conhecimentos, por mais abstratos que estes sejam; um saber direto, corporal, anterior às representações simbólicas que permitem os nossos processos de raciocínio e reflexão.”. Acredita-se que, a partir desses estímulos, as atividades turísticas podem ter mais potencial para se configurarem como experiências significativas

aos homens idosos em detrimento a sua estagnação no plano dos acontecimentos.

Viver o lazer por meio do turismo também pode aumentar consideravelmente o processo de integração entre os idosos e destes com as demais faixas etárias e lugares (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010). A inter-relação do conteúdo turístico com outros conteúdos culturais do lazer é muito clara (MARCELLINO, 1996), porém, neste estudo, o conteúdo social se destacou nessa interação, visto que é especialmente durante as viagens que surgem momentos de união, de conflitos, de tensões, de benevolência, os quais se configuram como uma possibilidade de estreitamento, aperfeiçoamento ou reflexão sobre as relações interpessoais e de exercício de formas de sociabilidade.

*[...] Quer ver legal quando a gente vai viajar. Acho lindo quando o pessoal embarca no ônibus. O pessoal leva gaita, leva pandeiro, leva um bumba. Todo mundo canta, todo mundo se diverte dentro do ônibus. Isso é uma coisa muito importante. [...] Quando eu viajo, o motorista fica de um lado do ônibus e eu fico do outro para ajudar a descer as pessoas, subir as pessoas. Na hora do café que elas estão na fila, eu faço preferência de elas sentarem e de eu levar a bandeja do café na mesa delas. [...] (Osni, GCI 71 - Leste).*

*[...] É um grupo amigo. [...] A gente está envolvido e eles têm consideração pela gente. Apesar do que acontece, mas é coisa que quem vive em grupo está sujeito a tudo. E não só sujeito a tudo, tem que relevar algumas coisas e, às vezes, não absorver outras. Foi o que aconteceu naquilo ali [referindo-se a uma discussão durante a reunião anterior, observada no período de coleta de dados, referente a um desentendimento entre alguns participantes durante o último passeio. A rota do ônibus foi alterada pelo motorista a pedido deste depoente, mas sem o conhecimento de todos e anuência do coordenador. Pelo fato de o novo trajeto ter muitos aclives, algumas idosas passaram mal], onde fui obrigado a dar a mão à palmatória e depois fui obrigado a agir do meu jeito. Depois,*

*todo mundo ficou do meu lado. Eu errei, mas fazer o quê? Acontece. Tem gente que não sabe viver em grupo. Tem gente que pensa que grupo é “o” grupo, mas são “as” pessoas. Tem diferença porque o grupo é “as” pessoas. Então, tem que saber viver em grupo com as pessoas. [...] (Zilton, GCI 94 - Continente).*

O espaço das relações humanas tem significados próprios, sendo constituído por elementos inerentes a cada pessoa, voltados ao lado introspectivo das emoções e sensações, provocando, muitas vezes, um estado de êxtase que fortalece os laços das relações no contexto do espaço/ambiente no qual as pessoas estão situadas. Esse espaço/ambiente pode ser qualquer lugar (inclusive, trajetos de viagens), tornando-se equipamentos de lazer por excelência que propiciam interações entre as pessoas (STUCCHI, 1997). Claro que nem sempre essas relações são positivas e satisfatórias, mas caracterizam possibilidades de desenvolvimento de interações sociais. Nessa direção, enfatiza-se a importância dos interesses sociais do lazer, foco a seguir.

#### **4.3.2 O conteúdo social**

Foi observado em todos os grupos, seja na inter-relação com os demais conteúdos culturais, por meio da vivência de atividades que atendem prioritariamente a outros interesses humanos, mas em que também são evidentes as possibilidades de relações sociais (a exemplo das viagens, discutidas anteriormente); seja por meio de atividades sociais específicas, nas quais os relacionamentos constituem a única motivação. Britto da Motta (1999) acredita que, no fim das contas, todos os grupos de idosos acabam se constituindo em espaços privilegiados para o exercício da sociabilidade, à vista da sua característica de encontro/conflito/assimilação/negação de ideias, opiniões, hábitos, costumes, valores, estilos de vida, na convivência com outros idosos.

É possível concordar com a autora supracitada, afinal, o próprio processo de idealização e criação desses grupos perpassou pelo pressuposto da possibilidade de convivência e de relações sociais entre os participantes (MENDES, 2000; ROLLIN, 1998). Sendo assim, a sociabilidade é frequentemente observada por estudiosos que investigaram GCI em diferentes cidades brasileiras (BORINI, 2002; KIST, 2011; MAIER, 2009).



Dentre as atividades com interesses eminentemente sociais foram recorrentes, nos cinco GCI aqui investigados, rodas de conversas descontraídas, formadas espontaneamente entre os participantes dos grupos (de sexos iguais ou diferentes), antes ou após o início de outra prática, ou, ainda, durante as refeições. Como forma pura de sociabilidade, conforme explica Simmel (2006), a conversa tem um fim em si mesma e é regida por leis próprias, sendo que o assunto é somente o suporte indispensável do estímulo para essa forma de interação. Logo que a discussão se torna objetiva é modificado o eixo de sua diretriz, destruindo seu caráter de entretenimento sociável e se constituindo em uma finalidade, deixando, assim, de atender ao conteúdo social por si só, o que não pareceu ocorrer nos GCI pesquisados.

O momento do lanche realizado em todos os grupos (e que também é permeado por conversas) despertou significativa atenção da pesquisadora por se manifestar como um importante instante de partilha (de alimento, sensações, percepções), de estímulo aos sentidos (da visão, do paladar, do olfato...) e de manifestação do sensível, constituindo mais um aspecto considerável nas relações entre os idosos. O comer e o beber caracterizam o meio de reunião (e frequentemente o único) que propicia a ligação entre pessoas e círculos mais heterogêneos (SIMMEL, 2006).

Exaltando os sentidos envolvidos na ação de comer, Duarte Júnior (2000, p. 95) lembra que, entre os seres humanos, esse ato, desde tempos imemoriais, carrega certo caráter ritualístico e até sagrado, manifestado no banquete de casamento, na festa de aniversário, dentre tantos outros exemplos:

Reunir os amigos e cozinhar, desfiando conversas em torno do fogão enquanto se processa a alquimia do prato, com seus temperos e especiarias. A satisfação direta dos sentidos, proporcionada por aromas e sabores. A imagem poética de caldeirões que fumegam a exalar mágicos convites. O acompanhamento das bebidas: cervejas, vinhos, sucos, aguardentes e licores. O doce arremate das sobremesas e o reconfortante cheiro do café ao ser coado. O inefável deleite de desfrutar sabores...

Sendo exercido com alegria e com uma boa dose de devoção, o autor aponta que o ato de comer parece congrega em torno de si uma série de prazeres sensoriais relativos ao olfato, à gustação, à visão e, inclusive, ao tato, fazendo surgir entre as pessoas, até mesmo, a arte da

conversação. No entanto, ele adverte que a velocidade industrial imprimida à vida contemporânea tornou o ato de se alimentar apressado e automático, afastando as pessoas quase que completamente das celebrações da mesa, restritas cada vez mais a uma ínfima minoria que dispõe não só do tempo e do dinheiro necessários para tais, como também da sensibilidade por elas solicitadas (DUARTE JÚNIOR, 2000).

No caso dos GCI pesquisados, talvez pela disponibilidade de tempo dos participantes ou pela necessidade que apresentam de relações interpessoais, essas celebrações se mostraram presentes, ainda que, em alguns grupos, o momento do lanche seja acelerado em virtude do tempo disponível para a reunião e/ou pela rotina de atividades a ser cumprida, arraigada nos encontros. Assim, não parece haver, ainda, o total embrutecimento dos sentidos humanos no tocante ao ato de comer, descrito pelo autor supracitado.

Nos cinco grupos, é durante o momento do lanche que muitos participantes se aproximam, conversam, dão risadas e estabelecem relações afetuosas, indicando que embora os lanches, por si sós, sejam apreciados pelos participantes, eles constituem um pano de fundo para as relações interpessoais. Homens que passaram a maior parte do tempo próximos de sua esposa (conforme observado principalmente nos GCI 36 - Norte e GCI 63 - Sul) lancham junto com elas, mas logo procuram outro homem ou outra mulher para conversar enquanto terminam sua refeição, em uma constante inquietação para se manterem ocupados, mas também para se relacionarem com o outro.

No GCI 94 (Continente), essa característica de inter-relação entre os participantes também se repete durante o almoço, instante no qual foi notório o surgimento de opiniões sobre o sabor, a aparência, o aroma dos alimentos. Neste grupo e nos GCI 36 (Norte), GCI 63 (Sul) e GCI 71 (Leste), há um momento específico para o lanche que ocorre após a principal atividade desenvolvida para ocupar a tarde (o bingo), sendo precedido por uma ou mais orações em coro ou cantadas por músicas religiosas. No GCI 63 (Sul), as orações são realizadas antes do início do bingo, marcando o início dos encontros; e no GCI 94 (Continente), elas também precedem o almoço e são repetidas em outro momento particular: durante a reunião de abertura de cada encontro, na qual alguns participantes também compartilham mensagens religiosas ou leituras de trechos bíblicos.

Mesmo que ocupem poucos momentos dos encontros nos grupos mencionados, as práticas religiosas se mostram presentes nestes locais, sendo também merecedoras de discussões e reflexões. Foi possível

observar a manifestação da religiosidade (atrelada à religião católica) por meio de orações, cantos, mensagens e leituras religiosas, mas, também, por meio de uma festa de adoração a santos (particularmente no GCI 63 - Sul), neste caso, da popularmente conhecida Festa Julina. Apesar de a festa, por si só, atender aos interesses sociais do lazer, e também a outros (como artísticos e físicos), e de o aspecto religioso poder se configurar como mais um pretexto para a concretização da festa, não se deve ignorar as inter-relações estabelecidas com a religiosidade também neste caso.

Ao refletir sobre as relações entre o lazer e a religião, Gabriel e Marcellino (2007) explicam que a aproximação de duas temáticas tão polêmicas como essas pode se dar por diferentes caminhos. Para algumas concepções religiosas, a convivência entre as duas é possível com certas restrições; para outras, há uma enorme oposição entre ambas, uma vez que uma ameaça o tempo dedicado à outra; e, ainda, há a possibilidade da relação plena, harmônica e necessária entre lazer e religião. Em que se pese essa antinomia, os autores consideram preponderante a aproximação da teoria do lazer com a teologia no processo de superação de ranços de dogmatismos tradicionais limitadores de uma relação possível entre as duas temáticas. Além disso, ressaltam que ambas buscam uma nova síntese comprometida com a vida e estão a serviço da dignidade humana.

A religião, entendida tanto em suas práticas formais, quanto em práticas e dinâmicas que caracterizam a religiosidade (sem necessariamente estarem institucionalizadas), age de maneira determinante na forma como o lazer se concretiza. Entretanto, o inverso também é verdadeiro, ou seja, o lazer pode gerar valores que questionem ou legitimem determinadas práticas religiosas. Espera-se, com esses apontamentos, demonstrar que o lazer deve ser entendido em toda a sua complexidade (GABRIEL; MARCELLINO, 2007), considerando-se, por ora, suas relações com a religiosidade dos participantes deste estudo, expressa por meio das práticas observadas nos GCI.

Na fala de alguns homens idosos entrevistados, os momentos dos encontros que envolvem práticas religiosas ganham sentidos especiais, principalmente por suas características de aproximar as pessoas, fortalecendo o senso de coletividade. Em uma revisão de literatura sobre pesquisas acerca do tema religiosidade e espiritualidade no processo de envelhecimento, Lucchetti et al. (2011) exemplificaram diferentes estudos apontando que a faixa etária acima dos 65 anos é uma das que mais desenvolve práticas religiosas, impactando desde o envelhecimento bem-sucedido até os cuidados no fim da vida. No presente estudo,

contudo, parece que os homens manifestam a religiosidade especialmente nos espaços dos GCI, visto que não houve relatos de atividades no lazer envolvendo tais práticas que fossem vivenciadas por eles fora dos GCI.

O GCI 18 (Centro) foi o único no qual não foram observados momentos com práticas religiosas, sendo difícil afirmar o porquê desta peculiaridade, mas, quiçá, de alguma forma, relacioná-la à estrutura de organização e ao processo de criação se diferir bastante dos demais grupos pesquisados. Neste espaço, também, os lanches são dispostos em uma mesa central, não havendo um período específico para todos lancharem juntos. Não obstante, é comum haver idas e vindas à mesa que logo se transformam em pequenos grupos de conversas ao redor dela, mostrando que, embora aqui não haja (*a priori*) a característica coletiva das refeições, elas mesmas, por si só, facilitam pontos de encontros e aproximam os participantes, inclusive aqueles que ocupavam espaços mais reservados praticando alguma atividade individualmente.

A cada reunião, um casal é responsável por trazer o lanche, neste último e no GCI 94 (Continente). O kit com os alimentos disponibilizados pela Prefeitura é utilizado nas preparações, mas outros tipos de alimentos também são levados ao grupo, como refrigerantes, cachorro-quente e tortas salgadas, por exemplo. Nos demais grupos, geralmente são as coordenadoras e/ou as voluntárias que os preparam em casa e os servem durante os encontros. Nestes casos, são oferecidos, principalmente, diferentes tipos de bolos, biscoitos, café e sucos, preparados com os alimentos fornecidos pelo kit lanche.

O almoço do GCI 94 (Continente), particularmente, é semipreparado em casa por dois casais responsáveis a cada encontro e terminado no próprio local de reunião do grupo. Os ingredientes são comprados com os recursos do grupo e os casais (exceto os que preparam) pagam pela refeição a fim de contribuir com a arrecadação de mais fundos para as viagens. As comidas que compõem essa refeição são diversificadas a cada encontro, mas é possível exemplificar a presença de saladas, arroz, macarrão, lasanha, frango ensopado ou assado, carne bovina assada, dentre outros.

É interessante mencionar que, apesar de alguns participantes dos GCI relataram durante os encontros, em conversas com outros integrantes, ter problemas de saúde como diabetes, hipertensão arterial e, até mesmo, algum tipo de intolerância alimentar, eles acabam comendo junto com os outros comidas que nem sempre podem ser consideradas adequadas a sua condição. Alguns se preocupam em não

adicionar açúcar (aqueles com diabetes) ou leite (aqueles com intolerância à lactose) ao café, por exemplo, mas sabe-se que alimentos como bolos e biscoitos dificilmente não contêm estes ingredientes. Considera-se que essa situação é merecedora de atenção dos órgãos responsáveis pelo gerenciamento desses GCI na cidade de Florianópolis (SC), haja vista que os tipos de alimentos fornecidos e/ou a falta de orientação sobre preparações mais saudáveis, podem não ser favoráveis à condição de saúde dos participantes.

Ademais, ficou evidente que a preparação dos alimentos antecedente às reuniões possibilita a otimização do tempo para a realização das atividades. No caso das sociais, os depoimentos dos homens entrevistados mostraram que os momentos de refeições coletivas e de conversas com seus pares constituem uma das vivências nos GCI mais apreciadas por eles. Estes resultados elucidam a existência de uma carência, ou até de uma busca, por parte de um segmento etário/existencial que perdeu seu lugar social e ensaia construir algum outro. Seja a partir de uma necessidade de realização adicional ao seu itinerário de vida, ou, ainda, da procura por companhia ou pelo preenchimento do tempo, esse largo tempo ampliado pela aposentadoria (BRITTO DA MOTTA, 1999), especialmente no caso dos homens, a possibilidade de se relacionar com o outro vai se configurando de tal forma que assume tamanha percepção de satisfação, transcendendo simples modos de sociação e caracterizando aquilo que Simmel (2006) denominou de forma “pura” de sociabilidade, ou seja, quando o que predomina nas relações é somente o sentimento prazeroso por se estar socializado, sem outros interesses.

*[...] Depois, venho aqui, tenho esse contato com as pessoas. A gente conversa alguma coisa e tem o café, o jogo que eu gosto de jogar. Tudo está inter-relacionado. [...]* (Geraldo, GCI 18 - Centro).

*Eu gosto dos nossos encontros, das nossas reuniões. Normalmente, no café, a gente se concentra, algumas vezes até dá uma discussõezinha, dá um disse me disse, isso tem em tudo quanto é lugar. Na hora que a gente vai fazer a refeição da gente, que normalmente é o café, ou até mesmo quando tem uma festinha com um almoço, a gente procura se reunir, dar a mão para o outro, fazer uma oração, então é um*

*momento de concentração que eu acho muito bonito. Por isso que eu gosto e por isso que eu estou ainda nesse grupo (Fabiano, GCI 63 - Sul).*

*[...] Eu também gosto muito da hora do café. É legal, todo mundo dá as mãos; todo mundo canta; se abraça. Quando a gente vai embora a gente se abraça, se beija. Isso eu acho uma coisa muito importante. [...]* (Osni, GCI 71 - Leste).

A oportunidade de relação entre os idosos também ocorreu durante os bingos, os quais integram as atividades de todos os grupos, a exceção do GCI 18 (Centro). Os contatos interpessoais e os diferentes elementos sociais estabelecidos nesse jogo, que permitiram caracterizá-lo como uma atividade de interesse social, são muito mais arrebatadores aos olhos de quem aprecia de fora. Isso porque, apesar de ser uma atividade que tem a finalidade específica de arrecadar recursos financeiros para a realização de passeios e viagens, nos quatro grupos em que é ela desenvolvida, as observações revelaram importantes situações, nas quais os contatos face a face são privilegiados. Como por exemplo: nas brincadeiras feitas entre os participantes durante o jogo; nas conversas, nos olhares, nos comentários trocados; nas risadas que surgem quando alguém “fura” uma rodada ou quando o cantador fala algo engraçado; na exposição do prêmio ganhado para o grande grupo; no modo diferenciado de gritar “bingo” ou avisar que ganhou; na forma de deslocamento do lugar onde o participante estava sentado até a mesa do cantador para conferência da cartela.

Abordando os “jogos sociais” no mundo da sociabilidade e utilizando os próprios jogos (atividades) como exemplo, Simmel (2006) descreve que, no jogo, todas as formas de interação e sociação entre os seres humanos (como o desejo de ganhar, a troca, as chances de encontro e separação casuais, etc.) têm uma vida própria, são movidos exclusivamente pela atração. Mesmo quando o jogo gira em torno de dinheiro, ele não é o que há de específico no jogo. A sedução do verdadeiro jogador ocorre essencialmente pela dinâmica e pelas formas de atividades sociológicas permitidas durante o jogo.

Nada obstante a essas características do bingo que atendem a interesses sociais, é preciso mencionar que nem todos os homens investigados apreciam essa atividade, participando dela por não haver outras opções no grupo. É notória a supremacia desse jogo, enraizado no cotidiano das reuniões de quatro entre os cinco GCI estudados, sendo

esta uma característica recorrente em outros grupos da cidade de Florianópolis (SC) (ARAÚJO, 2004; LOPES, 2012). Além de, novamente, ser possível questionar a característica de livre escolha do lazer nesse contexto, reitera-se a ideia de uma aparente necessidade de “animação” desses espaços no sentido de ampliar as possibilidades de vivências dos idosos, considerando que é difícil estabelecer o motivo de o bingo ser uma atividade tão frequente nesses espaços, mas, sendo possível relacioná-lo à própria falta de outras opções disponíveis.

No que se refere aos órgãos municipais responsáveis pela gestão desses GCI, documentos demonstram sugestões de atividades, e não intervenções, calcando-se no princípio de autonomia dos participantes para decidirem suas programações (PMF, 2014a). Contudo, deve-se considerar a necessidade de educação para o lazer, que nem sempre foi possibilitada às pessoas, posto que, conforme Marcellino (2007), para que os indivíduos conheçam diferentes possibilidades de vivências no lazer é indispensável que recebam um mínimo de orientação e sejam incentivados a participar. Em suma, a escolha, a opção, e a elaboração de uma programação, em termos de conteúdos culturais, estão diretamente ligadas ao conhecimento das alternativas que o lazer oferece e ao incentivo para a sua vivência.

Na expressão de autonomia dos membros dos GCI, outras características do bingo, como atividade social frequentemente desenvolvida nesses locais, surgem afirmando-a ou impondo-lhe limites. Cada idoso traz de casa um brinde para contribuir com os prêmios do jogo (certas vezes, são determinados pelos diretores) e paga um pequeno valor pelas cartelas (geralmente um ou dois reais). Importante mencionar que grande parcela dos prêmios é constituída por utensílios domésticos (como panos de prato e potes plásticos) e, incluem, até mesmo, roupas femininas, dando indícios sobre a desaprovação de alguns homens entrevistados e reforçando estereótipos que caracterizam o espaço dos GCI como locais privilegiados à vivência do lazer e atendimento de interesses das mulheres.

Na visão de Britto da Motta (1999), a baixa representatividade masculina nos GCI deve ser avaliada não somente pela razão demográfica (menor número de homens) ou pelo ângulo mais dinâmico das relações de gênero (maior animação e ímpeto gregário das mulheres de mais idade, decorrente do feminismo). A autora considera válido refletir, também, por outro ângulo da situação de gênero, a tradicional, que não enseja aos homens, como faz às mulheres hoje idosas. Trata-se de considerar se a dinâmica nesses espaços é potencialmente atrativa

para que eles saiam de casa e os frequentem, uma vez que sempre estiveram no espaço público, no trabalho, na rua.

Além dos utensílios domésticos, também constituem prêmios do bingo: alimentos, materiais de limpeza e outros brindes diversos. A forma de ganhar uma rodada é a todo o momento modificada pelo cantador, tornando o jogo mais rápido ou mais devagar; mais agitado ou mais monótono; despertando mais ou menos reações dos participantes. O cantador é o mesmo em todos os encontros nos seguintes grupos: GCI 63 (Sul), o tesoureiro; GCI (Norte), uma mulher integrante; e GCI 94 (Continente), um homem integrante. Parece que um timbre de voz marcante (ainda que, na maioria dos grupos, seja utilizado microfone) e uma característica de boa relação com os participantes sejam determinantes para a apropriação dessas pessoas na função de cantar o bingo. No GCI 71 (Leste), as cantadoras são mulheres, mas todas diretoras ou voluntárias, remontando algumas características sobre a apropriação dos grupos por parte dos gestores, discutidas anteriormente neste trabalho, que podem limitar a participação democrática nas atividades.

Ainda sobre este último grupo, há a particularidade de sempre serem necessários quatro números marcados na cartela para ganhar uma rodada e de que ao ganhar um prêmio o participante não pode mais competir com os demais jogadores pelos outros prêmios. Mesmo que essa dinâmica possibilite que todos ganhem um brinde a cada encontro, suprimindo as características competitivas desse jogo, o impedimento de continuar participando após ganhar, além de fazer com que muitos fiquem impacientes por não terem outras possibilidades de atividades, limita os momentos de prazer para aqueles que apreciam em demasia essa atividade e a própria oportunidade de relação com aqueles que ainda estão jogando, haja vista a necessidade de concentração observada entre muitos idosos.

Frente a isso, torna-se relevante ressaltar que, embora os bingos tenham sido observados como possibilidades de atendimento dos interesses sociais do lazer, em quatro GCI estudados, não é possível desconsiderar suas características de organização, as quais, por vezes, implicam na insatisfação com essa prática por alguns homens idosos e, também, em possibilidades limitadas de expressão da autonomia. É preciso considerar, conforme Dumazedier (1980), que as relações interpessoais se configuram como um campo específico de ambiguidades, contradições e conflitos entre interesses pessoais e sociais, podendo apresentar aspectos positivos e negativos para a coletividade e para o indivíduo. O desenvolvimento excessivo dos



interesses pessoais, por exemplo, pode dificultar o funcionamento de uma associação organizada. Por outro lado, as relações afetivas podem favorecer novas relações sociais. São essas relações (afetivas), observadas durante os encontros e mencionadas pelos homens idosos nas entrevistas, que propulsionam a participação nos grupos pesquisados, conforme será mais bem discutido na próxima seção devido à representatividade que atingiram nos dados.

Ainda sobre o conteúdo social, cabe mencionar que, nos momentos de lazer externos ao grupo, os homens idosos discursaram sobre vivências que atendem prioritariamente a outros conteúdos (como físicos e turísticos), mas em que há inter-relação e atendimento também dos interesses sociais, tais como jogos de futebol entre amigos, bailes frequentados com vizinhos, viagens e jogos em família. Um homem do GCI 63 (Sul) exemplificou a prática de atividades eminentemente sociais por meio de saídas para conversar com amigos; e outro, do GCI 18 (Centro), citou a frequência a associações (como grupos de pesca, de carteados, entre outros), que, segundo Dumazedier (1980), constitui um dos grupos das atividades sociais, caracterizado pela sociabilidade organizada desenvolvida.

### **4.3.3 O conteúdo intelectual**

Este se manifestou em quatro grupos investigados (Centro, Continente, Leste e Sul), principalmente por meio de leituras e jogos. As leituras apareceram nos GCI 18 (Centro) e GCI 94 (Continente), mas não nos demais grupos, podendo estar associadas às diferenças entre os níveis de escolaridade constatados entre eles. Nos GCI 18 e 94, a maior parte dos homens tem ensino médio ou superior, enquanto, nos outros grupos, muitos informaram ter tido de um a quatro anos de estudo, e, em consequência disso, apresentarem dificuldades de leitura e escrita.

Quando propôs a classificação dos interesses culturais do lazer, Dumazedier (1980) já alertava que os conteúdos intelectuais, juntamente com os artísticos e os sociais, são os mais sensíveis às diferenças de classes sociais e profissionais. Ainda que não tenha explicado diretamente as razões dessa consideração, o autor a fundamentou em pesquisas desenvolvidas em diferentes países.

Nessa direção, ao discutir a leitura como forma de prazer e informação para poucos, Marcellino (1996), além de relembrar a existência de índices de baixa alfabetização brasileira, apresentou outros fatores que dificultam a formação do gosto pela leitura como atividade no lazer, tal qual o caráter de ensino da língua como simples

instrumento do desenvolvimento cognitivo. É preciso que o estímulo à fala, aliado à capacidade de leitura e de escrita, sejam também incentivados como forma de atendimento de necessidades humanas que podem ser geradoras de prazer, privilegiadamente nos momentos de lazer.

No GCI 18 (Centro), foram observadas atividades individuais de leitura de livros, jornais e revistas, enquanto no GCI 94 (Continente), foi verificada uma atividade sistemática de compartilhamento de informações e conhecimentos com os integrantes do grupo, denominada por eles como “momento literário”. Essa atividade ocorre pela manhã, durante a reunião de abertura do encontro deste grupo. Espontaneamente, algumas pessoas leem para o grupo alguma mensagem (religiosa ou não), piada, notícia ou informação trazida de casa, veiculada pelos meios de comunicação de massa ou disponíveis em livros, revistas, etc. Geralmente, as mulheres participam mais desse momento do que os homens, aparentemente por se tratar de atividades que requerem maior nível de exposição diante do grupo, considerando que muitos homens assumem uma postura de maior reserva frente a situações como essas (talvez pela própria predominância de mulheres no espaço). Ao final dessa reunião, ainda, a secretária do grupo lê a ata do último encontro em voz alta para que cada participante aponte sugestões ou correções necessárias. Todos a assinam após os ajustes, caracterizando um importante instante de participação democrática.

No GCI 18 (Centro), é mais comum os mesmos dois homens lerem jornais ou livros em um espaço reservado, parecendo refletir características próprias de sua personalidade e também o pouco interesse por outras atividades desenvolvidas pelos demais participantes. Algumas mulheres leem revistas, porém com menor concentração, alternando a leitura de pequenos trechos e o folhear de páginas com conversas entre outras mulheres, sugerindo que seus interesses, neste caso, possam ser prioritariamente os sociais, sendo atendidos por meio de vivências que envolvem também o conteúdo intelectual, reforçando a dinamicidade das propriedades dominantes das atividades no lazer. Contudo, há uma idosa que, às vezes, lê um livro mais distante dos participantes, indicando que não é possível fazer generalizações quanto ao sexo no que se refere aos interesses culturais do lazer, visto que, neste caso, o interesse intelectual é predominante em detrimento ao social.

Alguns homens integrantes de ambos os grupos (Centro e Continente) também apontaram as leituras (de livros, principalmente) como vivências dos seus momentos de lazer externos. Além disso, o

coordenador do GCI 94 (Continente) informou que gostaria que a leitura fosse uma atividade ainda mais frequente no grupo, talvez por ter exemplificado essa atividade como uma das alternativas incluídas em seus momentos de lazer individual.

No GCI 18 (Centro), ainda, destaca-se a presença de uma televisão que, embora seja mantida ligada a maior parte do tempo durante os encontros do grupo (possivelmente por um hábito construído a partir da supremacia desse meio de comunicação), não prende a atenção dos participantes. Homens e mulheres desviam a atenção das atividades que estão desenvolvendo apenas no momento dos noticiários, quando, às vezes, passam a conversar sobre os assuntos veiculados.

Neste grupo e no GCI 94 (Continente) foram poucos os homens entrevistados que exemplificaram a televisão como meio de acesso para o usufruto de atividades intelectuais (ou outras) nos seus momentos de lazer externos ao grupo. No entanto, entre esses homens, enquanto uns foram enfáticos ao dizer que assistem apenas aos programas de notícias, caracterizando a busca por informações atualizadas, outros apontaram assistir programações diversas, incluindo jogos de futebol e novelas. Esses exemplos indicam que os meios de comunicação (neste caso, a televisão) também podem servir como fontes de acesso ao atendimento de diferentes conteúdos culturais do lazer, tais quais os físicos e os artísticos (ambos no sentido de contemplação).

Embora os investigados neste estudo não deixem de usufruir da televisão, tanto no contexto do GCI 18 (Centro) quanto nas vivências no lazer externo a este grupo e ao GCI 94 (Continente), as possibilidades de atividades mencionadas pelos homens e observadas nos encontros são muito mais amplas, não se restringindo ao assistir programações na televisão, tampouco parecendo haver uma priorização dessa prática. Esses resultados vão de encontro à literatura pertinente ao lazer que coloca a televisão como mídia que é por mais tempo fruída durante o lazer no ambiente doméstico em diferentes faixas etárias (MARCELLINO, 1996).

Gomes e Pinto (2009) investigaram 27 estudiosos do lazer renomados no Brasil, apontando que vários deles destacaram a televisão como meio de comunicação que configura o lazer no país. Contudo, além da televisão, o campo das tecnologias da informação está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, surgindo como outra possibilidade de atendimento aos interesses culturais no lazer. Neste caso, destaca-se a própria internet, mencionada por três homens do GCI 18 (Centro) como meio de atender interesses intelectuais.

O advento e a relativa popularização das inovações tecnológicas - as quais perpassam contemporaneamente o cotidiano e reconstróem o imaginário social, destacando-se, entre elas, a mídia de massa e as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC's) -, influenciaram a produção e a vivência dos interesses intelectuais do lazer. Apesar de existirem diferentes limitações para o acesso às novas TIC's, entre vários grupos populacionais, houve uma expansão significativa, nos últimos anos, das mídias digitais, constituídas por meios como os microcomputadores, o telefone celular e a internet, por exemplo. Assim, esses suportes tecnológicos vêm se popularizando, veiculando conteúdos que se incorporam à cultura das pessoas, constituindo-se em conhecimentos socialmente compartilhados (PIRES; ANTUNES, 2007).

Frente à emergência desses novos modos de acessar e vivenciar os bens culturais, Pires e Antunes (2007) questionam o quanto os interesses intelectuais, vivenciados a partir dos meios de comunicação e das inovações tecnológicas, configuram-se atualmente como possibilidades espontâneas, desinteressadas e que podem contribuir para o desenvolvimento pessoal, no lazer. Isso porque a alta velocidade de atualização desses meios exige das pessoas uma absorção acelerada das informações, reduzindo o tempo de reflexão sobre o que está sendo consumido, na busca constante por mais conhecimentos. Para Bondía (2002), há certo caráter de intransigência nessa situação: a obsessão contemporânea pela informação não deixa lugar para a experiência, no sentido de que ela passa pelas pessoas, mas não as toca efetivamente.

Essa realidade determina novas demandas e reflexões no âmbito do lazer. Há, agora, imensas facilidades de acesso a bens culturais como possibilidades de atendimento a diferentes interesses do lazer. Além disso, as novas tecnologias oferecem maior interatividade do que as mídias de massa (meios de informação por excelência), podendo contribuir para a promoção de processos comunicacionais (humanos). Por outro lado, a crescente integração do ser humano com as tecnologias tem se revelado assimétrica, gerando uma dependência cada vez maior destas últimas, podendo limitar experiências plenas e autônomas, repercutindo em vivências transfiguradas como semilazeres. Como exemplo, os sites de busca reduzem significativamente os esforços dos usuários, maximizando seu tempo, nem sempre contendo informações que poderiam ser acessadas e fruídas por outros meios, e, ainda, havendo a possibilidade de confusão entre trabalho e lazer, pois os meios de concretização de um e de outro podem ser os mesmos (PIRES; ANTUNES, 2007).

Outro aspecto passível de reflexão envolve a possibilidade de as relações, cada vez mais intensas, do ser humano com as TIC's, colaborarem para a acentuação da maior valorização das identidades individuais em detrimento às identidades coletivas, haja vista que, muitas vezes, a fruição do lazer pelos meios em questão anuncia uma simples questão de consumo individual (PIRES; ANTUNES, 2007). Nos contextos observados, parece que dificilmente os construtos virtuais de comunicação seriam substitutos das interações face a face de convívio dos participantes dos GCI, especialmente pela necessidade manifestada de contato real com outras pessoas, de fuga do isolamento, de afastamento do ambiente solitário do lar.

Por tudo que foi exposto, assim como Pires e Antunes (2007), entende-se ser preciso o reforço dos pressupostos da educação para o lazer (aqui no contexto da educação para a mídia e as TIC's), a fim de que não somente os idosos busquem a inserção digital, mas também que isso possa ocorrer esclarecidamente, fazendo com que a tecnologia não se configure em mais uma mera oferta de semilazer. Nestas discussões, é recorrente, no campo de estudos do lazer, a oposição ou a tensão entre questões envolvendo prática e consumo, ou entre atividade e passividade; e também, debates sobre os espaços e equipamentos disponíveis para a vivência do lazer.

Com relação a estes últimos aspectos, verifica-se que a crescente virtualização na fruição do lazer, aliada ao acesso a diferentes conteúdos por meio da televisão, empurraram, ainda mais, as pessoas para dentro do ambiente doméstico. Mesmo que essa situação pudesse ser minimizada com o advento do automóvel, que “expulsou” muitas famílias de suas casas, o lar ainda se constitui no principal equipamento não específico de lazer, ou seja, um espaço não construído particularmente para essa função, mas que também pode cumpri-la, por uma série de razões características da sociedade atual (MARCELLINO; BARBOSA; MARIANO, 2006).

Dentre essas razões, destacam-se a falta de opções de lazer nos logradouros públicos, a violência e a falta de segurança nas cidades, e, agora, ainda mais, a configuração do lar como um local também de trabalho, tanto para a classe dominante (muitas vezes se concretizando a partir do acesso às mídias digitais), quanto para a classe dominada, devido à necessidade crescente de pequenos negócios de economia informal, tendo em vista as situações de desemprego (MARCELLINO; BARBOSA; MARIANO, 2006). Acredita-se que o ambiente doméstico não deixa de ser um equipamento privilegiado para a vivência do lazer.

Embora denote, sim, práticas muitas vezes conformistas, consumistas e alienadoras, - posto o poder da indústria cultural, que, tendo a mídia como braço operacional, pode propagar valores que representam os interesses de uma minoria social dominante - no lar é possível atender não somente aos interesses intelectuais do lazer, como também a outros, como os manuais e os artísticos, por exemplo. Além disso, a superação do mero consumo dependerá da atitude assumida por cada indivíduo na vivência de determinada atividade (DUMAZEDIER, 1980).

Por outro lado, há de se considerar que a mentalidade instrumental característica da sociedade contemporânea tomou conta das habitações, gerando a crença de que a casa nada mais deve ser que um ambiente prático e utilitário, desprovido de incentivos às sensações e emoções humanas (DUARTE JÚNIOR, 2000). Assim, embora no lar seja possível vivenciar manifestações culturais como forma de lazer, é suficientemente conhecido que nem sempre há condições para isso, sendo possível estabelecer um paralelo com os depoimentos dos homens idosos ora entrevistados, nos quais houve indícios da falta de opções de lazer dentro da própria residência, a começar pela ansiedade em sair de casa para conseguir dar a devida utilidade ao seu tempo.

Nestas considerações, lamenta-se a restrição da vivência e do conhecimento de outras possibilidades culturais concretizadas em outros espaços e equipamentos. Por sua vez, reivindica-se a necessária educação para o lazer e a participação do poder público, juntamente com a comunidade, para garantir efetivamente esse direito social (MARCELLINO, 1996).

Retomando a descrição do conteúdo intelectual observado nas atividades desenvolvidas nos cinco GCI pesquisados, aponta-se que ele também foi evidenciado em jogos de cartas e de dominó, desenvolvidos tanto nos GCI 18 (Centro) e GCI 94 (Continente), quanto nos GCI 71 (Leste) e GCI 63 (Sul). Nos três primeiros casos, há predominância da participação de homens.

Particularmente no GCI 18 (Centro), esses jogos ocupam quase todo o tempo das reuniões do grupo. Embora algumas mulheres também joguem (especificamente cartas), elas se apropriam de um local distante dos homens e geralmente formam parcerias entre elas mesmas. Isso significa que, apesar de homens e mulheres apreciarem jogos de cartas, cada qual prefere desenvolvê-las entre seus pares do mesmo sexo, repercutindo em atitudes e comportamentos que, de certa forma, reproduzem estereótipos esperados para cada sexo e uma separação,

advinda de questões culturais, que, de certo modo, ocorreu durante toda a vida, atribuindo papéis específicos para o homem e para a mulher.

No “lado dos homens”, o silêncio predomina a maior parte do tempo, indicando concentração e atenção às regras e estratégias do jogo. Alguns comentários são tecidos, mas se referem principalmente ao próprio jogo. Eventualmente, emergem risadas e conversas sobre outros assuntos (como futebol, política, etc.), revelando interações com os conteúdos sociais, mas essas não se sobressaem como observado no “lado das mulheres”. Elas, enquanto jogam (assim como enquanto leem e folheiam revistas), conversam sobre assuntos diversos (novelas, filhos, trabalhos manuais, família, receitas, dentre tantos outros), em tom de voz mais elevado e com muitas risadas. Apesar de também haver momentos prolongados de silêncio, neste caso, as interações interpessoais se sobressaem.

As mulheres que não jogam (como aquela que às vezes lê um livro em um espaço mais distante) não costumam se aproximar daquelas que estão jogando, revelando seu desinteresse por essa atividade e preferência por outros conteúdos. Nos jogos desenvolvidos entre os homens, por sua vez, é comum outros integrantes do sexo masculino os observarem enquanto esperam sua vez de jogar, participando das discussões sobre as partidas, quando surgem. Os jogadores se organizam voluntariamente, mas é frequente a repetição de pessoas que formam a mesma dupla a cada encontro, tanto por parte dos homens quanto por parte das mulheres.

Nessas discussões, convém descrever algumas características de determinado encontro do GCI 18 (Centro), presenciado pela pesquisadora e registrado em seu diário de campo, na tentativa de explicitar essas relações de homens e mulheres nas atividades intelectuais: uma idosa teve que ir embora mais cedo, desfalcando uma das duplas de jogadoras de cartas no meio da atividade. As três idosas convidaram outras mulheres para substituir a participante que saiu, mas nenhuma delas manifestou interesse, afirmando que não sabiam ou que não gostavam de jogar. Então, as jogadoras convidaram um idoso que observava a partida dos homens, aguardando sua vez de entrar no jogo. Ele disse que logo chegaria sua vez de jogar com os homens, demonstrando desinteresse por jogar com elas. Todavia, mediante insistência das mulheres, ele jogou as últimas partidas do jogo delas. Durante as conversas trocadas entre as idosas, ele permanecia em silêncio, concentrado em suas cartas e nas ações do jogo. Em determinado momento, manifestou-se em sinal de desaprovação, dizendo que não sabia como elas conseguiam jogar falando tanto ao

mesmo tempo. Demonstrou, também, ansiedade pelo término do jogo, repetindo que estava chegando sua vez de entrar no jogo dos homens, portanto, era importante atenção para que aquela partida terminasse logo.

No estudo de Coutinho e Acosta (2009) - desenvolvido no contexto de três clubes da cidade de Santa Maria (RS) frequentados quase que exclusivamente por homens - também foi observada a presença marcante do silêncio no comportamento de homens idosos durante jogos de cartas. Os autores salientam que essas atividades parecem despertar mais o interesse deles, tendo em vista que muitos estimulam suas esposas a frequentar tais clubes, mas elas não participam por considerar não haver práticas de seu interesse.

No presente estudo, entretanto, pôde ser observado que mulheres idosas também se interessam por jogos de cartas, contrariando os estereótipos que apresentam determinadas atividades no lazer como femininas ou masculinas (GOELLNER et al., 2009). Essa contradição não parece ser percebida por todos os homens do GCI 18 (Centro), pois o relato de um deles remeteu a ideia de que essas atividades são desenvolvidas apenas por eles, uma vez que as mulheres foram exemplificadas praticando quaisquer outras atividades, que não os jogos. Talvez isso seja decorrente de haver mais homens do que mulheres, em termos de quantidade, interessados pelas atividades em questão. Inclusive, dois homens idosos que apontaram preferência por outras possibilidades, não deixam de participar dos jogos, seja observando ou substituindo algum jogador em determinadas partidas.

*O que velho faz é jogar. Também, bater papo, mas sempre pouco, é mais na hora do jogo ou quando a gente viaja que nós conversamos. As mulheres fazem as atividades delas e nós o jogo: o dominó, o baralho, como você viu (Alberto, GCI 18 - Centro).*

*[...] Tem dias que eu não jogo dominó, trago meu livrinho para ler, fico lá no meu canto (Michel, GCI 18 - Centro).*

*Eu não jogo dominó, nem canastra. Quando não tem ninguém para jogar eles pedem para eu jogar e vou ali e jogo um pouco até aparecer alguém. Não sou vidrado em jogo. Mas, gosto de ver (Reinaldo, GCI 18 - Centro).*



No tempo “livre” fora deste grupo, dois homens apontaram os jogos de cartas ou dominó como atividades que vivenciam como possibilidade no lazer. Talvez por isso, tais atividades sejam mais expressivas no GCI 18 (Centro). Essa situação também ocorreu no GCI 94 (Continente), onde os homens exemplificaram atividades que atendem a outros interesses nos seus momentos de lazer, mas demonstraram sua satisfação pelo jogo.

No contexto deste último grupo, a preferência é pelo dominó e não é comum as mulheres participarem, seja junto com os homens ou apenas entre elas. Os homens também se organizam voluntariamente, havendo repetição de duplas e apropriação de um espaço mais reservado com risadas e conversas esporádicas, e observadores constantes. Um dos homens que geralmente observa mais do que joga, exemplificou durante sua entrevista jogos de quebra-cabeça e palavras-cruzadas como integrantes de seus momentos de lazer individuais, fora do grupo, demonstrando outras possibilidades para o atendimento dos interesses intelectuais.

No GCI 71 (Leste), embora demonstrem e afirmem gostar bastante, os homens costumam jogar dominó apenas enquanto a principal atividade do grupo (o bingo) não começa, em virtude de esta última já estar instituída como integrante de todos os encontros. Em contrapartida, no GCI 63 (Sul), o jogo de dominó foi observado em alguns encontros somente entre mulheres, também antes do início do bingo ou durante uma reunião na qual estava sendo promovida uma festa e não houve este último jogo. Em ambos os casos, os homens entrevistados neste grupo não apontaram tais atividades intelectuais como integrantes de seus momentos de lazer externos.

Frente ao exposto, constatam-se preferências, quanto aos interesses intelectuais, similares e diferentes entre idosos do mesmo sexo e do sexo oposto. Scott (2005) lembra que os indivíduos não são iguais. Suas desigualdades repousam em diferenças presumidas entre eles, diferenças que não são singularmente individualizadas, mas tomadas como sendo categóricas. Assim, a identidade de grupo é o resultado dessas distinções categóricas atribuídas, sendo que sua aceitação ou rejeição está amparada na negação e na reprodução de determinados estereótipos, nas demandas pela igualdade nas relações de gênero.

A diferenciação somente pela categoria de gênero não pareceria suficiente para estabelecer padrões para cada sexo, pois como pôde ser aqui observado, homens de determinado GCI apreciam jogos de cartas ou dominó, mas as mulheres também; em outro, elas já não apreciam

tanto quanto eles; e, em uma terceira possibilidade, apenas elas preferem esses jogos. Desse modo, há de se considerar, conforme Britto da Motta (1999), que, apesar de existirem homens e mulheres, cada um deles apresenta variações internas à sua condição (de idade, de classe, etc.), havendo, assim, uma diversidade de experiências de gênero dependente da valorização social de cada um desses aspectos e/ou da vivência que se tem deles. Esses pressupostos, declaradores da legitimidade de diferentes modos de ser, viver e conviver, peculiares de cada grupo, podem ser estendidos à análise de todos os conteúdos culturais.

#### **4.3.4 O conteúdo manual**

Os interesses manuais se manifestaram principalmente nos GCI 18 (Centro) e no GCI 71 (Leste) por meio de atividades envolvendo corte e costura (desenvolvidas exclusivamente por mulheres), em ambos os grupos, assim como constatado em estudos anteriormente realizados em GCI da cidade (ARAÚJO, 2004; LOPES, 2012); e de confecção de redes de pesca, no segundo grupo (desenvolvidas apenas por homens). Esta atividade ainda não havia sido apontada entre outros estudos realizados em GCI de Florianópolis (SC) (ao menos entre os aqui referenciados).

Neste caso, parece haver uma relação com a atividade profissional desempenhada pelos homens do GCI 71 (Leste). Todos os entrevistados exemplificaram a pesca como atividade que, em algum ou em todo o momento de suas vidas, caracterizou sua tarefa laboral. Assim, a confecção de redes já fazia parte da rotina de atividades dessa profissão. Agora, em um processo de deslocamento da pesca do âmbito do trabalho para a esfera do lazer, a prática da confecção de redes, conforme seus depoimentos, é determinada eminentemente pela satisfação proporcionada. Em contrapartida, sua inclusão no GCI 71 (Leste), assim como das demais atividades manuais citadas, tem finalidades específicas, tais como utilizar os materiais confeccionados como prêmios de bingos e rifas, com o intuito de arrecadar recursos para passeios e viagens. Tanto os homens, quanto as mulheres, recebem os materiais comprados pela direção do grupo e desenvolvem as atividades em casa ou nas reuniões do grupo antes do início da principal atividade (o bingo).

No GCI 18 (Centro), por sua vez, as mulheres trazem seus materiais de casa e, em pequenos grupos, bordam, fazem tricô, crochê, fuxico e outras atividades manuais. Cada uma confecciona sua própria produção, mas em determinadas situações, uma ajuda a outra,

compartilhando diferentes técnicas. Sempre permeadas por risadas e conversas sobre assuntos diversos, os trabalhos são produzidos para uso pessoal, para presentear pessoas, mas, certas vezes, também para vender (inclusive para as próprias integrantes do grupo).

Em ambos os casos, tendo em vista a sutil proximidade entre divertimento e obrigação, é preferível considerar estes exemplos como “semilazer”, especialmente aqueles com claras finalidades lucrativas ou utilitárias (DUMAZEDIER, 1980). Conforme lembram Melo e Alves Júnior (2012), muitas vezes, em virtude de sua natureza, as atividades manuais são confundidas com trabalho. Mesmo quando em sua origem se constituem em atividades no lazer, em decorrência de necessidade econômica ou da opção por uma renda suplementar, podem se tornar laborais, não permitindo sua consideração como vivências no lazer propriamente ditas. Por outro lado, fica evidente que, especialmente no caso dos homens investigados, nos momentos de lazer fora do grupo, a confecção de redes de pesca e outras práticas manuais assumem uma magnitude diferente, representando opções efetivas de ocupação do tempo “livre” de forma prazerosa.

Alguns homens, destes e dos outros grupos (com exceção do GCI 36 - Norte), exemplificaram atividades manuais por eles desenvolvidas como práticas no lazer, destacando-se a jardinagem, a culinária, a confecção de redes de pesca e os reparos em geral. No discurso deles ficou claro o contentamento com essas atividades e a procura por elas por opção, não por obrigação cotidiana.

*Eu gosto de atividades. Eu moro em uma chácara. São vinte e mil metros quadrados que tem lá. Tem jardineiro, tem horta, tem galinheiro [...] Mas, tem canteiro que não é o jardineiro que cuida, sou eu que cuido. Isso é uma das coisas que eu gosto. [...]* (Silveira, GCI 18 - Centro).

*[...] Faço tarrafa, espinhel, caniço... Faço de tudo [...]* (Renan, GCI 63 - Sul).

*Eu gosto de dançar; de cozinhar; de fazer um monte de coisas [...] Gosto de fazer tarrafinha; gosto de fazer uns panos de rede [...] Agora estou só na boemia. Só comendo e cozinhando em casa aos domingos. [...]* (Osni, GCI 71 - Leste).

*[...] Eu tenho um carro e gosto de estar mexendo no meu carro. [...]* (Osvaldo, GCI 94 - Continente).

Discutindo as influências das evoluções tecnológicas sobre o conteúdo manual do lazer, Silva (2007) considera que as atividades feitas à mão (tais quais as exemplificadas neste estudo) remetem a uma relação da pessoa com o objeto completamente diferente daquela vivenciada na era industrial e, principalmente, na atual era da interatividade. Com esse apontamento, a autora destacou as potencialidades das atividades manuais. Em síntese, trata-se de suas possibilidades de intervenção, desconstrução, reconstrução, improvisação, e suas funções pedagógicas e integradoras, visto que integram o dia a dia de muitas pessoas e pressupõem o domínio/aprendizado, por menor que seja, de determinada técnica, se não a exploração/vivência, por tentativa e erro, das possibilidades do material.

A autora supracitada também explicita a diferença entre a ação de “colocar a mão na massa” e a de “colocar a mão na máquina”, a exemplo do computador. Considerando o nível de intervenção e a interação da pessoa com o objeto, as atividades manuais no lazer demandam uma relação espaço-temporal composta de começo, meio e fim, portanto, processual, longa (contrapondo-se ao espaço-tempo virtual) e dependente da intervenção singular de seus participantes. Não se desconsidera que o domínio da máquina e do computador não perpassa pelas mãos, mas, em alguma medida, neles se perdem a ideia de processo, sendo que a mão passa a significar um fragmento da intervenção (SILVA, 2007).

Em uma época na qual a falta de ocupação é considerada com certo desprezo, o “feito à mão” não está abolido (SILVA, 2007), sendo que as atividades manuais, com suas características envolvendo o imprevisto, a criatividade e preocupações de natureza estética, podem se configurar, dentro dos pressupostos da educação do sensível, defendida por Duarte Júnior (2000), como um estímulo ao desenvolvimento dos sentidos, das sensibilidades, neste caso, primordialmente, do toque e da manipulação, da descoberta de formas e texturas, das sensações e emoções oriundas do envolvimento profundo do ser humano com o objeto, situações tão raras na sociedade atual, conforme o autor mencionado. Por tudo isso, as vivências manuais podem significar notáveis experiências no lazer para os idosos.

Nas reflexões sobre o conteúdo manual, devem-se contemplar, também, questões envolvendo certas atividades “feitas à mão” para/no ambiente doméstico. Em todos os grupos, vários homens entrevistados exemplificaram serviços de casa (ajudar a esposa a arrumar a casa, limpar o terreno, consertar objetos quando estragam, etc.) como atividades que ocupam seu tempo “livre”, mas, nestes casos, ficou evidente que se tratava de obrigações diárias e, por isso, não foram consideradas vivências no lazer efetivamente. Conforme explicam Melo e Alves Júnior (2012), ainda que tenham uma lógica diferenciada do trabalho, atividades como pagar contas, limpar a casa, cuidar dos netos, cozinhar porque há necessidade de se alimentar, entre outras, não podem ser encaradas nem como lazer, nem como trabalho, e sim como obrigação doméstica.

Nas discussões envolvendo o conteúdo em questão também se deve abordar sua frequente aproximação ao conteúdo artístico, tendo em vista que ambos se relacionam a questões estéticas (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012). Algumas das mulheres integrantes do GCI 18 (Centro) levam para os encontros trabalhos manuais que fizeram em casa com o intuito de mostrar a suas colegas a beleza de suas produções (embora algumas estejam mais interessadas em vendê-las). No GCI 94 (Continente), foi notada uma mulher que, durante uma reunião, levou para o grupo uma pintura que ela produziu com a finalidade de vender a algum integrante do grupo. Apesar de ninguém ter comprado a obra, várias participantes paravam com frequência a sua frente, admirando-a e comentando com outras mulheres seus aspectos estéticos. Mesmo havendo fatores que talvez nem permitam considerar estes exemplos como atividades no lazer, considera-se pertinente apontar essas relações, pois, frequentemente, são observadas em diferentes contextos e discutidas no campo de estudos do lazer.

Ainda sobre as atividades manuais, é relevante informar que dois homens idosos afirmaram que gostariam que esse conteúdo fosse desenvolvido no espaço dos grupos que frequentam, confirmando que o sexo masculino também pode se interessar por tais atividades:

*O que eu vejo nos outros grupos é que o pessoal faz oficina. Aqui é só isso: o joguinho de bingo e o café colonial como tem toda tarde. Mas, eu queria que o pessoal aqui participasse mais de eventos. Tem grupo que tem oficina de bordado, outros jogam vôlei. [...] Se tivesse isso seria muito bom. Mudava a rotina (Márcio, GCI 36 - Norte).*

*Quando eu cheguei aqui ainda peguei um comecinho de essas mulheres trabalhando, fazendo aquele artesanato, ainda tinha. Eu até disse: “vou para lá agora, eu sei fazer tarrafa... Faço tarrafa”. Mas, parece que foi só eu chegar e acabaram com isso. Isso eu gostaria que tivesse (Alisson, GCI 63 - Sul).*

Como *hobby*, nova forma de estímulo ou possibilidade de desenvolvimento das habilidades pessoais, as atividades manuais se constituem em uma importante opção para o tempo disponível (MARCELLINO, 1996). No contexto dos GCI pesquisados, apesar de muitas vezes essas atividades terem finalidades lucrativas ou utilitárias, os homens idosos demonstraram seu gosto por práticas manuais, novamente, contrapondo estereótipos estabelecidos socialmente que determinam certos tipos de práticas como masculinas ou femininas.

#### **4.3.5 O conteúdo artístico**

Atividades com interesses artísticos ocupam poucos momentos dos encontros de quatro grupos investigados, não tendo sido observadas no GCI 36 (Norte). No GCI 18 (Centro), esses interesses se manifestaram entre algumas mulheres que assistiriam a novelas na televisão. Em várias oportunidades, elas discutem as cenas, os personagens, inclusive, enquanto fazem outras atividades. Dumazedier (1980) aponta que as novelas estão incluídas no setor que abarca toda a cultura artística veiculada pela televisão, configurando-se como uma das modalidades de maior aceitação popular, dominando no imaginário das pessoas.

Os homens entrevistados neste grupo, todavia, além de claramente não demonstrarem interesse pelas novelas, não mencionaram essa nem outras atividades artísticas como integrantes de seus momentos de lazer externos. Um deles, inclusive, deixou claro que não gosta de algumas atividades veiculadas pela televisão, tais quais as novelas:

*[...] Televisão eu não gosto muito. [...] Novela, nunca assisti a um capítulo. Acredita? Pode acreditar se quiser. Jamais assisti a um capítulo de novela. Não gosto. Filme também não tenho muita paciência para estar assistindo por causa das propagandas. [...] (Osnildo, GCI 18 - Centro).*

Por outro lado, um homem do GCI 94 (Continente) apontou que gosta de assistir novelas no seu tempo “livre”, confirmando não ser possível fazer generalizações para a categoria *homem*, tendo em conta que, também no terreno das preferências no lazer, ela não se estabelece universalmente:

*[...] Televisão, também, gosto de assistir a jogos. Novela, também, gosto de assistir. A gente acompanha, no dia a dia (Wilson, GCI 94 - Continente).*

Não se pode desconsiderar que a televisão permite o acesso ao conteúdo artístico (DUMAZEDIER, 1980). O potencial da arte estará na sua experimentação e no que ela desencadeará nessa vivência, ou seja, nos efeitos ocasionados em cada pessoa; nas sensações, nas emoções e no prazer desencadeados; nas diferentes formas de ver e compreender a realidade; nas suas possibilidades de permitir aos indivíduos o exercício de crítica e de escolha. Obviamente, há uma relação entre as condições objetivas de escolha (que envolvem o fator econômico, as possibilidades de acesso, as oportunidades de experiências e os estímulos no decorrer da vida, por exemplo) e as vivências subjetivas. Por isso, considera-se premente que as pessoas tenham acesso a processos de formação que contribuam para ampliar as suas opções de extração de sensações a partir de manifestações as mais diversas possíveis (MELO, 2007).

Nessa direção, no contexto da cultura de massa, que tem a televisão como um dos principais meios de veiculação de manifestações culturais, por mais polêmica que sejam essas discussões, conforme Melo (2007), não se deveriam julgar tais meios de forma linear e maniqueísta, mas, sim, questionar, por exemplo, se são eles que podem ser considerados ruins, ou se não é o uso majoritário que se faz deles; ou, ainda, se sua influência é mesmo homogênea, ou se não há alternativas. Segundo o autor, o fundamental parece ser aprender a lidar criticamente com os meios de comunicação, o que está diretamente relacionado a um processo de educação das sensibilidades humanas.

Sobre este processo, segundo o mesmo autor: “Determinadas percepções e sensibilidades podem se ajustar ou contestar determinado conjunto de valores, mas muito dificilmente poderão prescindir dele.” (MELO, 2004a, p. 14). Isso significa que existe uma permanente articulação entre ética e estética, mas sem considerar que uma se sobrepõem a outra ou vice versa. Conforme Maffesoli (2005), ética e

estética caminham juntas, denotando o reconhecimento do imaterial no material.

O processo de educação estética considera um modo específico de apropriação da realidade, no qual se destacam as questões ligadas às sensibilidades, sem rejeitar a relação que estabelecem com o meio extraestético, ou seja, com outras formas de apropriação relacionadas às condições históricas, sociais e culturais. A experiência estética não se limita à arte e ao belo, tampouco pode ser entendida como uma normatização. Fundamentalmente, ela se liga a um saber sensível, na busca pelo estímulo à procura do novo, podendo potencializar as possibilidades de prazer das pessoas e induzi-las ao desenvolvimento da criticidade a partir de novos olhares sobre a vida e a realidade (MELO, 2002a; MELO; ALVES JÚNIOR, 2012). Assim, na acepção mais ampla do termo estética, pode emergir uma função agregadora (MAFFESOLI, 2005).

Complementando e pactuando com essas ideias, Duarte Júnior (2000) enfatiza que a arte pode consistir em um precioso instrumento voltado à educação do sensível por conduzir as pessoas a inusitadas descobertas de formas de sentir e perceber o mundo, além de desenvolver e acurar os sentimentos e percepções sobre a realidade vivida. Por meio da arte, os seres humanos simbolizam mais de perto o seu encontro primeiro, sensível, com o mundo. A arte não estabelece (ou não deveria estabelecer) verdades absolutas, conceituais. Antes, busca apresentar situações humanas particulares em que esta ou aquela forma de estar no mundo surge simbolizada e intensificada perante as pessoas, ou seja, permitindo a descoberta de outros modos de significação que não o meramente conceitual. Em que se pesem as abstrações e o substrato intelectual, este indiscutivelmente também contido na realização artística, a arte supõe um nível de apreensão que transcende a racionalidade abstrata, concretizando-se primordialmente no corpo inteiro, colocando em funcionamento processos biológicos que têm a ver com aquilo que os seres humanos denominam *sentimento*.

Há, portanto, uma diferença radical entre o consumo massificado de bens pretensamente belos e a experiência estética quando vivida como manifestação da existência humana. Assim, não será demais insistir que a educação do sensível (concretizada tanto por meio das atividades artísticas quanto a partir de inúmeras manifestações culturais), antes de significar um desfile de obras de arte consagradas e de discussões históricas e técnicas perante os olhos e ouvidos das pessoas, volta-se primeiramente para o seu cotidiano mais próximo, para a cidade onde elas vivem, as ruas e praças pelas quais elas circulam e



para os produtos que consomem, na intenção de despertar sua sensibilidade para com a vida (DUARTE JÚNIOR, 2000).

Além da presença ilustre dos meios de comunicação de massa nessas discussões, convém apontar que os interesses artísticos também podem ser atendidos na cultura popular, nas quadras de escolas de samba, nas tradições folclóricas, nas festividades tradicionais (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012). Nessa direção, no GCI 63 (Sul), a realização de uma Festa Julina atendeu a interesses artísticos ao ser verificado o prazer com que muitos idosos cantavam, desfrutavam das músicas, contemplavam as danças e se organizavam para formar coreografias, dançando em rodas constituídas por pequenos grupos. Muitos participantes, inclusive, estavam trajados a rigor, embelezando o cenário do espetáculo: elas com vestidos coloridos e fitas nos cabelos; eles com camisas xadrez e chapéu de palha na cabeça. O salão também estava decorado com bandeirolas, típicas desse tipo de festa.

De acordo com Rosa (2007), há diferentes formas de participação em uma festa (observando, dançando, conversando, etc.) e variados elementos que a compõem, tais como credences, gestualidades, costumes, valores, corpos, religiosidades, tradições, danças, cores, adornos, divertimentos, ritos, celebrações, músicas. Permeada por renúncias, coexistências e conflitos, a festa possibilita interpenetrações de culturas diversas. Nesse contexto, embora a dança incluída na festa também atenda a interesses físicos, o que se destaca, neste momento, é a experiência artística/estética mais ampla.

Melo e Alves Júnior (2012) salientam que a experiência estética não é exclusiva da manifestação artística, pois está presente em muitas esferas da vida, no esporte e até nos produtos industriais consumidos pelas pessoas. Porém, essa experiência é, por excelência, o que impulsiona a busca pela arte e pelo prazer que as diversas linguagens artísticas proporcionam.

Entendida como um tempo/espaço ampliado de encontros, contradições, entretenimentos, reivindicações, disputas e mediações, a festa se configura, portanto, como uma importante possibilidade de vivência artística no lazer, fazendo-se presente entre as atividades de pessoas idosas e de classes sociais diversas. Na festa são verificados elementos como o lúdico, o divertimento, a gratuidade e o prazer, propiciando vivências ímpares em sua pluralidade de manifestações. Tradicional ou inventada, ela exerce funções que mudam ou permanecem conforme épocas, grupos e interesses, possibilitando não apenas a reprodução e o consumo de bens materiais e simbólicos, como

também criação, experiência, (re)apropriação, transformação e invenção (ROSA, 2007).

Uma das inquietações que podem ser apontadas, legitimando a necessidade de reflexão sobre a festa, refere-se ao abandono das tradições ao longo do tempo. Em muitas cidades, manifestações culturais autênticas como as festas tradicionais lúdico-religiosas estão se perdendo. Isso vem ocorrendo, conforme Marcellino (1996), por uma série de fatores, tais como o processo de urbanização e o estímulo ao consumo rápido e alienado na sociedade contemporânea. Há de se resgatar as festividades, como atividades culturais que privilegiam o atendimento de diferentes interesses no lazer, tais quais os artísticos.

No GCI 71 (Leste), embora não tenha sido presenciada nenhuma festa ou a realização de outras atividades que atendessem prioritariamente aos interesses artísticos, as entrevistas de dois homens revelaram momentos vivenciados pelo grupo (especialmente em viagens ou em festas organizadas para arrecadação de recursos que viabilizem as primeiras), nos quais o conteúdo artístico se manifesta por meio do canto; do tocar instrumentos musicais; e da organização da festa como espetáculo.

*[...] No grupo de idosos nós viajávamos e todo mundo ia [referindo-se a outros membros do grupo que também tocam instrumentos]. Nós levávamos os instrumentos. [...]* (Aldo, GCI 71 - Leste).

*[...] O pessoal leva gaita, leva pandeiro, leva um bumba. Todo mundo canta, todo mundo se diverte dentro do ônibus. [...]* Porque eu gosto de passear; eu gosto de viajar; de cantar; de fazer a decoração quando tem as festas, daquelas bandeiras, aqueles arranjos para colocar na mesa. Eu adoro esse tipo de coisa (Osni, GCI 71 - Leste).

Os mesmos homens relatores dos depoimentos exemplificados, quando questionados sobre o que gostariam que tivesse no grupo, citaram atividades artísticas como tocar instrumentos e cantar. Tais atividades também são vivenciadas em seus momentos de lazer fora do grupo, indicando, assim, os possíveis motivos de apreciarem-nas tanto.

*Eu gostaria porque às vezes eu toco um violão, um cavaco. Os bumbas eu tenho; tenho pandeiro. [...] (Aldo, GCI 71 - Leste).*

*Um som para fazer uns bailes a tarde aqui. Como hoje, terminou o bingozinho, então colocava um sonzinho e a pessoa dançava um pouquinho aqui. Ou cantar uma ratoeira; ou dançar uma cana verde. [...] (Osni, GCI 71 - Leste).*

No GCI 94 (Continente), os discursos de alguns homens também mostraram que o conteúdo artístico se manifesta durante momentos em grupo externos ao local físico em que se encontram quinzenalmente, como nas viagens. Por outro lado, os interesses artísticos são atendidos nas reuniões quinzenais do grupo durante o canto do hino, particularmente no instante de abertura dos encontros. As emoções transbordam durante essa atividade, despertando, entre os participantes, aplausos, lágrimas e comentários como “está cada dia mais bonito”. Nas conversas espontâneas dos encontros, observadas durante o período de coleta de dados, alguns participantes comentaram que o grupo já se apresentou em eventos diversos cantando o seu hino, o qual foi escrito por um ex-integrante.

O canto é regido por um homem idoso que atuou como músico da banda da polícia militar em sua vida profissional. É do discurso dele que emerge a verificação do conteúdo artístico durante as viagens e também a vontade de que o canto e o tocar instrumentos integrassem mais as atividades deste grupo. Além disso, essas atividades também ocupam o seu tempo “livre” fora do grupo.

*[...] Nós tínhamos antes no grupo um coral. Eu é que era o regente do coral. Teve um tempo aqui que a gente saía e tocava quando chegava à frente dos hotéis. Hoje ainda nós fizemos, mas naquele tempo tinham mais componentes, mais instrumentos, então nós tocávamos na entrada do hotel e na saída também. [...] Se aparecessem mais uns dois ou três idosos que tocassem algum instrumento, aí nós formávamos um coral. Ficaria melhor ainda (Patrício, GCI 94 - Continente).*

Para além desse momento dedicado exclusivamente ao canto, as observações revelaram outras situações, nas quais os participantes do

GCI em questão também vivenciam essa atividade. Por exemplo: durante determinado encontro, após o almoço, enquanto o bingo não iniciava, homens e mulheres se reuniram em uma mesa para cantarem juntos músicas diversas.

Os momentos de lazer concretizados por meio do cantar, do festar e do tocar instrumentos musicais vão de encontro ao crescimento do consumo em detrimento da prática, apontado por Marcellino (1983) como processo atrelado à expansão da indústria cultural. Tal processo contribuiu para a desvalorização das atividades pela satisfação que proporcionam ao passo da busca por níveis mais elevados de perfeição e da competição. Os tipos de vivências artísticas identificados no lazer dos participantes deste estudo reafirmam a necessidade de reflexão sobre esse conteúdo cultural, o qual, segundo Melo e Alves Júnior (2012), pode despertar diferentes sensibilidades para que se tenha acesso a novos valores ou ao questionamento dos valores vigentes.

Há de se explicitar que todas as pessoas podem produzir suas manifestações artísticas, independentemente de seu grau de habilidade, pois a arte não é privilégio de virtuosos, como muitos acreditam. É preciso contestar e combater a visão, que ainda hoje impera na população em geral, de que somente quando se fala de arte está também se referindo à cultura, indicando um grupo particular de manifestações relacionadas à cultura erudita, acessíveis a uma minoria social favorecida que possui educação para buscar a arte em seus momentos de lazer (MELO, 2007; MELO; ALVES JÚNIOR, 2012).

Sabe-se que o conceito de cultura<sup>10</sup> é bem mais amplo do que um mero conjunto de manifestações culturais e que, no contexto das atividades artísticas, há uma infinidade de possibilidades que também compõem o quadro cultural, tais como as festas, o samba, ou seja, as manifestações da cultura popular, assim como a produção das próprias pessoas nas ações de cantar, representar, escrever, pintar, dentre outras. Além disso, o conceito de arte não é estabelecido somente *a priori* e

---

<sup>10</sup> Correndo o risco de simplificação, mas acreditando ser necessária a inclusão desta concepção, ainda que exista uma infinidade de possibilidades para compreender a palavra *cultura*, de forma geral, é possível considerá-la um conjunto de valores, normas, hábitos e representações que regem a vida em sociedade. A cultura é típica dos seres humanos, os quais, organizados em comunidades cada vez mais complexas, precisam estabelecer princípios para viver com alguma harmonia. Por envolver desejos, não se trata de um processo simples. Portanto, quando se fala em cultura, considera-se um âmbito de tensões, construído a partir de diálogos e conflitos, manipulações e embates (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012).

externamente, mas, sim, considerando também o que as pessoas sentem como arte (MELO, 2007).

Desta forma, não basta que se informe de fora o que é, ou não, arte; é preciso pensar em quanto e como as pessoas sentem, ou não, uma determinada vivência como tal. Neste caso, a questão passa a ser que condições os indivíduos têm para que possam desenvolver, ou não, seu potencial de sentir. Para tanto, e uma vez mais, convém reafirmar a necessidade de estímulo ao refinamento das sensibilidades humanas (MELO, 2002a).

Mesmo sob a ameaça de tornar estas discussões, de alguma forma, repetitivas, não pode passar sem referência os anseios de Melo (2007), no sentido de que as pessoas precisam descobrir as diferentes linguagens humanas, aumentando seu grau de interação e criando mais possibilidades para que possam exercer seu direito de seleção e escolha, especialmente a partir do desenvolvimento de novos olhares, sentidos, signos, símbolos, sentimentos e sensibilidades. A arte urge ser explorada em suas diversas dimensões, incorporando-se nas opções de lazer das pessoas, tendo em vista o potencial estético e de estímulo ao desenvolvimento das sensibilidades que ela pode desencadear, os quais podem implicar em novas formas de contato com a realidade. Nesta visão, a arte não tem uma função, é uma função; não se trata de somente pensar em uma educação pela arte, mas precipuamente em uma educação para a arte.

Remetendo-se à sociedade do espetáculo na qual se vive atualmente, que glorifica as imagens de diferentes formas, Duarte Júnior (2000) repete o desestímulo ao refinamento dos sentidos humanos no mundo contemporâneo. A avassaladora estimulação visual presente no cotidiano não desenvolve verdadeiramente o olhar das pessoas, mas simplesmente o dirige e o condiciona para uma restrita percepção da realidade, causando certa “anestesia” dos sentidos, ou seja, a negação do sensível.

No entanto, é importante reconhecer que uma estimulação desenfreada dos sentidos e dos sentimentos, por si só, mostra-se insuficiente no processo de educação para e pelo lazer, neste caso, considerando-se principalmente o conteúdo artístico. Para além de sentir, é preciso refletir sobre os estímulos provocados e no papel que eles desempenham ao longo da vida, pois, afinal, como enfatiza Duarte Júnior (2000, p. 224): “[...] a construção de nossa realidade sensível é também fruto de uma ação social e cultural.”, e, ainda, “[...] os valores, ao mesmo tempo em que brotam de uma atitude sensível frente à

realidade, carecem de um aprimoramento através da reflexão ético-filosófica.” (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 219).

Este autor defende a necessidade de superação da antinomia entre o sensível e o inteligível, uma vez que, privilegiar qualquer um dos polos dessa relação, em sua visão, nada mais seria do que reforçar a tendência da civilização moderna em enaltecer o conhecimento racional, desprezando o sensitivo. Ambos constituem vias de acesso ao mundo, sendo que antes de se mostrarem excludentes, apoiam-se mutuamente (DUARTE JÚNIOR, 2000).

Frente a essas considerações, há, portanto, de se fazer que as pessoas não apenas sejam informadas sobre as diferentes possibilidades de atividades artísticas, mas que as experimentem, sentindo-se também como artistas, seja quando produzem objetos, seja quando aprendem a refletir e a dialogar criticamente como a arte produzida (MELO, 2007). Afinal, embasando-se nas ideias de Duarte Júnior (2000) e de Melo e Alves Júnior (2012), no contexto de qualquer manifestação humana, para ter sentido tem de ser sentido, sendo que, ao fazer sentido, ao mesmo tempo é indicado um sentido a ser seguido.

#### **4.3.6 O conteúdo físico**

No contexto dos GCI estudados, foi possível observar o conteúdo físico apenas em um dos encontros do GCI 63 - Sul presenciado pela pesquisadora. A dança, como parte integrante de uma festa, apresentou-se como possibilidade de atender ao interesse de movimentação corporal. Mesmo relatando sentir dores e ter limitações físicas, em conversas diversas com os participantes, ficou claro o prazer que eles sentem por se exercitar por meio da dança, especialmente a partir dos depoimentos dos homens entrevistados neste grupo.

Dançando juntos ou sozinhos; observando e acompanhando a dança sentados, fazendo movimentos com a cabeça e com o tronco conforme o ritmo, homens e mulheres participam dessa atividade física. Os homens investigados enfatizaram a satisfação decorrente de sua prática:

*[...] Quem dança, dança. Quem não dança, olha... Como eu, por exemplo, que já estou enferrujado, dói o joelho... Então, eu fico olhando e é uma diversão (Fabiano, GCI 63 - Sul).*

*O que eu mais gosto aqui é dançar. Porque [atividade] física a gente fazia, mas não tem mais. Então sempre que aparece um grupozinho [referindo-se a grupos musicais em geral] a gente vem dançar (Arnoldo, GCI 63 - Sul).*

Interessante mencionar que a dança é um dos principais exemplos de atividade física caracterizada na cultura como prática feminina. Ainda que no senso comum essa seja uma ideia assumida como “natural”, ela não está desprovida de um caráter discriminatório e preconceituoso, evidenciando, de certo modo, o tratamento diferenciado que a sociedade atribui aos distintos grupos que a compõem. No curso da história, homens e mulheres foram educados praticando exercícios diferentes. Dessa forma, o que era aconselhado para os homens não correspondia ao que as mulheres deveriam realizar. Tal separação, baseada na biologia dos corpos, terminou por se engendrar na cultura brasileira, determinando o que é masculino e o que é feminino em termos de atividades físicas (GOELLNER et al., 2009).

Essas determinações precisam ser analisadas e questionadas, identificando e desqualificando os estereótipos que estabelecem papéis e funções específicas para homens e para mulheres (GOELLNER et al., 2009). O gênero, assim, “[...] enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade.” (SCOTT, 1995, p. 76), pois, como verificado neste estudo, uma atividade tradicionalmente feminina pode trazer tanto prazer aos homens quanto traz às mulheres, sem necessariamente estabelecer opções sexuais.

No GCI 71 (Leste), a dança também é mencionada como integrante de festas, contudo, diferentemente do GCI 63 (Sul), esta tem a finalidade de arrecadar recursos financeiros para passeios e viagens, sendo oportunizada poucas vezes ao longo do ano e sempre em outros locais que não o de encontro habitual do grupo, tendo em vista a necessidade de comportar uma quantidade maior de pessoas. Além disso, em algumas viagens e passeios, conforme depoimentos dos homens entrevistados, determinados bailes são visitados pelos participantes para dançarem, reafirmando o apreço que eles têm por essa atividade.

Em contraste com a baixa frequência ou ausência do conteúdo físico nos GCI pesquisados, muitos homens, integrantes de todos eles, apontaram que esse conteúdo faz parte dos seus momentos de lazer externos, especialmente por meio da pesca, da dança e do futebol

(praticar e assistir). Alguns também exemplificaram a caminhada e a ginástica como atividades físicas que praticam.

Excluindo-se a pesca e o futebol, é possível notar que as atividades físicas vivenciadas nos momentos de lazer dos homens incluem três possibilidades frequentemente entendidas como práticas femininas pela população em geral. Isso ratifica a ideia de que, nas atividades tidas como “de mulheres”, também pode haver (e há) participação de homens, inclusive no segmento populacional de idosos. Goellner et al. (2010) também observaram essa situação ao analisarem um programa de caminhada desenvolvido em Porto Alegre (RS): homens e mulheres participavam das atividades na mesma proporção, sendo semelhantes a frequência de participação e os aspectos motivacionais para participar, em ambos os sexos. A valorização dessa prática pelos idosos foi vinculada, principalmente, à percepção de possíveis melhoras na saúde e na qualidade de vida.

Desse modo, na caminhada, na ginástica, na dança, e nas diversas possibilidades de atividades físicas no lazer, são formados modos plurais de viver e de produzir feminilidades e masculinidades. Os estudos sobre masculinidades ainda são incipientes, sendo que aqueles existentes estão direcionados a uma masculinidade hegemônica, na qual atributos viris são reconhecidos e incentivados. Portanto, há de se analisar outros modos de ser masculino no contexto de atividades físicas tradicionalmente associadas a práticas femininas (GOELLNER, 2013), pois não há como negar que as atividades físicas e os esportes estão entre as manifestações culturais mais procuradas pelas pessoas e mais difundidas pelos meios de comunicação de massa (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012), havendo presença de homens nas atividades “femininas” e vice versa.

Com exceção dos homens idosos do GCI 18 (Centro), a maioria dos homens entrevistados nos demais grupos pesquisados informou que gostaria que atividades físicas fossem incluídas nos encontros, principalmente a ginástica e a dança. Além deles, embora não tenham sido questionados sobre o que gostariam que tivesse no grupo, a coordenadora do GCI 36 (Norte) e o coordenador do GCI 94 (Continente) também destacaram seu interesse por inserir atividades físicas nos encontros dos grupos que lideram, revalidando as discussões elencadas anteriormente.

*Eu gosto de pescar. Se deixar eu pesco todo dia. Se tiver tempo bom, eu pesco (Geraldo, GCI 18 - Centro).*



*O que eu mais gosto também é dançar. Volta e meia dançar um pouquinho, eu gosto. E dizem que é bom para a saúde, não sei [...]. O médico disse que é muito bom para a saúde, agora não sei se realmente é bom mesmo. A gente se sente bem. [...]* (Arnaldo, GCI 36 - Norte).

*[...] Gosto de assistir a esportes. Não saio de casa para ir assistir ao jogo, pois eu moro bem próximo do Figueirense, mas não vou. [...] As pernas não estão ajudando mais, porém ainda jogo futebol. Na várzea, mas jogo. Agora sou um veterano. [...]* (Oni, GCI 94 - Continente).

*Apesar de no momento eu estar meio preguiçoso, meu tempo "livre" é sair para caminhar; [...] fazer a minha ginástica que eu vou três vezes por semana. [...] Uma das coisas que eu acho que deveria ter aqui, mas a maioria não vai fazer, uma atividade, uma ginástica, tipo ginástica laboral. Antes de começar as coisas, tirar o grupo para o pessoal se esticar, fazer um alongamento. Mas, se tiver 90% não participam porque acham que são velhos, que já não conseguem. É uma coisa que estimula. Acho que é uma coisa que deveria ter* (João, GCI 94 - Continente).

*O que eu mais gostaria que tivesse aqui no nosso grupo é baile* (Leonardo, GCI 71 - Leste).

*[...] Nós só estamos com o bingo, no momento. Mas, eu gostaria de ter aulas de dança, algum evento, ginástica [...] Não todas às quintas-feiras. Vamos supor: uma vez ao mês vir um professor para a gente fazer um alongamento, uma ginástica... Seria, para eles, uma tarde de alegria que não ficaria em uma coisa só* (Juliana, coordenadora GCI 36 - Norte).

Curioso que, em outros GCI da cidade de Florianópolis (SC), com presença ainda menos expressiva de homens do que nos cinco grupos aqui investigados, conforme estudos desenvolvidos por outros pesquisadores (ARAÚJO, 2004; BRAZ, 2008; LOPES, 2012; MAIER, 2009), atividades como dança e ginástica parecem ser mais

frequentemente desenvolvidas nesses espaços e um dos motivos apontados nesses trabalhos para a baixa participação masculina é não haver atividades de interesse dos homens. Nos cinco GCI ora analisados, os homens idosos não só exprimem seu gosto por tais atividades e participam delas quando eventualmente são realizadas (particularmente, a dança), como também clamam por sua inserção nos grupos que frequentam e afirmam praticá-las fora desses espaços.

À vista disso, parece que não é somente as atividades (e os estereótipos que as envolvem) que determinam a maior ou a menor participação dos homens nestes ou naqueles GCI. Insistindo que, ao considerar o gênero como categoria analítica e identitária não é possível atribuir papéis universais a homens e a mulheres, sendo observados homens que gostam de determinadas atividades no lazer e outros não, diferentes aspectos surgem na determinação da participação deles nesses espaços, a começar pelas possibilidades de formação de novas amizades, pelo incentivo de esposas e companheiras ao ingresso, dentre outros, conforme será aprofundado na seção vindoura.

Dentre as possibilidades de atividades físicas no lazer externo aos GCI, deve-se informar que a pesca foi a vivência mais frequente entre os discursos dos homens. Embora alguns tenham exercido a função de pescador em sua vida produtiva, dando indícios do motivo de escolha por essa atividade no lazer, muitos exerceram atividades profissionais sem qualquer relação com a pesca.

Em ambos os casos, ficou claro o prazer, a satisfação, o verdadeiro gosto que os homens têm por essa atividade, a qual, conforme seus discursos, além de possibilitar novas relações com a natureza, ditadas pela movimentação corporal, alivia as tensões por seu distanciamento das tarefas cotidianas. A motivação central não está na busca pelo peixe ou em algum interesse lucrativo, mas em todas as boas sensações proporcionadas por essa atividade. Portanto, mesmo para aqueles que trabalharam como pescadores, agora, o ato de pescar assume outros significados, diferenciando-se da característica obrigatória, de necessidade econômica, que antes marcava essa prática, e aproximando-se do caráter desinteressado e hedonístico do lazer.

*É pescar. Já fui ao Pantanal cinco vezes. Lá que é bom [...] Eu sempre tive casa de praia e eu nasci ali na Palhoça [SC], na beira da praia. Esse é o meu lazer. Só por lazer mesmo, pois agora não é mais por necessidade (Alberto, GCI 18 - Centro).*

*O meu hobby mesmo é pescar. Às vezes eu passo a mão no meu carro e chego a ir lá à Cachoeira do Bom Jesus [bairro localizado na Região Norte de Florianópolis (SC), aproximadamente 56 km de distância do bairro onde este depoente mora] porque eu tenho caniço, eu tenho molinete... Vou lá e fico brincando, às vezes até meio dia ou passo um pouco mais de meio dia. Isso aí é o meu hobby. Gosto de fazer isso aí. Muito mesmo (Fabiano, GCI 63 - Sul).*

*Pescar! Estou pescando, estou alegre. Que pegue ou que não pegue, mas o meu lazer é pescar. [...] (Leonardo, GCI 71 - Leste).*

Marcellino (1996) lembra que a opção pelas atividades físicas no lazer é efetuada tendo por base alguns condicionantes, tais como o sexo, a idade, as condições socioeconômicas, os níveis de habilidade, entre outros fatores. No presente trabalho, o futebol também se destacou entre as possibilidades de atividades físicas no lazer dos homens idosos, mostrando que eles apreciam tanto atividades culturalmente entendidas como femininas (dança, ginástica, etc.) quanto atividades consideradas masculinas, dentre as quais o futebol é um dos principais exemplos.

Na vivência dessa atividade foi observada a influência de alguns dos condicionantes exemplificados por Marcellino (1996), porém, antes de tudo, deve-se ressaltar que, assim como no caso da pesca, ficou clara, em determinados casos, uma migração das atividades relacionadas à profissão para as vivências no lazer. Alguns homens que tiveram profissões diversas, mas atuaram como jogadores de futebol por determinado período de tempo, hoje gostam de praticar futebol ou assistir a jogos desse esporte na televisão, reiterando as discussões efetuadas neste estudo acerca da centralidade do trabalho na sociedade contemporânea e da falta de opções ou de conhecimento sobre possibilidades diferentes para o desfrute no lazer.

Agora, especificamente sobre os condicionantes envolvidos na vivência dessa atividade, Marcellino (1996) aponta que o futebol deixa de atender grande parte da população exatamente por seus critérios restritivos, que repercutem na diminuição da sua prática com o avançar da idade e na sua frequente limitação ao sexo masculino pelos estereótipos que cercam essa atividade. Alguns homens idosos participantes deste estudo apontaram que, apesar de gostarem de jogar futebol, sua prática tem sido reduzida ou foi interrompida por problemas

de saúde. De acordo com Marcellino (1996), essa é uma situação característica da terceira idade, a qual, relacionada às demais barreiras socioculturais ao lazer, dificulta a prática de determinadas atividades.

*[...] Não tenho jogado bola por problema de panturrilha, mas eu jogava bola até pouco tempo, uma vez por semana (Ricardo, GCI 18 - Centro).  
[...] Agora fiquei doente. Fui fazer uma visita ao meu irmão e na volta fiquei doente. Apareceu uma tal de hepatite que não estava prevista, então dei uma paradinha no futebol agora. Mas, estou com vontade de voltar. Já falei com a minha médica, vou fazer uns examezinhos para ela poder liberar (Osvaldo, GCI 94 - Continente).*

Essas dificuldades não restringem apenas o atendimento dos interesses físicos no lazer. Problemas na visão, por exemplo, podem limitar a prática de diferentes atividades desenvolvidas nos GCI e nos momentos de lazer externos a ele, conforme apontam dois homens idosos:

*Eu gosto do bingo, mas hoje a minha audição não está... A pessoa grita lá do microfone 65, 66, eu não capto direto. 66 ou 76? Eu escuto, mas não defino bem. [...] (Nildo, GCI 36 - Norte).*

*[...] Eu gosto de fazer alguma coisa, mas agora, ultimamente, eu não posso por causa das minhas vistas. Inclusive, eu tinha material todo armado, fazia gaiola... Até se pode dizer que é um lazer mesmo, mas hoje eu não posso fazer mais. As coisas que a gente podia fazer em casa, por exemplo, limpar um terreno, fazer alguma coisa eu já não posso fazer. [...] (Alisson, GCI 63 - Sul).*

As limitações próprias da idade (dificuldades para enxergar, ouvir, andar, etc.) e as doenças infecciosas ou crônicas que acometem os idosos, apesar de dificultarem a prática de algumas atividades no lazer, não impedem a frequência ao GCI, ainda que determinadas práticas desenvolvidas nesses espaços se mostrem difíceis para alguns. Além disso, essas condições parecem não estar influenciando o atendimento de certos interesses culturais do lazer por meio da assistência às

atividades.

O contraste entre o gosto e a prática revela o crescimento do atendimento do interesse físico por meio da contemplação (a exemplo do futebol). Nesse contexto, surge predominantemente a discussão acerca da distinção entre a prática e o consumo, a qual geralmente é acompanhada por juízos de valor que colocam a primeira como altamente desejável e a segunda como um elemento que deve ser superado ou menosprezado, sendo associado à passividade (MARCELLINO, 1983). Não obstante, concorda-se com Dumazedier (1980) que qualquer atividade no lazer, em si mesma, não pode ser considerada nem ativa nem passiva. O que determina a atividade ou a passividade é a atitude assumida pelo indivíduo. Por conseguinte, um espectador de jogo de futebol pode ser até mais ativo do que o praticante.

Não se pretende enfatizar a prática ou o consumo, pois o perigo parece estar em assumir um ou outro extremo. Assim como Marcellino (1983), acredita-se que o equilíbrio é fundamental nesse aspecto. A prática é necessária para a satisfação dos vários interesses verificados no lazer, especialmente dos físicos, mas o contato com a expressão dos outros também permite satisfazer esses interesses.

Os desafios dos profissionais de lazer, nesse cenário, estão, principalmente, em ampliar o acesso das pessoas a diferentes tipos de atividades físicas (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012) e em estimular o desenvolvimento da criticidade perante a assistência dos espetáculos ligados à cultura corporal de movimento (MELO, 2004b). No caso dos idosos, assistir a jogos de futebol na televisão parece ser um importante meio de desfrute da cultura esportiva, considerando que nem todos têm condições de saúde para praticá-lo.

No que se refere à saúde, ficou evidente no depoimento de Arnaldo (GCI 36 - Norte), citado no início desta seção (página 142), a associação da prática da dança com possíveis benefícios à saúde. Melo e Alves Júnior (2012) apontam que, dentre as diversas possibilidades de atividades físicas no lazer, quase sempre pode ser identificada uma busca pelo bem-estar por meio da movimentação do corpo e certa preocupação com a saúde, embora o grau de movimentação corporal varie muito de uma atividade para a outra e, muitas vezes, a dimensão da saúde seja mais observada no discurso que na prática, sendo sua compreensão bastante difusa e até mesmo superficial.

A relação positiva da prática regular da atividade física com boas condições de saúde está bem propagada pelo senso comum. Entretanto, deve-se esclarecer que os conteúdos do lazer, por si só, não produzem

saúde, pois, conforme explica Carvalho (2001), a saúde não é um objeto ou um presente. Na visão da autora, a saúde é entendida para além do viés estritamente biológico que privilegia a dimensão física do corpo, visto que resulta da existência de condições favoráveis de vida em geral, as quais perpassam pelas esferas do trabalho, da alimentação, de moradia, dentre outras. Assim, a saúde se relaciona diretamente com as possibilidades de escolha disponíveis às pessoas.

É perceptível ao longo da história, por exemplo, que no interior das propostas de realização de atividades físicas e esportivas, a prática tem privilegiado a quem pode pagar pelos serviços. Sem desconsiderar a necessidade de valorização dos Profissionais de Educação Física, essa situação muitas vezes se torna um critério excludente e restritivo à prática de atividades físicas (CARVALHO, 2001).

Neste estudo, nota-se que existem idosos querendo praticar atividades físicas e esportivas no lazer, mas que não têm acesso aos serviços de profissionais da área. Alguns coordenadores e homens idosos participantes dos GCI apontaram que a PMF viabilizou a prática orientada de atividade física nos grupos em outros momentos, e que gostariam que ela voltasse a integrar o cotidiano dos encontros.

*Eu gostaria que tivesse uma [atividade] física. Por enquanto não tem. Este ano a Prefeitura ainda não deu. Até os outros anos tem dado, mas este não (Renan, GCI 63 - Sul).*

*[...] Antes tinha um professor de ginástica que a Prefeitura mandava, mas não era aqui. Era lá no salão da Igreja Católica. Às vezes eles não têm verba. E esse ano de eleição também já é mais complicado (Juliana, coordenadora GCI 36 - Norte).*

No GCI 18 (Centro), conversas informais com os participantes revelaram que eles já custearam uma Profissional de Educação Física para orientar exercícios em alguns momentos dos encontros do grupo. Todavia, poucos homens participavam por manifestarem preferência pela prática de outras atividades nesse espaço (talvez até mesmo por terem possibilidades de atender aos interesses físicos no lazer fora do grupo), sendo que, por esse motivo, essa prática foi interrompida. Assim, neste grupo foi identificado menor interesse por essas atividades, não significando que os homens integrantes deste e dos demais GCI investigados não tenham direito de acesso ao conteúdo físico do lazer,

sugerindo, ao menos, a necessidade de reflexão sobre o assunto por parte dos órgãos municipais responsáveis por tais espaços.

#### 4.4 HOMENS NA ÁREA: GCI como espaços de lazer e de sociabilidade

Antes de apresentar diretamente os GCI como espaços de lazer também para homens e, agora, especialmente, como locais facilitadores da sociabilidade, faz-se necessário conhecer os motivos que levaram os homens idosos entrevistados a ingressar e a permanecer nesses espaços. Conforme elucidado nas seções precedentes, muitos procuram os GCI para preencher uma parte do seu tempo “livre”, ampliado após a aposentadoria; e/ou para vivenciar determinadas atividades no lazer (destacando-se o interesse pelas turísticas) que possam lhes proporcionar alegria, prazer e satisfação, configurando-se como alternativas de diversão, distração ou de afastamento e variação da rotina de atividades (ou da falta dela) em suas residências.

A despeito desses interesses, o maior estímulo para a entrada nos grupos foi proveniente de fontes externas, principalmente de convite de outras pessoas conhecidas (colegas de trabalhos, familiares, amigos, vizinhos) que já participavam desses espaços. A partir disso, a possibilidade de resgatar e manter relações com pessoas que fizeram parte de seus círculos de interações sociais também se configurou como um motivo de ingresso ao grupo. Ademais, a expectativa de ampliar as redes de relacionamentos por meio do conhecimento de outras pessoas e, inclusive, de construir novos laços de amizade, foi mencionada por alguns homens, caracterizando um pano de fundo para os demais interesses relativos à entrada nos GCI. Vide, por exemplo, as palavras de alguns deles, indicando que a busca por esses espaços transcende a mera ocupação do tempo:

*É o fato de a gente estar se aposentando e continuar a manter contato com um grupo de pessoas amigas e até aumentar o número de pessoas de relacionamento (Paulo, GCI 18 - Centro).*

*Como que eu comecei a participar aqui do grupo? Foi através de um convite da minha cunhada? Deixa-me ver se me lembro agora. [...] Como era grupo de casais, eu e minha mulher resolvemos vir. Tinha uma série de conhecidos, meu irmão,*

*uma porção de coisas. E só o fato de ter aquela convivência com os amigos, foi o jeito de participar para não ficar parado só em casa, porque tem pelo menos uma atividade aqui no grupo, para conversar, sempre é bom. [...]* (Sandro, GCI 94 - Continente).

Observa-se que, em razão dos seus múltiplos interesses, os homens ingressam nos GCI, formando uma unidade no seio da qual esses interesses se manifestam. A combinação dos relatos dos entrevistados e dos registros dos momentos de estar junto nos encontros revelou que há, fundamentalmente, uma procura por diferentes maneiras de sociabilidade (SIMMEL, 2006), nas quais os interesses/objetivos/finalidades que impulsionaram a entrada nesses espaços darão lugar tão somente à satisfação proporcionada por estar socializado, por aquilo que liga uma pessoa a outra, o que Maffesoli (2005, 2010) chama de “religação”.

Assim, as relações sociais são valorizadas eminentemente pelo que são: relações sociais (MAFFESOLI, 2005). Dessa maneira, os GCI representam uma oportunidade de contatos, (re)encontros, interações sociais, proximidades, a partir do convívio com pessoas, até então, desconhecidas ou de pessoas com quem já estabeleceram relações em fases anteriores da vida.

De acordo com Araújo (2004), em sua investigação com GCI, também em Florianópolis (SC), a escolha de idosos para viver em grupos se apresenta mediante uma possibilidade de concretização de algo previamente definido, um bem que satisfará uma necessidade oriunda de desejos antes não realizados. A decisão de ingressar em grupos se torna resultado de seus interesses, vislumbrando-se, primordialmente, a felicidade, sentimento que juntamente com ações de estima, de despojamento, de um bem querer recíproco, constrói e alimenta relações de amizade.

Como será discutido adiante, os homens idosos encontram na rotina dos GCI aquilo que procuravam, ou seja, o que lhes motivou a começar a frequentar esses espaços. Mesmo havendo aqueles que não sabiam ao certo o que iriam encontrar ou o que estavam buscando, tendo iniciado nos grupos simplesmente porque foram convidados, o alcance de possibilidades no lazer, de convivência e de sociabilidade parece congrega a todos.

Por ora, é importante apontar que, embora no contexto do lazer a procura pela convivência e pela felicidade não careça de justificativas



(MARCELLINO; BARBOSA; MARIANO, 2006), no caso dos homens idosos participantes deste estudo as buscas são decorrentes especialmente da diminuição dos contatos sociais marcada pela saída da vida produtiva, pelo afastamento de filhos e de outros familiares. Contudo, em algumas situações, tais buscas também ocorrem devido ao sentimento de solidão em função da viuvez.

Tendo sido bastante discutidas, neste trabalho, as questões envolvendo as consequências da aposentadoria para a vida dos homens idosos, destacando-se suas implicações na esfera do lazer, merece atenção, neste momento, os aspectos referentes ao estado civil desses indivíduos. No que concerne à viuvez, é possível percebê-la como uma condição social peculiar: inesperada, instantaneamente modificadora da vida das pessoas. Representa uma súbita quebra do equilíbrio, real ou suposto, das relações familiares e a urgência no estabelecimento de novos arranjos nessas relações (BRITTO DA MOTTA, 2005).

Segundo Britto da Motta (2005, p. 9): “Essa ideia de ruptura do par e incompletude pessoal e social atravessa os tempos. O casal é uma força que urge preservar, embora, em certas circunstâncias das relações de gênero, seja também uma força que pode manietar e de que é positivo se liberar.”. A autora evidencia que a aparente universalidade da situação da viuvez, por ser originada, em qualquer lugar do mundo, pelo mesmo fato (a morte do cônjuge), na verdade, guarda um importante caráter de heterogeneidade: é vivenciada de forma diferenciada conforme a situação de gênero, de classe, de idade/geração, dentre outras inserções sociais do indivíduo.

Considerando especialmente o gênero e a idade/geração, Britto da Motta (2005) explica que, para os homens a viuvez é um fenômeno demográfico de baixa incidência, mesmo entre os idosos. Por ser uma condição predominantemente das mulheres, em termos de dinâmica populacional, é identificada culturalmente, com estereótipo, como traço da velhice feminina. Entretanto, também pode ocorrer com homens idosos. Neste caso, concomitantemente aos choques afetivo e representacional, o cotidiano geralmente transcorre entre a desvalia doméstica e o recurso aos saberes e ajuda de outras mulheres disponíveis, comumente do próprio círculo familiar. A maioria deles recasa, sem grande demora, quase sempre com mulheres mais jovens do que a esposa anterior. Porém, há aqueles que não encontram (ou não querem encontrar) outra parceira, repercutindo em características ainda mais peculiares nas posturas sociais assumidas.

O relato de um homem que integra um dos grupos de casais investigados se mostra interessante para o entendimento do isolamento

dos homens idosos no caso de viuvez, ainda que este depoente seja casado. Além disso, reforça a presença de preconceitos que rondam a velhice e dificultam a participação masculina em iniciativas destinadas a idosos.

*Do meu ponto de vista é mais um mérito da Fundação que procurou criar esses grupos porque a mulher quando fica viúva é mais fácil de ela participar de grupos, interagir porque as amigas vêm e abraçam-na. E aí é mais fácil de ela passear, viajar, como na maioria dos grupos acontece isso. É mais fácil fazer uma viagem, às vezes até para ficar um pouco mais barato, colocar duas ou três dormindo em um quarto só, cada uma na sua cama. Já o homem não. Ele fica viúvo e ninguém o abraça, ninguém traz ele. Uma porque ele fica meio que deslocado. Se você tiver um casal amigo, uma vez ou outra você convida, mas eles não vão, porque você chega e vai ficar no meio do casal? O homem aceita a companhia de uma viúva, amiga da esposa. Já a mulher, até o próprio homem mesmo, fica meio reticente, poxa vou trazer um amigo aqui... E para fazer um passeio para colocar dois, três homens em um quarto só você imagina a cabeça das pessoas. Então, é difícil o homem conseguir participar de grupos, a não ser um casal, de um grupo de idosos, de terceira idade. [...] Mas, é muito complicada essa situação do idoso, principalmente se o idoso é viúvo. [...] (Reinaldo, GCI 18 - Centro).*

Para além do cotidiano desestruturado que os homens idosos passam a viver a partir da aposentadoria, aqueles que se tornam viúvos frequentemente encontram ainda mais dificuldades para reajustar as diferentes esferas da sua vida social. Tendo perdido ou estando afastados das suas principais referências (profissionais, familiares, etc.), são privados, agora, também da referência de suas companheiras, aquelas que, em muitos casos, foram suas parceiras por quase toda a sua vida. O sentimento de solidão e a falta de motivação que muitas vezes se instalam podem contribuir para o desencadeamento de um processo de resistência à participação em atividades grupais (BRITTO DA MOTTA, 1999, 2005), notadamente naquelas em que há

predominância de mulheres, como no contexto de GCI. Conforme sintetiza Silveira, coordenador e integrante do GCI 18 (Centro): *“Homem divorciado ou homem viúvo dificilmente se mistura em grupos. Mulher é mais fácil”*.

A luz dos resultados deste estudo, essa situação pode ser refletida considerando o estado civil dos 38 homens idosos entrevistados. A maior parte deles (32) é casado ou está em uma união estável, sendo que suas esposas ou companheiras também são integrantes dos grupos que eles frequentam. Da mesma forma com que foi observado na pesquisa de Mello e Votre (2013), o homem idoso casado dificilmente se mantém em uma atividade grupal se sua cônjuge não estiver envolvida, configurando, assim, mais um aspecto possivelmente limitante para o desfrute do lazer de homens na terceira idade, caso suas parceiras não os acompanhem.

No presente estudo, o fato de os GCI 18 (Centro) e GCI 94 (Continente) serem idealizados como grupos de casais, por exemplo, ao mesmo tempo em que possibilita a maior proporção de homens identificada nestes espaços (em comparação a outros grupos localizados na mesma Região), limita a participação de homens viúvos ou divorciados (embora haja alguns nestes GCI) devido à prioridade de ingresso ser daqueles que são casados.

*O nosso grupo sempre estabeleceu o limite máximo de 30 integrantes. Não é intenção do grupo a inclusão de mais homens ou mais mulheres. Nossa preferência é inclusão de casais* (Silveira, coordenador GCI 18 - Centro).

*Gostaria [que mais homens participassem do grupo]. Infelizmente o nosso grupo é de casais e por ser de casais ele procura não dar esse espaço, o que eu acho uma falta de humildade* (Eduardo, coordenador GCI 94 - Continente).

Se o lazer é um direito social de todos os brasileiros, é certo que os homens idosos viúvos também deveriam usufruir dos GCI como possibilidades de vivenciar diferentes conteúdos culturais do lazer que lá são desenvolvidos, desfrutando de todas as ressonâncias dessa participação em sua vida. Nada obstante, não há como desconsiderar que sua condição conjugal se configure como uma barreira ao ingresso nestes espaços de convivência. Reforçando tal barreira, a influência das mulheres (coordenadoras e familiares integrantes do grupo, mas,

sobretudo, das esposas) se apresentou como a principal determinante para a entrada dos homens nos grupos (excetuando-se o GCI 18 - Centro, no qual, tendo em vista sua peculiar característica de formação, o convite de colegas de trabalho foi decisivo para isso).

*[...] A mulher veio e eu também vim. [...]* (Nildo, GCI 36 - Norte).

*A Neide trabalha aqui dentro, é coordenadora. Ela é minha irmã. Aí ela me convidou e nós [referindo-se a ele e a sua esposa] viemos. [...]* (Arnoldo, GCI 63 - Sul).

*Eu comecei a participar aqui por causa da minha esposa. Ela começou a vim e me incentivou, aí eu vim* (Heraldo, GCI 71 - Leste).

*Comecei a participar a convite da minha cunhada. Às vezes, quando nós falávamos em grupo, ela começou a elogiar. [...] Isso me deixou curioso e me tornei um dos membros [justamente com sua esposa]* (Eduardo, coordenador GCI 94 - Continente).

Aqueles que são viúvos ou divorciados, passam, assim, a ter uma fonte a menos de incentivo. Os poucos homens entrevistados em tais situações explicaram que foram motivados principalmente por membros de sua família ou por convite de outros homens que já eram seus amigos e integravam o GCI:

*[...] eu não tinha interesse nenhum. O meu filho é que começou “vai pai, vai... Vai ficar em casa fazendo o quê? Todo mundo vai, às vezes sai para se divertir, para passear... Vai ficar dentro de casa fazendo o quê?”. Aí, eu disse: “sabe do que mais?! Eu vou mesmo”. Aí resolvi vir. E gostei* (Alisson, GCI 63 - Sul).

*Eu vim aqui ver. Me falaram que tinha um grupo. Aí eu vim e encontrei dois amigos [...] Um desses disse: “fica aí, fica conosco aqui”. Aí fiquei* (Wilson, GCI 94 - Continente).

A influência das mulheres (principalmente das esposas/companheiras) é estendida aos motivos de permanência de alguns homens. No discurso deles, o interesse por acompanhá-las em suas atividades e em participar de momentos de lazer ao lado delas, emergiu como estímulo à continuidade no grupo, embora seja possível notar que as relações de amizade formadas e fortalecidas com outras pessoas também se fizeram presentes em suas falas.

*Na realidade, eu venho mais para acompanhá-la [sua esposa]. Porque ela vem sempre, eu fico sozinho em casa, aí eu venho junto. E pela amizade que a gente tem aqui com o pessoal (Arnaldo, GCI 36 - Norte).*

*Eu gosto de vir porque eu venho com ela. [...] E eu já estou acostumado aqui com eles (Odaír, GCI 36 - Norte).*

*Eu venho porque a mulher vem, eu gosto do pessoal, do grupo. Todo mundo é meu amigo. Venho para acompanhá-la e para rever os amigos [...] (Nildo, GCI 36 - Norte).*

*Continuo porque tenho a amizade dos colegas e a minha esposa faz questão de continuar também, então eu tenho que acompanhar (Osvaldo, GCI 94 - Continente).*

Durante o período de observações, foram presenciadas situações nas quais essa característica de acompanhar as esposas nas atividades foi evidenciada. Em todos os grupos, os homens casados ou que estão em uma união estável, na maioria das vezes, chegam e deixam o local das reuniões junto de suas esposas ou parceiras. Nos GCI 36 (Norte), GCI 63 (Sul) e GCI 71 (Leste), pelo fato de o bingo ser a principal atividade realizada durante os encontros semanais, sendo que as reuniões têm duração menor (aproximadamente três horas) do que nos outros grupos (até oito horas no GCI 18 - Centro e de seis a sete horas no GCI 94 - Continente), foi possível notar que os homens ficam mais próximos de suas acompanhantes durante a maior parte do tempo. Alguns fazem questão de acariciá-las enquanto jogam bingo ao lado delas; de buscar água ou servir seus lanches; de se levantar para conferir suas cartelas

quando elas ganham uma rodada do bingo; e de dar a elas os prêmios ganhados por eles.

Por outro lado, nos grupos citados, antes do início do jogo ou após seu término, ou, ainda, depois das refeições, foi comum observar os homens se apressando para cumprimentar e chegar mais perto de outros idosos do sexo masculino, trocando ideias, apertos de mão, abraços, conversas e, inclusive, sentando-se um ao lado do outro para aprofundar o diálogo. Esses momentos notáveis aos olhos da pesquisadora indicam a busca por contatos um pouco mais próximos, mais “táteis”, transcendendo as interações com suas esposas e podendo surgir relações de amizade mais duradouras.

Nos dois grupos formados por casais (GCI 18 - Centro e GCI 94 - Continente), por outro lado, na maior parte dos momentos dos encontros os homens procuram seus colegas do mesmo sexo para conversar, jogar e realizar atividades em espaços geralmente distantes dos ocupados pelas mulheres, possivelmente por suas próprias características de criação e formação que os colocam em mais evidência na representatividade destes grupos, em detrimento aos demais. Eles se aproximam delas restritamente durante as refeições.

Apesar desses casos, de forma geral, é possível dizer que em locais conhecidos pela presença expressiva de mulheres idosas, parece serem elas mesmas as facilitadoras, ou não, da participação masculina. Ainda que as atividades desenvolvidas nos cinco GCI investigados nem sempre atendam às preferências de todos os homens e não se diferenciem muito das vivências oportunizadas em outros grupos da cidade de Florianópolis (SC) (ARAÚJO, 2004; KRUG, 2012; LOPES, 2012; MAIER, 2009; ROLLIN, 1998), a maior expressão da participação dos homens nos espaços investigados pode, em partes (particularmente no momento de ingresso), ser atribuída ao incentivo das mulheres idosas integrantes.

Nos GCI em que a coordenação é representada por uma mulher (nos três não idealizados como espaços de casais) foi perceptível a influência delas no processo de entrada dos homens. No GCI 36 (Norte), alguns afirmaram se sentirem motivados a (re)ingressar no grupo após a mudança na liderança ocorrida no ano de 2014. Sendo apontada como uma mulher que estabelece boas relações com os integrantes e que está disposta a ressignificar este espaço, proporcionando novas atividades que atendam aos interesses do coletivo, a nova coordenadora estimulou (ainda que inconscientemente) os homens a se filiarem ao grupo, conforme apresentado na seção 4.2, na qual foram discutidos aspectos

referentes à organização das atividades e à influência dos líderes na participação dos demais integrantes dos grupos.

O depoimento da própria coordenadora do grupo em questão também revela que os homens não estavam muito interessados a permanecerem neste espaço antes do início de sua liderança, sendo esse o motivo pelo qual ela acredita que há mais mulheres do que homens participando. Além disso, mostra que o grupo por ela coordenado admite a participação de homens uma vez que as atividades desenvolvidas não são limitadas ao sexo e considerando que ela gostaria que mais homens o integrassem.

*[...] Quando eu comecei aqui no grupo havia apenas mulheres. Tinha um homem ou dois. Mas, com o andamento, quando eu assumi a coordenação, as mulheres começaram a trazer os homens. Elas começaram a vir convidando os maridos para vir. [...] Vieram para participar, gostaram e se associaram. [...] a atividade que é para homem, é para mulher. Então, não faz mal eles participarem também de um bingo, de uma tarde. Eu acho que é uma confraternização. Acho interessante que os homens também fizessem parte. [...] (Juliana, coordenadora GCI 36 - Norte).*

Contraditoriamente, em duas reuniões presenciadas pela pesquisadora, foi observado um momento, em cada uma delas, registrado no diário de campo, em que a coordenadora se referiu ao coletivo no feminino (“*tá bom, minhas amigas?*”; “*gostaria de agradecer as amigas...*”), ao falar no microfone sobre informações gerais envolvendo o grupo. Essas situações reafirmam a predominância de mulheres nos GCI, influenciando a referência mais ampla que geralmente é feita a eles como espaços femininos, ainda que nos cinco espaços pesquisados haja maior proporção de idosos do sexo masculino do que nos demais grupos localizados na mesma Região da cidade.

No GCI 71 (Leste), a secretária entrevistada como representante da coordenação também apontou que gostaria de ter maior quantidade de homens no grupo. Não obstante, seu discurso revelou certas finalidades nesse desejo, tornado-se clara uma visão tradicionalista (e estereotipada) sobre as representações corporais de gênero (BRITTO DA MOTTA, 1999), quando tal interesse foi relacionado à possibilidade de maior vigor físico dos homens (em detrimento da suposta fragilidade

do sexo feminino), especialmente para auxiliar nas atividades consideradas mais pesadas; e quando o motivo da maior quantidade de mulheres integrantes foi atribuído a uma possível maior pró-atividade delas.

*Porque homem diz que nunca tem tempo e nunca gosta de nada. Homem só diz: “não vou lá, naquilo eu não gosto de participar; aquilo é para mulher, não é para homem”. [...] Por que não é para homem? A gente fala que é para todo mundo isso aqui. Grupos são para todas as pessoas, não apenas para mulheres. Porque mulher gosta mais de sair, de se divertir. Mulher é mais ativa para as coisas, sempre tem mais atividades. Você olha a mulher em casa, ela lava a roupa, faz comida, carrega o saco nas costas. Para teres ideia, a mulher, quando tem dois filhos, ela diz assim: “tem que levar...”. Leva um no colo, um pela mão e vai ao médico, e com uma bolsa no lado ainda, e dá jeito. O homem se você manda trazer uma sacola: “tava muito pesada, eu não trouxe aquilo porque achei muito incômodo pra mim”. Mulher tem jeito pra tudo. Tem homens que têm as ideias mais abertas e participam das coisas, mas tem outros que não têm. [...] A gente gostaria que tivesse mais homens. Para nós, eles seriam sempre muito bem-vindos, sabes por quê? Porque sempre a gente também faz um eventozinho com eles [com o grupo]. No final do ano sempre a gente faz um bingozinho dos trabalhos que eles fazem, a gente vende as cartelas. E a gente precisa da ajuda deles [dos homens] para arrumar uma mesa, para arrumar as cadeiras, para pegar umas coisas mais pesadas que a gente não consegue [mulheres]. Então, para isso seriam muito bem-vindos para nós, mas pouco a pouco nós estamos conseguindo um pouquinho (Zuleide, secretária GCI 71 - Leste).*

Se houve aquela interessada na maior participação de homens simplesmente por acreditar que as atividades no lazer desenvolvidas são para ambos os sexos; e também aquela com interesses fundamentados em visões culturalmente estabelecidas sobre os corpos masculinos e femininos; houve, ainda, aquela que não expôs qualquer interesse por



uma quantidade maior de homens no grupo. Sem apresentar justificativas, ainda que questionada, a coordenadora do GCI 63 (Sul) foi enfática ao afirmar sobre a possibilidade de mais homens neste grupo: “*Não, eu acho que está bom. Para nós, está bom.*” (Neide, coordenadora GCI 63 - Sul). Durante sua entrevista, ela se referiu aos participantes no feminino, como se houvesse apenas mulheres. Também, atribuiu a maior participação feminina ao fato de a maioria das participantes serem viúvas, como se homens solteiros, separados ou viúvos não pudessem ingressar no grupo: “*Porque a metade das mulheres aqui são viúvas. Algumas são casadas, bem poucas. Mas, a maior parte é viúva.*” (Neide, coordenadora GCI 63 - Sul).

Se a posição da coordenação ou a forma de estruturação dos grupos pode se constituir em um fator limitante ao ingresso de homens nesses espaços (situação que assume maior magnitude no caso dos viúvos); e se, de outro lado, a influência das esposas e o convite de mulheres membros dos GCI facilitam a filiação dos homens, os motivos de permanência parecem superar essas dificuldades e ultrapassar tais fontes de estímulos, ganhando novos sentidos e incentivos. Conforme Maffesoli (1998, 2010), a casualidade ou o utilitarismo não podem, sozinhos, explicar a propensão a se associar. Apesar dos interesses particulares das pessoas e das circunstâncias que determinam a entrada em um grupo, há um “cimento” que garante a continuidade das relações sociais, expresso pelo autor como o sentimento compartilhado.

Ainda que essa pesquisa não tenha um caráter quantitativo, acredita-se ser pertinente apresentar que, quando se assume como referência a quantidade de homens (19) que mencionaram o estímulo/convite de suas esposas/companheiras ou de mulheres coordenadoras ou integrantes dos grupos como motivo de ingresso, é possível considerar que foram poucos (4) aqueles que as apontaram também entre os motivos de permanência. Tendo seus discursos apresentados anteriormente, nota-se que estes homens associaram a influência da esposa com outros motivos para continuarem no grupo.

Nos cinco espaços pesquisados, as amizades construídas e mantidas por meio da convivência nos grupos foram mencionadas pelos homens entrevistados, com certa unanimidade, como o principal motivo para a continuidade nesses locais. Assim, se nem sempre a sociabilidade foi explicitada entre os motivos de ingresso, nos motivos de permanência ela assumiu posição central.

*Pelo pessoal mesmo. Porque o pessoal me tratava bem aqui. Assim que eu cheguei aqui no grupo*

*eles me trataram bem, eles me queriam bem mesmo. E até hoje. [...] Um tratamento especial que a gente faz aqui com o pessoal. Continuo participando porque eu gosto. Gosto mesmo de estar no grupo (Leonidas, GCI 63 - Sul).*

*A minha esposa é muito chata. Me convidou. E depois que a gente entra vai formando um grupo mais de amigos. [...] Todo mundo fica amigo. Quando não tem a reunião já faz falta. Já viciou (Leandro, GCI 94 - Continente).*

Na convivência há espaço tanto para interações mais pontuais e descomprometidas, assemelhando-se ao coleguismo, quanto para relações que podem se tornar mais duradouras e comprometidas com o outro, tais quais as amizades. É possível concordar com Monteiro (2003) que a amizade é, acima de tudo, uma aproximação de crenças e valores, sendo que os sentimentos de proximidade que marcam essa forma de relação revelam interesses e significações comuns nas vivências no lazer. O autor salienta que a amizade se constitui em uma forma de relacionamento menos institucionalizado e burocratizado, uma vez que, em certa medida, tende a fugir da rigidez dos vínculos orgânicos tradicionais, sejam eles relativos ao trabalho, à religião ou façam referência a metáforas familiares.

Muitas vezes, os homens idosos procuravam eminentemente estreitar os laços com aqueles que já eram seus amigos, mas no cotidiano das reuniões dos GCI, a partir do exercício da sociabilidade, encontraram oportunidades de desenvolver novas relações ou de ressignificar aquelas antes estabelecidas, resultando em formas de amizade mais solidárias e livres. Embora nos discursos deles nem sempre tenha havido indícios de que as relações de amizade suscitadas extrapolam os espaços de convivência dos grupos, essas relações ganham em significados para suas vidas, ao permitirem uma forma de relação mais aberta e afetuosa, indicando que as experiências compartilhadas geram um valor, conforme expõe Maffesoli (2005).

Também utilizando como referência o pensamento de Simmel para compreender a sociabilidade, Britto da Motta (1999) considera que os GCI, ao menos inicialmente, instituem uma sociabilidade dirigida, fazendo com que os idosos tenham que conviver não com aqueles que escolheram, mas, sim, com quem lhes foi apresentado. Entretanto, no dinamismo das relações sociais, o terreno da sociabilidade propicia encontros que podem gerar outras formas de convivência, remontando,

ainda que pontualmente, à sociabilidade “pura”, como a camaradagem e a amizade. Desse modo, ainda quando não intencionalmente (mas quase sempre assim sendo), por força da sua ação de reunir pessoas (que se conheciam previamente ou não), os GCI facilitam o exercício de diferentes formas de sociabilidade.

Impossível desconsiderar que, no ingresso aos grupos, destaca-se a busca por correspondência, pela convivência com pessoas da mesma faixa etária; que compartilhavam suas atividades laborais; que constituem seu círculo familiar; que eram amigos de longa data. Para Maffesoli (2005), a identificação liga uma pessoa a um grupo. Essa “lógica da identificação” se refere a uma possibilidade muito mais coletiva do que uma “lógica da identidade” (essencialmente individualista).

No GCI 18 (Centro) e no GCI 71 (Leste), essas situações foram ainda mais visíveis, possivelmente em decorrência da homogeneidade nas profissões dos homens. As semelhanças nas atividades laborais, em ambos os casos, refletem gostos e preferências similares entre esses indivíduos, facilitando, de alguma forma, a (re)aproximação, mas não implicando, necessariamente, nas mesmas formas de relacionamentos antes tecidas.

*[...] a gente já trabalhou muito tempo junto. Então, é mais fácil também depois de aposentado a gente permanecer junto. Alguns aqui do nosso grupo: eu, o Silveira, o Ricardo e o Carlos... Nós quatro trabalhamos juntos. [...] Os outros trabalhavam no banco, a gente conhecia, porém mais de longe, como se diz. E aí acabou a gente se encontrando aqui. [...] (Reinaldo, GCI 18 - Centro).*

*[...] A gente está sempre junto com o grupo, todos são amigos. [...] Nós, como somos de outros times, que não é de bola, que não é de venda, que não é de bebida, então o prazer da gente é isso aqui. [...] (Aldo, GCI 71 - Leste).*

Não obstante as semelhanças entre os homens idosos, o cotidiano possibilita o encontro com pessoas totalmente diferentes, com características, profissões, classes sociais, história de vida, gostos peculiares. É com estas pessoas que novas formas de interações são estabelecidas e novas amizades são formadas. Desse modo, há espaço

tanto para relacionamentos distintos daqueles frequentemente vivenciados a partir dos vínculos tradicionais no âmbito da família, do trabalho, etc., quanto para relacionamentos que relembram ou perpetuam as interações estabelecidas nesses contextos. Destaca-se que, no caso do GCI 18 (Centro), as relações que remontam ao tempo laboral assumem outra magnitude ao serem excluídas as hierarquias antes determinadas. Assim, neste grupo há possibilidade de ressignificação das relações.

*Todos que estão ali [referindo-se aos participantes do grupo], uns trabalharam juntos, outros não. Às vezes trabalhamos na mesma etapa e não nos conhecíamos. Agora, estamos nos encontrando e nos falando pessoalmente. E tem uma coisa ali, você pode ver, é difícil alguém falar em banco. Não se toca nesse assunto. [...] Aqui não tem cargos, não se fala em cargos. Somos todos funcionários de um banco que não existe mais (Michel, GCI 18 - Centro).*

*A gente passeia, conversa com mais gente, pega novas amizades. Volta e meia a gente conhece pessoas diferentes (Arnaldo, GCI 36 - Norte).*

*O grupo pra mim é uma continuação da família que a gente, muitas vezes, se afasta, de parentes, de tios... Então, aqui é um convívio (Sandroval, GCI 94 - Continente).*

Discutindo a questão da socialidade, Maffesoli (2010) a destaca como o motor da vida social e fundamento da solidariedade de base, em que ocorre a partilha do espaço que aproxima as pessoas de um mesmo local, permitindo a estruturação comunitária, fundada no afeto, nos conflitos e nos sentimentos compartilhados. Ela se caracteriza como um constante vaivém entre a massificação e o surgimento de microgrupos, chamados por ele de tribos. O autor distingue três principais características inerentes à organização desses grupos: a estética (sentir em comum); a ética (laço coletivo); e, o costume, que em suas palavras: “Trata-se de um laço misterioso, que não é formalizado e verbalizado [...] O costume, nesse sentido, é o não-dito, o ‘resíduo’ que fundamenta o estar-junto. [...] *Centralidade subterrânea* ou ‘potência’ social [...]”. (MAFFESOLI, 2010, p. 54).

A metáfora da tribo apresentada por Maffesoli (2010) representa uma organização sustentada por um princípio de ajustamento, acomodação e articulação orgânica com a alteridade social e natural a partir de uma vitalidade que não se extingue do social e que permite a constante afirmação da vida. Esses elementos constituem uma potência que designa a energia que “cimenta” cada membro a seu grupo, a sua tribo. Maffesoli (2005) alerta que esse “cimento” só se tornará rígido a partir de elementos objetivos, como festas grupais, trabalho, etc., mas eles não passam de pretextos para legitimar a relação com o outro, uma “matéria-prima” necessária, mas insuficiente para definir o estar junto.

Na concretização dos GCI aqui estudados podem ser aplicados os pressupostos do autor, especialmente no sentido de busca por pertencimento a um grupo em que, de alguma forma, existam semelhantes, pessoas com quem se possa viver coletivamente, dividir um espaço, partilhar vivências, sensações, emoções. De forma bastante genérica, mas pertinente para essas discussões, é possível afirmar que existe mais similaridades do que diferenças (com relação ao estado civil, à profissão desempenhada, ao nível de escolaridade, etc.) entre os homens integrantes de cada grupo. Contudo, em todos os casos há particularidades, além daqueles “semelhantes” até então desconhecidos. Por isso, é preciso atribuir limites às considerações de Maffesoli (2010) para essas análises, pois nem sempre aqueles que não têm “o cheiro da matilha” são impedidos de participar do grupo ou não estabelecem relações com o “coletivo semelhante”.

Nas situações presenciadas pela pesquisadora, o exercício de diferentes formas de sociabilidade ficou bastante evidente, particularmente a partir dos comportamentos, gestos e posturas dos homens. Foi notória a busca por estar com o outro, ainda que, em certas ocasiões, apenas para compartilhar silêncios. Sobre isso, Maffesoli (2010) lembra que o “não dito” também faz parte das interações sociais. Ideias, risadas, abraços, conversas, cochichos também integraram essa partilha entre os homens. Esse anseio por estar junto com o outro se manifestou, portanto, por meio de uma dose de sensibilidade, marcando a experiência entre os membros do grupo.

Seja pelo contato, pela percepção ou pelo olhar existe sempre algo de sensível nessas interações e é esse sensível o substrato do reconhecimento e da experiência do outro (MAFFESOLI, 2010). Conforme Araújo (2004), o convívio é um celeiro de sentidos para construções de relações, interações, vínculos que se conformam.

No interstício dessas relações, muitos homens também continuam participando dos GCI porque se sentem satisfeitos, a partir da

identificação não apenas com as pessoas, mas, igualmente, com as atividades que lá são desenvolvidas. Há aqueles que não gostam de determinadas práticas, mas também existem aqueles que apreciam todas ou a maior parte delas, característica comum em iniciativas de esporte e lazer, conforme verificado nas pesquisas de Goellner et al. (2009) e Mello e Votre (2013).

No caminho das preferências similares, certas atividades no lazer desenvolvidas nos GCI facilitam as redes de sociabilidade tecidas nesses espaços. O gosto por jogos de cartas ou dominó, por exemplo, favorece a aglutinação de homens em determinados espaços. Todavia, mesmo que alguns deles não gostem muito dos jogos é comum participarem das redes formadas, seja observando, comentando, ou se aproximando, ficando clara a presença da necessidade de interação social. Dessa forma, o lazer se institui como agente promotor da sociabilidade.

Nos contextos investigados, portanto, há uma relação mútua entre o lazer e a sociabilidade, verificada não somente a partir das observações dos encontros, como também por meio das próprias vozes dos homens idosos entrevistados, especialmente quando expuseram os motivos para a participação (ingresso e permanência) nos grupos. De um lado, fica evidente que os vínculos se fortalecem durante as vivências no lazer. Mesmo quando a possibilidade de acesso ao lazer e/ou de ocupação do tempo “livre” de forma divertida, por si só, configuraram-se como motivo de continuidade nos grupos, as oportunidades de interações sociais emergiram como motivações associadas a tal permanência. De outro lado, a busca por relacionamentos sociais implicou na vivência de práticas culturais. Conforme Marcellino (1996), os GCI oferecem muitos exemplos de idosos que, motivados pela convivência, passaram a desenvolver diferentes atividades no lazer.

Nessas inter-relações, os laços construídos e fortalecidos são vistos pelos homens idosos como tendo grande importância para suas vidas, conferindo um efeito singular na significação do grupo e impactando, até mesmo, percepções mais positivas de saúde e de qualidade de vida. O carinho e a atenção com o outro; as risadas e as brincadeiras; os momentos de lazer e de alegria compartilhados foram alguns dos exemplos identificados nas entrevistas que se apresentaram como possibilidades de ressignificação da vida.

*Porque eu gosto. Eu sempre digo o seguinte: a gente cresce, casa, têm filhos, netos... Mas, eles não ocupam os nossos momentos. Nós precisamos ter amigos para conviver, porque o filho tem que*

*estar trabalhando agora para sustentar a família dele; os netos têm que estar na escola; Aí eu vou ficar fazendo o quê? Eu tenho que ter os meus amigos para ter alguma coisa a mais na vida. Amigo dá qualidade de vida. Não confunda com conhecidos, colegas, etc. e tal. São amigos (Silveira, coordenador GCI 18 - Centro).*

*Tem muita gente aqui que é amigo da gente. Vem cá, abraça um, beija outro... Isso faz bem (Arnaldo, GCI 36 - Norte).*

*Porque eu gosto muito. E é a amizade boa que a gente pega com o pessoal. Só essa amizade aí com essa turma... Tudo na base da brincadeira (Douglas, GCI 63 - Sul).*

*É porque a gente de vez em quando passeia, troca umas ideias com os amigos, com as colegas. Se ficar em casa coloca coisa na cabeça. [...] Sabe-se com quem está conversando, diz-se uma bobagem... Aqui tudo é bom (Leonardo, GCI 71 - Leste).*

*Porque a amizade que a gente tem por meio dos grupos é tão boa que a gente preserva (Eduardo, coordenador GCI 94 - Continente).*

Diante disso, é possível concordar com Maffesoli (2005) que o lazer não pode ser visto como elemento frívolo da vida social. Como expressão de emoções coletivas, constitui uma “centralidade subterrânea”, um querer viver irreprimível. Vejam-se nos depoimentos exemplificados a ênfase no tato, na valorização da aproximação ao outro por meio do contato concreto, tangível; a exaltação de que se trata de relações verdadeiras de amizade, e não de interações superficiais entre conhecidos; a afirmação de que as características pessoais são compartilhadas, visto que se sabe, conhecem-se realmente as pessoas envolvidas nessas relações, seja a partir de um convívio prévio em fases anteriores da vida, seja a partir da convivência ditada pela frequência aos encontros. Embora Simmel (2006) considere que há certa “falta de tato” na sociabilidade, visto que na busca por relações “entre iguais”, sem atritos, os aspectos eminentemente particulares da personalidade de cada um são suprimidos das relações, é o sentido do tato que leva à

autorregulação do indivíduo em sua relação com os outros, em um nível no qual nenhum interesse (egoísta, externo ou imediato) possa assumir a função reguladora.

Maffesoli (2010) acredita que o retorno do sensível na sociedade (que, em sua visão, já se faz presente, mas que prevalecerá em épocas vindouras) remete necessariamente a uma “lógica do tocar”, ou seja, a presença no outro é antes estabelecida por contatos, cruzamentos, estabelecendo interações, operando cristalizações e formando grupos. Sobre esse assunto, Duarte Júnior (2000) pensa contrariamente, apontando que os contatos pessoais, ditados pelo tato, estão diminuídos. Por outro lado, este autor percebe certo favorecimento aos brasileiros quanto a isso. Culturalmente, tem-se o costume de tocar um ao outro, seja nos encontros, nas despedidas e até durante conversas. Os brasileiros aprenderam e exercem a arte do abraço, do beijo e do contato físico, mesmo nas situações consideradas mais formais.

As entrevistas do presente estudo mostraram que os homens idosos praticam e apreciam esses contatos mais próximos, mais “táteis”, mesmo que em outras situações tenham se mostrado mais recatados, com certo receio de se expor. Assim, a atração por se relacionar com o outro acentua o aspecto tátil da existência (MAFFESOLI, 2005). Debert (2013) aponta que, para os homens, reprimir as emoções é uma condição para que eles possam exercer o papel que lhes é esperado na sociedade: provedor, protetor, criador. No entanto, parece que, na terceira idade, esse *ethos* masculino é modificado, haja vista as próprias mudanças na vida social dos homens. Desse modo, as constatações do presente estudo vão de encontro aos estereótipos culturais que negam aos homens a possibilidade de relações mais intensas, emotivas, pessoais, sensíveis, táteis, sobretudo.

Nessas trocas de diferentes níveis, os homens foram enfáticos em revelar que estimam muito a relação agradável com o outro, contudo, “toda harmonia contém uma dose de conflito.” (MAFFESOLI, 2010, p. 203). Foram observados momentos de tensões e conflitos perpassados pelas atividades desenvolvidas. Por mais que os GCI possibilitem a união entre os participantes, os desentendimentos existem, sendo que, paradoxalmente, muitas vezes fortalecem o grupo, contribuindo para que os idosos se tornem mais sensíveis aos interesses coletivos, à opinião/situação do outro, aprendendo a viver coletivamente. À maneira de Maffesoli (2010, p. 170):

A tensão das heterogeneidades, umas com as outras, tenderia a assegurar a solidez do conjunto.



[...] Dessa maneira, modos de vida estranhos uns aos outros podem engendrar, em pontilhado, uma forma de viver em comum. [...] permanecendo [...] fiéis à especificidade de cada um.

Nesse sentido, aqueles que passaram por situações incômodas, desconfortáveis ou de desavenças em suas interações com outros participantes, ainda assim, continuaram a frequentar os grupos e a aperfeiçoar tais relações. A reprodução das palavras de um homem entrevistado - ao se remeter a um episódio de desentendimento entre ele, o coordenador e outros participantes do grupo durante uma viagem (discutido durante um encontro e registrado no diário de campo da pesquisadora) - mostra-se propícia para ilustrar esse aspecto envolvido nas práticas cambiantes da sociabilidade, aqui desenvolvidas no contexto de um espaço que se mostra como sendo de lazer:

*[...] eu vivi o meu tempo todo com pessoas. Não eram quaisquer pessoas, eram crianças [sua profissão era professor de primeira a quarta série], que é mais difícil porque cada um tem uma mentalidade diferente do outro e isso faz com que se tenha que amadurecer aquela ideia das crianças para elas não ficarem uma contra a outra. [...] O cara tem que ter uma psicologia muito forte para viver em grupo porque senão, às vezes, uma palavra desmonta um grupo. Tem pessoas que vivem em um grupo, mas que distorcem as coisas: se a gente diz que é um "a", eles são capazes de dizer que é "b", porque se você fizer um "a" e depois acrescentar uma perninha fica um "b". [...] E para viver em grupo o cara tem que discutir dentro do grupo e não fora do grupo. [...] O nosso grupo é assim: todo mundo gosta um do outro. Mas, tem pessoas que vem ao grupo e não aguentam três, quatro reuniões. Porque não sabem. Porque acham muito dinheiro. Outro diz que não tem tempo. Mas, não é isso, é porque ela não se adapta, não sabe viver. E se ela sabe viver em grupo tem que viver mandando. Tem pessoas que não sabem ser mandadas. Quero ver você mandar e ser mandado. Ver o certo e o errado. Não visse aquele dia, eu falei: "errei". Dou a minha mão à palmatória. Eu errei. Mas, você errou também*

*[referindo-se ao coordenador] ao me chamar na frente de todo mundo, me repreender na frente de todo mundo. Que me chamasse à parte. Dei a mão à palmatória, mas ele deu uma patinada. Isso que é viver em grupo. E é assim que a gente tem que fazer, porque se não fizer assim nunca um grupo vai pra frente. Isso é time de futebol, é grupo, enfim. [...] (Zilton, GCI 94 - Continente).*

No contexto da dinâmica contraditória em que se insere o lazer, nas relações entre os participantes dos grupos parece prevalecer a vontade de estar junto e o espírito de convivência cooperativa. Nesse partilhar aprazível se destacam as conversas frequentemente desenvolvidas. Conforme assinala Duarte Júnior (2000), em sua defesa pela educação do sensível, “papear”, “jogar conversa fora”, “bater papo”, “prosear”, “levar um lero”, são inúmeras as expressões brasileiras para designar essa antiquíssima atividade humana que consiste, basicamente, na troca de informações, opiniões e significados por meio da conversa, do encontro face a face.

Contrariando as observações do autor supracitado de que o ato de conversar está cada vez mais ausente na sociedade atual, a qual não tem tempo a perder com essas “irrelevâncias”, no caso dos GCI investigados essa prática se apresenta bastante corriqueira e prazerosa para os homens idosos, seja por supostamente terem mais tempo disponível para tal, seja por, de alguma forma, não terem se submetido totalmente à característica moderna de empobrecimento dessa manifestação humana. A despeito da ponderação de Duarte Júnior (2000), ele mesmo confirma que a importância da conversa sempre foi reconhecida: além de ajudar a manter viva a sabedoria popular, consiste em um fator de identidade e de integração cultural. Por ela são trocados dados e informações, e, sobretudo, afetos e sentimentos, estes elementos básicos para a manutenção ou a transformação de uma determinada realidade.

Corroborando com estes últimos aspectos, foi nos momentos de diálogos observados que se tornaram mais claros a satisfação, o prazer e a alegria cultivada nos encontros, assim como o estabelecimento de contatos e novos elos dos homens idosos com outros integrantes dos grupos. É na infinidade dos assuntos discutidos nas rodas de conversas que os participantes se conhecem melhor, vista a diversidade de posicionamentos, opiniões, expressões. Há o momento de falar, mas também o de ouvir. Nesses instantes de parar para escutar o que o outro tem a dizer e de ter a oportunidade de ser ouvido são partilhados valores,

princípios, emoções, sentimentos e aspectos da vida de cada um, partilha essa que, muitas vezes, não se concretiza por completo no ambiente familiar ou em outros locais externos aos GCI.

Como evidencia Maffesoli (2010), diferentes vínculos sociais são formados a partir de emoções compartilhadas e de sentimentos coletivos, sedimentando a dinâmica da vida cotidiana em uma forma de relacionismo (que pode ter relações tanto atraentes quanto repulsivas), como contraponto ao individualismo. “[...] o laço social não é mais unicamente contratual, racional, simplesmente utilitário ou funcional, mas contém uma boa parte de não-racional, de não-lógico [...]” (MAFFESOLI, 2005, p. 7), ou seja, os vínculos sociais estão cada vez mais dominados pelo afeto, constituído por um marcante sentimento de “pertença”.

É dessa maneira que as conversas se constituem em importantes meios de interação, propulsionando não apenas a sociabilidade, mas também contribuindo para o desenvolvimento da maior cumplicidade entre os homens idosos, fazendo-os estabelecer relações de amizade permeadas por trocas, afetos, camaradagem, companheirismo. Nessas atividades em que se destacam eminentemente as interações sociais, mas também nas demais vivências no lazer desenvolvidas nos GCI, fica claro que os vínculos são estabelecidos predominantemente por meio da partilha de sentimentos e de afetos, inevitavelmente se aproximando daquilo que Maffesoli (2010) chamou de tribalismo.

O autor caracteriza o tribalismo como um fenômeno cultural marcado por um ideal comunitário que se contrapõe e está indicando a saturação do ideal individualista. O primeiro ideal é ilustrado por ele por meio das manifestações étnicas, das inúmeras aglomerações esportivas, musicais, eventos em prol de causas comunitárias, dentre outras variadas formas de solidariedade. Em sua visão, a estrutura patriarcal, vertical, está sucedendo uma estrutura horizontal, fraternal, indicando uma tendência que já se faz presente nos dias atuais e que será um valor dominante para os decênios do futuro (MAFFESOLI, 2010).

É pertinente ressaltar que a existência dessas possibilidades representa uma das formas de estar junto no momento presente, porém, sendo possível identificar configurações sociais distintas desta na sociedade contemporânea, os pressupostos de Maffesoli são aqui compartilhados nos limites de seu otimismo e idealismo. A questão é que as relações afetuosas entre os homens idosos participantes dos GCI influenciam preponderantemente a permanência deles nesses espaços. Cada qual ingressou em determinado grupo conforme seus desejos e

estímulos recebidos, mas, como consequência dessa “atração”, destacou-se uma cultura do sentimento que permitiu o pertencimento a tal grupo.

Os dados referentes ao tempo de permanência nos GCI revelam que os homens idosos efetivamente se integraram a esses locais, pois a maior parte deles participa do grupo desde a sua fundação ou o frequenta há mais de cinco anos. Há também idosos entrevistados que ingressaram em algum dos grupos há um, dois ou três anos, sugerindo haver recentemente maior movimentação para a representatividade masculina nos espaços investigados. No GCI 63 (Sul), também há dois homens que se filiaram ao grupo há seis meses, e, no GCI 36 (Norte), outros dois que ingressaram há quatro meses, mediante a eleição da nova coordenadora.

Esses resultados permitem rever a ideia de que homens idosos não participam de formas associativas - aqui particularmente de GCI - ou a visão de que o aposentado é um homem que vestiu o pijama e só quer ficar em casa. Ademais, também possibilitam questionar as explicações sobre a participação diminuta dos homens tão somente porque, em média, eles vivem menos do que as mulheres (DEBERT, 2013).

Centrar a análise nesses espaços de convivência é colocar em outros termos a questão da participação masculina, porque neles se verifica a presença de redes de relacionamento em que os homens ganham destaque. Mesmo nas atividades culturais julgadas como femininas, desenvolvidas nos GCI, pode (e há) interesses de idosos do sexo masculino, revelando que o espaço dos grupos investigados, como um todo, também pode ser (e é) deles.

Portanto, assim como apontado por Mazo, Lopes e Benedetti (2009) e constatado em outros estudos desenvolvidos em GCI, esses espaços oportunizam aos idosos o exercício da sociabilidade e a possibilidade de formação de novas amizades (BORINI, 2002; KIST, 2011; ROLLIN, 1998). Pela presente pesquisa ter a particularidade de ter sido realizada em grupos com maior proporção de homens em comparação a outros grupos de uma mesma Região da cidade de Florianópolis (SC), pode-se dizer que a sociabilidade não se restringe às mulheres, ainda que elas ocupem a maioria dos GCI de forma mais expressiva.

É importante enfatizar que a sociabilidade permitida pelos GCI não substitui diretamente outros meios de relações sociais na vida dos homens idosos, tais quais as atividades familiares e religiosas. Entretanto, a experiência de interações proporcionada nos grupos é tão valorizada pelos homens ao ponto de muitos a caracterizarem como uma

família, como uma aproximação dos laços desse âmbito aos grupos de convívio, de lazer, conforme, de algum modo, foi observado nos depoimentos exemplificados nesta seção. Nessa direção, ao falarem sobre o significado dos GCI em suas vidas, esses espaços ganharam sentidos de convivência; de aumentar os contatos sociais; de estar junto com o outro; de compartilhar momentos prazerosos por meio da vivência de atividades; e, principalmente, de formação e fortalecimento de amizades; de trocas de afeto.

Para Maffesoli (2010), a conjunção (conservação, solidariedade, proximidade) do grupo tem na noção de família uma expressão privilegiada. Compreendendo o termo *família* em seu sentido mais amplo (não restrito às relações de parentesco), o autor destaca que ela tem a função de proteger, limitar as usurpações do poder imposto, oferecendo certa segurança aos seus membros. A familiaridade torna a vida tolerável. Na solidão inerente a todo meio urbano, o ícone familiar é uma baliza que se inscreve no cotidiano, onde cada um tem um papel a representar, permitindo o reconhecimento de si, pelos outros e dos outros.

Sob este prisma, alguns homens idosos equipararam suas relações de amizade às de irmandade, caracterizando o amigo como se fosse um membro da sua família, como um irmão. Tomando como referência, principalmente, o pensamento de Arendt, Derrida e Foucault, Ortega (2000) propôs uma nova forma de pensar a amizade, para além das metáforas familiares, das ideias de reciprocidade, proximidade e de identificação do outro com o mesmo. O autor pensou a amizade como um exercício do político, concretizado por meio da experimentação de novas formas de sociabilidade, capazes de recusar e apostar na criação de outras imagens que não se restrinjam aos relacionamentos tradicionais (religião, família, trabalho, comunidade). Particularmente sobre a equivalência da amizade às relações familiares, ele acredita que a amizade exprime mais a humanidade do que a fraternidade, pois esta última é, no fundo, uma forma de comunidade identificatória, na qual, na condição de irmãos, todos são iguais, sendo, conseqüentemente, suprimido o potencial político contido na amizade. Esta noção não enxerga no amigo uma adesão incondicional, mas uma incitação recíproca, um desafio capaz de transformar as relações.

Os homens idosos participantes da presente pesquisa parecem encontrar nos GCI possibilidades de interações que tanto vão de encontro ao pensamento de Ortega (2000) sobre a amizade, apoiando as relações interpessoais na ideia de parentesco; quanto, de alguma forma, podem se aproximar das reflexões do autor, especialmente pela

oportunidade de construção de amizades diferenciadas e de transformação daquelas que antes eram regidas por outras formas tradicionais de relacionamento (tais quais as profissionais), não havendo agora papéis tão rígidos e com âncoras tão fixadas. Em contrapartida, não se pode negar que a amizade pode assumir, nesses contextos, uma função compensadora, visto que age integrando e igualando os membros do grupo, função essa que parece adquirir importância na vida dos idosos (talvez até mais do que a possibilidade de exercício do político proporcionado por relações inovadoras), tendo em vista que muitas daquelas formas tradicionais de relacionamento estão, agora, diminuídas ou ausentes, haja vista os aspectos sociais envolvidos no processo de envelhecimento humano.

Retomando os significados atribuídos aos GCI, a noção dos grupos como espaços de lazer (diversão, descontração, ocupação do tempo, prática de atividades, distanciamento das tensões e rotina cotidiana) ou que contribuem para a saúde do idoso e para uma motivação em continuar vivendo, também emergiu das entrevistas. Mesmo que, em outros momentos do discurso dos homens tenha sido verificada pouca ressonância social do lazer em suas vidas - por este não ter sido percebido explicitamente como direito social e por haver uma hierarquia das necessidades, na qual o lazer não ocupa um lugar privilegiado (como ocupa o trabalho) -, contraditoriamente, agora, e também nas observações dos encontros, tornou-se notória a importância do lazer como busca de significado. Ademais, muitos idosos atribuíram aos grupos sentidos de totalidade em suas vidas.

Na tentativa de exemplificar essas significações a partir da voz dos próprios homens idosos, podem ser citados trechos de entrevistas de dois integrantes de cada grupo, refletindo a representatividade dos múltiplos valores dos GCI em suas vidas:

*É amizade. A gente tem carinho um pelo outro. A convivência é tudo porque quando um está com problema o outro ajuda. Então, quer dizer, praticamente carinho e amizade (Carlos, GCI 18 - Centro).*

*[...] significa muito. A amizade que a gente tem um pelo outro, isso é maravilhoso. Todo mundo sabe que se a gente vive em casa enforcado, enclausurado, não chega a lugar nenhum e morre cedo. Isso traz para a gente muito benefício. É saúde para nós. Para o idoso é saúde. É poder*

*estar participando de um grupo em que a gente brinca, joga, ri. Isso é muito bom. Isso é o que significa mesmo. É saúde (Osnildo, GCI 18 - Centro).*

*Tem significado. Em primeiro lugar porque eu fui um dos fundadores. Em segundo lugar, de vez em quando eu estou revendo aquelas pessoas que fundaram o grupo junto comigo. Uns são primos, outros são conhecidos, alguns já morreram, outros estão vivos. Então, para mim, é um prazer (Nildo, GCI 36 - Norte).*

*Uma amizade que a gente pega. É importante por causa disso. A gente pega muita amizade com o pessoal, tanto com os que já estavam aqui, quanto com os que estão entrando. Então, estou participando. É legal por causa disso, distrai mais. Porque a pessoa vai pegando certa idade já vai se acumulando mais em casa, e a gente pegando uma amizade se torna melhor (Otávio, GCI 36 - Norte).*

*Significa, para mim, uma família. Basta que chegue toda quinta-feira já chego conversando com eles, abraçando, beijando, conversando. E quando se troca um beijo com uma pessoa, aquilo ali está se sabendo que é um carinho, é amizade que a gente está pegando com as pessoas. [...] Hoje, todo mundo me quer bem, todo mundo gosta de mim [...] E outra, é difícil eu não vir. Se eu demoro um pouco eles já estão perguntando se eu não venho. [...] (Leonidas, GCI 63 - Sul).*

*Tudo. A significação do grupo aqui é fora de sério. Então, significa tudo: amizade, amigos, irmãos, companheiros (Armando, GCI 63 - Sul).*

*É mais uma moral que a gente pega com os amigos, com as amigas, as colegas... Porque, às vezes, a gente faz alguma coisa errada e uma colega chega pra mim: “estás errado, não devias fazer aquilo que tu fizeste”. Aí, a gente grava na cabeça (Leonardo, GCI 71 - Leste).*

*É um lazer que a gente tem. Toda sexta-feira que a gente vem é um divertimento para a pessoa. [...] (Heraldo, GCI 71 - Leste).*

*A vida. Mais um motivo para viver (Sandro, GCI 94 - Continente).*

*Significa que me ajuda no lazer, a sair de casa, a me distrair (Vilson, GCI 94 - Continente).*

É nítido que, mediados pelo lazer, os GCI podem abrir novas possibilidades de encontro também para homens idosos, fazendo surgir redes de sociabilidade que muitas vezes contribuem para o sentido de plenitude na terceira idade. Ao ser entendido de forma ampla, o lazer pode representar um meio propício para o desenvolvimento de experiências coletivas, não do ponto de vista funcionalista percebendo-o como mero auxiliador dos processos de convivência, mas, sim, considerando a perspectiva que o reconhece como direito, exercício da cidadania e possibilidade de participação social.

De acordo com Magnani (2000, p. 25), ao ser considerada a complexidade do fenômeno lazer, “é preciso estar atento a ventos que sopram de outras paragens...”. Quer dizer, o lazer não é apenas um campo promissor de atividades, negócios e intervenções, mas também um campo a partir do qual se pode refletir sobre a sociedade atual com seus grupos, sua sociabilidade e seus conflitos. Por ser suportado por múltiplos significados, pode oferecer uma via de acesso de impasses e de alternativas que surgem na vida das pessoas. Desse modo, o lazer pode auxiliar a reflexão sobre questões mais amplas, uma vez que está estreitamente vinculado aos demais planos da vida social, conforme pôde ser observado neste estudo. Isso porque questões envolvendo a sociabilidade de homens idosos se tornaram evidentes, sendo discutidas a partir do contexto de GCI, estes constatados prioritariamente como espaços de lazer propulsores de relações sociais também para homens idosos.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações descritas na finalização deste trabalho não devem ser entendidas a guisa de conclusões totalmente fechadas e definitivas, haja vista a característica peculiar da pesquisa em ter oportunizado vez e voz aos homens idosos integrantes de GCI, indivíduos frequentemente esquecidos nas investigações referentes ao tema lazer nesses espaços. Como diria Maffesoli (2010, p. 29): “[...] como tudo aquilo que está nascendo é frágil, incerto, cheio de imperfeições [...] É, inclusive, uma questão de prudência que não deixa de se mostrar eficaz.” Ademais, foi retratada uma forma de olhar os dados obtidos na pesquisa, não significando que não existam outras possibilidades.

Nessa direção, mais que oferecer respostas absolutas aos questionamentos aqui levantados, este estudo ofereceu possíveis pistas para abordar sua problemática central e atingir seus objetivos, auxiliando na reflexão sobre o lazer no contexto de cinco GCI da cidade de Florianópolis (SC), particularmente no que se refere à participação de homens idosos. Além disso, levantou outras perguntas que se acredita serem merecedoras de atenção em estudos vindouros acerca do assunto, a fim de complementar, aprofundar e extrapolar as ideias ora desenvolvidas.

A partir dos resultados desta pesquisa, foram constatados significados plurais atribuídos ao lazer, na interpretação desse fenômeno na visão dos homens idosos e dos representantes da coordenação dos GCI estudados. Destacaram-se visões parciais, dominantes na população em geral, que percebem eminentemente as funções de divertimento e de descanso no lazer por meio da prática de atividades, desconsiderando suas possibilidades de desenvolvimento pessoal e social, além do não reconhecimento do lazer como direito.

Nesse contexto, a oposição do lazer ao trabalho e às demais esferas da vida social também foi frequente, assim como as alternativas de afastamento das tensões cotidianas e de ocupação do tempo - esse tempo agora tão “livre”, tão amplo e, igualmente, tão escasso pelas obrigações e atividades constantes. Mesmo aposentados, o trabalho continua exercendo forte influência na vida dos homens idosos investigados, especialmente no sentido de reforçar o imaginário social de que se deve estar sempre ocupado; de que o lazer não é tão importante quanto outras necessidades; e de induzir a procura por vivências no lazer que se assemelhem às práticas laborais. Por tudo isso, aspectos funcionalistas ganharam evidência na concepção de lazer dos

entrevistados, sendo estendidos, inclusive, para a caracterização dos GCI.

No entanto, entre o conhecer e o lazer parecem existir fatores importantes na configuração desse fenômeno social nos espaços pesquisados, fatores estes que eclodiram de outros momentos das falas dos participantes do estudo, mas, também, das observações dos encontros dos grupos. A falta de locais na comunidade para vivenciar atividades prazerosas, divertidas, especialmente em conjunto com outras pessoas, surgiu como um dos aspectos determinantes para desvendar as características do lazer nos GCI. Isso porque a procura por entretenimento foi expressiva. Porém, mais que ocupar o tempo ou distrair a cabeça dos problemas cotidianos, as práticas desenvolvidas nos grupos acabam por atender diferentes interesses humanos, por vezes, interesses que não puderam ser satisfeitos em momentos anteriores da vida (a exemplo das atividades turísticas), haja vista a supervalorização do trabalho.

Fora dos GCI, as vivências no lazer dos homens idosos são, muitas vezes, restritas ou diferentes daquelas realizadas nos grupos, particularmente mais individualizadas. Dentre os seis conjuntos de conteúdos culturais do lazer, o conteúdo físico foi identificado em atividades no lazer exemplificadas por homens de todos os GCI investigados, configurando-se como as vivências mais frequentes desses idosos no contexto externo aos grupos, juntamente com o conteúdo manual. O conteúdo intelectual foi elencado entre alguns homens integrantes dos GCI 94 (Continente) e GCI 18 (Centro), bem como o conteúdo social foi constatado nas atividades no lazer de homens deste último grupo e do GCI 63 (Sul). Os interesses artísticos apareceram no lazer de homens dos GCI 71 (Leste) e GCI 94 (Continente), e os turísticos no dos idosos integrantes dos GCI 18 (Centro) e GCI 36 (Norte).

Apesar da aparente variedade de práticas, os depoimentos dos homens idosos revelaram que ocorre o oposto nos seus momentos de lazer. Muitas das atividades por eles apontadas são bastante específicas e têm relação com tarefas laborais desempenhadas. Isso remete a reafirmação da centralidade do trabalho na sociedade contemporânea, especialmente no caso dos homens, percebidos socialmente como provedores do sustento familiar, repercutindo no entendimento do lazer como esfera isolada e compensadora. Nesse sentido, pôde ser observada uma migração das atividades relativas à profissão para as vivências no lazer, atrelada à necessidade de ocupação da superdosagem de tempo “livre” oriunda da aposentadoria.

Para além disso, essas constatações podem indicar a falta de conhecimento sobre possibilidades diferentes para o desfrute no lazer, tanto por parte dos homens que discursaram sobre aspectos reveladores de sua percepção de aposentadoria como um tempo de inutilidade que precisa ser ocupado, tanto por aqueles que acreditam já terem trabalhado bastante, sendo que, por isso, como aposentados, só têm que se divertir e aproveitar para fazer aquilo que não se teve tempo para fazer. É a partir dessas duas perspectivas que as atividades oferecidas nos GCI atendem a determinados interesses dos homens idosos.

É certo que nem todos apreciam as atividades realizadas nesses espaços em sua totalidade; e que também existem aspirações diversas (tanto por parte deles quanto por parte dos coordenadores) ainda não alcançadas nesses locais. Ademais, as características de organização das atividades e de gestão dos grupos por meio de hierarquias na estrutura de direção, em algumas situações, semelhantes às estabelecidas na esfera familiar, revelaram uma estrutura fixa, repetitiva, com possibilidades, por vezes, limitadas, de participação coletiva nas decisões. Também mostraram a mudança de papéis sociais durante o processo de envelhecimento, quando a mulher, cada vez mais, passa a ser protagonista das tarefas de liderança, denotando maiores ou menores chances de participação efetiva dos homens.

Esses aspectos fizeram com que fosse questionada a presença do aspecto de “livre” escolha do lazer. Por outro lado, de forma geral, os GCI puderam ser percebidos como opções de lazer para os idosos, aqui, em particular, para os homens, haja vista a própria falta de alternativas diferenciadas e as ressonâncias positivas dessa participação para as suas vidas.

Os participantes do estudo (homens idosos e coordenadores) apontaram desejo por inovações, especialmente na rotina de atividades, o que parece ser um aspecto favorável à ampliação no atendimento de seus interesses culturais no lazer. Além disso, demonstra uma postura dos diretores que não está totalmente fechada, podendo ser facilitadora das mudanças pretendidas pelos participantes dos grupos.

A animação cultural, com sua dimensão de incentivo às sensibilidades, mostrou-se fértil para que fossem vislumbradas possibilidades diferenciadas para a gestão dos grupos, as quais, quiçá, poderiam estimular os homens a se envolverem mais com as decisões nesses locais de convivência, em um processo de participação coletiva direcionado a satisfações de outras vontades, necessidades e anseios no lazer. Fica posta assim, uma dose de estímulo, e uma primeira sugestão para a realização de novas pesquisas centradas na necessidade de

“animação” desses GCI com o intuito de investigar as ressonâncias de uma forma inovadora de organização das atividades, especialmente no que concerne à participação conjunta de ambos os sexos nesse processo e à ampliação das vivências culturais, equilibrando o atendimento dos interesses dos idosos.

Na direção dos anseios dos homens, foi possível constatar, especialmente por meio das observações dos encontros dos GCI, as quais permitiram identificar os conteúdos culturais desenvolvidos, que esses indivíduos encontram oportunidades privilegiadas para atender aos interesses turísticos e sociais do lazer nesses espaços. No GCI 36 (Norte), esses são os únicos conteúdos explorados no momento. Nos demais grupos, também existem possibilidades para atendimento dos interesses intelectuais e artísticos, ainda que estes últimos sejam identificados com menor frequência. O conteúdo manual é oportunizado em algumas atividades desenvolvidas no GCI 18 (Centro) e GCI 71 (Leste); e o conteúdo físico é observado muito timidamente neste último grupo e no GCI 63 (Sul).

Em outros estudos realizados em GCI de Florianópolis (SC), nos quais a quantidade de homens idosos era significativamente inferior a dos grupos investigados na presente pesquisa, também foi verificado que atividades turísticas, sociais (tais quais os bingos) e trabalhos manuais são frequentemente realizados (ARAÚJO, 2004; KRUG, 2012; LOPES, 2012; MAIER, 2009; ROLLIN, 1998). Ainda que não seja possível estabelecer comparações diretas com esses estudos, vistas as particularidades de cada um, essas verificações podem indicar que, apesar de ter havido homens satisfeitos com as vivências oportunizadas nos GCI aqui investigados, não são somente as atividades que determinam a participação do sexo masculino nestes locais.

Identificou-se como diferente dos outros estudos realizados na cidade: a não realização de palestras, cursos ou oficinas, comuns entre as constatações de outras pesquisas; o interesse dos homens pela inclusão de atividades físicas como dança e ginástica, contestando estereótipos culturais que atribuem essas práticas como femininas e indo de encontro a argumentos de algumas investigações sobre essas vivências não interessarem aos homens; a atividade manual de confecção de redes de pesca desenvolvida no GCI 71 (Leste), não relatada entre as pesquisas em GCI aqui referenciadas; o nível de autonomia dos homens para escolherem suas atividades no GCI 18 (Centro), dificilmente observado em outros GCI; e a representação masculina na coordenação de dois grupos, idealizados como de casais.

Todos esses aspectos parecem contribuir para a presença masculina mais expressiva nos cinco grupos investigados em comparação a outros das mesmas Regiões da cidade. Todavia, e para além da própria busca pelo lazer, questões referentes à convivência, à sociabilidade, à formação de amizades, ao incentivo de mulheres, conhecidos e familiares, emergiram como determinantes para a participação dos homens idosos nesses espaços.

Se as mulheres (esposas, em sua maioria) foram identificadas como as principais colaboradoras do ingresso dos homens nos GCI estudados, talvez seja o momento de incentivá-las para que continuem estimulando e permitindo que eles também tenham a oportunidade de desfrutar desses espaços de lazer, de convivência, de sociabilidade. Isso porque, depois que eles passam a integrar o grupo, encontrando-se com outros homens que também vivenciam esses espaços, os motivos de permanência são ampliados às amizades, aos laços, às redes de relações formadas, ou seja, à satisfação por estar junto ao outro. Quiçá, eles mesmos poderão se configurar ainda mais como exemplos e fontes de motivação para que outros homens se filiem a esses espaços, situação que poderia favorecer também a maior participação de homens viúvos ou divorciados.

Ainda que haja interesses diversos (ou mesmo, nenhum interesse claro) na procura pelos GCI, a sociabilidade constitui um importante pano de fundo para a entrada, mas, precipuamente, para a permanência dos homens idosos nos cinco GCI. O que importa é pertencer a um grupo, a uma tribo, onde possam ser recuperadas e tecidas novas relações com seus semelhantes, mas também, com pessoas até então desconhecidas. Mediante esses encontros, os GCI se tornam locais de afirmação do lazer e da convivência para os homens idosos, contribuindo para proporcionar um sentido de pertencimento e a ampliação e estreitamento dos relacionamentos.

Há conflitos, tensões, desentendimentos; mas, há, sobretudo, relações amigáveis, afetivas, sensíveis, estas muitas vezes negadas culturalmente aos homens, por seu papel social de provedor e criador, mas que, aqui, mostraram-se presentes, reconhecidas e valorizadas por eles. Parece, assim, que esses aspectos urgem serem considerados nas análises envolvendo o lazer na terceira idade, não apenas nas abordagens referentes às mulheres, ficando apresentada, dessa forma, uma segunda sugestão para o desenvolvimento de novos estudos que discutam as relações (especialmente em suas possibilidades sensíveis e afetivas) que os homens idosos estabelecem com outros indivíduos, neste caso, com integrantes de GCI durante as vivências no lazer.

Do mesmo modo como afirmaram os coordenadores dos cinco GCI pesquisados, é possível confirmar que esses espaços, indubitavelmente, constituem-se como espaços de lazer que, apesar de todas as suas contradições e características que, por vezes, privilegiam a participação feminina, também são para homens idosos. Ao saírem do seu mundo diminuto, muitas vezes restrito ao ambiente doméstico, esses indivíduos encontram nos GCI possibilidades de vivenciar atividades culturais diferenciadas, e, por meio delas, estabelecer novas relações sociais, que, inclusive, podem se tornar laços de amizade.

Tais relações, sejam elas equivalentes às concretizadas na esfera familiar, ou totalmente inovadoras e livres dos vínculos sociais tradicionais, mediadas pelo lazer, assumem uma importância tamanha na vida dos idosos, contradizendo seus próprios discursos que, em determinados momentos, denotaram pouca profundidade e ressonância social do lazer. Ocupar o tempo, afastar o estresse, divertir-se ou relaxar por meio da prática de atividades caracterizam, sim, o lazer nos GCI estudados. Entretanto, transcendendo essas possibilidades, surgem novas significações para a vida dos homens idosos como um todo, mostrando a relevância do lazer no contexto desses grupos; permitindo redimensionar o entendimento do fenômeno nesses locais, haja vista a relação tênue entre lazer e sociabilidade; e possibilitando afirmar esses espaços como locais que também podem abarcar a participação masculina.

O lazer existente nesses GCI, ainda, pode auxiliar na redução da segregação entre homens e mulheres idosos na vivência de diferentes conteúdos culturais, minimizando, conseqüentemente, os estereótipos que rotulam determinadas práticas como masculinas ou femininas, posto que os homens idosos entrevistados também apreciam, praticam e reivindicam atividades e espaços com predominância de mulheres, a exemplo dos próprios grupos que integram.

A partir do exposto, fica claro que não há uma única forma de ser masculino ou feminino. Não é possível considerar que os GCI pesquisados são locais de lazer, de convivência e de sociabilidade restritos às mulheres meramente por sua representatividade quantitativa nesses locais. Mesmo que ainda constituam uma minoria, os cinco grupos investigados mostraram que existem espaços para os homens idosos desfrutarem de tudo o que esses locais de convivência oferecem.

Resta, portanto, ampliar investigações desse teor a outros GCI da cidade de Florianópolis (SC), impossibilitadas nos limites dessa pesquisa, desvelando informações que possam corroborar, ou não, com as que foram ora compartilhadas. As questões referentes às preferências

de atividades no lazer, por exemplo, parecem carecer de mais atenção, visto que os homens idosos geralmente não encontram oportunidades de falar sobre o assunto nas pesquisas sobre o tema, e que, no presente estudo, os homens investigados expuseram a sua satisfação com práticas muitas vezes consideradas como as "desmotivadoras" da participação deles nesses locais.

Este trabalho também apresentou outras limitações que podem ser superadas em novas investigações, tais quais: o tempo de observações sistemáticas, restrito a quatro encontros de cada GCI; as entrevistas realizadas com os homens idosos e com os representantes da coordenação, mas não com os responsáveis legais por esses grupos, vinculados aos órgãos municipais de assistência social; e a falta de análise de documentos que poderiam desvendar novos dados para este estudo, como aqueles organizados pelos próprios GCI (Estatuto, Regimento Interno, Atas de Reuniões, etc.). Espera-se, assim, que, a partir desta pesquisa, outras surjam avançando na abordagem dos temas lazer, envelhecimento e gênero, com foco direcionado aos homens.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Vera Nícia Fortkamp. **Os coordenadores de grupos de convivência de idosos como facilitadores da construção da cidadania**. 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e atual. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- BORINI, Maria Lúcia Olivette. **“A saída do fundo do poço”**: representações sociais acerca da participação em atividades de lazer em grupos de terceira idade. 2002. 99 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br/legislacao>>. Acesso em: 20 ago. 2013.
- BRASIL. Lei nº. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 1994.
- BRASIL. Lei nº. 10.741, de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Subsecretaria de Planejamento e Orçamento. **Plano Nacional de Saúde: um pacto pela saúde no Brasil - síntese**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- BRASIL. Portaria nº. 2.528, de 19 de outubro de 2006. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 2006.



BRAZ, Letícia Guimarães. **Projeto viver bem a idade que se tem: um redimensionamento do trabalho social com idosos do SESC de Florianópolis**. 2008. 108 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) - Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BRITTO DA MOTTA, Alda. **“Não tá morto quem peleia”**: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. 1999. 270 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Visão antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana et al. (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 78-82.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Viúvas: o mistério da ausência. **Estudos interdisciplinares do envelhecimento**, Porto Alegre, v. 7, p. 7-24, jan./jun. 2005.

BROD, Alessandra. **Políticas públicas de lazer para os idosos na região do Vale do Taquari**: um estudo descritivo dos grupos de convivência e bailes da terceira idade. 2004. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 25-73.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Yara Maria. Atividade física e saúde: onde está e quem é o “sujeito” da relação? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 9-21, jan. 2001.

CASCAES, Franklin. **O Fantástico na Ilha de Santa Catarina**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2002.

COUTINHO, Renato Xavier; ACOSTA, Marco Aurélio de Figueiredo. Ambientes masculinos da terceira idade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1111-1118, jul./ago. 2009.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 1999.

DEBERT, Guita Grin. Feminismo e velhice. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, p. 15-38, maio/ago. 2013.

DEBERT, Guita Grin. Gênero e envelhecimento. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 1, p. 33-51, jan./jun. 1994.

DEVIDE, Fabiano Pries et al. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, jan./mar. 2011.

DIAS, Viviane Kawano. **A participação de idosos em atividades de aventura na natureza no âmbito do lazer**: valores e significados. 2006. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 2000. 234 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

FALEIROS, Vicente de Paula. Cidadania e direitos da pessoa idosa. **Ser Social**, Brasília, n. 20, p. 35-61, jan./jun. 2007.

FLORIANÓPOLIS. Lei nº. 7.694, de 25 de agosto de 2008. Dispõe sobre a Política Municipal do Idoso, cria o Conselho Municipal do Idoso e dá outras providências. **Câmara Municipal de Florianópolis**, Florianópolis, 2008.

GABRIEL, Oldrey Patrick Bittencourt; MARCELLINO, Nelson Carvalho. Algumas aproximações possíveis entre lazer e religião. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 1-22, dez. 2007.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 64-89.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre et al. **Gênero e Raça: inclusão no esporte e lazer**. Porto Alegre: Ministério do Esporte / Gráfica da UFRGS, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre et al. Lazer e gênero nos programas de esporte e lazer das cidades. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 1-20, jun. 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, maio/ago. 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Tempo**, Niterói, v. 17, n. 34, p. 45-52, jan./jun. 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero, esporte e lazer: marcos teóricos e modos de usar. In: SAMPAIO, Tânia Mara Vieira (Org.). **Lazer e cidadania: partilha de tempo e espaços de afirmação da vida**. Brasília: EdUCB, 2014. p. 53-72.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 97-100.

GOMES, Christianne Luce. Lazer - concepções. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 120-125.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-19, jan./abr. 2014.

GOMES, Christianne Luce. **Significados de recreação e lazer no Brasil**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). 2003. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

GOMES, Christianne; PINHEIRO, Marcos; LACERDA, Leonardo. **Lazer, turismo e inclusão social**: intervenção com idosos. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

GOMES, Christianne; PINTO, Leila. O lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, Christianne et al. (Org.) **Lazer na América Latina**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p. 67-122.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**: características da população e dos domicílios - Resultado do universo. Rio de Janeiro, 2011.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010 - CIDADES@**. Santa Catarina >> Florianópolis. Disponível em: <  
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420540&searh=santa-catarina|florianopolis>>. Acesso em: 7 nov. 2014.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010 - Estatísticas de gênero**. Disponível em: <  
<http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0,420540&cat=118,-1,1,2,-2,8&ind=73>>. Acesso em: 7 nov. 2014.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2012. Rio de Janeiro, 2012.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira 2013. Rio de Janeiro, 2013.

KIST, Rosane Bernardete Brochier. **Os grupos de convivência em Porto Alegre e sua contribuição à garantia de direitos e à autonomia de homens e mulheres idosos:** uma aproximação com os centros de idosos em Barcelona. 2011. 245 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

KRUG, Rodrigo de Rosso. **Idosas longevas inativas fisicamente:** percepção das barreiras e facilitadores para a prática da atividade física. 2012. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Centro de Ciências da Saúde e do Esporte, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica:** ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

LOPES, Marize Amorim. **Pessoas longevas e atividade física:** fatores que influenciam a prática. 253 f. 2012. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

LUCCHETTI, Giancarlo et al. O idoso e sua espiritualidade: impacto sobre diferentes aspectos do envelhecimento. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 159-167, jan./mar. 2011.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível.** Petrópolis: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção:** ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Lazer, um campo interdisciplinar de pesquisa. In: BRHUNS, Heloisa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luis (Org.). **O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 19-33.

MAIER, Mávia Aparecida. **Uma breve investigação sobre as ausências dos idosos nas atividades dos grupos de convivência do SESC - Prainha - Florianópolis**. 2009. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) - Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MARCELLINO, Nelson Carvalho; BARBOSA, Felipe Soligo; MARIANO, Helena Stéphanie. A cidade e os acessos aos espaços e equipamentos de lazer. **Impulso**, Piracicaba, v. 17, n. 44, p. 55-66, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e cultura: algumas aproximações. In: \_\_\_\_\_. **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007. p. 9-30.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas: Papyrus, 1983.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação dos dados**. - 6. ed. - 3ª. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2007.

MAZO, Giovana Zarpellon. **Atividade física e qualidade de vida de mulheres idosas**. 2003. 203 f. Dissertação de Doutorado (Doutorado em Ciências do Desporto) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2003.

MAZO, Giovana Zarpellon; LOPES, Marize Amorim; BENEDETTI, Tânia Bertoldo. **Atividade física e o idoso: concepção gerontológica**. 3. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MELLO, João Gabriel; VOTRE, Sebastião Josué. Fatores que interferem na participação de homens idosos em programas de esporte e lazer. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 4, p. 956-1270, out./dez. 2013.

MELO, Victor Andrade; ALVES JÚNIOR, Edmundo Drummond. **Introdução ao lazer**. 2. ed. rev. e atual. Barueri: Manole, 2012.

MELO, Victor Andrade. Animação cultural. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 12-15.

MELO, Victor Andrade. Arte e lazer: desafios para romper o abismo. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007. p. 65-87.

MELO, Victor Andrade. Conteúdos culturais. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 51-54.

MELO, Victor Andrade. Educação estética e animação cultural: reflexões. **Licere**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 101-113, 2002.

MELO, Victor Andrade. **Manual para otimização da utilização de equipamentos de lazer**. Rio de Janeiro: Serviço Social do Comércio, 2002.

MENDES, Deli Regina. **Grupo de convivência “5 de maio” como expressão de políticas públicas, e o significado da participação para as idosas que o integram**. 2000. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Departamento de Serviço Social, Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves; SOUZA, Edinilsa Ramos (Org.). **Avaliação por**

**triangulação de métodos:** abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 71-103.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 9-30.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: \_\_\_\_\_. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 61-77.

MONTEIRO, Sandoval Villaverde. **Modernidade, formas de subjetivação e amizade:** potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza. 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade:** Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PANOSSO NETTO, Alexandre. Experiência e turismo: uma união possível. In: PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília (Org.). **Turismo de experiência.** São Paulo: SENAC, 2010. p. 43-55.

PIRES, Giovani De Lorenzi; ANTUNES, Scheila Espíndola. Revisitando os interesses intelectuais do lazer mediante as inovações tecnológicas de informação/comunicação. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e cultura.** Campinas: Alínea, 2007. p. 89-117.

PMF - PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Critérios para o cadastramento na PMF/SEMAS/GCFV dos grupos de convivência de idosos, ano 2014.** Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis/Secretaria Municipal de Assistência Social/Gerência de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, 2014. (impresso).

PMF - PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS.  
Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/>>. Acesso em: 4 jun. 2014.



PNUD - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas do Desenvolvimento Humano Brasil 2013**. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/Default.aspx>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

QSR INTERNATIONAL. **NVIVO 9: INTRODUÇÃO**. Disponível em: <<http://download.qsrinternational.com/Document/NVivo9/NVivo9-Getting-Started-Guide-Portuguese.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2014.

REQUIXA, Renato. **Sugestões e diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

RODRIGUES, Nara Costa; RAUTH, Jussara. Os desafios do envelhecimento no Brasil. In: FREITAS, Elizabete Viana et al. (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 186-192.

ROLLIN, Irma Silva. **Grupos de convivência para terceira idade: uma busca do sentido de ser e de existir**. 1998. 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Departamento de Serviço Social, Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

ROSA, Maria Cristina. As festas e o lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007. p. 195-218.

SANTA CATARINA. Lei nº. 8.320, de 5 de setembro de 1991. Dá nova redação à Lei nº. 8.072, de 25 de setembro de 1990. **Câmara Municipal de Florianópolis**, Florianópolis, 1991.

SANTOS, Priscila Mari et al. Atividades no lazer e qualidade de vida de idosos de um programa de extensão universitária de Florianópolis (SC). **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Pelotas, v. 19, n. 4, p. 494-503, jul. 2014.

SANTOS, Priscila Mari; MARINHO, Alcyane. Participação de homens e mulheres em grupos de convivência para idosos em Florianópolis (SC). In: ENCONTRO CATARINENSE DE GERONTOLOGIA, 6., 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Associação Nacional de Gerontologia de Santa Catarina - ANG/SC, 2014. p. 59-60.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan Wallach. O enigma da igualdade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005.

SILVA, Débora A. Machado. Feito à mão: os limiares dos conteúdos manuais do lazer na era da tecnologia. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007. p. 135-147.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

STUCCHI, Sérgio. Espaços e equipamentos de recreação e lazer. In: BRUHNS, Heloísa Turini (Org.). **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 105-121.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. A viagem como experiência significativa. In: PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília (Org.). **Turismo de experiência**. São Paulo: SENAC, 2010. p. 21-41.

## APÊNDICES

APÊNDICE A - Tabela 1 - Quantidade e proporção de homens e mulheres participantes de 103 GCI cadastrados na PMF

**Tabela 1** - Quantidade e proporção de homens e mulheres participantes de 103 GCI cadastrados na PMF. *(continua)*

GCI	Bairro / Região	Participantes (f)	Homens		Mulheres	
			(f)	(%)	(f)	(%)
1	Saco dos Limões / Centro	48	5	10,4	43	89,6
2	Prainha / Centro	20	0	0	20	100
3	Agronômica / Centro	49	1	2	48	98
4	Centro / Centro	26	0	0	26	100
5	Trindade / Centro	86	6	7	80	93
6	Centro / Centro	28	0	0	28	100
7	Trindade / Centro	40	0	0	40	100
8	Trindade / Centro	36	0	0	36	100
9	Trindade / Centro	100	6	6	94	94
10	Centro / Centro	39	0	0	39	100
11	Centro / Centro	46	6	13	40	87
12	Centro / Centro	28	0	0	28	100
13	Centro / Centro	38	1	2,6	37	97,4
14	Centro / Centro	17	5	29,4	12	70,6
15	Centro / Centro	62	2	3,2	60	96,8
16	Saco dos Limões / Centro	25	2	8	23	92

**Tabela 1** - Quantidade e proporção de homens e mulheres participantes de 103 GCI cadastrados na PMF. (continuação)

GCI	Bairro / Região	Participantes (f)	Homens		Mulheres	
			(f)	(%)	(f)	(%)
17	Saco dos Limões / Centro	50	2	4	48	96
18	José Mendes / Centro	24	11	45,8	13	54,2
19	Trindade / Centro	Não se conseguiu contato				
20	Centro / Centro	22	0	0	22	100
21	Centro / Centro	18	8	44,4	10	55,6
22	Centro / Centro	23	5	21,7	18	78,3
23	Centro / Centro	50	0	0	50	100
24	Agronômica / Centro	25	0	0	25	100
25	Centro / Centro	12	0	0	12	100
26	Saco dos Limões / Centro	55	1	1,8	54	98,2
27	Centro / Centro	22	9	40,9	13	59,1
28	Prainha / Centro	50	10	20	40	80
29	Prainha / Centro	50	0	0	50	100
30	Prainha / Centro	50	0	0	50	100
31	Prainha / Centro	50	0	0	50	100
32	Jurerê / Norte	48	3	6,3	45	93,8
33	João Paulo / Norte	52	0	0	52	100
34	Ingleses / Norte	74	2	2,7	72	97,3
35	Ponta das Canas / Norte	32	0	0	32	100

**Tabela 1** - Quantidade e proporção de homens e mulheres participantes de 103 GCI cadastrados na PMF. (*continuação*)

GCI	Bairro / Região	Participantes (f)	Homens		Mulheres	
			(f)	(%)	(f)	(%)
36	Ratones / Norte	48	8	16,7	40	83,3
37	Ingleses / Norte	44	4	9,1	40	90,9
38	Vargem Pequena / Norte	50	8	16	42	84
39	Rio Vermelho / Norte	44	4	9,1	40	90,9
40	Vargem Grande / Norte	56	5	8,9	51	91,1
41	Sambaqui / Norte	40	4	10	36	90
42	Canasvieiras / Norte	60	2	3,3	58	96,7
43	Canasvieiras / Norte	15	0	0	15	100
44	Santo Antônio de Lisboa / Norte	63	1	1,6	62	98,4
45	Monte Verde / Norte	40	0	0	40	100
46	Monte Verde / Norte	72	0	0	72	100
47	Cachoeira do Bom Jesus / Norte	29	0	0	29	100
48	Alto Ribeirão / Sul	46	5	10,9	41	89,1
49	Campeche / Sul	70	0	0	70	100
50	Pântano do Sul / Sul	34	2	5,9	32	94,1
51	Costeira do Ribeirão da Ilha / Sul	57	9	15,8	48	84,2

**Tabela 1** - Quantidade e proporção de homens e mulheres participantes de 103 GCI cadastrados na PMF. (continuação)

GCI	Bairro / Região	Participantes (f)	Homens		Mulheres	
			(f)	(%)	(f)	(%)
52	Freguesia do Ribeirão da Ilha / Sul	25	1	4	24	96
53	Morro das Pedras / Sul	20	3	15	17	85
54	Armação do Pântano do Sul / Sul	29	3	10,3	26	89,7
55	Fazenda do Rio Tavares / Sul	41	6	14,6	35	85,4
56	Campeche / Sul	53	3	5,7	50	94,3
57	Costa de Dentro / Sul	15	0	0	15	100
58	Rio Tavares / Sul	15	0	0	15	100
59	Carianos / Sul	42	4	9,5	38	90,5
60	Morro das Pedras / Sul	17	1	5,9	16	94,1
61	Costeira do Pirajubaé / Sul	55	8	14,5	47	85,5
62	Costeira do Pirajubaé / Sul	118	15	12,7	103	87,3
63	Tapera / Sul	56	9	16,1	47	83,9
64	Tapera / Sul	33	3	9,1	30	90,9
65	Alto Ribeirão / Sul	41	3	7,3	38	92,7
66	Alto Ribeirão / Sul	42	1	2,4	41	97,6
67	Campeche / Sul	32	0	0	32	100
68	Pantanal / Leste	46	4	8,7	42	91,3
69	Córrego Grande / Leste	62	9	14,5	53	85,5

**Tabela 1** - Quantidade e proporção de homens e mulheres participantes de 103 GCI cadastrados na PMF. *(continuação)*

GCI	Bairro / Região	Participantes (f)	Homens		Mulheres	
			(f)	(%)	(f)	(%)
70	Lagoa da Conceição / Leste	83	9	10,8	74	89,2
71	Barra da Lagoa / Leste	39	7	17,9	32	82,1
72	Pantanal / Leste	30	0	0	30	100
73	Córrego Grande / Leste	78	14	17,9	64	82,1
74	Barra da Lagoa / Leste	28	3	10,7	25	89,3
75	Pantanal / Leste	39	1	2,6	38	97,4
76	Itacorubi / Leste	46	0	0	46	100
77	Vila Aparecida / Continente	45	9	20	36	80
78	Nossa Senhora de Fátima / Continente	48	0	0	48	100
79	Coloninha / Continente	37	2	5,4	35	94,6
80	Capoeiras / Continente	60	0	0	60	100
81	Abraão / Continente	27	1	3,7	26	96,3
82	Balneário do Estreito / Continente	12	0	0	12	100
83	Monte Cristo / Continente	Não se conseguiu contato				
84	Capoeiras / Continente	35	0	0	35	100
85	Coloninha / Continente	58	3	5,2	55	94,8

**Tabela 1** - Quantidade e proporção de homens e mulheres participantes de 103 GCI cadastrados na PMF. (continuação)

GCI	Bairro / Região	Participantes (f)	Homens		Mulheres	
			(f)	(%)	(f)	(%)
86	Coqueiros / Continente	50	0	0	50	100
87	Abraão / Continente	28	0	0	28	100
88	Estreito / Continente	30	0	0	30	100
89	Capoeiras / Continente	50	4	8	46	92
90	Capoeiras / Continente	78	2	2,6	76	97,4
91	Capoeiras / Continente	65	5	7,7	60	92,3
92	Estreito / Continente	70	0	0	70	100
93	Coqueiros / Continente	24	0	0	24	100
94	Capoeiras / Continente	27	11	40,7	16	59,3
95	Jardim Atlântico / Continente	41	2	4,9	39	95,1
96	Jardim Atlântico / Continente	38	1	2,6	37	97,4
97	Coqueiros / Continente	18	3	16,7	15	83,3
98	Capoeiras / Continente	25	0	0	25	100
99	Coloninha / Continente	37	2	5,4	35	94,6
100	Coloninha / Continente	65	8	12,3	57	87,7
101	Capoeiras / Continente	8	0	0	8	100
102	Estreito / Continente	33	0	0	33	100
103	Estreito / Continente	18	2	11,1	16	88,9

**Fonte:** autoria própria (2014). f: frequência; %: percentual.



## APÊNDICE B - Roteiro de entrevista para aplicação com homens idosos

### **Dados de caracterização**

- a) Data de nascimento:
- b) Estado civil:
- c) Escolaridade:
- d) Profissão:
- e) Ocupação atual:
- f) Renda mensal aproximada:
- g) Bairro onde mora:

### **Roteiro de perguntas básicas**

- 1. Como o senhor começou a participar deste grupo?
- 2. Há quanto tempo o senhor participa deste grupo de convivência?
- 3. Por que o senhor continua participando deste grupo?
- 4. O que o senhor mais gosta neste grupo? Por quê?
- 5. O que o senhor menos gosta neste grupo? Por quê?
- 6. O que não tem neste grupo que o senhor gostaria que tivesse?
- 7. O que este grupo significa para o senhor?
- 8. O que é lazer para o senhor?
- 9. O que o senhor gosta de fazer no seu tempo “livre”?

## APÊNDICE C - Roteiro de entrevista para aplicação com coordenadores de GCI

### **Dados de caracterização**

- a) Sexo:
- b) Data de nascimento:
- c) Estado civil:
- d) Escolaridade:
- e) Profissão:
- f) Ocupação atual:
- g) Renda mensal aproximada:
- h) Bairro onde mora:

### **Roteiro de perguntas básicas**

1. O que é lazer para o(a) senhor(a)?
2. O(a) senhor(a) considera este grupo de convivência um espaço de lazer? Por quê?
3. Como são organizadas as atividades realizadas neste grupo?
4. Por qual(ais) motivo(s) o(a) senhor(a) acha que há mais mulheres do que homens participando deste grupo?
5. O(a) senhor(a) gostaria que houvesse mais homens participando deste grupo de convivência? Por quê?
6. Há quanto tempo o(a) senhor(a) integra este grupo?
7. Há quanto tempo o(a) senhor(a) coordena ou integra a diretoria deste grupo?

## APÊNDICE D - Matriz de observação sistemática dos GCI

<b>Conteúdos culturais do lazer / Relações interpessoais</b>	<b>Exemplos de atividades desenvolvidas / inter-relação dos conteúdos culturais</b>	<b>Organização das atividades no lazer (ministrante, duração, recursos utilizados)</b>	<b>Características da participação dos homens idosos (quantidade, relações estabelecidas com os demais participantes - hierarquias, interesses)</b>
<b>Artísticos</b>			
<b>Físicos</b>			
<b>Intelectuais</b>			
<b>Manuais</b>			
<b>Sociais</b>			
<b>Turísticos</b>			

## APÊNDICE E - Declaração de Ciência e Concordância das Instituições Envolvidas



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC  
GABINETE DO REITOR  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS - CEP SH

### DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS

Com o objetivo de atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos, os representantes legais das instituições envolvidas no projeto de pesquisa intitulado "Lazer e grupos de convivência para idosos da cidade de Florianópolis (SC): um estudo sobre homens participantes" declaram estar cientes e de acordo com seu desenvolvimento nos termos propostos, lembrando aos pesquisadores que no desenvolvimento do referido projeto de pesquisa, serão cumpridos os termos da resolução 466/2012 e 251/1997 do Conselho Nacional de Saúde.

Florianópolis, 03 / Junho / 2014.

Ass: Pesquisador responsável (Orientador)  
Profª. Drª. Alcyane Marinho

Prof. Dr. Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo  
Coordenador do Programa de Pós-graduação  
em Educação Física - CDS/UFSC  
Portaria nº 1128/GR/2013

Ass: Responsável pela Instituição de origem

Nome: Prof. Dr. Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo  
Cargo: Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação Física - CDS/UFSC  
Instituição: PPGEF / CDS / UFSC  
Número de Telefone: (48) 3721-4774

Ass: Responsável de outra Instituição

Nome: Andréia Regina de Andrade Bernardo  
Cargo: Gerente de Convivência e Fortalecimento de Vínculos  
Instituição: Gerência de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Prefeitura de Florianópolis  
Número de Telefone: (48) 3251-6214

Andréia R. de Andrade Bernardo  
Gerente de Convivência e  
Fortalecimento de Vínculos  
Matrícula nº 30292-9

## APÊNDICE F - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC  
GABINETE DO REITOR  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS - CEPESH

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa de mestrado intitulada “Lazer e grupos de convivência para idosos da cidade de Florianópolis (SC): um estudo sobre homens participantes”, que fará observações e entrevistas, tendo como objetivo geral analisar grupos de convivência para idosos de Florianópolis (SC) como possíveis espaços de lazer para homens; e, como objetivos específicos: 1) investigar o entendimento de lazer que sustenta as propostas de grupos de convivência para idosos de Florianópolis (SC); 2) identificar os conteúdos culturais do lazer desenvolvidos por meio das atividades realizadas nestes grupos; 3) observar as relações estabelecidas entre homens e mulheres idosos no contexto de participação nas atividades oferecidas nos grupos; 4) verificar a percepção dos coordenadores acerca desses grupos como espaços de lazer para homens; 5) identificar os motivos de adesão de homens idosos aos grupos; 6) investigar os significados atribuídos aos grupos por homens idosos; 7) interpretar a concepção de lazer para homens idosos participantes desses grupos.

Mediante autorização do coordenador do grupo, serão previamente marcadas as datas para, em um primeiro momento, observar as atividades desenvolvidas, sem interferir ou participar efetivamente delas, fazendo anotações em um caderno sobre suas características, os materiais utilizados, a quantidade e as relações estabelecidas entre os participantes, os quais, por sua vez, não serão identificados em nenhum momento. Depois, os coordenadores serão convidados a participar de uma entrevista contendo perguntas que permitam verificar se percebem ou não os grupos de convivência para idosos como espaços de lazer para homens. Por fim, os homens idosos também serão convidados a participar de uma entrevista sobre os motivos de adesão ao grupo, os significados que atribuem ao grupo e sobre o seu entendimento de lazer. Todas as entrevistas serão registradas com um gravador de áudio e realizadas individualmente, em um espaço reservado, preferencialmente no local onde o grupo se encontra, antes ou depois da realização das atividades, e em dias e horários de preferência dos coordenadores e dos idosos, previamente agendados. As observações e entrevistas serão realizadas em nome do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), não sendo obrigatório responder a todas as perguntas da entrevista.

Os riscos em participar dessa pesquisa serão mínimos por envolver apenas observações e entrevistas, as quais poderão gerar desconfortos pelas relações estabelecidas entre os participantes no contexto dos grupos. Para reduzir esses desconfortos, o conteúdo das entrevistas e as anotações feitas por meio das observações não serão compartilhados com o grupo como um todo. Ao final da pesquisa, cada participante terá acesso, individualmente, à descrição da sua entrevista e, se desejar, poderá alterar seu conteúdo.

A sua identidade será sigilosamente preservada, pois cada participante da pesquisa será identificado por um número, assim como o grupo de convivência no qual os participantes estão inseridos.

Os benefícios e vantagens em participar dessa pesquisa serão a possibilidade de abertura de novas oportunidades para a vivência de diferentes conteúdos culturais do lazer nos espaços dos grupos de convivência para idosos, estimulando os integrantes dos grupos a serem mais participativos e a interagir não apenas com uma quantidade significativa de mulheres da sua faixa etária, mas também com outros homens.

As pessoas que acompanharão os procedimentos dessa pesquisa serão a professora responsável (Profª. Drª. Alcyane Marinho) e a estudante de mestrado (Priscila Mari dos Santos).

A qualquer momento, o(a) senhor(a) poderá esclarecer dúvidas sobre quaisquer aspectos da pesquisa e poderá recusar ou retirar seu consentimento para participar, sem qualquer tipo de penalização ou constrangimento.

Declarando o cumprimento de todas as informações aqui descritas, solicitamos a sua autorização para a realização da pesquisa e para a utilização de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos, mantendo sua privacidade por meio da não identificação do seu nome.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em posse do pesquisador principal e outra com o(a) senhor(a).

Agradecemos a sua participação.

NOME DO PESQUISADOR PARA CONTATO: Profª. Drª. Alcyane Marinho

NÚMERO DO TELEFONE: (48) 8416-2002

ENDEREÇO: Rua Vereador Ramon Filomeno, 357, ap.: 1001 Torre 1, Parque São Jorge, Itacorubi, 88034-495, Florianópolis - Santa Catarina.

ASSINATURA DO PESQUISADOR: *Alcyane*

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - CEPESH/UEDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 - Itacorubi - Fone: (48) 3321-8195 - e-mail: cepsh.reitoria@udesc.br

Florianópolis - SC

88035-001

#### TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos da pesquisa "Lazer e grupos de convivência para idosos da cidade de Florianópolis (SC): um estudo sobre homens participantes" e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo as medições dos procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado(a) que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome completo por extenso: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

## APÊNDICE G - Termo de Consentimento para Fotografias, Vídeos e Gravações



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC  
GABINETE DO REITOR  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS - CEP SH

### CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada "Lazer e grupos de convivência para idosos da cidade de Florianópolis (SC): um estudo sobre homens participantes", e concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_  
Local e Data

\_\_\_\_\_  
Nome do Sujeito Pesquisado

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Sujeito Pesquisado

APÊNDICE H - Matriz analítica do roteiro de entrevista para os homens idosos

<b>Objetivo específico</b>	<b>Dimensões</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Questões</b>
Identificar os motivos de ingresso e de permanência dos homens idosos aos GCI	Motivos de participação	Motivos de ingresso	1. Como o senhor começou a participar deste grupo?
		Motivos de permanência	2. Há quanto tempo o senhor participa deste grupo de convivência? 3. Por que o senhor continua participando deste grupo?
Identificar os significados que os homens idosos atribuem a sua participação nos GCI	Satisfação pessoal	Satisfação com o grupo	4. O que o senhor mais gosta neste grupo? Por quê? 5. O que o senhor menos gosta neste grupo? Por quê? 6. O que não tem neste grupo que o senhor gostaria que tivesse?
	Significados	Significados gerais atribuídos à participação no grupo	7. O que este grupo significa para o senhor?
Interpretar a concepção de lazer dos homens idosos participantes dos GCI	Concepções de lazer	Entendimento de lazer	8. O que é lazer para o senhor? 9. O que o senhor gosta de fazer no seu tempo “livre”?



APÊNDICE I - Matriz analítica do roteiro de entrevista para os coordenadores dos GCI

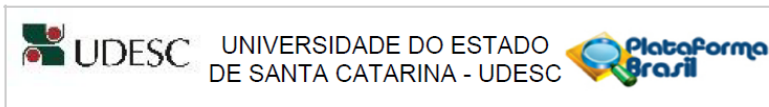
<b>Objetivo específico</b>	<b>Dimensões</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Observações/Anotações</b>
Interpretar a concepção de lazer de coordenadores dos GCI	Concepções de lazer	Entendimento de lazer	1. O que é lazer para o(a) senhor(a)?
Averiguar as formas de organização das atividades no lazer realizadas nos GCI	Organização das atividades no lazer	Estrutura de organização	3. Como são organizadas as atividades realizadas neste grupo? 6. Há quanto tempo o(a) senhor(a) integra este grupo? 7. Há quanto tempo o(a) senhor(a) coordena ou integra a diretoria deste grupo?
Verificar a percepção dos coordenadores sobre os GCI como possíveis espaços de lazer para homens idosos	Lazer no contexto do GCI	Entendimento de lazer aplicado ao GCI	2. O(a) senhor(a) considera este grupo de convivência um espaço de lazer? Por quê?
		Percepção dos grupos como espaços de lazer para homens idosos	4. Por qual(ais) motivo(s) o(a) senhor(a) acha que há mais mulheres do que homens participando deste grupo? 5. O(a) senhor(a) gostaria que houvesse mais homens participando deste grupo de convivência? Por quê?

APÊNDICE J - Matriz analítica do instrumento para observações sistemáticas

<b>Objetivo específico</b>	<b>Dimensões</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Observações/Anotações</b>
Identificar os conteúdos culturais do lazer desenvolvidos nos GCI	Conteúdos culturais	Interesses Artísticos Interesses Físicos Interesses Intelectuais Interesses Manuais Interesses Sociais Interesses Turísticos	- Exemplos de atividades desenvolvidas - Inter-relação dos conteúdos culturais
Averiguar as formas de organização das atividades no lazer realizadas nos GCI	Organização das atividades no lazer	Ministrante Características gerais	- Ministrante das atividades - Recursos utilizados - Duração
Observar as relações que os homens estabelecem com os demais integrantes dos GCI, especialmente durante as vivências no lazer	Relações interpessoais	Características da participação dos homens idosos	- Quantidade de participantes em cada atividade - Relações que os homens estabelecem com os demais participantes (hierarquias, manifestação de interesses)

## ANEXOS

### ANEXO A - Documento de aprovação do Comitê de Ética



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Lazer e grupos de convivência para idosos da cidade de Florianópolis (SC): um estudo sobre homens participantes

**Pesquisador:** Alcyane Marinho

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 30559714.4.0000.0118

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 701.064

**Data da Relatoria:** 26/06/2014

##### Apresentação do Projeto:

Segunda versão de projeto que pretende entrevistar 50 idosos integrantes de cinco grupos (10 idosos/grupo) de convivência para idosos (GCI) cadastrados na Prefeitura Municipal de Florianópolis (SC), Secretaria de Assistência Social, Gerência de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Serão realizadas entrevistas semi estruturadas e as entrevistas serão gravadas. A amostra incluirá homens com 60 anos ou mais de idade,

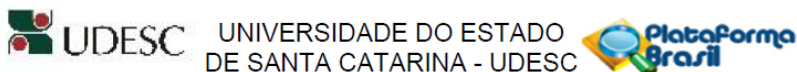
que estejam participando do grupo em estudo por, no mínimo, três meses; que tenham 75% ou mais defreqüência nas atividades do grupo durante os três meses anteriores ao período de coleta de dados. Incluirá, também, todos os idosos coordenadores do grupo em estudo que aceitem participar voluntariamente do mesmo. O contato e seleção dos participantes está previsto para iniciar em meados de junho de 2014 com encerramento da coleta de dados previsto para agosto de 2014.

##### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar grupos de convivência para idosos da cidade de Florianópolis (SC) como possíveis espaços de lazer para homens.

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007  
 Bairro: Itacorubi CEP: 88.035-001  
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS  
 Telefone: (48)3321-8195 Fax: (48)3321-8195 E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br



Continuação do Parecer: 701.064

**Objetivos Secundários:**

- Investigar o entendimento de lazer que sustenta as propostas de grupos de convivência para idosos da cidade de Florianópolis (SC).
- Identificar os conteúdos culturais do lazer desenvolvidos por meio das atividades realizadas nestes grupos.
- Observar as relações estabelecidas entre homens e mulheres idosos no contexto de participação nas atividades oferecidas nos grupos.
- Verificar a percepção dos coordenadores acerca dos grupos de convivência para idosos como espaços de lazer para homens.
- Identificar os motivos de adesão de homens idosos aos grupos.
- Investigar os significados atribuídos aos grupos por homens idosos.
- Interpretar a concepção de lazer para homens idosos participantes destes grupos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos e benefícios para os participantes da pesquisa foram descritos no TCLE e no projeto da Plataforma Brasil.

Riscos: foram classificados como mínimos por envolverem apenas observações e entrevistas, as quais poderão gerar desconfortos pelas relações estabelecidas entre os participantes no contexto dos grupos. Para reduzir esses desconfortos, o conteúdo das entrevistas e as anotações feitas por meio das observações não serão compartilhados com o grupo como um todo. Ao final da pesquisa, cada participante terá acesso, individualmente, à descrição da sua entrevista e, se desejar, poderá alterar seu conteúdo.

Benefícios: entre os benefícios descritos estão a possibilidade de abertura de novas oportunidades para a vivência de diferentes conteúdos culturais do lazer nos espaços dos grupos de convivência para idosos, estimulando os integrantes dos grupos a serem mais participativos e a interagir não apenas com uma quantidade significativa de mulheres da sua faixa etária, mas também com outros homens.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Sem comentários adicionais.

Endereço: Av. Madre Benvenutta, 2007  
Bairro: Itacorubi CEP: 88.035-001  
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS  
Telefone: (48)3321-8195 Fax: (48)3321-8195 E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DE SANTA CATARINA - UDESC



Continuação do Parecer: 701.064

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados os seguintes documentos:

- 1)Folha de rosto assinada e preenchida corretamente.
- 2)Nova declaração de ciência e concordância das instituições envolvidas com as assinaturas do pesquisador responsável,do coordenador do PPG em Educação Física da UFSC e da Gerente de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Prefeitura de Florianópolis.
- 3)Projeto detalhado
- 4)Declaração de consentimento para fotografias e gravações.
- 5)Novo TCLE, refeito para cumprir as pendências anteriores.
- 6)Projeto na Plataforma Brasil.
- 7)Instrumento de coleta de dados.

**Recomendações:**

Sem recomendações adicionais.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Pendências anteriores:

- 1)O projeto está sendo analisado pelo CEPESH-UDESC, portanto, no TCLE deverão constar as informações referentes a esse CEPESH. Favor incluir o logotipo e o endereço do CEPESH-UDESC de acordo com o modelo de TCLE encontrado na página da UDESC.PENDÊNCIA CUMPRIDA.
- 2)O TCLE apresentado está muito bem escrito, no entanto, é por demais extenso.O novo TCLE, que deverá ser no modelo disponível na página do CEPESH-UDESC, deverá ser um pouco mais curto, contudo, sem perder as informações essenciais para o esclarecimento do participante da pesquisa.PENDÊNCIA CUMPRIDA.
- 3)Os benefícios aos participantes devem ser os mesmos descritos no projeto da plataforma Brasil e no TCLE. PENDÊNCIA CUMPRIDA.
- 4)Deve ser anexada uma declaração com o consentimento para fotografias, vídeos e gravações, uma vez que as entrevistas serão gravadas. O modelo pode ser encontrado na página do CEPESH-UDESC. PENDÊNCIA CUMPRIDA.
- 5) Uma nova declaração de ciência e concordância das instituições envolvidas deverá ser anexada, usar o modelo disponível na página do CEPESH-UDESC. Nesta declaração deverão constar as assinaturas e nomes do pesquisador responsável, do responsável pela UFSC e do responsável na Prefeitura pelos projetos (por exemplo, secretário municipal de assistência social).PENDÊNCIA CUMPRIDA E JUSTIFICADA.

Endereço: Av.Madre Benvenutta, 2007

Bairro: Itacorubi

CEP: 88.035-001

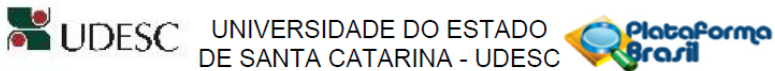
UF: SC

Município: FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3321-8195

Fax: (48)3321-8195

E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br



Continuação do Parecer: 701.064

As pendências foram cumpridas integralmente. Projeto aprovado.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O Colegiado Aprova o parecer da Relatoria.

FLORIANOPOLIS, 27 de Junho de 2014

---

**Assinado por:**  
Luciana Dornbusch Lopes  
(Coordenador)

**Endereço:** Av. Madre Benvenutta, 2007

**Bairro:** Itacorubi

**CEP:** 88.035-001

**UF:** SC

**Município:** FLORIANOPOLIS

**Telefone:** (48)3321-8195

**Fax:** (48)3321-8195

**E-mail:** cepsh.retoria@udesc.br